

António Sérgio (1883-1969) elegeu a filha de Édipo como um *alter ego* na sua luta contra as ditaduras militar e salazarista, servindo, deste modo, a liberdade e a dignidade de todos. Depois de escrever, em 1930, no exílio de Paris, *Antígona: Drama em três atos* – um texto panfletário contra a ditadura militar que tomou o poder em maio de 1926 –, o autor voltaria ao tema, para reescrever, cerca de 1950, uma invetiva contra a ditadura salazarista, intitulada *Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática* (segunda edição, remodelada). A partir das três primeiras cenas deste texto, que ficaria inédito, António Sérgio viria a publicar, em finais de 1958, *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta*. E tinha a intenção de publicar também, de forma autónoma (provavelmente em 1960), o *Diálogo de Creonte e Antígona*, com base nas cenas terceira e quarta do Ato II da edição de cerca de 1950.



ESTUDOS E DOCUMENTOS



Na origem destas quatro recriações dramático-panfletárias (duas delas inéditas), estão contextos políticos propícios à revitalização do mito de Antígona. Das trevas que começaram a adensar-se com a instauração da ditadura em maio de 1926, a heroína, emprestando a sua voz à do autor, surge intrépida a condenar a tirania que a todos sufoca e a reivindicar a liberdade e o respeito pela dignidade da consciência humana, princípios fundamentais da democracia.

da Introdução



ANTÓNIO SÉRGIO

ANTÍGONA(S)
QUATRO VARIAÇÕES SOBRE UM MITO

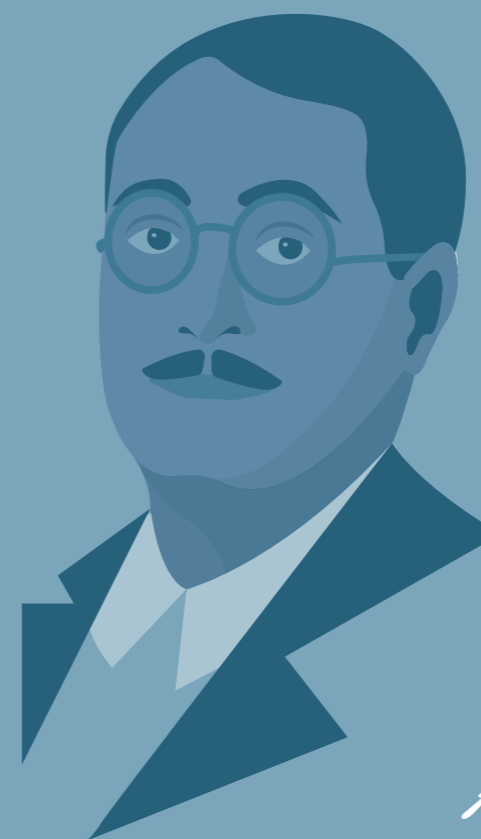
ANTÓNIO SÉRGIO

ANTÍGONA(S)

QUATRO VARIAÇÕES SOBRE UM MITO

CARLOS MORAIS

EDIÇÃO CRÍTICA, ESTUDO E NOTAS



Ancora
editora

Carlos Morais (Serzedo, Vila Nova de Gaia, 1960) é professor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Tem desenvolvido a sua principal investigação em literatura grega e na receção do teatro clássico. Neste domínio, publicou *Máscaras Portuguesas de Antígona* (Aveiro, 2001); *Antígona. A eterna sedução da filha de Édipo*, com Andrés Pociña, Aurora López e Maria de Fátima Silva (Coimbra, 2015); *Portrayals of Antigone in Portugal: 20th and 21st Century Rewritings of the Antigone Myth*, com Lorna Hardwick e Maria de Fátima Silva (Leiden, 2017); *Portraits of Medea in Portugal During the 20th and 21st Centuries*, com Andrés Pociña, Aurora López, Maria de Fátima Silva e Patrick Finglass (Leiden, 2018); e vários estudos, em livros e revistas internacionais, sobre o mito de Antígona nas literaturas portuguesa, espanhola, brasileira e argentina.

© Carlos Morais e Âncora Editora

Direitos reservados por
Âncora Editora
Avenida Infante Santo, 52 – 3.º Esq.
1350-179 Lisboa
geral@ancora-editora.pt
www.ancora-editora.pt
www.facebook.com/ancoraeditora

Capa: Cláudia Fonseca | Âncora Editora

Edição n.º 10038
1.ª edição: Julho de 2020
Depósito legal n.º 471285/20

Pré-impressão: Âncora Editora
Impressão e acabamento: Europress, Indústria Gráfica

ISBN 978 972 780 722 2

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto FCT.UIDB/04188/2020.

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Colecção
ESTUDOS E DOCUMENTOS

ANTÓNIO SÉRGIO
Antígona(s)
quatro variações sobre um mito

Obras publicadas nesta colecção:

FARINHAS, MOINHOS E MOAGENS

Jaime Alberto do Couto Ferreira

PRISIONEIRO DA ESPERANÇA – DOIS MIL ANOS DE MESSIAS E MESSIANISMOS

António Carlos Carvalho

LUZ – TEXTOS E DEPOIMENTOS

Abraham Assor

D. MANUEL MARTINS – A ESPERANÇA DE UM POVO

Alcídio Torres

ANARQUISMO E NEO-REALISMO –

FERREIRA DE CASTRO NAS ENCRUZILHADAS DO SÉCULO

Ricardo António Alves

PORTO DE PARTIDA, PORTO DE CHEGADA – A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

AA.VV.

DIREITO E OUTRAS COISAS

João Caupers

DICIONÁRIO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA

Carlos Céu e Silva

DO QUARTO DE DORMIR PARA O MUNDO – JOVENS E MEDIA EM PORTUGAL

Gustavo Cardoso, Rita Espanha e Tiago Lapa

CAFÉ ÂNCORA D'OURO – PIOLHO –

UM SÉCULO DE VIVÊNCIAS (2.ª edição)

Alfredo Mendes

ASPECTOS TÉCNICOS DE VITICULTURA

BASEADOS NA CASTA BAGA

Anabela Andrade

AS MINAS DE ERVEDOSA (1906–1969) –

EFÍGIE DE MEMÓRIA E NARRATIVA

Celina Busto Fernandes

PORTO – NAÇOM DE FALARES (2.ª edição)

Alfredo Mendes

OS JUDEUS NO NOROESTE

DA PENÍNSULA IBÉRICA

João Domingos Gomes Sanches

PRODUZIR E BEBER – A QUESTÃO DO VINHO NO ESTADO NOVO (1929–1939)

Dulce Freire

A QUESTÃO DA ÉTICA PÚBLICA

NO SÉCULO XXI

Alcídio Torres

A MAGIA DO MUNDO LENDÁRIO

NA LITERATURA INFANTIL

Armindo Mesquita (coord.)

SENDIN, TIERRA DE MIRANDA –

GEOGRAFIA E TOPONÍMIA

Carlos Ferreira

PROFETAS DO CONSUMO

Mário Beja Santos

CULTURA E POLÍTICA(S)

Fernando Pereira Marques

O DETETIVE HISTORIADOR – ÉTICA E JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO

Oscar Mascarenhas

POMBAL DE ANSIÃES: ENTRE O RIO TUA E O PLANALTO

Fernando Augusto de Figueiredo

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS PARTIDOS POLÍTICOS E SISTEMAS ELEITORAIS

Fernando Pereira Marques

VERGÍLIO FERREIRA EM ÉVORA:

ENTRE O SILÊNCIO E A PALAVRA TOTAL

Organização e Edição: Rosa Maria Goulart

(coordenadora), Cristina Firmino Santos, Elisa

Nunes Esteves e João Tiago Lima

AO LUME BRANDO DA URZE: ESTUDOS

SOBRE JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

Ana Ribeiro

VERGÍLIO FERREIRA: ESCREVER E PENSAR OU O APELO INVENCÍVEL DA ARTE

Organização: Ana Paula Coutinho, Isabel Pires de

Lima, Joana Matos Frias, Jorge Costa Lopes

BARROSO – RESGATE DA MEMÓRIA NA OBRA

DE BENTO DA CRUZ

António Chaves

CARRAZEDA DE ANSIÃES – UM MUNICÍPIO

DO DOURO: ESTUDO SOBRE O CONCELHO

Fernando Augusto de Figueiredo

TIMOR-LESTE: A PRESENÇA PORTUGUESA

DESDE A REOCUPAÇÃO À INVASÃO

INDONÉSIA (1945-1975)

Fernando Augusto de Figueiredo

DEMOCRACIA DO LIVRO EM PORTUGAL –

TRANSIÇÕES, PROTAGONISTAS E EVOLUÇÃO

SOCIOCULTURAL

Rui Beja

VERGÍLIO FERREIRA, MARIA LÚCIA

DAL FARRA. CORRESPONDÊNCIA

edição de Elisa Nunes Esteves e João Tiago Lima

HISTÓRIA DO SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE

EM PORTUGAL

coordenação de Raquel Varela

ÉTICA E POLÍTICA NO NASCIMENTO

DA MODERNIDADE

Joaquim Jorge Veiguinha

O HUMANISMO EM FERNANDO NAMORA

Armindo Pires Nunes

MONTIJO – HISTÓRIA E CIDADANIA – TEXTOS

DE UMA PARTICIPAÇÃO

Francisco Correia

DERIVAS – PELAS OBRAS DE JOSÉ DE FARIA

COSTA E FRANCISCO D'EULÁLIA 1999-2019

Cristina Robalo-Cordeiro

ANTÓNIO SÉRGIO
Antígona(s)

quatro variações sobre um mito

CARLOS MORAIS
(edição crítica, estudo e notas)

Ancora
editora

ÍNDICE

<i>In limine</i>	9
I. Introdução	
1.1. Antígona: mito e mitemas	11
1.2. Antígona: um <i>alter ego</i> de António Sérgio na luta contra as ditaduras militar e salazarista	14
1.2.1. A edição de 1930: protesto contra a ditadura militar	15
1.2.2. A edição de c.1950: protesto contra a ditadura salazarista	23
1.2.3. A edição de 1958: protesto contra a fraude nas eleições presidenciais	28
1.2.4. A edição de c.1960: um reduto de esperança em tempos de desencanto	31
II. Da edição crítica: opções de edição e aparato crítico	
2.1. Ortografia	37
2.2. Pontuação	38
2.3. Morfossintaxe	38
2.4. Nomes próprios	39
2.5. <i>Conspectus siglorum et editionum</i>	39
2.5.1. Outros signos usados no aparato crítico	42

III. António Sérgio: *Antígona(s)* – quatro variações sobre um mito

<i>Antígona: Drama em três atos</i>	43
<i>Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática (segunda edição, remodelada)</i>	125
<i>Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta</i>	243
<i>Diálogo de Creonte e Antígona</i>	269

IV. Anexo: Em torno da *Antígona* de António Sérgio (1930-1931): do processo de edição e circulação à polémica coimbrã (cartas e artigos de jornais e de revistas)

4.1. Do processo de edição e circulação clandestina de <i>Antígona</i>	311
4.1.1. António Sérgio: cartas do exílio a Bernardino Machado (www.casacomum.org)	317
4.1.2. António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (Catroga & Veloso, 1983, p. 977).	325
4.1.3. Uma obra de teatro clandestina e pouco conhecida de António Sérgio (Dionísio, 1975a, p.10)	327
4.1.4. Mais algumas cartas de António Sérgio (Dionísio, 1975b, p.10)	333
4.1.5. Carta de António Pedro a António Sérgio (BAS: S.COR1-Env.40)	341
4.2. Da polémica em torno da <i>Antígona</i> de António Sérgio	
4.2.1. Fraude Literária (Mendonça, 1931, p. 2)	345
4.2.2. Resposta a uma calúnia e burrice... “integrais” (Sousa, 1931, pp. 2-3)	351
4.2.3. “Fraude literária”: O ídolo tomba... Amparai-o na queda (Miranda, 1931, pp. 3-4)	357
4.2.4. A “Antígona” de António Sérgio e os mocinhos da “Acção” de Coimbra (Sérgio, 1931, pp. 45-46)	367
4.2.5. António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (Catroga & Veloso, 1983, pp. 990-991).	371
Bibliografia	375

In Limine

*A todos os que, como A. Sérgio, lutaram na trincheira adversa contra as ditaduras militar e salazarista, servindo a liberdade e a dignidade de todos.*¹

Quando, em finais de outubro de 2006, preparávamos o estudo “Un exercice d’actualisation et d’exégèse du mythe d’Antigone (António Sérgio, *Jornada Sexta do Pátio das Comédias*, 1958)” para ser apresentado no Congresso Internacional *Les Antigones contemporaines (de 1945 à nos jours)*, que decorreria em Cermont-Ferrand, entre os dias 24 e 26 de janeiro de 2007, verificámos que as três cenas que formam a parte central da edição de *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta*, publicada em 1958, apresentavam muitas alterações relativamente às cenas correspondentes da edição de *Antígona*, saída do prelo, no Porto, em 1930. As diferenças detetadas levaram-nos à Casa António Sérgio, em busca de um exemplar da primeira edição com possíveis apontamentos manuscritos do autor, que nos permitissem compreender todo o processo de reescrita desta parte nuclear da *Jornada Sexta*. Como, para desilusão nossa, o único exemplar aí existente não apresentava qualquer anotação, a bibliotecária, Dr.^a Ana Maria Freitas, disponibilizou-nos algumas pastas com datiloescritos e manuscritos autógrafos não catalogados, para que pudessemos averiguar se haveria algo que respondesse às nossas interrogações.² A desilusão inicial transformou-se rapidamente em

¹ Para esta dedicatória, servimo-nos de palavras pronunciadas por Critóbulos, na edição de 1930 (Ato I, 312-313).

² Mais recentemente, foi a Dr.^a Sónia Queiroga que evidenciou igual

contida euforia, no momento em que descobrimos, dispersa por pastas, uma outra edição de *Antígona*, profundamente remodelada, que justificava todas as dúvidas que nos tinham levado a Lisboa.

Depois de uma leitura mais demorada e atenta de todo o material, verificámos que partes desta segunda variação sobre o mito de Antígona, que o autor adequara ao contexto sociopolítico de meados do século XX, tinham estado na origem quer da *Jornada Sexta*, publicada em 1958, quer do *Diálogo de Creonte e Antígona*, que haveria de ficar inédito, tal como a segunda edição.

De imediato nos assaltou a ideia de publicação de uma edição crítica, com estudo e notas, destas quatro variações sobre o mito de Antígona. Para o efeito, contactámos a família de António Sérgio e o Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo (INSCOOP), tendo obtido as desejadas e necessárias autorizações em meados de 2007. Porém, os anos foram passando e o projeto foi sendo adiado pela urgência de outros trabalhos de investigação. Finalmente, acaba de ser concretizado, já depois de vários estudos publicados sobre o assunto, que nos permitem afirmar que António Sérgio elegeu a filha de Édipo como um *alter ego* na sua luta contra as ditaduras militar e salazarista, servindo, deste modo, a liberdade e a dignidade de todos.

Concluído este demorado processo de edição, são-nos devidas algumas palavras de agradecimento a pessoas e instituições que tornaram possível a concretização deste projeto. À família de António Sérgio, nas pessoas dos Dr. António Sérgio Pessoa, Eng.º António C. Sérgio Pessoa, Dr.ª Elsa Sérgio Pessoa Ferreira da Costa, Dr. João Carlos Pessoa de Figueiredo e Prof. Dr. Eduardo Sérgio. Ao Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo (INSCOOP), na pessoa do Dr. Manuel Canaveira de Campos. E, por último, ao Centro de Línguas, Literaturas e Culturas que apoiou a publicação desta edição.

S. Félix da Marinha, 25 de abril de 2020

competência no esclarecimento de dúvidas que tivemos nas pesquisas feitas no sítio <https://cdiantoniosergio.cases.pt/>. A ambas, expressamos os nossos agradecimentos.

I. INTRODUÇÃO

1.1. Antígona: mito e mitemas

Na Atenas do período clássico, *polis* que, de acordo com Sócrates do *Górgias* de Platão (461e 2)³, superava as demais cidades gregas em liberdade de expressão, o ato de falar em público era não apenas uma prática comum mas também uma prerrogativa de cidadania, se tivermos em consideração, por exemplo, que uma das consequências da *atimia* (falta de direitos cívicos) era a negação do direito de falar⁴. Seja como atores, seja como espectadores, os atenienses envolviam-se ou eram envolvidos em competições de palavras ou *agones*⁵, ora na Assembleia e nos tribunais, ora nas competições poéticas e dramáticas. Podemos assim afirmar, servindo-nos das palavras de Diodoro Sículo (12.53.3), que os cidadãos de Atenas eram *Philoloi*.

Sublinhe-se, no entanto, que o *logos* público, bem como a liberdade de linguagem a ele associada (*parrhesia*), era fundamentalmente masculino, estando a prática discursiva feminina confinada quase exclusivamente ao recesso do *oikos*. Mesmo caindo nas sempre fáceis e perigosas generalizações, não é de todo abusivo afirmar que, na sociedade ateniense, os binómios *polis/oikos* e masculino/feminino se sobrepujam e ajustavam⁶.

Ainda que a mulher invadissem a esfera pública, sobretudo em momentos de lamento ritual, prática fundamental para assegurar o bem-estar da comunidade, recomendava-se-lhe autocontrolo, submissão verbal e um ponderado silêncio, considerado como um adorno feminino

³ Para as citações dos autores gregos, as abreviaturas usadas são as de Liddell-Scott (1996).

⁴ Dem. 21. 92-95.

⁵ Thuc. 3.38.4.

⁶ Para as diferenças entre o *logos* feminino e o *logos* masculino, sobretudo em Sófocles, vide Encinas Reguero, 2011, pp. 199-228.

por Tecmessa, no *Ájax* de Sófocles (v. 293) – uma conhecida passagem, citada na *Política* de Aristóteles (1260a 30-31)⁷. Com tais limitações impostas pela sociedade ateniense, ela desenvolvia, no recato do lar, um discurso linguisticamente mais conservador, lamentoso e profético, condimentado ainda pela astúcia, pela sedução, pelo engano e pela bisbilhotice – um *logos* que assimilava, ainda, as características fundamentais da retórica masculina, com a qual contactava no espaço reservado da casa. Em suma, a mulher ateniense dominava um *logos* com um duplo registro: um, mais feminino e lamentoso, voltado para dentro, para o *oikos*, e usado no círculo familiar, sobretudo entre mulheres; outro, muito raro, voltado para o exterior, para a *polis*, pronto a ser utilizado, especialmente em *agones* com homens. Este bilinguismo discursivo, como o define McClure (1999, p. 27), vamos encontrá-lo representado na tragédia grega, sobretudo em peças em que os homens estão ausentes ou morreram em combate, assumindo as mulheres as funções que habitualmente lhes estavam reservadas. Rompendo com o *status quo*, invadem a esfera pública, adotando uma pouca habitual e algo masculina proficiência retórica, que habilmente combinam com traços discursivos marcadamente femininos, por nós já referidos.

Assim acontece na *Antígona* de Sófocles. Privada de pai e dos seus dois irmãos, a heroína sai do palácio para contestar publicamente a decisão de Creonte de proibir a inumação de Polinices, adotando um *logos* com registos distintos, adequados ora ao seu carácter rebelde, destemido e ousado (mais próprio de um homem), ora à sua frágil condição de mulher.

Num primeiro momento, ignorando as recomendações da acomodada e temerosa irmã de que “nasce[ram] para ser mulheres e não para combater com os homens” (S. *Ant.*, 61-62)⁸, decide empreender sozinha a tarefa de dar sepultura ao irmão, consciente de que teria de enfrentar a cólera de seu tio (o novo senhor da cidade, após a morte de Etéocles), rompendo assim com a canónica atitude de subserviência da mulher, a quem era negado o direito de liberdade de pensamento e de ação.⁹

Na origem deste conflito, como refere Aristóteles, no livro I da *Retórica* (1372b 1 sqq.), estão diferentes critérios de justiça. À lei particular escrita de Creonte, contrapõe Antígona, em defesa da

⁷ Cf. ainda A. *Th.* 230-232; S. fr. 64; E. *Tr.* 654-655, *Heracl.* 476-477; e Ar. *Lys.* 507-522.

⁸ Para as citações da *Antígona* de Sófocles, seguimos a tradução de Rocha Pereira (2008).

⁹ Creonte faz questão de lembrar esta condição da mulher, no fim da segunda e terceira cenas do segundo episódio, afirmando: “enquanto eu viver, não será uma mulher quem dá ordens” (S. *Ant.*, 526); “A partir deste momento têm de ser mulheres, em vez de andarem livremente” (S. *Ant.*, 579-580).

sua destemida atitude, a lei natural não escrita, que é de sempre e que ninguém sabe quando apareceu. Ainda que por decreto fosse proibido prestar honras fúnebres a Polinices, era justo fazê-lo, porque, na opinião da destemida jovem, esse era um direito natural que lhe assistia. Assim, pelo vigor da palavra, expõe o seu pensamento, numa simbiose perfeita de arte política e de arte retórica, mais própria de um *logos* masculino: demonstra, refuta e protesta, suscitando paixões intensas nos que a rodeiam e no público. E, com esta sua inconciliável ação desafiadora, que incessantemente questiona os poderes coercivos de Creonte, Antígona torna-se simultaneamente num paradigma de contestação a todo e qualquer exercício de poder absoluto e num exemplo de mulher ciente do seu papel na sociedade, dois mitemas que serão glosados pela literatura ocidental.

Mas a este *logos* da primeira metade da peça, que traduz o pensamento de um carácter obstinado e rebelde, sucede, num segundo momento, mesmo antes de se despedir do palco da vida, um *logos* plangente mais consentâneo com a sua condição de mulher. Quer no *kommos* em forma de amebou (S. *Ant.*, 801-882), que constitui o clímax emocional e musical da peça¹⁰, quer na longa *rhesis* que se lhe segue (S. *Ant.*, 891-928), quer ainda no diálogo com Creonte em anapestos líricos (S. *Ant.*, 929-943), lamenta o seu destino infeliz, de ser encarcerada viva numa caverna escavada na rocha, sem direito a lágrimas, a amigos, a himeneu (S. *Ant.*, 877-878). Ou seja, lamenta o facto de ser condenada à morte muito antes de se ter cumprido o seu destino de vida enquanto mulher (S. *Ant.*, 897-898). E tudo apenas, conforme afirma no último verso que pronuncia em palco, “porque à piedade prestara culto” (S. *Ant.*, 943). Recorrente na peça, o termo *eusebeia*, como sublinha Griffith (1999, pp. 39-40), cobre sentidos tão diversificados, que vão desde a veneração devida aos deuses até ao respeito devido aos pais e aos mortos. O cumprimento escrupuloso deste princípio sagrado fez de Antígona um modelo de virtude, de piedade e de dedicação familiar.

Dotado de pregnância simbólica e metafórica, este segmento do *logos* da jovem filha de Édipo, transformado em mitema, tal como os outros dois já enunciados – a contestação ao poder absoluto e a afirmação do papel da mulher na sociedade – conferem ao mito de Antígona uma inextinguível dinâmica recriadora que o torna num dos mitos mais produtivos da literatura ocidental.

¹⁰ Cf. Griffith, 1999, p. 260. Sobre este episódio, ritmicamente variado e intensamente patético, vide Morais, 2010a, pp. 192-199.

1.2. Antígona: um *alter ego* de António Sérgio na luta contra as ditaduras militar e salazarista

Acompanhando a tendência europeia, foi no século XX que a atuação modelar da filha de Édipo concitou grande interesse em Portugal, por se identificar com muitos dos anseios, tensões e valores do país. De facto, num período assolado por vários conflitos internos e externos, atravessado por uma longa ditadura de quase cinco décadas, recortado por diferentes crises de valores e por conflitos ideológicos, e marcado ainda pelo lento e não fácil reconhecimento do papel da mulher na sociedade, o mito de Antígona, suportado por um *logos* simultaneamente rebelde e piedoso, encontrou, no nosso país, um palco ideal para poder evoluir.

Além das mais de cinquenta encenações, quer do arquétipo quer de recriações suas, que se concentraram significativamente em anos de crise, a história do teatro português do século XX viu serem-lhe acrescentadas ainda dez releituras dramáticas do arquétipo sofocliano feitas por António Sérgio (1930, c.1950, 1958, c.1960), Júlio Dantas (1946), António Pedro (1953), João de Castro Osório (1954), Mário Sacramento (1959), Hélia Correia (1991) e Eduarda Dionísio (1992).¹¹

Deste leque de autores, António Sérgio¹² foi o que melhor, e repetidas vezes, explorou a retórica de protesto e de contestação da jovem filha de Édipo. Seguindo o conselho de Aquilino Ribeiro, como nos dá conta em carta escrita a Bernardino Machado, no dia 1 de maio de 1930, o ensaísta, na altura em que se encontrava exilado em Paris, em consequência do seu envolvimento em ações contra a ditadura militar,

¹¹ Já no nosso século, em 2008, Armando Nascimento Rosa escreveu *Antígona Gelada* e, em 2018, António Roma Torres publicou *Escura Primavera*. Sobre as encenações do mito de Antígona em Portugal, quer do original em tradução, quer de recriações estrangeiras, em que pontificam Anouilh e Brecht, quer ainda das recriações portuguesas em que se destaca a de António Pedro, *vide* Silva (2001, pp. 40-66; e 2004, pp. 30-44) e Morais, Hardwick & Silva (2017, pp. 316-320). Estas encenações, que se concentram, sobretudo, no ano da crise académica de 1969 e na década de 90, abrangem não só o teatro, mas também a ópera, o bailado, a TV/cinema e o teatro radiofónico.

¹² António Sérgio (1883-1969) foi um grande pensador, pedagogo e polígrafo português da primeira metade do século XX. Durante a I República (1910-1926), exerceu atividade política, assumindo a pasta da Educação no governo de Alvaro de Castro (1923). Com o fim da I República, na sequência do golpe militar de 28 de maio de 1926, foi um forte opositor quer da ditadura militar (1926-1932), integrando a Liga de Defesa da República, quer do Estado Novo (1933-1969). Durante o longo consulado de Salazar, cujo fim coincidiu praticamente com o ano da sua morte, fez parte do Movimento de Unidade Democrática, fundou a Comissão Promotora do Voto (1953) e apoiou as candidaturas presidenciais de Norton de Matos (1949) e de Humberto Delgado (1958) contra os candidatos propostos pelo regime.

no poder desde 28 maio de 1926, escreveu um ‘manifesto-drama’ em três atos, elegendo a heroína grega como um *alter ego* na sua luta contra as ditaduras:

*Os nossos parabéns pelo novo netinho, e os melhores desejos para ele, de felizes entradas e de permanências no Universo de que é já agora parte integrante, substancial e inalienável. Rogo a V.^a Ex.^a o obséquio de transmitir os emboras à Ex.ma Mamã e ao Papá ilustre, escritor eminente que, ao que se me antolha, desistiu de ganhar primazia no género epistolar. Ficar-lhe-ia grato se lhe dissesse também que segui o conselho que ele me deu em tempo na sala Varatojo da Biblioteca Nacional, isto é, que rabisquei uma peça de teatro, composta de três tremendíssimos atos, e de propaganda contra as ditaduras.*¹³

Publicada clandestinamente, sob os auspícios de Sant’Anna Dionísio, no Porto, provavelmente em finais de setembro de 1930¹⁴, esta releitura mítica viria a ter ainda três outras versões, que conservam, como veremos, o mesmo objetivo inicial de explorar toda a retórica de protesto da *Antígona* sofocliana¹⁵, cuja heroína, no auge do debate que a opõe ao autoritário e inflexível Creonte, arrebatadamente afirma que “a [tirania], entre muitos outros privilégios, goza o de fazer e dizer o que lhe apraz” (S. *Ant.*, 506-507).

1.2.1. A edição de 1930: protesto contra a ditadura militar

Inspirando-se neste exemplo, a primeira versão de *Antígona* relete muito do pensamento filosófico e político do autor. Por si considerada um “estudo social em forma dialogada, tal como os ‘Dramas filosóficos’ de Renan” (Sérgio, 1931, p. 46)¹⁶, e não um drama para ser representado, esta recriação alegórica, com muitas alusões a

¹³ Vide carta completa, *infra* pp. 317-318. Entre os apontamentos manuscritos do autor, encontramos a cópia de partes da tradução para francês (feita por C.-B. Petiot, Paris, 1802) da tragédia *Antigone*, de Vittorio Alfieri (1776), o que atesta o interesse de Sérgio pelo mito de Antígona. Os excertos transcritos são do Ato II, cena II, e do Ato III, cenas I e II.

¹⁴ A respeito do processo de edição desta primeira variação sobre o mito de Antígona, veja-se *infra* pp. 311-316.

¹⁵ Sobre o uso da arte retórica na *Antígona* de Sófocles, veja-se Bers, 1994, pp. 185-189.

¹⁶ Este texto, publicado na revista *Seara Nova*, está transcrito no anexo, pp. 367-369. Na Biblioteca António Sérgio (<https://cdiantoniosergio.cases.pt>), existe um exemplar desta obra de Renan (1928), com notas manuscritas do ensaísta (cota: S.I.REN.Dra).

acontecimentos e a figuras da época, encerrava um inquestionável intuito político-pedagógico: despertar as consciências para a necessidade de resistirem à ditadura e de se empenharem civicamente na luta pela democracia e pela liberdade.

Através do artifício de uma antiga história, da qual aproveita o essencial, o autor, servindo-se de linguagem e de modos de pensar próprios, na esteira do que advogava Nietzsche¹⁷, debate, sem nenhum reboço ou cautela, temas sociais e políticos daquele tempo: o revirralho de fevereiro de 1927 (Ato I, 79-82)¹⁸, o tenentismo (Ato I, 391-393), a situação política dos exilados, conotados com os Citas, ou seja, com os comunistas (Ato I, 582-598; Ato II, 54-62), a desastrosa política financeira de Sinel de Cordes, no papel de Apolodoro (Ato I, 367-370), e o fim da ditadura de Primo de Rivera, referido sob o nome de Lisandro de Orcoménia (Ato II, 601-625).¹⁹

Neste constante jogo de implícitos e de máscaras, Creonte, criptónimo de Carmona, representa o que Sérgio, pela boca do Primeiro Oficial, define como arbitrária política da força – a força que manda, que é santa, que é lei (Ato I, 494-495). Tal como qualquer tirano, consegue manter-se no poder à custa da neutralização de toda e qualquer oposição, pela perseguição, pelo crime e pela instauração de uma censura e de uma vigilância policial apertadas (Ato I, 515-517), expulsando, pouco a pouco, “do direito cívico – exilados, proscritos, caluniados, presos, – os mais altos e claros cidadãos de Tebas” (Ato I, 289-291), *polis* que, na peça, representa o Portugal de finais dos anos vinte do século passado.²⁰

Apoiando-se nos partidários da realeza e em membros do Colégio dos Sacerdotes²¹, orienta repetidamente o seu discurso e a sua ação em defesa da religião e da Ordem – a “ordem da espada”, como a define Antígona (Ato II, 210) –, contra a impiedade dos senhores da desordem, os democratas e filósofos da liberdade, esses idealistas financiados pelo ouro estrangeiro. E para mais facilmente impor essa ordem, preconiza um governo forte e seguro, sustentado pela “união perfeita” (Ato I, 471)²² e centrado na figura de um chefe:

¹⁷ Cf. a epígrafe da peça, p. 47 e n. 1.

¹⁸ A partir de agora, todas as citações das recreações dramático-panfletárias de António Sérgio serão feitas apenas pelo ano de edição (1.^a: 1930; 2.^a: c.1950; 3.^a: 1958; 4.^a: c.1960), seguido das referências ao Ato e às linhas. Omitiremos o ano, sempre que o contexto o torne redundante.

¹⁹ Para uma interpretação mais detalhada da peça à luz dos acontecimentos políticos da época, veja-se Morais, 2017a, pp. 113-139.

²⁰ Sobre as representações alegóricas e paródicas do espaço nas *Antígonas* de António Sérgio, veja-se Morais, 2009, pp. 459-465.

²¹ Cf. Ato II, 663-664. Na nossa perspetiva, há aqui uma clara alusão aos monárquicos e a Salazar (em ascensão política) e seu núcleo de apoiantes do Centro Católico.

²² Referência à União Nacional Republicana, criada em 1927 e extinta em fevereiro de 1928, ou à União Nacional, formada em meados de 1930.

CREONTE – O maior dos bens é um governo forte, que imponha a ordem a todo transe e que não deixe falar os idealistas. Ora, a ordem da sociedade exige um chefe; exige, meu filho, a obediência de todos ao arbítrio do chefe. Diante da sociedade, – um homem é nada; um filósofo, – nada. A sociedade acima de tudo. Ora, a sociedade encarna no chefe; no caso presente, a sociedade sou eu. (Ato II, 467-473)

Ao confundir caprichosamente a sociedade e a lei que a regula com a sua vontade individual e subjetiva, Creonte é, no dizer de Antígona, um cego que não vê a luz (Ato II, 229). Precisamente aquela luz que a heroína, logo a abrir a cena III do Ato I, invoca em seu auxílio para que a oriente e lhe incuta coragem, dissipando o medo à morte (Ato I, 201-220). Guiada por esta “luz da inteligência clara” e livre (Ato I, 219-220), a filha de Édipo afirma a sua fé incensurável não na ordem que, como a de Creonte, só vem da espada, mas na “ordem que vem da alma, [...] da justiça, do respeito mútuo, do trabalho magnânimo para bem do povo” (Ato II, 207-209). Ao elevar-se do plano biológico ao plano do espírito, ela interpreta, no pensamento de Sérgio que decalca o de Kant, não a vontade individual de uma classe ou de uma pessoa particular, como Creonte, mas a vontade geral que, ao libertar-se, “pela consciência intelectual, da mera subjetividade da consciência sensível”, se identifica com uma atitude de pensar objetiva, racional, geral que se institui em lei universal²³. Face a uma Ordem baseada na mentira, ela encarna “a verdade de um rosto que não usa máscara; é a lógica retilínea de uma consciência límpida” (Ato I, 308-309), que representa todos o que “seguem uma estrada racional e clara” da liberdade (Ato I, 311), que tudo condiciona²⁴, e da democracia, esse bem supremo que “é eterno porque deriva da própria estrutura da consciência humana” (Sérgio, 1974b, p. 169).

Em torno deste conflito central, que recria a contestação dos democratas e dos exilados à ditadura militar, vão-se posicionando as demais personagens. Algumas delas, embora com alterações decorrentes da mudança de sentido que Sérgio introduziu no tratamento do mito, conhecemo-las já da tragédia sofocliana. Outras foram criadas pelo autor, quase todas elas para que sublinhassem ainda melhor, pelo diálogo dramático, o seu pensamento e o seu posicionamento

²³ Cf. Sérgio, 1974a, pp. 88-89. Este mesmo assunto é abordado também em Sérgio, 1934a, pp. 1, 4; 1934b, pp. 1, 4; e 1958f, pp. 9-14. Irredutível à percepção sensível, a Razão é a base e raiz de tudo, de acordo com o pensamento filosófico de Sérgio. Sobre este assunto, veja-se Magalhães-Vilhena, 1960, p. 10; e 1976, pp. 128-129.

²⁴ Para Sérgio (1974b, p. 171), a liberdade – “o maior bem de uma pessoa, de um ser espiritual” – tudo condiciona, até a própria autoridade, que “só se justifica, quando é um meio para a liberdade”. A este propósito, veja-se ainda Sérgio, 1974a, pp. 20-22, 329.

face a acontecimentos que marcaram a vida política do nosso país, em finais da terceira década do século XX.

No primeiro destes dois grupos, em que se notam as significativas ausências do Coro e de Eurídice, incluem-se, algo reelaboradas, quatro personagens: Isménia, a Sentinela, Tirésias e Hémon. A irmã de Antígona, dilacerada desde o início por uma angústia que lhe “aperta a alma com garras de ferro” (Ato I, 183), representa todos os que, não concordando com o arbítrio da ditadura, por medo, se acomodam e se demitem do combate das ideias e do empenhamento cívico. A Sentinela, desenhada com contornos semelhantes aos do Guarda sofocliano, é pouco culta, egoísta, nada solidária, apenas se preocupando com a salvação da sua pele. Tirésias é o mesmo adivinho prudente e sábio que já pisara os palcos gregos e que, por entre avisos premonitórios, aconselha Creonte a não perseguir os mortos, a não tyrannizar os vivos e a governar com a liberdade (Ato II, 326-327; 387). O jovem filho de Creonte, ainda que manifeste filial respeito pelas decisões do pai, não compreende, nem aceita, o arbítrio da deliberação de impedir a inumação de Polínicos. Tolerante e liberal – e, por isso, estimado pelos democratas –, será incumbido por Creonte, num momento difícil de contestação à ditadura, de negociar uma transição para a democracia. Porém, ao ver goradas as negociações, por traição do próprio pai, decide empreender, por amor quer à sua Antígona quer à liberdade que ela representava²⁵, uma revolução que acabará por ser magnânima para os apoiantes e defensores da ditadura.

No segundo grupo – o das personagens criadas por Sérgio –, encontramos Creúsa, no papel de Ama. Tal como fará seis décadas mais tarde Hélia Correia (1991)²⁶, Sérgio recupera esta figura típica do teatro grego, a quem põe o significativo nome de Creúsa, o feminino de Creonte. O que a atuação de Creonte representa de afastamento em relação a Antígona, a de Creúsa significa proximidade e cumplicidade. Ela é a confidente, a companheira fiel que, sofrendo desesperadamente com a sorte de Antígona, tenta até ao derradeiro instante e até aos limites das suas forças que suspendam a decisão de a sepultarem viva (Ato III, 398-407):

CREÚSA: Peço, peço que suspendam! Pelas vossas mulheres, pelas vossas mães, pelas vossas filhas, por tudo e tudo que neste mundo... (Arrasta-se para os pés de Ortágoras) Ouve, senhor; beijo-te os pés,

²⁵ O ‘amor’ e a ‘liberdade’ são dois *topoi* associados de forma inovadora à figura de Hémon. O primeiro, embora apareça em Sófocles, nunca é declarado tão explicitamente como aqui. O segundo, totalmente novo, decorre da politização que Sérgio fez do mito.

²⁶ Para o estudo de *Perdição. Exercício sobre Antígona*, de Hélia Correia, vide Silva, 2017, pp. 265-284.

ouve-me! Espera, espera! Um momento só! Espera! Olha para ela, vê-a! A mulher mais pura que veio ao mundo, a alma mais nobre de toda a Grécia! Espera, espera! Até a noite, só até a noite! É um crime hediondo o que vais fazer! Suspende, senhor! Suspende! Beijo-te os pés, suspende! (Cai com o rosto sobre os pés de Ortágoras, que abraça e beija).

Além da figura da Ama, Sérgio cria ainda dois conjuntos heterogêneos de personagens, que interpretam, pela divergência de sensibilidades, a ambiguidade de posições do Coro arquetípico: um formado por oficiais, soldados e espiões, que gravita nos círculos do poder; um outro, por personagens anónimas do povo, que sofre com as arbitrárias decisões palacianas.²⁷

Integram este segundo conjunto o velho andrajoso, símbolo de toda a população faminta e vergada ao peso dos impostos, o taciturno cidadão, que assume o papel de todos os opositores perseguidos, encarcerados e torturados, e ainda os pastores, representantes da paz e da quietude da vida rural. Alheados de toda a conturbação política da cidade, estes pastores (Corídon, Títilo e o ‘pastorinho’) têm como função introduzir e enquadrar a ação principal do Ato III, passada na encosta de uma montanha, junto à caverna onde Antígona será sepultada viva e onde, em tempos, morrera a pastorinha Euríala, em dia de tempestade, como canta Corídon, num curto *intermezzo* elegíaco (Ato III, 66-83)²⁸ que remete para o estásimo IV da *Antígona* de Sófocles²⁹:

*Oh! Quão linda não era, e esbelta, e fresca
A pastorinha Euríala viçosa
Que ali morreu, na cova negregada!
Vê tu: ia cantando pelos montes,
Toda alegria, e riso, e graça pura,*

²⁷ Entre as mais complexas adaptações de personagens de qualquer recriação do teatro grego, está a do Coro. Considerado por Aristóteles como um dos atores, que é parte do todo e participa na ação, esta personagem coletiva, que evoluía na orquestra do teatro grego, recitando, cantando e dançando, não se ajustava nem à economia dramática do teatro moderno, nem ao espaço cénico de um palco à italiana e muito menos ainda ao gosto do público. Face a esta real dificuldade, Sérgio opta por desmembrar o Coro, atribuindo o papel que lhe estaria destinado a estes dois conjuntos de personagens. Sobre esta matéria, veja-se Cuccoro, 2014, p. 33.

²⁸ Sobre este *intermezzo* idílico e suas funções na economia dramática, vide Pattoni, 2010, pp. 149-151.

²⁹ Como refere Pattoni (2010, p. 149-150), “Il quarto stasimo sofocleo contiene *exempla* mitologici di eroine o eroi (Danae, Licurgo, Cleopatra e i Fineidi) che dovettero subire la dura *Ananke* trovando la morte in una situazione di prigionia o costrizione (ricorrenti sono le immagini di blocco, chiusura, cecità), così come il destino di Euriala costituisce una sorta di *paradeigma oikeion* rispetto alla vicenda di Antigone: una fanciulla morta *ante diem*, e per di più nella stessa grotta”.

*Falando à pedra, à flor; às avezinhas,
Quando a chuva a colheu. Eis toma abrigo
Naquela boca horrenda; e lá, curiosa,
Começa a andar; palpando nos rochedos,
Aqui, além... Desvia-se à direita,
Avança... Um passo dá, mais outro... e súbito,
No escuro, o chão lhe falta, e cai na treva!
Havia um corredor; que ninguém vira,
Ignorado de todos; nele, a cova:
Essa cova maldita, de onde um dia,
– Muito tempo depois – alguns pastores
Os despojos mortais da pastorinha
À luz de archotes, pávidos, acharam!*

A outra face do ‘coro sergiano’ é constituída por oficiais, soldados e espíões, que representam a força que ajudou a instaurar e a sustentar a ditadura. Dada a heterogeneidade das suas opiniões, ilustram os distintos posicionamentos, no seio do exército, relativamente ao regime ditatorial de Creonte, que, na tragédia sergiana, simboliza o poder absoluto vigente em Portugal desde maio de 1926.

Eutífron, um desses oficiais, personifica os que, esperando um acaso salvador, deixam adormecer o remorso e a dúvida, aceitando passiva e temerosamente a situação, embora com ela não concordem.

Ortágoras, apoiado pelo Primeiro Oficial e pelo Terceiro Oficial e ainda por espíões, representa a facção dos que apoiam cegamente o poder e se opõem a qualquer possibilidade de transição ou de abertura. Na parte final, porém, quando toma conhecimento pelo mensageiro de que a revolução liderada por Hémon havia vencido (uma das muitas inovações de Sérgio) e de que Creonte os abandonara, recua cobardemente, por temer pela sua vida, colocando-se de forma calculista ao lado do novo poder libertador. Tal mudança é evidente numa intervenção em que, muito agitado, se dirige a Hegésias (outro dos oficiais), que, na peça, assume a atitude acrítica de quem se limita a cumprir, sem questionar, as ordens dos seus superiores³⁰:

*ORTÁGORAS (Para Hegésias) – E nós, que soterramos Antígona?
E agora?... Espero que Hémon perceberá... que obedecemos às ordens
do pai dele... Foi o pai dele que a mandou soterrar... Cá por mim, sempre
me repugnou cumprir tal ordem... Mas Creonte mandava... que havia
eu de fazer? Ele é que insistia em empregar a força... Eu dizia-lhe, pelo
contrário, que o despotismo se prolongava demais... que era tempo de
acabar com isto... de voltar ao governo da democracia... Bem sei que a*

³⁰ Cf. cena IV do Ato III, sobretudo as ll. 242, 244, 246, 269-273, 276-277, 284-285.

democracia funcionava mal... mas então melhorava-se! O despotismo, por natureza, é sempre um recurso transitório e rápido...³¹ Já tínhamos realizado a nossa obra, o nosso programa... Mas ele não me ouvia, nunca me quis ouvir! (Passeia agitado) O resultado... vemo-lo aí... Que vai ser de nós? (Aplica o ouvido) Que é isto? Sinto rumor... São eles que sobem... E Creonte, hein? Tratou de fugir... Abandonou-nos... Nós que aguentemos, agora, com as responsabilidades das suas loucuras... que tratemos sozinhos com os democratas... Ouvi a um deles – não me lembro quem – que é princípio da democracia o ser generosa... Se são democratas, hão de ser fiéis aos seus princípios, hão de ser tolerantes, hão de ser liberais... generosos connosco... E Critóbulo, em suma, tem obrigação de ser bom camarada... (Ato III, 625-645)

Por fim, Critóbulo e Alcímaco, juntamente com alguns oficiais (Segundo, Quarto e Sexto)³², representam o grupo dos que, sentindo vergonha pela solidariedade forçada que mantêm com o despotismo, de cuja causa duvidam, anseiam pela restauração da liberdade e do respeito pela dignidade de todos e querem o regresso à democracia, mas não ao modelo que vigorava antes da instauração da ditadura:

CRITÓBULO (dirigindo-se a Eutífron) – A liberdade... parecia-nos outrora uma palavra vã: mas hoje... hoje, Eutífron, vejo bem a miséria que sem ela somos; hoje, Eutífron, percebo bem o que a liberdade é! [...]
Não ouves uma voz a dizer-te baixo, uma voz saída do melhor de ti – a dizer-te assim: respeita a dignidade da consciência humana; não faças empenho em escravizar ninguém! (Ato I, 316-318; 320-323)

Justificada, inicialmente, por muitos como um mal necessário para um bem maior, a ditadura, porque negava a liberdade com uma apertada censura e se perpetuava no poder à custa de muitos crimes, começava a não corresponder já, nas palavras de Tirésias, aos anseios desta fação militar, nem da população em geral (Ato II, 368-396). No entanto, não obstante a mensagem demopédica de Sérgio de esperança num futuro melhor, traduzida na instauração, no final do Ato III, de uma democracia magnânima, tolerante e liberal, inspirada na “santidade de Antígona” e dedicada a “Palas, a persuasiva, deusa da luz e da liberdade” (Ato III, 724-735), a ditadura, volvidos vinte anos, persistia ainda contra o desejo de

³¹ Aproximando-se das posições de Critóbulo e de Alcímaco, Ortógoras traduz o pensamento de Sérgio sobre a admissibilidade de uma ditadura, mas apenas como regime transitório para uma nova e verdadeira democracia. Cf. Sérgio, 1974a, pp. 11, 27, 151; e 1974b, p. 171.

³² Apenas com uma curtíssima e inócua intervenção (Ato I, 375), não é possível perceber o posicionamento do Quinto Oficial face ao poder ditatorial.

muitos, sob a presidência de Carmona, mas agora moldada à figura e pensamento político de Salazar. Os ventos de mudança em Espanha, com o fim do consulado de Primo de Rivera, em finais de janeiro de 1930, afinal acabariam por não desencadear a ansiada mudança política em Portugal, perspetivada pelo autor nesta primeira variação sobre o mito de Antígona.

De igual modo, a onda de democratização que varreu a Europa saída da Grande Guerra não lograria abalar as estruturas do Estado Novo. Depois de um período inicial de relativa abertura, que mergulhou as hostes oposicionistas na esperança de que era possível evoluir suavemente para o pós-salazarismo, a ditadura, escudada num sensível crescimento económico, com inegáveis consequências para a relativa melhoria das condições de vida das populações, e beneficiando do advento da “Guerra Fria” e do apoio tácito dos Estados Unidos e da Inglaterra³³, logo retoma os seus mecanismos repressivos e uma certa agressividade política e ideológica, que lhe conferem novo fôlego. Controlados pela polícia política e pela censura, os opositores do regime, divididos e algo desmoralizados, acabam por se remeter a um silêncio defensivo. O abandono da candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República, a poucos dias das eleições de 13 de fevereiro de 1949, é disso reflexo e constitui o “canto de cisne” da oposição ao Estado Novo, no final da década de quarenta. Como salienta Luís (1994, p. 286), “as eleições – ou melhor dizendo, as pseudoeleições – presidenciais de fevereiro de 1949 funcionaram até 1958 como a última grande oportunidade de afirmação e de consolidação das forças antitéticas ao regime em torno de uma relativa unicidade, ainda no seguimento das múltiplas expectativas criadas pela vitória das democracias frente aos regimes fascistas e autoritários da Europa”.

³³ Como refere Luís (1994, pp. 286-287), “a ação dos Estados Unidos e da velha aliada britânica permitiram que Salazar reforçasse a sua posição internacional mediante a entrada de Portugal na NATO, em abril de 1949. Paralelamente, a nível interno, a Situação ao conseguir um equilíbrio entre as forças mais conservadoras e as forças mais progressistas do regime, pôde fazer frente a uma oposição incontestavelmente mais corroída e dividida que em 1945. A explicação para este fenómeno provém parcialmente do advento da ‘Guerra Fria’ e da respetiva cisão do mundo em dois grandes blocos: o democrático e o comunista. Tal divisão irá refletir-se em Portugal, levando ao ‘progressivo’ afastamento de certos sectores republicanos da aliança com os comunistas – e vice-versa. Em suma, a ‘Guerra Fria’ funcionou como elemento de justificação do Estado Novo e da ‘Revolução Nacional’, bem como de arma ideológica ao serviço da perenidade salazarista. A própria oposição acabou por ser atraída nos seus propósitos de obter o apoio das nações democráticas, uma vez que o Ocidente acatou a existência de um regime autoritário e ditatorial em Portugal, tanto mais que esse mesmo regime era ideologicamente contrário aos pressupostos comunistas, podendo obviamente vir a ser útil no embate com o bloco bolchevique”.

1.2.2. A edição de c.1950: protesto contra a ditadura salazarista

Mas houve quem nunca desmobilizasse e tivesse procurado formas de resistir e de espicaçar as consciências que progressivamente se deixavam tomar pelo torpor. Foi o caso de António Sérgio, que, por esta altura ou pouco tempo depois³⁴, retornou à sua *Antígona*, dedicando-a “a todos os que nasceram para serem livres [...] e aos apóstolos que atua[va]m para bem do povo sem buscar as auras da popularidade” (Dedicatória, 28-29, 45-46). Este renovado “diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática” (assim o define o autor no frontispício) acabaria por ficar inédito, tendo-se perdido, entretanto, muito provavelmente nas sucessivas mudanças de espaço que o espólio de Sérgio foi conhecendo, metade da segunda parte do Ato II, ou seja, a alteração de âmbito ideológico entre Creonte e Hémon, e a quase totalidade do Ato III³⁵. Contudo, pelo elenco e por um desenho do cenário do último Ato, encontrado entre os papéis datiloescritos desta 2.^a edição, somos levados a concluir que a sequência dramática da parte final da peça não seria muito diferente da que encontramos na primeira variação sobre o mito de Antígona (1930).³⁶ Assim, admitindo eventuais ajustes na linguagem e nas alusões à nova realidade sociopolítica, vivida em meados do século XX, o Ato III da obra sergiana passar-se-ia, provavelmente também, num cenário bucólico, povoado por personagens saídas dos idílios de Teócrito, e terminaria igualmente com uma mensagem de esperança num futuro melhor de justiça e de liberdade.

O que nos resta deste texto datiloescrito é, no entanto, o bastante para podermos comprovar as inegáveis e constantes preocupações cívicas do autor, bem evidentes, desde logo, nas palavras de abertura do prólogo:

Este “apólogo dialogal” é, em parte, como que um caderno de memórias, ou coisa que o valha; em parte, o testamento político de um sonhador sem emenda; em parte, uma espécie de sermão de um moralista cívico [...]; [é] uma sorte de depoimento e de pregação popular por um homem que nasceu pregador-ensaísta e a quem os ventos ciclónicos da barafunda pública arremessaram à força para os turbilhões da política, para a ce-leuma das turbas, para a atuação clandestina, e que vem aqui divagar do

³⁴ Para a datação deste texto, veja-se *infra*, p. 181, n. 17.

³⁵ Sobre esta matéria, *vide* p. 230, n. 68; p. 241, nn. 69, 72, 73 e 74.

³⁶ De facto, o elenco da 2.^a edição inclui os pastores Corídon e Títiro que, à semelhança da 1.^a edição, só devem entrar em cena no Ato III. Além disso, o desenho do cenário, da autoria de Sérgio (Fig. 7, p. 100), reproduz um quadro bucólico, em sintonia com o descrito na didascália do texto de 1930 (Ato III, 1-12). Sobre este assunto, veja-se *infra* p. 123, n. 26, e Morais, 2007, pp. 70-71.

que presenciou e pensou, e da “moralidade” que tira da sua própria experiência, apresentando realidades do nosso viver recentíssimo, sob formas extravagantes de imaginação doidivanas. (Prólogo, 12-15; 20-27)

Mesmo tendo consciência de que o assunto e a forma dramática não são fáceis de ajustar, assume o risco, guiado pela ideia de que poderá ser útil ao seu leitor na denúncia de realidades e conflitos que persistem no Portugal de meados do século XX, pelo recurso à imaginação extravagante e a interlocutores simbólicos, emblemas de opiniões e de tendências políticas.

Embora investidas de novas funções, de acordo com a mudança dos temas tratados e dos alvos de contestação, as personagens são sensivelmente as mesmas³⁷. E, como seria de esperar, o princípio do conflito trágico apresenta-se praticamente inalterado, próximo do original, ainda que adequado à realidade sociopolítica portuguesa. Ao decreto de Creonte, considerado um capricho, uma paixão, um desvario de ditador, contrapõe Antígona, num discurso de inflamada retórica, ridicularizada pelo tirano, as leis não escritas e universais da consciência, que estão na base do Bem e da Justiça:

ANTÍGONA – [...] Acima dos decretos de qualquer tirano estão as leis não escritas da consciência, universais e imutáveis.

CREONTE – As da consciência? Aonde se vai isso achar?

ANTÍGONA – Aonde havia de ser, Creonte? Em nós mesmos. Na unidade unificadora que a consciência é. Descobrimos a lei no nosso próprio ânimo, coetânea da luz que se faz nele. Topamos aí... como dizê-lo?... um princípio de universalidade e de coerência íntima, uma norma de unidade e de reciprocidade entre as almas, que inspira ao mesmo tempo o sábio e o justo. A de uma harmonia interior, que é para nós o bem. O Bem intelectual, o Bem moral.

CREONTE – Bravo! Temos retórica! Deixa-me rir! A senhora filósofa a doutrinar a gente! Bonito! Como se eu não tivesse também doutrina! Como se acaso me faltassem a mim filósofos, que escrevem as coisas como eu as quero! Teóricos da autoridade, da tradição, da ordem!... Há escribes para tudo, fica tu sabendo! Porque é só pagar! Eu pago, eles escrevem, a Propaganda publica, e o Universo cré! Poetas, historiógrafos, oradores, novelistas exaltam a ditadura paternal dos Chefes, os edifícios

³⁷ A fim de adequar este apólogo dialogal ao novo contexto político, Sérgio introduz duas novas personagens importantes para o enredo: Ceréfilo e Nicócoras. E procede à substituição de duas figuras menores: a filha de Tirésias e Eurípilos sobem ao palco, em vez do guia de Tirésias e de Eutífron que integravam o elenco de 1930.

monumentais de que se enche a Terra, a firmeza do pulso com que se castiga e rege. Pois pudera! Encarregámos o Nicócoras de comprar literatos. E não só de aqui, mas de lá de fora também. Graças ao Nicócoras e ao dinheirinho do imposto, o nome do Ceréfilo está correndo os orbes. Aos donos do oiro nunca faltam retóricos, – dos que proclamam as lérias em que todos creem. Ora a filósofa! Pois que julgavas tu? (Ato II, 178-203)

Neste debate de princípios, a máscara do tirano grego continua a ocultar Carmona, mas agora convertido em símbolo da ditadura fascista (Prólogo, 83), que, durante anos, contou com o “apoio inconcusso de todos os governos de autoridade e de força, – o do Mussilandro, o do Efrâncoras, o do Petenião, o do Hitlérides” (Ato I, 894-896)³⁸. Uma ditadura que resiste ao tempo, graças à censura, aos instrumentos de tortura, aos campos de morte lenta, à espionagem e delação, ao controlo dos movimentos suspeitos da oposição pela “Polícia-do-Estado” (Prólogo, 86), comandada pelo oficial Ortágoras, que assim passa a desempenhar um papel diferente do que lhe fora atribuído na edição de 1930. Além desta instituição de base, própria de todos os nazi-fascismos, como escreve Sérgio no prólogo (l. 85), o regime conta ainda com o apoio da alta hierarquia da Igreja³⁹ e de organismos fundamentais para a sua exaltação, como a “Mocidade Tebana” (Ato I, 628, 882-887) e a “Alegria no Trabalho” (Ato I, 1061), que estavam ao serviço da “Propaganda-Política”, dirigida por Nicócoras, criptónimo de António Ferro⁴⁰. Responsável, desde 1933 até 1949, pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), designado a partir de 1944 Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), o autor do livro *Salazar: o Homem e a sua Obra* foi o principal promotor da figura de Oliveira Salazar, aqui e no estrangeiro, como refere Creonte no texto acima transcrito⁴¹, e o

³⁸ Referência paródica aos grandes ditadores europeus de Itália, Espanha, França e Alemanha: Mussolini (1922-1943), Franco (1939-1975), Pétain (1940-1944) e Hitler (1933-1945).

³⁹ Sobre a comunhão de interesses entre o Estado e a Igreja, parodiada por Sérgio (Ato II, 313-399), *vide* Moraes, 2009, pp. 463-464.

⁴⁰ Cf. Prólogo, 86; Ato I, 459, 490-494; Ato II, 25-26, 190-203. Para a explicação do nome Nicócoras, *vide infra*, p. 180, n. 10.

⁴¹ Com o intuito de enaltecer e promover a figura de Salazar no estrangeiro, o livro de António Ferro, *Salazar: o Homem e a sua Obra*, verdadeiro manual de propaganda, foi traduzido para, entre outras línguas, francês (*Salazar: le Portugal et son chef*, trad. Fernanda de Castro, précède d’une note sur l’idée de dictature, par Paul Valéry, Paris Bernard Grasset, 1934), para italiano (*Salazar: il Portogallo e il suo capo*, traduzione dal portoghese di Corrado Zoli, Roma, Sindacato italiano arti grafiche, 1934), para espanhol (*Oliveira Salazar: el hombre y su obra*, pról. de Oliveira Salazar e Eugenio D’Ors, Madrid, Fax imp., 1935), para komkani (*Salazar Munis Anim Tachó Vaur*, trad. António Reveredo,

mentor da designada “Política do Espírito”⁴². Conciliando as velhas tradições populares e os antigos valores nacionais com a modernidade daquele tempo, este programa cultural tinha como objetivo primordial glorificar o regime e o seu chefe. Ao longo da peça, várias são as referências aos prémios literários, às festas castiças, às paradas, aos festejos de rua, às obras públicas e suas inaugurações, cujo fito era entreter e distrair o povo, que se devia manter pitoresco, pobre e fiel ao passado, nunca se preocupando com o que não era da sua competência (cf. Ato II, 37-43). A resenha deste projeto nacional de cultura como meio de propaganda surge explanada (num registo paródico que culmina com a tradicional saudação ao ‘Chefe’) na primeira intervenção de Nicócoras que, com o dinheiro dos tributos, fez do Ceréfilo o ‘Grão-Ceréfilo’, o ‘Ceréfilo Máximo’, de prestígio mundial:

NICÓCORAS – [...] Venho de uma ceia. De uma ceia do espírito, está bem de ver. E amanhã... amanhã o almoço, para anunciar os prémios. Os prémios para as letras, os prémios para as artes. Com bom almoçinho, que se não dispensa. A política do espírito requer almoço. Isto vai ótimo, queridos amigos! São os saldos no orçamento, as pousadas lindas, as muralhas remendadas, as diversões, as danças. E obras públicas, por Zeus! Para fazer reclame! Alegam que o povo está a morrer de fome... Patetas! Mas a política do espírito que tem que ver com o povo? O povo, para a política do espírito, só tem de ser pitoresco. Não vos parece, amigos? Ná, ná: política do espírito, política do espírito! O nosso Ceréfilo é que é o novo Homero. O poeta das cifras, percebem vocês? Adoremos o homem, que é o deus do saldo! É o ponto final de toda a minha história! Ponhamos o seu busto por toda parte! Quem manda, amigos? Quem é que nos manda? Pois quem há de ser? (levantando o braço) Ceréfilo, Ceréfilo, Ceréfilo! Tudo por Tebas, pela Grei Tebana! Contra ela, – nada! Mesmo nada! Já disse que nada! (Saída falsa pela esquerda). A Grei Tebana, está bem de ver, somos nós e os nossos; e os outros... são os estrangeiros do interior; são a anti-Tebas. Ah, quem manda, rapazes? Ceréfilo, Ceréfilo, Ceréfilo!... Poeta, poeta, poeta... das cifras, das cifras, das cifras! (Ato I, 466-487)

Nunca subindo ao palco fictício onde os atores são ideias, Ceréfilo – o que gosta de Ceres, deusa da agricultura e das colheitas – é recorrentemente invocado, no decurso da ação. À se-

pref. Oliveira Salazar, Lisboa, Of. Gráficas da Soc. Ed. ABC, 1938) e para inglês (*Salazar: Portugal and her leader*, translated by H. de Barros Gomes and John Gibbons, with a preface by the late sir Austen Chamberlain and a foreword by Dr. Oliveira Salazar, London, Faber and Faber, 1939).

⁴² Para a teorização da ‘Política do Espírito’, veja-se Ferro, 2007, pp. 57-59, 155-159 e 225-229; e ainda, *infra*, p. 183, n. 32.

melhança da deusa que empresta o seu nome à formação deste híbrido, também a álgida figura que se oculta por detrás dele (i.e. Salazar) é, entre os seus opositores, o plebeu, o campónio tacanho que impiedosamente colhe os tributos do povo, com o objetivo de a todo o custo conseguir obter o saldo nas contas públicas de Tebas, sendo incapaz de apreciar a dignidade do espírito, o amor da verdade e da justiça e os princípios luminosos da liberdade e da democracia. Isso percebe-se das palavras ácidas de Antígona, que se insurge contra o autoritarismo hipócrita, desumano e sem chama deste protegido de Creonte, que, além de “marechal do orçamento” (Ato II, 902), se apresenta como o único capaz de impedir que Tebas possa cair nas garras dos extremistas, essas criaturas sinistras, a justificarem largamente “umas dúzias de safanões” (Ato I, 872-876)⁴³.

Contra esta “podridão mascarada”, contra o despotismo de Creonte e de Ceréfilo, que a todos asfixia, ergue-se – indômita e generosa, como a da peça sofocliana – a heroína sergiana, expressando admiração por todos os que, na escuridão de Tebas, protestam e se indignam, guiada pela luz clara e livre do Espírito, da Razão. Na defesa da verdade, da dignidade, da Ordem que provém da justiça, a jovem filha de Édipo encarna, nas palavras de Sérgio, inscritas no prólogo, uma faceta “de antifascismo, da aspiração à liberdade, do revolucionismo social” (Prólogo, 87-88). Tal como na edição de 1930, partilham destes seus ideais, o já morto Polinices, essência sublimada do espírito revolucionário (Prólogo, 109-110), o jovem Hémon, ponderado e respeitado pelos democratas, o cáustico adivinho Tirésias e ainda Critóbulo, um oficial do exército que admira os que lutam pela libertação das almas, na trincheira retilínea e clara da consciência (Ato I, 647-648).

Verdadeira “boémia do espírito” (Prólogo, 120) e “testemunho político de um sonhador sem emenda” (Prólogo, 13-14), esta segunda edição, “delirantemente anacrónica” (Prólogo, 74), foi adequada ao contexto sociopolítico do Portugal de meados do século XX. Não viria a ser publicada, como dissemos já, mas dela o autor acabaria por aproveitar, com ligeiríssimas alterações, as três primeiras cenas, para formar o corpo central de *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta*, que constitui, assim, a sua terceira variação sobre o mito de Antígona.

⁴³ Ditas na peça por um ‘Civil’, estas palavras aludem a uma frase proferida por Salazar numa das entrevistas que deu a Ferro, 1933, p. 82. Aí, o ditador justifica a tortura dos presos políticos, como forma de intimidação e de descobrir movimentações conspiratórias contra o regime.

1.2.3. A edição de 1958: protesto contra a fraude nas eleições presidenciais

Composto e publicado em finais de 1958⁴⁴, na sequência da sua prisão a 22 de novembro, por ‘atividades subversivas’ contra a proibição, pela ditadura, da entrada em Portugal de Aneurin Bevan⁴⁵, este opúsculo encerra um conjunto de seis *Jornadas* – todas com o mesmo título –, que apresentam semelhanças de estrutura e de extensão, bem como os mesmos objetivos demopédicos. Estes breves diálogos dramáticos foram escritos, no decurso de 1958, num contexto de forte convulsão sociopolítica que envolveu, antes, durante e depois, as eleições que, a 8 de junho de 1958, opuseram Américo Tomás a Humberto Delgado⁴⁶. A presidir, então, à *Comissão Promotora de Voto*, uma associação cívica por si criada em 1953, António Sérgio, servindo-se de todos os meios ao seu alcance, empenhou-se, primeiro, na campanha de apoio ao “General sem medo”, depois, na denúncia da fraude eleitoral que deu a vitória ao candidato da Situação.

É na segunda fase deste conturbado processo eleitoral que se inscreve este pequeno apólogo dialógico de contestação à “tirania hipócrita” (l. 122) de Creonte, máscara grega que serve de disfarce não a Carmona, como acontecia nas duas primeiras versões, mas a

⁴⁴ Quase a terminar a *Jornada Sexta*, o Ator deseja, “a todos, um feliz ano novo” (Sérgio, 1958f, p. 28). Esta referência permite-nos situar a escrita do diálogo em finais de 1958. Para a datação das outras *jornadas*, vide n. 45.

⁴⁵ Depois de já o ter sido três outras vezes, em 1933, 1935 e 1948, esta era a quarta vez que Sérgio era detido “para averiguações”. Seria libertado, sob caução, a 28 do mesmo mês (cf. Baptista, 1992, pp. 67-84). Refira-se que, no Fundo António Sérgio, existe um texto datilografado da autoria do ensaísta “Sobre o socialismo de Aneurin Bevan” (AS.03-Cx4-P12/002).

⁴⁶ Algumas destas “Jornadas” podem ser situadas no tempo, atendendo a referências históricas nelas contidas. Assim, se tivermos em consideração que o Papa Pio XII morreu a 9 de outubro de 1958, a *Jornada Quinta* terá sido escrita em novembro de 1958, porque no início deste diálogo dramático a “Tia Joaquina” afirma que Pio XII havia morrido no mês anterior (Sérgio, 1958e, p. 8). Neste opúsculo, há ainda referências ao II Plano de Fomento para os seis anos seguintes (1959-1964), divulgado em agosto, por altura de uma remodelação governamental (Sérgio, 1958e, p. 11), e à carta que o bispo do Porto enviou a Salazar, a 13 de julho desse ano (Sérgio, 1958e, p. 29). Referências a esta carta do prelado português também se encontram na *Jornada Quarta* (Sérgio, 1958d, p. 29), que terá sido escrita entre agosto e outubro. Por último a *Jornada Segunda* terá sido publicada em finais de abril ou em maio, uma vez que no “aditamento” ao diálogo, o autor inclui um excerto do *Diário Ilustrado* sobre o problema da batata, datado de 17 de abril (Sérgio, 1958b, pp. 28-29), e alude às eleições que se avizinhavam, nestes termos: “votarei em qualquer candidato que defenda a ideia do respeito absoluto do artigo oitavo da Constituição, o qual preceitua a liberdade de expressão do pensamento, de associação e de reunião” (Sérgio, 1958b, p. 32). Para o enquadramento cronológico e político das seis jornadas do *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações*, vide Morais, 2010c, pp. 297-300.

Américo Tomás e ao poder despótico salazarista que esteve por trás da sua eleição. O mote já havia sido dado nas duas “Jornadas” anteriores, sobretudo na *Jornada Quinta*, em que Sérgio, pela voz da Tia Joaquina, faz um ataque cerrado e desassombrado ao regime despótico de Salazar, na linha de outras vozes críticas, como a do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, que, a 13 de julho de 1958, no rescaldo das eleições, escreveu uma carta (pró-memória) ao Presidente do Conselho, que lhe valeu o exílio em Espanha, durante a década final do consulado salazarista⁴⁷:

A TIA JOAQUINA – [...] O teu regime é absurdo. Absurda a pretensão tirânica de suprimir perpetuamente a liberdade cívica. Absurda a noção do partido único. Absurdo o sistema do corporativismo de Estado. Absurda a educação pela «Mocidade Portuguesa». Absurdo o intuito de regenerar o País à força de acúmulos de pedras mortas. Absurdo o abandono do humanismo eterno a favor de um economismo de cariz fontista⁴⁸. Absurdo o sacrifício do povinho agrário à ganância desenfreada dos negociastas... (Sérgio, 1958e, pp. 19-20)

Na construção desta última Jornada do *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações*, António Sérgio substitui o conflito ideológico entre as personagens principais das cinco primeiras *Jornadas* – a ‘Tia Joaquina’, pessoa experiente do povo, democrata e libertária e o seu sobrinho ‘Manuel das Luzes’, um jovem doutor saído da academia de Coimbra, reacionário e defensor da Situação – pelo confronto entre Antígona e Isménia, que preenche a parte central deste apólogo dialogal, que se distribui por três cenas.

Apesar de muito reduzido, este núcleo dramático contém já a necessária retórica de protesto, decorrente do debate entre Isménia,

⁴⁷ António Ferreira Gomes (1906 – 1989) foi bispo da Diocese do Porto, entre 1952 e 1982. Nesta carta, o prelado português reivindicava com toda a firmeza “o respeito, a liberdade e a não-discriminação devidos ao cidadão honesto em qualquer sociedade civil”. No espólio de António Sérgio, podemos encontrar um exemplar impresso desta missiva (AS.10-Cx14-P09/002), com sublinhados do ensaísta que destacam algumas das afirmações do bispo. Uma dessas afirmações viria a ser citada pelo ensaísta na *Jornada Quarta*: “o corporativismo foi realmente um meio de espoliar os operários do direito natural de associação” (Sérgio, 1958d, p. 29; Ferreira Gomes, 1958, p. 10). Igualmente a afirmação, atribuída a Pio XII, de que “o nacionalismo, desde a mensagem pontifícia do Natal de 54, é no vocabulário católico um termo mais do que suspeito” (Ferreira Gomes, 1958, p. 10) é glosada, na *Jornada Quarta*, pela Tia Joaquina (Sérgio, 1958d, p. 28).

⁴⁸ O termo *fontista* deriva do nome de Fontes Pereira de Melo (1819-1887), que promoveu, no século XIX, um ambicioso programa de obras públicas. O que Sérgio critica, neste passo, é a preocupação do regime com as obras e as infraestruturas, aquilo a que chama pedras-mortas, em detrimento do povo, as pedras-vivas da nação.

símbolo dos derrotistas e dos que, por causa dos laços familiares, se desviam do “combate pelas ideias e do heroísmo cívico” (1958f, 505-506; cf. c.1950, Prólogo, 89-91) e a sua irmã, a temerária Antígona, que representa todos os que lutam contra o asfíxiante totalitarismo do Estado Novo. A este breve *agon* entre as duas irmãs, que repete com ligeiríssimas alterações as cenas de abertura de *Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática*, o autor junta um breve prólogo metateatral⁴⁹, proferido pelo Ator, em que se convida o público a recuar ao passado e a apreciar as suas atuais venturas pelos grandes males da Tebas de outrora (1958f, 16-17), e um epílogo em que se oferece a exegese não só deste texto dramático, mas também das outras versões da *Antígona* de António Sérgio.

Assim, pela boca do Ouvinte, que contracena com o Ator, expressando o pensamento do autor, podemos concluir que a Antígona sergiana é simultaneamente Kantista e cristã. Kantista, porque, contra a razão absoluta de Estado, proclama não tanto “os direitos da piedade religiosa [e] do amor fraterno” (1958f, 488-489), como a de Sófocles, mas mais “os direitos da livre consciência humana, os da lei racional a que se eleva o espírito, eterna e imprescritível [...] contra o poder que corrompe, – que corrompe sempre” (1958f, 491-493 e 529-530). Cristã, porque, de acordo com o pensamento de Sérgio, o ideal democrático por ela defendido, sendo homogêneo com o do cristianismo, “é a tradução política do Evangelho” e “tem o caráter de uma religião”⁵⁰. Mas devemos convir que, na sua verdadeira essência, ela é política, como reconhece o próprio Sérgio, quando, no prólogo à segunda edição, escreve:

[...] ante os factos políticos do meu próprio tempo, eu lembrei-me, por meu turno, de que existia o Sófocles e rabisquei este apólogo [...]. Através do artifício de uma antiga história, eis um debate que é de hoje, sobre temas sociais que são de hoje. Mais: em linguagem que é de hoje, com modos de pensar que são de hoje, sem nenhum reboço ou cautela. (c.1950, Prólogo, 57-59; 67-70)

De facto, na origem desta terceira recriação de uma parte ínfima da tragédia sofocliana, que encerra o conjunto das seis jornadas do *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações*, está uma conjuntura sociopolítica que justifica este retorno ao mito de Antígona. Qual *alter ego* de António Sérgio, a heroína surge determinada, como determinado fora Humberto Delgado, a condenar a tirania e a reivindicar a liberdade, esse bem supremo que é o “sol das almas”⁵¹.

⁴⁹ Sobre esta questão, *vide infra*, p. 267, n. 2.

⁵⁰ Sérgio, 1974b, pp. 7, 74-75, 81-82. Sobre esta aproximação entre os valores da democracia e os do cristianismo, *vide* ainda Sérgio, 1974a, pp.169-171, 180; e 1957, p.15.

⁵¹ Sérgio, 1953, p. 115. Sobre a liberdade como bem supremo, veja-se Sérgio, 1957, p. 18; 1974a, 21-22, 329; e 1974b, p. 171.

1.2.4. A edição de c.1960: um reduto de esperança em tempos de desencanto

Revisitando os manuscritos e datiloscritos de António Sérgio, no ano em que se comemorava o cinquentenário da sua morte, a fim de prepararmos esta edição, descobrimos que o ensaísta tinha a intenção de publicar, cerca de 1960, um breve texto intitulado *Diálogo de Creonte e Antígona*. Com um processo de construção idêntico ao que havia adotado para a edição de 1958, este manifesto-drama constituiria, assim, a sua quarta variação sobre o mito de Antígona. O projeto acabaria por não ser concretizado, muito provavelmente, por dois motivos: a não eleição, em 1958, do candidato da oposição ao regime, Humberto Delgado, em cuja campanha se empenhara profundamente, na esperança de que a ditadura, mais de trinta anos depois, chegasse ao seu fim; e a morte de sua mulher, pouco tempo depois, no início de 1960. Foram dois rudes golpes que o levaram a afastar-se da vida cívica ativa, cansado dos sucessivos fracassos da sua luta contra a ditadura. Como referem Barros & Costa (1983, pp. 33-34), a última década da sua vida foi passada “recolhido em casa, à estranha conclusão de que a sua obra falhara [e] resultara estéril”⁵².

O *Diálogo de Creonte e Antígona* tem por base as cenas III e IV do Ato II da edição de c.1950, aglutinadas pelo autor numa cena única⁵³, com muitas emendas e alguns aditamentos relativamente ao texto-base. Este núcleo central encerra com uma *coda* manuscrita autógrafa assinada pelo autor (94A-94D)⁵⁴, que confere unidade ao *Diálogo* e lhe permite uma existência autónoma, e é precedido de uma nova e mais extensa didascália também manuscrita⁵⁵, com duas referências aos antecedentes da ação que ajudam a contextualizar o confronto inflamado entre Creonte e Antígona: a morte de Etéocles e de Polinices “em combate durante uma revolta dos democratas contra a tirania de Creonte, pelejando aquele primeiro entre os partidários do tirano, e nas hostes dos insurretos aquele segundo” (Sérgio, c.1960, 5-8); e a ordem de Creonte para que Polinices fosse “abandonado aos corvos, com proibição rigorosíssima de se lhe prestarem honras” (Sérgio, c.1960, 10-11).

No mesmo conjunto de folhas em que se encontra este diálogo (AS.07-Cx11-P25/001_1.^a_parte_1, pp. 1-3), existem três páginas manuscritas com apontamentos soltos e uma citação, que o autor provavelmente pretendia incluir no início do diálogo como epígrafes, tal como havia feito nas edições de 1930 e de c.1950.

⁵² Cf. Queiroga, 2019, p. 44.

⁵³ Vide fig. 19, *infra* p. 276.

⁵⁴ Vide figs. 20-23, *infra* pp. 303-306.

⁵⁵ Vide figs. 17-18, *infra* pp. 271-272.

CX11-P25/001 (A-145)
os factos e acontecimentos ou figuras
ou a que se faz referência neste diálogo
são verdadeiros: não são reais nem imagi-
nários; algumas semelhanças com factos
ou personagens da vida real, ou com factos
ou personagens da literatura de época de
qualquer época — ~~so poderia resultar de~~
~~de qualquer época~~ — ~~so poderia resultar de~~
qualquer época, e por todos os motivos lícitos.

Fig. 1: Apontamento solto (AS.07-Cx11-P25/001_1.ª_parte_1, p. 1)

Além da advertência de que “os factos e acontecimentos que figuram ou a que se faz referência são verdadeiros, não são reais nem imaginários” (fig. 1) e da afirmação de que o objetivo do diálogo era o de inquietar as almas de quem o lesse (fig. 3)⁵⁶, um desses apontamentos é extraído da *Lenda de S. Cristóvão*, de Eça de Queirós⁵⁷, o santo que, para Sérgio, foi paladino da “Revolução Social” e que comandou “os pobres na sublevação contra os ricos; [...] o Santo revolucionário conduzido ao céu pela mão do revolucionário que se chamou Jesus”⁵⁸. Assim, o haviam sido também

⁵⁶ Nestes apontamentos soltos, ainda que António Sérgio se queixe amargurado, como o fizera já no Prólogo da edição de c.1950 (146-147), dos que lhe “faziam cara de amigos e [o] anavalhavam pelas costas com ira e paixão e com fúria” (fig. 2, p. 33; AS.07-Cx11-P25/001_1.ª_parte_1, p. 2) e afirme, em relação à sua *Antígona*, que “não esper[ava] dos [seus] poucos leitores coisa alguma. Nem atenção, nem compreensão, nem simpatia. Nada.” (fig. 2, p. 33), a escrita destas recriações do mito sofoclíano tinha com objetivo acicatar as consciências: “Não me compete a mim contar com os resultados nas peças, mas com as agonias nas almas!” (fig. 3, p. 33; AS.07-Cx11-P25/001_1.ª_parte_1, p. 3).

⁵⁷ O passo citado pertence ao capítulo XIV da lenda: “E sobre a terra só ficavam Jacques, que cantavam em triunfo na frescura da manhã clara” (Queirós, 1970, p. 135). *Vide* fig. 3, p. 33.

⁵⁸ Sérgio, 1971b, pp. 113-114. Sobre este passo, Siqueira (2013, p. 195) afirma que “a narrativa relativiza espaço e tempo, tornando-a atemporal, porque este deve ser o ideal do santo moderno. Este sonho, na verdade, delinea

ANTÍGONA – Polinices [...] era ágil e livre, [...] era uma revelação individual do universal e do eterno, que buscava a unidade dentro do seu próprio espírito, como a procurava também na estruturação do Mundo. [...] O seu Amor, o seu Deus, – eram racionais, eram Espírito. Amando a juventude – e tendo ele próprio alma jovem –, sonhava em reunir numa ação comum os que nasceram com dotes para homens livres, embora provenientes de orientações diversas: e isso para que criassem uma organização social que desprendesse a todos das aflições terrenas, substituindo a luta pela cooperação fraterna.

Símbolo do antifascismo, da aspiração à liberdade, do revolucionismo social, tal como Antígona, Polinices sonhava “com ser ele o construtor [de uma] sociedade justa” e com o “dar ao povo os instrumentos para que a construísse ele próprio” e, assim “se libertar a si mesmo”⁵⁹ de uma ditadura atroz, assente no sistema de governo da plutocracia e do clero.

Chefiada pelo Sumo Sacerdote da ‘religião ceréfila’, ou seja pelo Cardeal Cerejeira⁶⁰, a religião que suportava a ditadura, na perspectiva de Antígona (que era a de Sérgio), era materialista e não cuidava do Divino, servia os interesses dos ricos e do Estado e servia-se da ignorância e do atraso mental do povo para o manipular e o manter subjugado. Para isso, muito contribuía a promoção do fenómeno de ‘Fátiras’ (a forma como Sérgio, na peça, designa Fátima) e das “materialidades do [seu] culto” (c.1960, 255)⁶¹. Referido de forma paródica, este espaço religioso simboliza a comunhão de interesses entre o Estado e a Igreja, como deixam perceber estas palavras da filha de Édipo que aludem às aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos:

ANTÍGONA – A acreditar [nos milagres], Creonte... só naqueles que se passam nas consciências dos homens, no seu interior. Naqueles que consistem em espiritualizações das almas. Quanto aos outros... queres que te diga?... parecem-me sortes de prestidigitação pueris, como o do sol em Fátiras a girar à doida, qual roda de um carro [...]. Tristes superstições e materializações mesquinhas, a que se agarra a boçalidade das multidões ineptas! Superstições que cultivas, porque te convém cultivá-las! (c.1960, 240-245, 248-251)⁶²

⁵⁹ Sérgio, c.1960, 165-166, 168-169. Para Antígona, ou seja, para Sérgio, justo é o que “subiu ao Espírito [...], o que encara os outros como quem subiu ao Espírito. O que incita os demais a subir a esse nível” (Sérgio, c.1960, 488-490). E, prosseguindo o seu raciocínio, acrescenta ainda: “Ser justo, ser espiritual, ser livre, é superar o irracional que dentro de nós encontramos – pelo esto racionalizante, que também se acha em nós mesmos” (Sérgio, c.1960, 490-492).

⁶⁰ Sobre o Cardeal Cerejeira (1888–1977), que esteve à frente dos destinos da Igreja portuguesa entre 1929 e 1971, veja-se *infra*, p. 219 e n. 54, e p. 307 e n. 6.

⁶¹ Vide Sérgio, c.1950, Ato II, 363.

⁶² Vide também Sérgio, c.1950, Ato II, 346-351, 355-357. Sobre esta

Na linha de alguns poucos sacerdotes espirituais e puros, que divergiam das orientações da hierarquia da Igreja Católica, a heroína contrapunha uma “religião mais alta, mais pura... uma mística racional, toda humana” (c.1960, 287-288) ao serviço dos pobres e não dos plutocratas, que tudo impunham e comandavam e que tinham como símbolo máximo o banqueiro Psiquístrato⁶³, amigo de Ceréfilo, ou seja, Salazar – “esse plebeu, esse pobre, que se pôs a servir os ricos... e que tem por si o rico, o ladravaz, o ganhão” (c.1960, 403-405).

Tal como virá a fazer Salvador Espriu, que nos traça o retrato de Franco, na reformulação da sua *Antígona*, feita em 1963⁶⁴, também António Sérgio, na *coda* manuscrita deste *Diálogo*⁶⁵, nos oferece, pela boca de Antígona, um perfil de Salazar, o ditador incapaz de apreciar a dignidade do espírito e que se compraz no exercício do mando, na imposição da ordem⁶⁶:

ANTÍGONA – Com sua alma tacanha de cultivador de aparências, de calculador astucioso, é incapaz de apreciar a dignidade do espírito, a profundez da consciência, o largo voo idealista, o amor da verdade, da sinceridade e da luz. Sem humanidade e sem chama, delicia-se à grande na concupiscência do mando, e para poder deliciar-se na concupiscência do mando consente e encobre todas as malversações dos seus homens. A podridão mascarada é o seu ideal de política. (c.1960, 875-882)

A esta “podridão mascarada” e à ordem imposta pela força, pela adoração do passado, por parte de Ceréfilo e de Creonte, contrapõe Antígona uma ordem moral, mais sincera, que resulte do progresso e seja o suporte de uma sociedade nova, virada para o futuro e criada

alusão à aparição de Nossa Senhora aos três pastorinhos, *vide infra*, p. 219, n. 55, p. 307, n. 7, e Morais, 2017b, pp. 148-149.

⁶³ Referência provável a Ricardo Espírito Santo (1900–1955). Para mais pormenores, *vide infra*, p. 220, n. 56.

⁶⁴ O texto da representação de 1963, escrito em catalão, perdeu-se. Mas temos, desse texto, uma tradução para espanhol, feita por Ricardo Salvat, em 1965 (cf. edição crítica de Jori & Miralles, 1993, p. LXVII). É desta versão espanhola que transcrevemos o retrato de Franco, colocado na boca de El Lúcido Consejero (Espriu, 1965, p. 35): “No es difícil convivir en Tebas, es imposible. Creonte lo sabe como tú y yo lo sabemos, pero, claro está, nunca habrá de confesarlo. Míralo bien: obeso, nada atractivo, con esos ojos de mirada fija y glacial como de serpiente. [...] Mientras viva, es probable que nos mantengamos en paz, porque está dispuesto a aplastar sin contemplaciones a todo aquel que se le oponga. Pero casi es un viejo y sus hijos y seguidores no valen nada. En Tebas, Creonte no puede instituir perpetuamente a Creonte. ¿Cuántos años vivirá, veinte, tal vez treinta? Sí no se lo lleva mucho antes una muerte violenta”.

⁶⁵ A *coda* manuscrita pode ver-se nas figs. 20-23. pp. 303-306, que correspondem a Sérgio, c.1960, 853-897.

⁶⁶ Sobre este assunto, veja-se Morais, 2012b, pp. 323-324, 326-327.

“com audácia inventiva, com inventivo amor” (c.1960, 753), para o bem do povo.

Face à irredutibilidade de posições, Creonte, contrariamente ao que acontecia no arquétipo sofocliano, propõe à sua sobrinha um pacto de paz:

CREONTE – Não! Impossível! Não nos entendemos!... Olha: quero oferecer-te a paz. Deixo-te com a liberdade se me prometeres ter juízo. Encho-te de honrarias. Concedo-te o que tu quiseres. Aceitas? (c.1960, 864-867)

Antígona, porém, fiel aos seus princípios, recusa e não se deixa corromper. Para ela, acima dos decretos do tirano estavam as “leis não escritas da consciência, universais e imutáveis” (c.1960, 72). Tal atitude, coerente e consentânea com o modelo sofocliano, obriga Creonte a exercer a autoridade para impor a sua ordem:

CREONTE – Ofereci-te a paz: recusaste. Coube-me a mim o ser chefe. Saberei sê-lo, por Diónisos! (c.1960, 895-896)

Desafiadora, como sempre, Antígona deixa no ar uma pergunta seca, mas carregada de esperança, com que termina este breve *Diálogo*:

ANTÍGONA – Até quando, Creonte? (c.1960, 897)

Tal como na edição de 1930, que terminava com uma mensagem de esperança num futuro melhor⁶⁷, o autor encerra esta sua quarta variação sobre o mito de Antígona, que ficaria inédita, com a expectativa de que um dia a ditadura salazarista acabaria por claudicar. Não viveu António Sérgio anos suficientes para assistir ao tão desejado fim do Estado Novo, que só aconteceria cinco anos depois da sua morte, no dia 25 de abril de 1974.

Podemos assim concluir que, na origem destas quatro recriações dramático-panfletárias (duas delas inéditas), estão contextos políticos propícios à revitalização do mito de Antígona. Das trevas que começaram a adensar-se com a instauração da ditadura em maio de 1926, a heroína, emprestando a sua voz à do autor, surge intrépida a condenar a tirania que a todos sufoca e a reivindicar a liberdade e o respeito pela dignidade da consciência humana, princípios fundamentais da democracia.

⁶⁷ Sérgio, 1930, Ato III, 724-735. Sobre este assunto, *vide supra* p. 21 e Morais, 2017a, pp. 136-139.

II. DA EDIÇÃO CRÍTICA: opções de edição e aparato crítico

Por forma a facilitar o confronto dos textos desta edição crítica com os originais, vamos inserir, entre parênteses retos, o número das páginas das edições impressas (1930 e 1958) e dos datiloscritos inéditos (c.1950 e c.1960) e, na margem direita dos textos, a numeração contínua das linhas, necessária para o estabelecimento e leitura do aparato crítico.

Para a fixação dos diferentes textos, são necessárias algumas opções nos domínios da ortografia, da pontuação, da morfossintaxe e dos nomes próprios.

2.1. Ortografia

Como os textos foram escritos em diferentes momentos, com distintas leis ortográficas, vamos optar por atualizar e normalizar a ortografia, mesmo nos casos em que a grafia, em particular na edição de 1930, corresponde a variantes fônicas (*quasi, dize, faze, quere, reflue, substitue, retribue, assemblea, escárneo, idéas, preguntar*) ou a palavras que estão ainda próximas da etimologia (*Scítia, Scitas, scena, Stratodemos, explende*).

Respeitaremos, porém, as oscilações entre os ditongos oi/ou (ouço/oiço; ouçam/oiçam; coisa/cousa), entre formas dos verbos acalmar/calmar e ateimar/teimar, e entre formas que ora aparecem desdobradas ora contraídas (de aí, de aqui, de um/dum, em um/num), mesmo quando essas variações acontecem numa mesma fala⁶⁸ ou são usadas por uma mesma personagem, em momentos distintos⁶⁹.

⁶⁸ Numa mesma intervenção, Antígona usa ‘coisas’ e ‘cousa’ (1930, Ato I, 145 e 146) e Creonte oscila entre ‘calma-te’ (1930, Ato II, 508 e 518) e ‘acalma-te’ (1930, Ato II, 516).

⁶⁹ Em momentos diferentes, Creonte oscila entre o uso “de um” (ex.:

Manteremos também algumas marcas de oralidade, sobretudo nas falas da Sentinela, que reproduzem ora a pronúncia popular ora a linguagem coloquial e que implicam, por vezes, o uso do apóstrofo: *despois* (1930, Ato II, 99), *a modos pr'áli* (1930, Ato II, 103), *pr'á banda de cá* (1930, Ato II, 104), *aos ais, aos ais* (1930, Ato II, 113), *preguntas* (1930, Ato II, 121), *não abria bico* (1930, Ato II, 122), *alevanta-se* (c.1950, Ato II, 142), *ganhos* (c.1950, Ato II, 153), *nem pio, nem ai* (c.1950, Ato II, 157-158), todas na boca da Sentinela; *pr'ai* (1930, Ato II, 152, 159 e 185), *co'os* (c.1950, Ato I, 950), na boca de Creonte; *tu'alma* (c.1950, Ato II, 657; c.1960, 564), *minh'alma* (c.1950, Ato III, 233; 1958, 465), *noss'alma* (c.1950, Ato II, 875; Ato III, 130; c.1960, 780), na boca de Antígona; *ná*, na boca de Nicócoras (c.1950, Ato I, 476) e de Creonte (c.1950, Ato II, 280; c.1960, 170).

Por fim, no que diz respeito ao uso de maiúsculas, respeitaremos as opções do autor, que *grosso modo* seguem a norma atual. Apenas procederemos à uniformização do seu uso em sequências com reticências, interrogações e exclamações.

2.2. Pontuação

Porque a pontuação reflete o estilo do autor, respeitaremos a pontuação dos textos-base, mesmo quando, por vezes, não segue a norma atual. As correções introduzidas serão mínimas e feitas apenas quando tal se justifica.

2.3. Morfossintaxe

No capítulo da morfossintaxe, respeitaremos as variações entre a locução prepositiva ‘até a + o / até a + a’ e a preposição ‘até + o / até + a’, com idêntico valor (*até ao patamar / até o meio; até à boca / até a boca; até ao fim / até o fim*⁷⁰), e as oscilações do quantificador universal com artigo “todo o / toda a” (*todo o corpo, todo o progresso, todo o povo, todo o mundo, toda a gente, toda a vida, toda a Cítia*) e sem artigo “todo Ø / toda Ø” (*todo saber, toda mentira, toda atuação, toda aplicação, toda noção, toda norma, toda regra, toda alegria, toda parte*⁷¹).

Conservaremos também a alternância entre conjuntivo e futuro

1930, Ato II, 349) e “dum” (1930, Ato II, 632); e Ortágoras entre ‘ouçam’ (1930, Ato III, 353) e ‘oiço’ (1930, Ato III, 589).

⁷⁰ Na edição de c.1950 (Ato I, 403), o autor rasura a preposição (cf. datiloescrito, p. 29).

⁷¹ Na edição de c.1950 (Ato I, 480, 611), o autor rasura o artigo (cf. datiloescrito, pp. 32 e 38).

com a expressão de desejo ‘esperar que’: *espera que mais alguém fale* (1930, Ato I, 452-453), *espero que atendas os meus conselhos* (1930, Ato II, 301) / *espero que o povo estará alerta* (1930, Ato II, 377-378), *espero que Hémon perceberá* (1930, Ato III, 626).

2.4. Nomes próprios

Face à oscilação entre as formas Polinice (1930), Polinices (c.1950 e c.1960) e Polínicas (1958), optaremos por usar, nas quatro variações sobre o mito, o nome mais comum do filho de Édipo: Polinices. O mesmo faremos com o nome de seu irmão Etéocles. Se, na edição de 1930, há uma variação entre a forma sem acento e a forma com acento na penúltima sílaba (Eteócles, Ato II, 215), nas restantes variações, o nome adotado pelo autor é o mais comum: Etéocles. Também para o nome do pastor Corídon, que ora surge com acento, ora sem acento, vamos optar pela forma com acento na penúltima sílaba, como acontece na edição de 1930, Ato III, 52.

Neste capítulo, optaremos também por seguir o autor no uso que faz dos nomes próprios de autores e de personagens, ora sem artigo, ora com artigo: *Sófocles* / *o Sófocles*; *o Herculano*; *Creonte* / *o Creonte*; *Polinices* / *o Polinices*; *Etéocles* / *o Etéocles*; *Hémon* / *o Hémon*; *Ceréfilo* / *o Ceréfilo*.

2.5. *Conspectus siglorum et editionum*

De seguida, vamos apresentar as siglas das edições impressas (1930 e 1958) e dos datiloescritos inéditos (c.1950 e c.1960), seguindo o modelo adotado por Jori & Miralles (1993), na edição crítica da *Antígona* de Salvador Espriu.

No que respeita aos datiloescritos, com anotações e aditamentos manuscritos autógrafos, faremos uma breve descrição da sua estrutura, indicando sempre a sua localização na biblioteca da Casa António Sérgio (BAS, cotas AS.07-Cx11-P24; AS.07-Cx11-P25)⁷².

A Antígona. Drama em três atos. República, Porto, 1930.

A1 Emendas manuscritas autógrafas, inseridas num exemplar oferecido a Aquilino Ribeiro, existente na Biblioteca da Fundação Aquilino Ribeiro com a seguinte dedicatória:

⁷² Centro de Documentação e Informação António Sérgio: <https://cdiantoniosergio.cases.pt>.

“Ao Aquilino, com um abraço, oferece este improvisado manifesto político, vagamente mascarado de tragédia antiga, A. Sérgio” (FAR: 869.0 SER; cf. carta de A. Sérgio a Bernardino Machado, *infra*, p. 321).

B *Antígona. Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição, remodelada* (datiloescrito de c.1950, inédito; Cotas: A5.07-Cx11-P25/001; AS.07-Cx11-P24/005). O texto está incompleto. Apenas possuímos, seguidas e com diferentes níveis de emendas (*B1*, *B2*, *B3*), as primeiras 94 páginas. Temos ainda, dispersas e soltas (*Bs*), as pp. 100-105, do Ato II - segunda parte, e as pp. 144, 154, 156-157, 159, do Ato III, bem como uma das versões da dedicatória (AS.07-Cx11-P24/004), epígrafes do Ato I e do Ato II, as pp. 9 e 10 de uma versão posterior do prólogo e as pp. 32 e 34 de uma versão anterior do datiloescrito que serve de base à nossa edição. Entre estes documentos, há também desenhos de cenários e de figurinos (AS.07-Cx11-P24/002), o que prova que o autor, ao contrário do que afirma, gostaria de ver representada a sua peça.

B1 Primeiro nível de emendas ao datiloescrito de c.1950, desde o início até à p. 94 (AS.07-Cx11-P25/001_1.^a_parte_2, pp. 16-25, 28-40; AS.07-Cx11-P25/001_2.^a_parte_1-2).

B2 Segundo nível de emendas ao datiloescrito de c.1950. Incorpora as emendas de *B1* e acrescenta novas emendas (manuscritas e datiloescritas) às pp. 64-94 (AS.07-Cx11-P24/005_1-3). É com base neste texto que o autor constrói o *Diálogo de Creonte e Antígona (D)*.

B3 Terceiro nível de emendas ao datiloescrito de c.1950. São algumas poucas emendas manuscritas autógrafas feitas nos fragmentos que o autor acrescenta em *B2*.

Bs Folhas soltas e dispersas datiloescritas, fora da sequência da paginação de *B*.

Bsfr Uma folha solta do frontispício de uma edição anterior a *B* (AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 1), muito provavelmente da primeira versão de *Antígona. Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática*. A última das epígrafes não foi incluída em *B*.

Bspr Duas folhas soltas do prólogo, pertencentes a uma edição posterior a *B*. Estas páginas 9 e 10 (AS.07-Cx11-P25/001_1^a_parte_2, pp. 26-27) correspon-

dem, respetivamente, ainda que com diferentes lições, a partes das pp. 6 e 7 de *B*.

Bsap Duas folhas soltas do Ato I, pertencentes a uma edição anterior a *B*: as pp. 32 (AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 2) e 34 (AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 3; AS.07-Cx11-P24/005_3, p. 16). Com algumas emendas manuscritas (*Bsap₁*), correspondem, respetivamente, ainda que com diferentes lições, a partes das pp. 34-35 e 36-37 de *B*.

Bsep Folha com epígrafes ao Ato II (AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 4), pertencente a uma edição anterior a *B*. No canto superior direito, tem 53 a 66, números que corresponderiam a uma primitiva paginação do Ato II.

Bsas Sete folhas soltas do Ato II, segunda parte: a página de abertura com epígrafes (AS.07-Cx11-P25/001_1^a_parte_2, pp. 36 e 41), as pp. 100-102 (AS.07-Cx11-P25/001_1^a_parte_2, pp. 9-11) e as pp. 103-105 (AS.07-Cx11-P25/001_2^a_parte_2, pp. 9-11), que apresentam algumas poucas emendas manuscritas (*Bsas₁*).

Bsat Oito folhas soltas do Ato III: as pp. 144 (AS.07-Cx11-P25/001_2^a_parte_2, p. 40), 150-152 (AS.07-Cx11-P25/001_1^a_parte_2, pp. 12-14) e 154, 156, 157 e 159 (AS.07-Cx11-P24/005_3, pp. 12-15), que apresentam várias emendas manuscritas (*Bsat₁*).

P *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Sexta*. Lisboa, Inquérito, 1958, texto que viria ser republicado em 1978, em *Antologia Sociológica*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa, pp. 347-368. Esta terceira variação sobre o mito de Antígona tem por base as cenas 1-3 do Ato I de *B*, às quais o Autor acrescenta um Prólogo (a versão datilografada encontra-se em AS.07-Cx11-P24/001) e um epílogo em que faz a exegese do mito de Antígona à luz das suas ideias. Ao contrário do que acontece com o prólogo, não temos o datiloescrito relativo a esta parte final.

D *Diálogo de Creonte e Antígona* (projeto editorial não concretizado, com assinatura do autor; cota: AS.07-Cx11-P25/001_1^a_parte_1, pp. 5-40; AS.07-Cx11-P25/001_1^a_parte_2, pp. 1-8). *O* datiloescrito, com acrescentos manuscritos autógrafos no início

e no fim e muitas emendas manuscritas e datilografadas, corresponde às cenas III e IV do Ato II de *B2* (pp. 63-94), divisão que o autor anula para formar uma cena única. Em AS.07-Cx11-P25/001_1.^a_parte_1, pp. 1-4, temos quatro páginas manuscritas com pensamentos soltos e uma citação do conto *S. Cristóvão*, de Eça de Queirós, relacionados com a temática do *Diálogo* e que provavelmente viriam a figurar como epígrafes a esta quarta variação sobre o mito de Antígona. Embora os mencionemos na introdução, decidimos não os incluir na edição crítica, porque dispersos e desorganizados.

2.5.1. Outros signos usados no aparato crítico

Seguindo Jori & Miralles (1993, p. LXIX), faremos ainda uso destes signos, no aparato crítico desta edição:

- : separa diferentes lições de diferentes estados do texto.
- [] circunscreve palavras, expressões ou sinais ortográficos que figuravam numa versão anterior, dos quais o autor prescinde numa versão mais recente.
- < > circunscreve palavras, expressões ou sinais ortográficos que o autor introduz numa versão mais recente e que não figuravam em versões anteriores.

III.

ANTÓNIO SÉRGIO
ANTÍGONA(S)

Quatro variações sobre um mito

ANTÓNIO SÉRGIO

ANTÍGONA

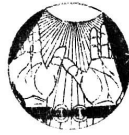
Drama em três atos

1930

ANTÓNIO SÉRGIO

ANTÍGONA

DRAMA EM TRÊS ACTOS



Edição
da

REPÚBLICA

PORTO
1930

Fig. 4: Capa da edição de *Antígona*, publicada no Porto, em 1930.

Soll man aber, bei dieser Erkenntniss, den später Kommenden das Recht versagen, die älteren Werken nach ihrer Seele zu beseelen? Nein, denn nür dadurch, dass wir ihnen unsere Seele geben, vermögen sie forzu- leben; erst unser Blut bringt sie dazu, zu uns zu reden.¹

NIETZSCHE, *Menschliches, Allzumenschliches*,
2.1, 126.



Fig. 5: Rascunho dos figurinos, da autoria de A. Sérgio
 (BAS: AS.07-Cx11-P24/002)²

PERSONAGENS

CREONTE, déspota de Tebas.

HÉMÓN, seu filho.

ANTÍGONA, irmã de Etéocles e de Polínicos, mortos em combate antes de começar o drama.

ISMÉNIA, irmã de Antígona.

CREÚSA, velha aia de Isménia e de Antígona.

TIRÉSIAS, adivinho.

CRITÓBULO, EUTÍFRON, ORTÁGORAS, HEGÉSIAS, ALCÍMACO: oficiais

CORÍDON, TÍTIRO: pastores.

OFICIAIS, SOLDADOS, UMA SENTINELA, MENSAGEIROS, O GUIA DE TIRÉSIAS, POPULARES, DOIS ESPIÕES, UM CIDADÃO, FLAUTISTAS.

A cena passa-se em Tebas.

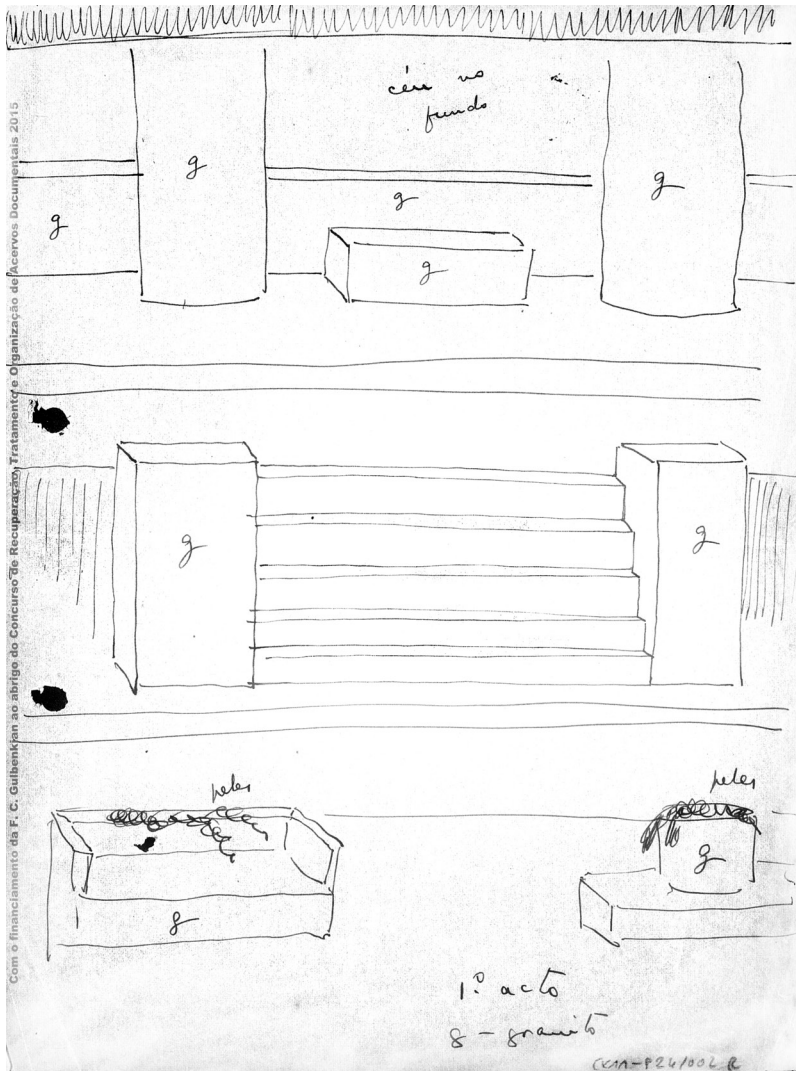


Fig. 6: Desenho do cenário do Ato I, da autoria de A. Sérgio
(BAS: AS.07-Cx11-P24/002)³

[11] ATO I

(Uma escadaria perto do palácio de Creonte. No patamar superior, um muro baixo e as bases de duas colunas de granito. Ao subir o pano, é noite avançada, próximo do nascer do sol. Escuro o palco. Entram Isménia e Creúsa).

CENA I

ISMÉNIA, CREÚSA

ISMÉNIA – É aqui? É aqui que ela há de vir? *(Olhando em redor)* 5
Parece que não chegou ainda... Que se irá passar, justos deuses?
Vê como o peito se me agita louco! Depois desta horrível revo-
lução, em que meus dois irmãos caíram mortos – querido Etéocles!
querido Polinices! – tudo me parece de mau presságio; não sei: tudo
me inquieta, tudo me assusta... Sou como uma folha que a um nada 10
treme. Ah, Creúsa: pudesse eu fugir não sei para onde – para muito
longe, muito longe de aqui, – e lá, enfim, ser-me dado esquecer,
adormecer, [12] fugir-me, – até de todo repousar na morte! Como é
bom dormir, Creúsa, como é bom!... E tudo tão calmo em torno de
nós! Não sopra uma aragem; e o silêncio é tão grande, tão grande, 15
que o voo de um pássaro, agora, pareceria um estrondo. Vê: vê
como o céu é belo e santo; vê como as estrelas brilham tão puras, tão
altas e superiores à miséria humana!... E pensar que ainda há dois
dias, Creúsa, tudo era tumulto nesta praça!... Foi horrível a revo-
lução, pois não foi, Creúsa? Sinto ainda nos meus ouvidos o fragor 20
medonho desse combate... Os revoltosos vieram de além, coman-
dados por Polinices... Davam clamores pela liberdade. Os soldados
do déspota estavam de cá, taciturnos, arrojando obedientemente os

dardos duros... Etéocles caiu primeiro; e pouco depois, do lado de lá, caiu Polinices... A revolta foi sufocada... Deuses, que momentos esses! Pareceu-me que enlouquecia! E agora, vê: que silêncio!... E quem será essa mulher, Creúsa? Porque quererá ela que eu venha aqui, antes ainda de o sol nascer, para que falemos as duas sem que nos vejam? Não entreluzes? Não adivinhas? Não surpreendeste, no que te contou a mensageira dela, nem uma palavra que te leve a supor... sim, um olhar, um gesto, um indício? Nada? 25 30

[13] CREÚSA – Não, senhora, nenhum indício. Nada. Demais, falámos pouco. Só me disse as palavras que lhe repeti: «Previne Isménia, tua ama, de que há uma mulher que chegou a Tebas – da parte de quem venho – que precisa de lhe falar, o mais breve possível. Amanhã, perto do palácio de Creonte, antes de o sol nascer, para que ninguém as veja; que escolha o sítio que lhe parecer mais seguro; tu mo indicarás. É cousa grave, da maior importância. Não falte. Adeus...». Foi tudo o que me disse a mensageira. Nada mais. Não sei quem a mandou... Arturo aproximou-se do cipreste da porta. Pouco deverá faltar, já agora, para que ela nos apareça aí. 35 40

ISMÉNIA – Será...

CREÚSA – Quem, senhora?

ISMÉNIA – Nada... eu não digo nada. Continua. 45

CREÚSA – Já disse tudo, minha senhora.

ISMÉNIA (*Absorta*) – Continua... Deuses! Que irá passar-se?... Olha: sinto os bicos ávidos dos corvos, Creúsa, atassalharem-me a alma constantemente, como ao corpo insepulto de Polinices. Porque se revoltou ele contra o déspota, se não tinha forças para triunfar? Ah, parece-me que a revolução desapareceu das ruas para vir agitar-se no meu pobre espírito. O meu pensamento é um voo inquieto, um esvoaçar cansado de asas [14] negras, de centenas e centenas de asas pretas... Mas que vejo? Deuses! (*leva as mãos ao peito, como sufocada*) Além, um vulto branco!... Além! Não o viste passar entre as colunas? Vai ver. Anda, vai ver. Ah, sinto-me sufocada. Este coração... 50 55

CREÚSA – Não, senhora, não vi.

ISMÉNIA – Pois vi eu. Vai, vai saber quem é. Se for ela, diz-lhe que Isménia a espera aqui. 60

(Creúsa sai pela esquerda. Pouco depois entra Antígona, que se aproxima lentamente de Isménia, embuçada no manto).

CENA II

ISMÉNIA, ANTÍGONA

ISMÉNIA – Quem és? Que queres de mim? Diz: quem és? Que queres? Fala, mulher, pelo Estige! Habitas Tebas? Conheces Isménia? Conheço-te eu? Que vens fazer? *(Antígona aproxima-se mais, e desembuça-se)* Ah! Antígona! Minha irmã! *(Abraça-a, soluçando)* Vejo-te ainda!... Como estás aqui? Quando vieste? Que tens feito tu? E eu, que tanto precisava de ti, neste pesadelo contínuo que me persegue!

ANTÍGONA – Então, minha Isménia... 70

[15] ISMÉNIA – Ah, quantas desgraças, Antígona, têm caído sobre nós! E quantas estarão ainda para nos suceder! Olha: só tenho na cabeça imagens de morte, que se sucedem na memória e se cruzam rápidas como relâmpagos, sem me deixarem dormir nem descansar... Parece-me ver a cada instante o nosso pai, fugido de todos como um maldito... Vejo as chagas horríveis dos seus olhos... Vejo o corpo da nossa mãe, enforcado... Vejo depois os nossos irmãos, mortos os dois no mesmo dia, um no partido do despotismo, o outro revoltado contra ele... E vejo os soldados do tirano – aqui, aqui onde estamos agora, minha querida Antígona, – a matarem os revoltosos já vencidos... já desarmados e vencidos...⁴ E todas estas imagens se me cruzam no espírito, ao mesmo tempo; e é uma angústia, uma angústia, minha Antígona, como se me estivessem afogando: afogando o espírito, afogando a alma... A angústia, – oh! ninguém pode saber o que isso é! Os meus pensamentos são labaredas... labaredas que se sucedem furiosamente – loucas, descomunais, – agitadas por ventos descontraídos na fornalha tonta da imaginação. E sobre tudo lançam sombras, sombras, grandes sombras... Oh, não saias mais de ao pé de mim, meu amor... Sim, Antígona? Nunca mais! Leva-me contigo para onde quer [16] que vás... para onde quer que vás... Mas que fazes aqui, desgraçada? Que te digo eu? Não sabes que o déspota te tem ódio? Fugamos, Antígona; sim, fugamos... 80 85 90

ANTÍGONA – Calma-te um pouco, minha filha. O tempo urge, 95
e tenho que conversar contigo. Sabes que o déspota, Creonte,
deu as honras da sepultura ao nosso irmão que combateu por
ele – a Etéocles –, mas que as recusou a Polinices, que era um
dos chefes dos revoltosos. O cadáver de Polinices, como sabes, 100
foi deixado insepulto numa colina, de pasto aos corvos. É proi-
bido inumá-lo, chorar por ele. Tais foram as ordens de Creonte,
para serem obedecidas pelo povo de Tebas; para serem obede-
cidas também por ti, minha boa Isménia, para serem obedecidas
também por mim. Quem infringir o seu decreto será lapidado na
praça pública. Assim o déspota o fez proclamar. Mal o soube, 105
entrei em Tebas, sem ser conhecida. Quis falar-te, Isménia, para
te perguntar que tencionas fazer.

ISMÉNIA – Eu? Que tenciono fazer?... Não percebo. Mas que pode
fazer uma mulher como eu?

ANTÍGONA – Pergunto-te se me queres ajudar. 110

ISMÉNIA – Ajudar-te? Como? Ajudar-te em quê?

[17] ANTÍGONA – A levantar o cadáver de Polinices.

ISMÉNIA – A levantar?... Que dizes? Sepultá-lo contra as ordens
de Creonte?

ANTÍGONA – O decreto de um déspota não governa as almas. Ele 115
sufocou a revolução; mas quero crer que não matou as consciên-
cias de todos nós... Sou livre, minha filha; decidi sê-lo. Diz:
queres ajudar-me?

ISMÉNIA (*Agarrando-se a Antígona*) – Antígona, Antígona, ouve, 120
minha Antígona: não aumentes os males do nosso destino; não
tentemos os deuses constantemente com façanhas incompreen-
síveis. São loucuras, Antígona, são loucuras! Não; ouve o que
te vou dizer, minha querida Antígona! Lembra-te bem de todos
os nossos, – do destino horrível de todos os nossos... Basta,
Antígona, basta! Por piedade, basta, minha querida Antígona, 125
basta! Olha: deixa-me falar-te ao teu coração; aqui, muito
chegada ao teu coração... Nós somos mulheres, não vês tu?
Somos mulheres; não nos compete guerrear com os homens...

107 perguntar [o] que *Al*

116-117 mas não matou, quero crer, as consciências de todos... *A*:
mas quero crer que não matou as consciências de todos nós... *Al*

123 lembra-te <bem> de *Al*

Nascemos para o sacrifício; nascemos para sofrer e para chorar...
Não se pode, Antígona, combater com os que têm o mando; não se pode, minha querida: é impossível. Para que serve lutarmos constantemente com o que é superior às nossas forças? Desiste, [18] meu amor... Ouve: vais fazer o que peço, pois não vais? Vais, sim, – pois não vais, minha querida Antígona? Sim, vais! Diz que vais! Olha: como quando éramos pequeninas, quando brincávamos... Lembras-te? Anuías sempre ao que eu te pedia... Tu és tão boa, tão nobre... e já realizaste, Antígona, tão belas coisas na tua vida! Toda a Grécia te admira e te dá louvores... Que mais queres tu, meu amor?... Então? Não respondes?... Vais fazer o que te peço, sim, minha Antígona? Vais, pois não vais? Sim, sim: diz que vais! (*Agarra-se a Antígona, suplicante, e encosta a cabeça ao peito dela*) Antígona, minha Antígona, diz que sim, minha Antígona...

ANTÍGONA – Então... Espera... Ouve... Não me percebes. Vá, pequenina: não vejas pior do que as coisas são. Escuta: não quis tentar cousa alguma sem primeiro te falar; sem saber, antes, se quererias acompanhar-me. Pareceu-me ser isso o meu dever... o meu dever para contigo... Mas não te peço que me acompanhes, percebes tu? Uma pessoa basta para o que é preciso; parece-me até melhor que vá só eu. Por mim, já decidi: darei sepultura a Polínicos. Isto é: farei por dar-lha...

ISMÉNIA – Mas...

ANTÍGONA – Ouve... Bem vês, tinha que ser... Vamos, coragem! Cumprido esse dever, [19] receberei a morte com resignação. Oxalá repouse para sempre – se mo consentirem! – ao lado de um irmão que me foi tão querido!

ISMÉNIA – Mas, Antígona...

ANTÍGONA – Não me interrompas... Percebe isto: eu desejo agradar aos mortos, Isménia, mais do que aos vivos: porque o tempo que estarei com eles será eterno...

ISMÉNIA – Como? Queres lutar contra a cidade inteira? Contra os soldados todos de Creonte?

ANTÍGONA – Não, minha filha... Pobre de mim! Não posso lutar contra ninguém. Quero guardar o cadáver de meu irmão em alguma cousa que pareça um túmulo.

147 me quererias acompanhar A: quererias acompanhar-me AI

ISMÉNIA (*Agarrando-se a Antígona*) – Mas tu não pensaste!
É uma loucura! Antígona, Antígona, que vai ser de ti?

ANTÍGONA – Não penses em mim.

ISMÉNIA – Mas vais tentar o impossível!

ANTÍGONA – Irei até o limite das minhas forças. 170

ISMÉNIA – Como? Pois insistes? Que mais desgraças e misérias
queres fazer cair sobre todos nós? Mas é impossível!... É uma
loucura!... Tu não sabes o que estás dizendo!... Sê razoável,
Antígona, ouve! Por piedade, ouve bem! Escuta! Vê agora se
me percebes; ouve! Olha [20] para mim... Mas olha para mim, 175
minha filha, olha, – e presta atenção! Ouve! Pensa, Antígona,
sai do teu sonho! Que vai ser de ti? Que vai ser de mim? Que
vai ser do Hémon? Pensaste em tudo isto? Pois não pensaste
em nada disto? Não te parece, então, que valha a pena pensar
nisto?... Mas que tens tu, Antígona, que não podes ver?... 180
E depois, para quê? Oh, Antígona, Antígona: pois nunca verei
fim aos meus pesadelos, a esta angústia que me não larga, que
me aperta a alma com garras de ferro, sempre alimentada de
maiores horrores?⁵ Oh, Antígona, por piedade! Não, minha
Antígona, não pode ser! (*Abraça-se, soluçando, a Antígona,* 185
que faz sinal a Creúsa para que se aproxime, e lhe entrega
Isménia) Ai de mim, minha Antígona, eu endoideço! Não posso
mais! Antes a morte! Não posso mais!

ANTÍGONA (*Para Creúsa*) – Ampara-a. Leva-a para o palácio. Já
sinto um livor no horizonte... Em breve nascerá o sol. Anda... 190
Sê muito boa, muito terna... Envolve-a, Creúsa, de toda a
ternura do teu coração. Adeus, minha Isménia... (*Beija-a*).

ISMÉNIA (*Aniquilada, fora de si*) – Como? Já? Vais-te já? E
deixas-me, Antígona? Sem que me digas quando te tornarei a ver?

ANTÍGONA – Não sei... Mas tem esperança... [21] Vamos! Adeus! 195
(*Creúsa sai pela esquerda, levando Isménia quase sem sentidos.*
Antígona fica olhando-as até que desaparecem).

CENA III

ANTÍGONA só

(*Antígona sobe a escadaria até ao patamar superior, e olha*

para o fundo, que começa a clarear. Diz o que se segue, de maneira simples e recolhida, em voz baixa, sem tom algum declamatório). 200

ANTÍGONA – A alvorada!... Que pura que vem!... Canta a luz do sol na frescura plácida desta manhã; cantam com ela o ribeiro e o campo, a montanha e o céu... Alvorada, claridade, luz! De ti, luz, tenho sede agora: de luz absoluta, de luz perfeita! Faz-nos ver, luz do sol, não fantasmas, mas ideias; varre as ilusões que nos prendem a alma, torna-nos claros e livres em ti! Quem te recebe – ó luz da alvorada! – compreende os homens e perdoa tudo; quem te recebe – ó luz do espírito! – dissipa as quimeras e o medo à morte na pura embriaguez do teu fulgor! Seja eu como tu – clara e livre! [22] Amo-te, ó luz, e preciso de ti! Dá-me coragem, dá-me coragem, para que não vençam as imagens doidas que nos enchem de angústias e de pavor! Dá-me coragem, levanta-te em mim! Quando tu iluminas a nossa alma, – que existe no mundo que não sejas tu? Que é um exército? Quem é Creonte? Quando tu resplendes no meio-dia pleno – ó luz do Espírito – tudo nos parece natural e fácil: não há dúvidas, não há impossíveis, não há receios, não há terrores: só existe a luz! Dá-me coragem, levanta-te em mim! Arranque-me a alvorada que nos céus esplende a todas as quimeras que me fazem medo! Liberte-me a luz da inteligência clara de todos os fantasmas da imaginação! (*Sai pela direita*).⁶ 210 215 220

CENA IV

PRIMEIRO ESPIÃO, SEGUNDO ESPIÃO

PRIMEIRO ESPIÃO (*Sai de trás de uma das colunas de cima, e faz sinal para a esquerda; entra o Segundo Espião*) – Então? Percebeste alguma coisa? Segue-a tu. Eu, sem demora, vou dizer tudo a Creonte. Não ouvi nada do que elas disseram, nem sei quem sejam. Mas não é preciso: aquilo que vimos, com mais umas coisas [23] da minha invenção, já nos dá direito a uma boa paga. Teremos dinheiro para esta noite. Iremos... aonde sabes. O nosso Creonte será generoso. Para espiões, estás a ver, nunca falta dinheiro... Vá, segue-a. Encontrar-nos-emos logo à tardinha, na porta do sul... Adeus. Sê feliz... Adeus. 225 230

(*O Primeiro Espião sai pela esquerda; o Segundo, pela direita. A orquestra faz ouvir, muito ao longe, o tema da flauta do guia de Tirésias, e desenvolve este tema num crescendo, à medida que a cena se ilumina. Por fim, fica esta completamente iluminada. Entram Eutífron e Critóbulo*). 235

CENA V

CRITÓBULO, EUTÍFRON⁷

CRITÓBULO – Foi então para aqui que Creonte nos convocou, aos oficiais da sua guarda? E qual o fim da reunião, sabe-se já?

EUTÍFRON – Não, Critóbulo, não sei bem. Acaso a confraternização pela vitória dos revoltosos...

CRITÓBULO – A vitória!... Pois seja... [24] Festejemos, então, 240
a vitória: retoicemos todos no nosso júbilo! Sim! Retoicemos,
amigo, como silenos embriagados que se atiram por um monte
abaixo, às gargalhadas e às cabriolas, quentes do vinho e do
calor do sol... Evoé! Evoé! Eles aí vão, impudicos, com a cara
enlambuzada pelo roxo da uva, com as bocas escancaradas e os 245
olhos em brasa: evoé! Eles aí vão... Até onde? Sabe-lo tu?...
Ah, Eutífron: sinto vergonha desta nossa vitória, – e de tantos
dos companheiros que tivemos nela! Ouves-me? De tantos dos
companheiros que tivemos nela, – e dos nobres corações que
vencemos na luta! A vitória, nas guerras civis, é já de si uma 250
coisa triste: mas mais triste, mais embaraçosa, mais amarga,
para aqueles que duvidam da sua própria causa – como eu, por
exemplo... e como tu, pois não é verdade, meu caro Eutífron?
Sim, como tu, se bem que o escondas... Se bem que o escondas,
e que fujas sempre de o confessar... Tu, e tantos outros cama- 255
radas nossos, que se torcem de vergonha pela vitória comum,
pela solidariedade forçada com o despotismo... Não é verdade?
(*Pausa*) Pois seja: não respondas, guarda para ti... Oh! somos
escravos do que fizemos! Atos há – como direi? – que são
como um laço que se atira a nós mesmos... Ficamos envoltos 260
e comprimidos nas malhas tecidas pelo nosso passado; [25] e as
nossas ações, desde esse momento, tão pouco exprimem a nossa
alma, meu caro Eutífron, tão pouco revelam o nosso íntimo!...
A partir de então, já não passamos de uma mentira ambulante,
e dá-nos vontade de gritar pela rua: «não, meus senhores, não, 265
não sou aquilo que pareço ser»... E tudo isto, porquê? Porque
metemos sinceros por certo caminho, crendo que nos levaria
a um promontório alto, onde a brisa marinha nos seria tónica;
e de repente, em vez disso, eis-nos afogados num lamaçal...
sim: mergulhados no lodo, Eutífron, afogados nele!... Estamos 270
a servir uma tirania asquerosa, uma farsa vilíssima. Tiranizar
o povo para o roubar, e roubá-lo para o tiranizar: eis o que é.

238-239 confraternização [,] pela *AI*

242 amigo[s] *AI*

254 escondas<,> *AI*

Creonte é um bobo... Outro dia, no palácio, foi agredido por um
 jovem da guarda; e o jovem – caso estupendo! – foi premiado:
 subiu de posto!⁸ E é esse Creonte, Eutífron, que nós aceitamos 275
 como nosso chefe, e que impomos como chefe à cidade inteira,
 ao povo de Tebas!... Diz: concebes tu abjeção maior? Tenho
 ouvido – tantíssimas vezes! – as confissões desoladas de cama-
 radas nossos: choram de vergonha, coitados, pelo que veem fazer
 em nosso nome... Sim: porque essas misérias que nos nauseiam 280
 – repara tu! – fazem-se todas em nosso nome... Nunca supu-
 seram que se chegasse a tanto! Quem manda, hoje, é o Colégio
 [26] dos Sacerdotes.⁹ Reduziram-nos a isso: a simples escravos
 dos sacerdotes... Ah! mas não buscamos quem os substitua, e
 nada se faz... É adiar, é adiar, e ir adormecendo o remorso e a 285
 dúvida à espera do acaso que nos salvará... Por que esperamos,
 Eutífron? Por que esperamos? Cada dia que deixamos passar...
 é mais uma vergonha que nos cai em cima! Baralhámos tudo,
 confundimos tudo... Temos expulso do direito cívico, – exi-
 lados, proscritos, caluniados, presos, – os mais altos e claros 290
 cidadãos de Tebas... Insultamos o cadáver de Polinices, um
 chefe impoluto, nobre entre os nobres. Chamamos para nós os
 piores hipócritas; honramos a vileza e a traição. Vemos a cidade
 desolada e pobre; vemos os tributos cada vez mais duros,
 e a miséria e a fome atormentando os campos; vemos denun- 295
 ciar, algemar, torturar, matar... Vemos isso, fazemos isso, – ou
 deixamos que o façam, sob o nosso nome, – e clamamos ao
 povo que o tornamos feliz! Pior ainda: amordaçamos as bocas,
 para que morra a verdade. Hoje, em Tebas, só se pode mentir.
 Mergulhamos os homens na abjeção mais funda, – e conti- 300
 nuamos a dizer que salvamos Tebas! Que é que se salva, quando
 se perde a verdade? Que é que se salva, quando se perde a
 alma? Só queremos vermes em torno de nós... [27] Não negues,
 Eutífron, sê sincero, fala: quantos, desiludidos, sentem hoje
 aquilo que te estou dizendo?... Mas que remédio? Fecham-se os 305
 olhos, só para não ver... Ah! agora percebo, meu caro Eutífron,
 que há algo mais útil e mais necessário do que certa mentira
 a que chamamos Ordem: é a verdade de um rosto que não
 usa máscara; é a lógica retilínea de uma consciência límpida!
 E como eu os invejo – como eu os invejo! – aos que seguem 310
 uma estrada racional e clara; como eu os invejo, hoje, a tantos
 que lutam na trincheira adversa, servindo a liberdade e a digni-
 dade de todos!¹⁰ O que há de pior quando manda um déspota,
 vês tu, é essa tristíssima necessidade de fingir sempre e de
 mentir... Não, Eutífron, não faço retórica: digo-te o que trago 315
 no coração. A liberdade... parecia-nos outrora uma palavra
 vã: mas hoje... hoje, Eutífron, vejo bem a miséria que sem

317 vã, A: vã: AI

ela somos; hoje, Eutífron, percebo bem o que a liberdade é!
Desdenham-na os sátiros, que se rebolam ébrios. Pois que
rebolem, cabriolem os sátiros: até onde irão? Não ouves uma 320
voz a dizer-te baixo, uma voz saída do melhor de ti – a dizer-te
assim: respeita a dignidade da consciência humana; não faças
empenho em escravizar ninguém! Não a ouves, Eutífron, não
a ouves? Não a tens ouvido? Diz, anda... Ah! porque é que
nós – os [28] que temos vergonha – não havemos de varrer esta 325
lama toda?... E se o fizéssemos?... Serias dos nossos, pois não
serias?

EUTÍFRON – Vamos, sossega. Tens talvez razão, meu caro
Critóbulo... Sim, já muitos o sentem... Mas... e depois? Como
sabes, a situação é difícil... Não se lhe vê saída... Que queres que 330
se faça? Que chamemos um adivinho? Que se consulte Tirésias?

CRITÓBULO – Isso agora a que vem? Tirésias, bem o sabes, é um
homem inteligente. Como Creonte é supersticioso, dá-lhe as
suas opiniões sob a forma de oráculos. Conselhos, aliás, que são
sempre bons... 335

EUTÍFRON – Ninguém o nega... Olha: tenhamos esperança, dêmos
tempo ao tempo. O caso é embaraçoso para todos nós.

CRITÓBULO – Para todos? Quem to disse? Olha: a alguns desses –
dos que vêm aí – parece que as coisas se afiguram fáceis... Olá,
camaradas! Estamos na hora? Como vai isso? Felizes e prós- 340
peros, como pareceis? (*Vão entrando aos poucos, falando entre
si, Oficiais da guarda de Creonte, que se saúdam com alacridade,
desfazendo e refazendo grupos, animadamente.*)

[29] CENA VI

CRITÓBULO, EUTÍFRON,
outros OFICIAIS da guarda de Creonte

PRIMEIRO OFICIAL – Bom dia, Critóbulo! Bom dia, Eutífron!
Dir-se-ia que o sol, esta madrugada, decidi festejar a vitória da 345
Ordem! Nunca uma cascata de luz tão bela inundou Tebas das
sete portas! Esqueçamos os perigos e os lances incertos dos dias
revoltos que passaram há pouco! Empunhemos o tirso enfei-
tado de pâmpanos, e que Diónisos presida às nossas festas!...
Ah! que lindo sol! Tudo rebrilha, exulta, ri... A vitória é nossa, 350

camaradas e amigos, as espadas mandam: portanto, é mandar e é gozar... Gozar, sob o comando do bom Creonte, pelos sábios conselhos de Apolodoro¹¹...

SEGUNDO OFICIAL (*de um grupo situado no outro extremo da cena*) – Quem fala aí em Apolodoro? Quem é esse moço que faz poesia? Poupe-nos os ouvidos com Apolodoro! Basta o que basta de Apolodoro! 355

PRIMEIRO OFICIAL – Apolodoro, sim! Viva Apolodoro! Abaixo os traidores! (*Vários Oficiais dirigem-se para os que discutem, impedindo-os de vir às mãos, e tentando acomodá-los*). 360

[30] TERCEIRO OFICIAL – Abaixo os traidores! Viva Apolodoro!

QUARTO OFICIAL – Que é isso de traidores? Quem fala aqui em traidores? Também eu não quero esse Apolodoro, e não consinto que me chamem traidor. Perceberam? Não consinto! Apolodoro é um incapaz! 365

PRIMEIRO OFICIAL – Não é tal!

QUARTO OFICIAL – É um incapaz! Repito-o! Desbaratou como um louco os dinheiros do Estado, que distribuiu à doida pelos seus amigos. Depois, fez-nos andar a pedir esmola, de Norte a Sul...¹² É um incapaz: repito! Abaixo Apolodoro! E não consintamos que se fale em traidores! 370

TERCEIRO OFICIAL – É boa! Pois falo eu! Traidores, sim, traidores! E depois? E depois? (*Continua o movimento entre os Oficiais*).

QUINTO OFICIAL – Que diz ele? Que diz ele? 375

EUTÍFRON – Então, camaradas, que é isto? Então... Calma, serenidade!... Não podemos continuar assim! Sempre em brigas, em altercações... nós, que nos dizemos necessários para manter a ordem! Então? Então?

SEXTO OFICIAL – Dizes bem, Eutífron! Não se pode continuar assim! 380

QUARTO OFICIAL – Quem é esse pimpolho [31] que dá sentenças? Deixem-mo ver! Onde está ele? Ora não há!

SEGUNDO OFICIAL – Fora! Fora!

QUARTO OFICIAL – Fora o quê? Fui eu que falei, eu! E digo o 385
que digo: Apolodoro é um incapaz!

OFICIAIS – Claro que é! Um incapaz!

OFICIAIS – Mentira, mentira!

OFICIAIS – Verdade, verdade!

EUTÍFRON – Então, senhores? Vem aí Creonte! 390

SEGUNDO OFICIAL – Quero cá saber! Quem manda aqui não
é Creonte: somos nós. Creonte fará o que nós quisermos. Que
remédio tem ele!¹³

OFICIAIS – Isso mesmo! Assim é que é!

EUTÍFRON – Então, camaradas, então? Calma, por quem são, sere- 395
nidade! Que é isso, Menéstrato? Melóbios, então? Andrónico!
Filocléon! Camaradas, amigos!... Acomodem-se, calma!
Critóbulo, ajuda-me nisto! Fala-lhes tu, Estratodemos! Mostra-
-lhes os perigos que corremos assim. Diz-lhes que assim não pode
ser. (*Critóbulo mantém-se sempre imóvel, sorrindo com ironia*). 400

VÁRIOS OFICIAIS (*Acalmando os camaradas*) – Tens razão,
Eutífron, tens toda a razão... É uma vergonha... Não pode ser...
Não fazemos senão brigar... Então, ordem! Creonte não tarda
aí... Viemos aqui para ouvir Creonte (*Os [32] Oficiais vão-se
acomodando e falando baixo uns aos outros*). 405

SEXTO OFICIAL (*À direita, dirigindo-se baixo a Critóbulo, que
lhe fica ao pé*) – Quando acabaremos com tudo isto, meu caro
Critóbulo? Quando, enfim, salvaremos a honra de todos nós?

CRITÓBULO (*Baixo*) – Isso te pergunto eu.

(*Soa uma marcha tocada por flautistas. Os Oficiais que discu- 410
tiam, e a quem os outros falam baixo e amavelmente, acomodam-se.
Aparece à esquerda, no patamar superior da escadaria, um gru-
po de quatro a seis raparigas de catorze a dezasseis anos, tocando
em flautas uma marcha. Atrás delas, dois Soldados de capacete e
lança, e depois Creonte; atrás deste, quatro Soldados. As flautistas 415
dispõem-se à direita, no patamar superior, e param de tocar. No
mesmo plano, Creonte entre os Soldados*).

391 Quero cá saber? A: Quero cá saber! A1

CENA VII

Os mesmos e CREONTE, as FLAUTISTAS, os SOLDADOS

CREONTE – Companheiros! Caros amigos e companheiros!
Eu, Creonte, antes de ouvir o vosso conselho, saúdo-vos pela
vitória que [33] alcançámos todos sobre os democratas e os anar- 420
quistas, comandados por Polinices. Enfim, os deuses, depois
das desordens que nos afligiram, dão-nos a calma e a segurança,
dão-nos a ordem e a prosperidade! Foi o vosso patriotismo que
salvou a pátria!... Vós a salvastes, valentes guerreiros! Vós
mereceis as recompensas dela! Como é justo, o tesouro do 425
Estado e os cargos públicos acham-se à disposição dos vence-
dores, – ao vosso alcance e ao vosso dispor, amigos caríssimos
e companheiros! Os facínoras anarquistas que vencestes há
pouco, – pagos pelo oiro do estrangeiro anárquico, que lhes
fora enviado do país dos Citas, – só queriam a desordem e 430
a pilhagem geral. Se vencesse a gente da revolução, hoje na
cidade só haveria ruínas. Ruínas, e alguma coisa pior que as
ruínas: a impiedade! Sim, a impiedade, camaradas, a descrença
nos deuses! Porque os nossos inimigos não veneram os deuses,
e sem o culto fervoroso dos deuses – como vós sabeis – não há 435
ordem, não há gozo, não há riqueza, não há dinheiro! Sim, sem
a religião não há dinheiro! E sem uma espada que imponha a
ordem, não há dinheiro nem religião! Sejamos realistas, meus
caros amigos! Defendamos a ordem e a disciplina! E para isso,
continuemos unidos como até aqui: como temos estado, como 440
[34] estamos agora, como estaremos sempre! No perfeito acordo
que nos une a todos! Cautela, camaradas, que os desordeiros
continuam tramando, e o oiro dos Citas é que os faz mexer!¹⁴
(*Olha em redor*).

PRIMEIRO OFICIAL – Miseráveis! Canalhas! Não creem nos 445
deuses, os malditos! Hão de chorar e morder o pó!

SEGUNDO OFICIAL (*Situado à esquerda, dirigindo-se baixo ao
Quarto oficial, que lhe fica ao pé*) – Que foi? Que disse ele?

QUARTO OFICIAL (*Baixo*) – A balela dos Citas... Que coisa 450
imbecil! Em que miséria estamos nós metidos! Quando
acabaremos com tudo isto!

CREONTE (*Olha para todos, como quem espera que mais alguém*

fale; depois, para o Primeiro Oficial) – Dizes bem, meu amigo: hão de chorar e morder o pó. Mas para isso, camaradas, é necessário que estejais atentos, que vigieis tudo que se diz e faz. 455
 Às vossas ordens, para espionarem, ponde os velhos e as crianças, os mendigos e as prostitutas. Eu seria o primeiro a denunciar aos chefes a menor traição que ameaçasse o Estado. Todos os presos serão torturados. Como sabeis, um peito apertado desaperta uma língua. A salvação da pátria depende da nossa: sim, 460
 da salvação das nossas pessoas, da salvação dos nossos haveres, única [35] garantia da ordem pública, única garantia da salvação de Tebas! Livrastes o povo do mal da anarquia: tem dever o povo de vos recompensar, de vos pagar o serviço que lhe prestastes, dando-lhe a ordem. Companheiros, o tesouro do Estado 465
 está nas vossas mãos! Nós o guardaremos com as espadas fiéis! Se prosperarmos com a nossa pátria; se a querida pátria prosperar connosco, – teremos amigos para nos apoiar... Com estes princípios de prudente política, – sejamos realistas, meus caros amigos! – com o programa de governo que sempre foi 470
 nosso, com a união perfeita¹⁵ que nos irmana a todos, faremos a cidade gloriosa e próspera, graças à força das vossas espadas e ao firme apoio que nos promete Lisandro, o ilustre tirano da vizinha Orcoménia!¹⁶... Estes princípios, amigos, me inspiraram o decreto sobre os dois irmãos, Etéocles e Polinices. Etéocles, que combateu 475
 patrioticamente nas nossas fileiras, defendendo a Ordem e a religião, repousará para sempre num magnífico túmulo e receberá de nós as homenagens dos bravos; mas Polinices, o revoltoso, que nos queria entregar aos horrores da anarquia, fartar-se no sangue dos cidadãos, tirar-nos a todos o dinheiro ou a vida, – a esse negaremos qualquer 480
 sepultura, a menor honra, a menor lágrima, abandonando o seu cadáver aos corvos e [36] aos cães! Não, Polinices não terá sepultura! É justo, pois não é, meus caros amigos e companheiros? Cumpre distinguir entre os bons e os maus: e nunca os maus obterão em Tebas, enquanto eu viver, as honras que se devem aos virtuosos! 485
 Não, amigos: nunca se deve perdoar aos maus! Não vos parece que digo bem, meus caros amigos e camaradas? Não vos parece que procedi bem? Vós me direis o que se deverá fazer...

PRIMEIRO OFICIAL – Parece-me justíssimo o teu decreto, tanto pelo que toca ao inimigo da pátria, como a Etéocles, o bom patriota. Dizes bem: Polinices não terá sepultura; ninguém honrará o cadáver dele. Assim se fará. Em nosso nome, mandarás nos vivos e mandarás nos mortos.¹⁷ A força manda. A força é santa. A força é lei. 490

470 do governo A: de governo AI

CREONTE (*Circunvagando os olhos pela assembleia*) – Ninguém 495
mais quer falar?

SEXTO OFICIAL (*Baixo para Critóbulo*) – Mas isto é uma
vergonha, me caro Critóbulo! É uma farsa hedionda, uma imensa
desonra para todos nós! Não pode ser...

CRITÓBULO – Que queres... 500

CREONTE – Ninguém? (*para o Primeiro Oficial*) Disseste bem,
meu amigo, muitíssimo bem! Faz de pedra o teu coração, e
afia nele a [37] tua espada! E agora, mãos à obra! Velai todos,
amigos, pela execução das minhas ordens¹⁸, – isto é, das vossas
ordens... 505

ALGUNS OFICIAIS – As nossas ordens serão cumpridas!

CREONTE – Mandei que se pusessem sentinelas seguras a guardar
o cadáver de Polinices. Instruí bem essas sentinelas.

PRIMEIRO OFICIAL – Que mais ainda?

CREONTE – Que não admitais, dada uma ordem, a mais pequena 510
desobediência a ela. Quando não...

PRIMEIRO OFICIAL – Ninguém é tão tolo que queira a morte.

CREONTE – Com efeito, essa seria a sua paga. Mas os desordeiros
não descansam. São uma ínfima minoria, mas não descansam.
E, portanto, vigiai bem! Assim o exige a salvação da pátria, 515
das nossas pessoas e dos nossos haveres. Vigiai tudo! Rigorosa
censura na cidade inteira! Que ninguém fale a não sermos nós!
Masmorras prontas para receber a canalha, instrumentos de
tortura bem preparados, e em cada canto um bom espião!

A SENTINELA (*Fora*) – Senhor, senhor! 520

[38] CENA VIII

Os mesmos e uma SENTINELA

(*Movimento geral de curiosidade. Entra a Sentinela, bisonha
e esbaforida, circunvagando os olhos; vai até o meio do primeiro
plano. Os Oficiais afastam-se para os dois lados, olhando para a
Sentinela, para Creonte, e uns para os outros. Um silêncio.*)

SENTINELA – Se... Ai de mim, ai de mim! 525

CREONTE – Que é isso? Que sucedeu?

SENTINELA – Senhor...eu... Caiu-me a sorte, senhor, caiu-me a sorte, só por isso é que venho aqui. Não tenho culpa, senhor, nenhuma culpa! Ouvi-me com paciência, meus senhores. Não foi a pressa que me tirou o fôlego, e não foi por vontade que tanto corri. Não, isso não foi. O medo, ou lá o que seja, fez-me muitas vezes parar no caminho, e deu-me vontade de voltar para trás. Dizia para mim mesmo: «não vás, não vás, olha o que fazes! Mas, por outra banda, se me demoro, outro qualquer prevenirá Creonte e então»... Ai, meu senhor, que havia eu de fazer?... Mas não tenho culpa, não tenho culpa! 530 535

CREONTE – Vamos, avia-te! Que sucedeu?

[39] SENTINELA – Pensando assim, meu senhor, ia-me demorando pelo caminho... Ele é pequeno, mas pareceu-me grande... Ah, senhor! Não são boas novas, mas que se lhe há de fazer? Ninguém escapa ao seu destino, e logo a sorte me caiu a mim! 540

CREONTE – Explica-te, homem! Que sucedeu? Estás louco? Quem te pôs a cabeça nesse estado?

SENTINELA – Não foi minha a culpa, meu senhor, não foi! Juro que não foi! Não mereço castigo! Não foi minha! 545

CREONTE (*Desce ao primeiro plano e arremessa-se à Sentinela, agarrando-a e sacudindo-a*) – Já! Diz já! Estás a fazer de louco, queres enganar-me, ou que é lá isso? Explicas-te, ou não te explicas? Basta de prólogos, percebes tu? Diz já o que foi, ou faço-te em postas! 550

SENTINELA (*Debatendo-se e em gritaria*) – Eu digo, eu digo! Largue-me, senhor, eu digo! O morto, senhor, a quem nós estávamos de sentinela... (*Silêncio; expectativa; em voz baixa*) Sim, prestaram-lhe as honras! (*Movimento entre os Oficiais, que se encaram sussurrando*). 555

OFICIAIS (*Baixo*) – O quê?... Sepultaram Polinices?... Como assim?

SEXTO OFICIAL (*Baixo para Critóbulo*) – E esta?

[40] CREONTE – Como? Quem ousou?

SENTINELA – Ah, senhores! Pobre de mim! Eu sei lá! Quem 560
foi? Como foi? Não sabemos. Deitaram terra sobre o cadáver.
Fizeram cerimónias junto do corpo. Mas não tive culpa, não
tive culpa! Não estava de guarda, não foi no meu tempo. Não
sei quando foi, mas não foi no meu! (*Os Oficiais murmuram*).

CREONTE – Quem foi, grandíssimo idiota? Quem foi? Diz já aí, 565
ou leva-te a morte! Quem foi, imbecil? Diz! Quem foi?

SENTINELA – Ai de mim, meu senhor, não sei! Ninguém viu!
Falo a verdade, juro que falo! Não se viam sinais. Nem de
enxada, nem de picareta, nem pegada de gente, nem carril de 570
carro. Nada, nada... Bem procurámos, mas não vimos nada.
De manhã, ao sol nado, havia assim uma camada de terra, leve,
a cobrir o morto. Posta a eito... assim... assim... Vê, meu
senhor? Assim... Acusámo-nos uns aos outros, os que éramos
da guarda, e quase brigámos por causa do crime. «Foi no teu
tempo, foi no teu tempo!» dizia um. «Não, no meu não foi, 575
foi no teu!» respondia outro. Cada um de nós dava a culpa aos
outros... Por fim, decidiu-se que um de nós vos viria dizer, e
que se tirasse à sorte. Caiu-me a mim. A sorte caiu-me a mim.
É só por isso que estou aqui. Só por isso: porque [41] me caiu
a mim. Mas não tenho culpa. No meu tempo não foi. Só se foi 580
um deus!

CREONTE – Cala-te, maldito! Um deus, dizes tu? Deuses, então,
a protegerem incendiários? Os que não creem neles? Os
que não têm que perder? A desordeiros – percebes tu? – não 585
perdoam homens, nem deuses, nem ninguém! A coisa é outra!
E donde ela vem – percebo eu! Não desarmam, os democratas,
e é o oiro dos Citas que os faz mexer! (*Para os Oficiais*) Vejam,
camaradas, aonde ele pode chegar! O oiro dos Citas desmora-
liza tudo!... Mas nós lho diremos! Ainda que precisemos de 590
despovoar Tebas, de nos ensopar em sangue, de pôr tudo em
brasa, – hão de vir a saber quem é que somos! Vamos: todos
à faina! Até que se descubram os autores do crime! Alerta os
censores: ninguém fale em Tebas a não sermos nós! Quiseram
dar túmulo a Polinices? Pois fiquem sabendo: foram fazer o 595
seu próprio túmulo! Não acham, senhores? Juremo-lo por
Zeus, que nos está ouvindo! (*Para a Sentinela*) E tu, imbecil,
fica sabendo: se me não descobrem o autor do crime, – todos
comigo se terão de haver! Entendes-me bem?

SENTINELA – Senhor, haja dó de mim! Não tenho culpa, não fiz 600
mal nenhum!

CREONTE – Bem te percebo! Com pouco [42] dinheiro – quaisquer dois óbulos – se pode comprar uma sentinela... E ele entra aos milhões! Vá! Corre! Sume-te, maldito! Previne-os lá: ou dizem tudo, ou todos comigo se terão de haver! (*A Sentinela sai, medrosa e hesitante; Creonte sobe alguns degraus e volta-se para os Oficiais*) E esta, amigos? Não os querem ver? Não desarmam, os senhores da desordem! Querem dança... Pois teremos dança! Mordem-se de inveja, os almas de morte, pela prosperidade que damos à pátria!... (*Olhando para fora*) Mas que é aquilo? Que vem acolá? (*Sobe ao patamar superior*) Que vejo eu? Que vem isso a ser? É hoje o dia dos atrevimentos? Quem ousa em bando subir aqui? Olá, esses do bando: que vem isso a ser? Isso que é?

(*Entra pela esquerda um pequeno bando de gente magra e esfarrapada; vendo Creonte, param humildes e assustados; um Velho adianta-se*).

CREONTE – Que é isso? Vocês que querem?

O VELHO – Senhor, somos uns pobres... Viemos dos campos... Morremos de fome... Os impostos esmagam o povo... Não podemos mais... Mandai acudir com uns carros de pão, meu rico senhor, às pobres aldeias esfomeadas!

CREONTE (*Depois de um momento de [43] indecisão, para as Flautistas*) – Eh lá: vamos embora; tocai as flautas! Abafem as vozes desta canalhada! (*Para os pobres*) E vós, segui no caminho! Estou farto de ouvir dessas lamúrias!

(*As flautistas dirigem-se, tocando, para a esquerda, passando por diante de Creonte e dos Soldados, os quais se retiram no patamar superior, pela ordem em que vieram. Os Oficiais dispõem-se a dispersar*).

CRITÓBULO. (*Para os Oficiais*) – E agora... Toca a comer, meus senhores! Vamos beber à nossa vitória! Bom proveito a todos! (*Põe uma mão sobre o ombro do Velho¹⁹, com ternura, e sai com os Pobres pela direita. A maioria dos Oficiais sai pela esquerda. Cai o pano*).

NOTAS

Ato I

¹ Esta epígrafe, como sublinha o articulista do jornal *Mundo Novo* (*infra*, p. 354), em resposta violenta a um artigo dos jovens integralistas de Coimbra que acusavam Sérgio de ter plagiado Cocteau (*infra*, p. 345-350), explica o sentido geral da peça. E para o evidenciar, o autor deste artigo de opinião apresenta uma tradução do texto de Nietzsche, na suposição sarcástica de que os jovens integralistas não saberiam alemão: “Dado este conhecimento, deve-se, porém, recusar aos vindouros o direito de vivificar as obras mais antigas, segundo a sua própria alma? Não, porque só pelo facto de lhe darmos a nossa alma é que elas podem continuar a viver, só o nosso sangue as leva a falar-nos” (*infra*, p. 354). De facto, atendendo às muitas referências a figuras e a acontecimentos da época, a *Antígona* de António Sérgio, como ele próprio afirma em artigo anónimo publicado na *Seara Nova*, “só podia ser escrita por um português, e [naquele] preciso momento em que [se] acha[vam]” (*infra*, p. 367).

² O rascunho de alguns dos figurinos, a caneta preta e em papel vegetal, é acompanhado por interessantes descrições de pormenor, pelo punho de António Sérgio, que nenhuma didascália ou qualquer referência textual deixam perceber. Assim, Hémon, no Ato II, usa cabeleira de um loiro muitíssimo claro, fita e caracóis; a couraça é de tecido prata fosca e o saio vermelho. No mesmo Ato, Creonte entra em cena de túnica clara com triângulos amarelos, manto azul com barra castanha e faixa prateada, e barra do mesmo azul na túnica. Tirésias tem cabeleira e barba branca aos caracóis. Creúsa, nos Atos I e III, surge com uma túnica preta com barras amarelas, que lhe envolve o rosto, e com um manto castanho. Os soldados Ortágoras e Critóbulo, no Ato III, aparecem de capacetes.

³ Da autoria de António Sérgio, o desenho do cenário do Ato I, a caneta preta e em papel vegetal, acrescenta adereços, como o trono e as peles (sobre o trono e a coluna do lado direito), e especifica os materiais a usar ou a imitar

(g: granito), além do que é referido na didascália: “Uma escadaria perto do palácio de Creonte. No patamar superior, um muro baixo e as bases de duas colunas de granito. Ao subir o pano, é noite avançada, próximo do nascer do sol. Escuro o palco. Entram Isménia e Creúsa” (Ato I, 1-4). A segunda variação sergiana sobre o mito sofocliano (*Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição, remodelada*) apresenta uma didascália idêntica à de 1930, pelo que o cenário seria idêntico a este, rascunhado na fig. 6: “Uma praça em Tebas. Ao fundo, pórtico com escadaria perto do palácio de Creonte. No patamar de cima, bases de colunas dóricas. Cenário simples, esquemático em tons diluídos. Ao subir o pano é noite avançada. Ténue claror de luar” (c.1950, Ato I, 1-4).

⁴ Provável alusão a um acontecimento político da época. Traduzindo o descontentamento de setores militares liberais e da esquerda republicana, eclodiu no Porto, a 3 de fevereiro de 1927, um movimento revolucionário comandado pelo general Sousa Dias. Previsto para rebentar simultaneamente em vários pontos do país, os combatentes do Porto só puderam contar com a adesão dos revoltosos de Lisboa, a partir do dia 7, quando estavam já sitiados e prestes a render-se. Dada a falta de sincronia na organização desta intentona revirahista, o governo ditatorial, não sem alguma dificuldade, conseguiu sufocá-la. A revindicta que então se seguiu, com caça ao homem e execuções sumárias, pode vislumbrar-se nas palavras de Isménia, quando esta enumera as muitas desgraças que haviam caído sobre a sua casa. Sobre este assunto, vide Rosas, 1994, p. 218.

⁵ Esta angústia, sublinhada ora por afirmações explícitas de Isménia (Ato I, 84-87), ora por constantes dúvidas e interrogações que a atormentam (cf. cenas I e II do Ato I), foi destacada pelo próprio António Sérgio como sendo uma originalidade, na sua já mencionada resposta aos integralistas de Coimbra, que o acusavam de ter plagiado Cocteau: “nessa própria primeira cena, porém, imitada de Sófocles, poderiam ver os jovens da *Acção* uma interessante originalidade: a descrição da angústia de Isménia, absolutamente de António Sérgio, e que já foi elogiada por um médico” (*infra*, p. 368).

⁶ Estas três cenas, que sustentaram parte das críticas dos jovens integralistas do jornal *Acção* (cf. *infra*, pp. 345-350; 357-365), repetem-se, ainda que parcialmente retocadas, em *Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição, remodelada*. É a esta segunda edição que o autor recorre para construir o núcleo central de *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Sexta*.

⁷ A fim de não quebrar a ilusão cénica, Sérgio escolheu para estes oficiais antropónimos gregos. Três deles adotou-os, muito provavelmente, de Platão, um dos seus mestres, a par de Spinoza, de Descartes e de Kant: Ortágoras (*Prot.* 318c 5), Critóbulo (*Ap.* 33e 1, 38b 7; *Euthd.* 271b 3, 306d 5; *Phd.*

59b 7) e Eutífron (*Euthphr.* 2a 5, passim). Quanto aos outros dois, Alcímaco pode encontrar-se em Heródoto (6. 101) ou em Demóstenes (47.50, 47.78) e Herégias, em Plutarco (*Alex.* 3.3; *Mor.* 497d 5, 844b 6).

⁸ Alusão a um acontecimento político da época, algo caricato e revelador da desorganização e indisciplina que grassava no seio das forças armadas. No verão de 1927, o tenente Morais Sarmiento, acompanhado dos capitães David Neto e Fernando Rodrigues, invadiu o Palácio das Necessidades, insultando e até agredindo, impunemente, os ministros reunidos em Conselho. Podemos encontrar referências críticas dos exilados de Paris a este caricato episódio protagonizado pelo tenente Sarmiento, em Oliveira Marques, 1998, pp. 376-377; e 1976, pp. 101-102, 138-139.

⁹ Mercê das várias referências ao Colégio dos Sacerdotes (pérfidos, hipócritas, venais, biltres; cf. Ato II, 21 e 63), que foi um dos grandes sustentáculos da ditadura, Sérgio é acusado pelos jovens integralistas de Coimbra de “ódio fanático à Igreja Católica” (*infra*, p. 348). Defendendo-se, o ensaísta escreve o seguinte, em artigo anónimo publicado na *Seara Nova* (1931, pp. 45-46; *infra*, pp. 369): “Na *Antígona* de António Sérgio só se fala em Colégio de Sacerdotes, e os sacerdotes não são a religião. A religião não é este ou aquele homem, este ou aquele sacerdote, com todas as suas humanas fraquezas. Pensando isso, são os redatores da *Acção* que desvirtuam e desrespeitam a ideia religiosa. A p. 63 [Ato II, 353-360], Tirésias distingue muito bem entre os deuses (religião) e os sacerdotes, e quando os sacerdotes procedem mal «os deuses não estão com eles». Não se poderia tratar melhor a religião, portanto, do que a trata o autor da *Antígona* portuguesa. Isto mesmo tem sido reconhecido pelos religiosos cultos e inteligentes que têm lido esse estudo social em forma de diálogo”. A mesma ideia expressa o autor no ensaio “Combate ao clericalismo”, escrito em Paris, a 14 de março de 1930 (BAS: AS.10 - Cx14-P07/001): “Para o êxito – e para a justiça – cumpre que o ataque ao clericalismo (ou melhor, a defesa da dignidade humana contra o catolicismo reacionário) não degenera de maneira alguma em qualquer ataque à religião. Convém, pelo contrário, que oponhamos o Evangelho de Jesus Cristo ao maquiavelismo do Vaticano, e S. Francisco de Assis a Santo Inácio. Em nome, pois, do verdadeiro cristianismo – religião de liberdade – devemos atacar o clericalismo, tese de autoridade e de opressão das almas”.

¹⁰ Ecoando o pensamento de Sérgio, Critóbulo denuncia todas as atrocidades cometidas pela ditadura e manifesta a sua simpatia pelos que, “na trincheira adversa”, lutam pela liberdade e pelo respeito pela dignidade da consciência humana, que é, no entendimento de Sérgio, o princípio fundamental da democracia. Cf. Sérgio, 1974b, pp. 169 e 172; e 1957, p. 15.

¹¹ Criptónimo de Sinel de Cordes, responsável por uma desastrosa política financeira que arrastou o país para uma grave crise económica. Fazendo jus à

segunda parte do nome Apolodoro – que em grego pode significar ‘presente para corromper’ – também o nosso ministro esbanjou dinheiro numa política de compadrios e de subsidiação, com base em critérios duvidosos. O conseqüente agravamento do déficit orçamental obrigou Sinel, não a ‘pedir de Norte a Sul’ (Ato I, 367-370), mas a recorrer a pedidos de empréstimo ao estrangeiro, primeiro às praças financeiras de Londres, depois à Sociedade das Nações. Cf. Rosas, 1994, pp. 169-170. Sobre os ecos que teve este pedido de empréstimo em Portugal, quer na imprensa quer na sociedade em geral, veja-se Oliveira Marques, 1976, pp. 181-278.

¹² Esta opinião do Quarto Oficial há de ser corroborada também, nos “Diálogos de Doutrina Democrática” (Sérgio, 1974a, p. 4), pela boca do Libertário, que expõe a sua opinião ao Estadista: “Ora, como não havia controlo de espécie alguma, começou o brigadeiro a gastar à doida. Saíam no periódico do governo — no Jornal Oficial — listas de créditos extraordinários que o vitorioso quartel-mestre mandava abrir, para distribuir os dinheiros a seu capricho. Até emprestou a particulares, a cinco e seis por cento, dinheiro que o Estado tomava a nove. Uma loucura, como tu vês”.

¹³ Referência ao denominado ‘tenentismo’. Ainda a dar os primeiros passos, a cadeia de poder da ditadura não estava ainda devidamente montada. Os militares que estavam no comando das operações e que detinham o poder executivo, por inabilidade e incompetência, não eram respeitados, acabando por obedecer, muitas vezes, a ‘soviets’ de tenentes e de oficiais inferiores, onde efetivamente assentou o poder por algum tempo. A isto alude, nesta intervenção, o Segundo Oficial. E, com isto, reproduz o que afirmara já o autor dos *Ensaio*s, na “Carta aberta aos oficiais que ainda admitem a ditadura”: “Lavra no exército de que fazeis parte a mais repulsiva das anarquias; os quartéis da tropa estão convertidos em assembleias comiciais; os ministros tratam-se em pleno conselho pelos mais abjetos dos palavrões; os oficiais amantes da Ditadura tomam a pena dos panfletários e atacam os escândalos dos seus generais; os chefes que erguestes a governantes apanham bofetadas de um subalterno, que depois passeia triunfador”. Cf. Oliveira Marques, 1976, pp. 138-139. Neste mesmo livro (pp. 142, 156 e 157), outras alusões são feitas ao ‘tenentismo’ e ao poder abusivo dos ‘soviets de tenentes’.

¹⁴ Todos os que se opunham à ditadura militar, muitos deles exilados, eram acusados pelo governo de serem financiados pelo ouro da Cítia, ou seja, da União Soviética. Sobre os Citas e a Cítia, *vide infra*, p. 97, n. 21.

¹⁵ Referência implícita ou à efémera União Nacional Republicana, criada em finais de setembro de 1927 e extinta em fevereiro de 1928 — a primeira força congregadora das correntes afetas à ditadura, que viria a apoiar a eleição de Carmona —, ou à União Nacional, que atravessará todo o Estado Novo

como partido único situacionista, formada em meados de 1930, altura em que Sérgio terá ‘rabiscado’ a sua tragédia.

¹⁶ Orcoménia, topónimo criado por Sérgio, deve associar-se, em nossa opinião, a Orcómenos, cidade grega da Beócia, vizinha de Tebas. Ora, se, na *Antígona* sergiana, Tebas corresponde a Portugal, fácil é concluir que Orcoménia alude à vizinha Espanha e Lisandro remete-nos para Primo de Rivera, o general que governou ditatorialmente a Espanha, desde 12 de novembro de 1923 até 28 de janeiro de 1930.

¹⁷ Na *Antígona* sofocliana, este pensamento é expresso pelo corifeu (vv. 213-214), um indício, se outros não houvesse, de que o grupo heterogéneo de oficiais desta peça desempenha o papel, que na tragédia grega, era atribuído ao Coro. Sobre este assunto, *vide supra*, pp. 20-21.

¹⁸ Quando se refere a leis, decretos ou ordens, Creonte apõe-lhes o possessivo na primeira pessoa, o que leva Antígona a considerá-los um ‘capricho’ de tirano. Cf. Ato II, 140.

¹⁹ No original estava “num ombro”. Corrigimos para “sobre o ombro”, seguindo a lição *Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição*, Ato I, 1062.

[45] ATO II

(Uma sala no palácio de Creonte. Ao fundo, dois leitos. Ao pé de cada um destes, uma mesa pequena com vasos, taças, pratos com figos. No leito da direita está reclinado Creonte; no da esquerda, Ortágoras. Estes acabam uma refeição, e bebem. À direita da cena uma coluna, e em cima uma taça com moedas. O som, ao longe, da flauta do guia de Tirésias, com o canto característico que se ouviu na alvorada do primeiro ato).

CENA I

CREONTE, ORTÁGORAS

CREONTE (*Fazendo a Ortágoras sinal para que se cale e escute*)
– Escuta: não é a flauta do guia de Tirésias, o adivinho? (*Pausa; ouve-se a flauta*) É, pois não é? É Tirésias. Vai para o [46] sítio 10
dos augúrios, provavelmente. Oxalá nos traga bons presságios.
E, entre eles, o de que se vão descobrir os autores do crime. (*Cala-se; o canto da flauta prolonga-se, e vai-se sumindo*) Foi-se. Bem.
Voltemos ao caso. Ao de Apolodoro. Olha, consultemos Diónisos.
(*Enche a taça, e bebe*) Que nos diz Diónisos? Diz-nos que, se os 15
oficiais com efeito não querem mais Apolodoro, que lhes façamos
a vontade. Ponhamos de lado Apolodoro. Substituamo-lo...
sabes? por um membro do Colégio dos Sacerdotes.²⁰ Temos
de nos apoiar, cada vez mais, nos membros do Colégio dos 20
Sacerdotes. São uns grandíssimos finórios, os homens do
Colégio dos Sacerdotes. E pérfidos, hipócritas, venais... Mas são
eles que nos hão de ajudar. (*Bebe*) Apolodoro, na verdade, gastou

15 taça <, > e bebe AI

como um louco. O tesouro de Tebas ficou vazio. Mas tinha que ser. Precisávamos muito de arranjar amigos, e é sempre com dinheiro que os amigos se arranjam. Depois, a espionagem sai também caríssima. Mas claro que se não dispensa... Olha, só vejo um remédio: aumentar os impostos. Ora aí está: aumentam-se os impostos, e pronto. Nada de esbarrar com ninharias. O povo que pague. Para que serve ele? Para pagar e para calar... ou mete-se-lhe uma espada pela goela abaixo. (*Gesto de hesitação de Ortágoras*) Que é? Que dificuldades há?

[47] ORTÁGORAS – Eu não percebo nada disso: só sirvo para dar pancada... mas o povo... sim, dizem que já paga excessivamente. Os lavradores – oiço eu dizer... – arruinam-se com os tributos que lhes lançámos. Dos mercadores, muitos faliram ou vão falir. Outros vendem as herdades, porque se não aguentam com os novos impostos, e tratam de emigrar para o estrangeiro...

CREONTE – Qual! Tenham paciência! São providências de salvação pública – isto é, de salvação das nossas pessoas... Percebes tu? Nós gastámos; Apolodoro esbanjou; o povo que pague. Diremos depois que quem esbanjou – entendes? – foram os que governaram antes de nós; que os impostos de agora – os nossos – são para pagar o que eles gastaram: eles, e não nós. E não se permite que nos contradigam. Para que serve a censura?... Impusemos a ordem; e a nós, que impusemos a ordem, é natural que nos paguem bem. Ordem para o povo, dinheiro para nós. Logo, – carregar nos impostos. Quanto ao burguês, mete-se-lhe medo com a história dos Citas, e ele vai pagando. (*Ri e bebe*) Olha: haja bom vinho, e não te apoquentes. Adeus. Cumpre o que eu disse!

ORTÁGORAS – Será assim... Eu só sirvo para dar pancada; do mais não percebo. Vou-me [48] andando. Cumprirei. Irei ao Colégio dos Sacerdotes. (*Falsa saída*).

CREONTE – Espera... Ouve. Faz espalhar pela cidade – mas com jeitinho, entendes? – mais umas mentiras sobre os exilados. Por exemplo: que temos provas nas nossas mãos – mas provas decisivas, incontestáveis – de que eles receberam das mãos dos Citas... Que te parece?... Três milhões? Quatro milhões?... Quatro milhões, hein?... Quatro milhões, não achas? Isso: que receberam dos Citas quatro milhões. Provas ali, incontestáveis! (*Esfregando as mãos*) Ah, ah! Vai ser de efeito, hein? (*Baixo*) Claro, forja tu

43 eles <, > e não nós AI

50 que eu [te] disse AI

as provas.²¹ Entende-te para tudo com o poeta cómico, ou com os biltres do Colégio dos Sacerdotes, que para essas coisas não têm rival... E olha: mentir à vontade; não tenhas medo, que se aperta a censura. Ninguém pode negar. Adeus. E mal se descubram os criminosos, que mos venham logo trazer aqui. (*Sinal de despedida a Ortágoras, que sai para dentro*) Entre quem espera. 65

CENA II

CREONTE, dois SOLDADOS, um CIDADÃO

(*O Cidadão, que vem da tortura, traz a cabeça envolta em um pano ensanguentado, e [49] ensanguentadas as vestes; apoia-se com dificuldade nos dois Soldados*). 70

CREONTE (*Para os Soldados*) – Olá! Então? Torturaram-no? Confessou? Que cúmplices tem?

SOLDADOS – Torturámo-lo, senhor. Três vezes desmaiou; três vezes esperámos que tornasse a si, para continuarmos a torturá-lo. Mas nada disse. 75

CREONTE – Nada? Ele virá a dizer. Deixem-no descansar por hoje, e continuem amanhã. (*Encara o Cidadão*) Hum, ele pensará melhor. Eu sei que não desistem, e que se conspira por todos os cantos... Não lhes há de servir de muito. Ele confessará. Podem ir-se. E amanhã, melhor trabalho. Até confessar, e dizer os cúmplices. (*Faz-lhes sinal para que saiam. Para dentro*) E agora? Que mais há? 80

CENA III

CREONTE, ANTÍGONA, a SENTINELA

(*Creonte, que estava olhando para a esquerda, levanta-se, súbita e instintivamente, e [50] recua até à direita da cena. Pausa. Enfim, aparece Antígona e a Sentinela atrás*). 85

SENTINELA (*Baixo*) – Senhor... aqui está. Agarrada agora. Foi ela. Apanhámo-la a amanhar tudo para a sepultura. Desta vez,

não venho porque me caísse em sorte. Fui eu mesmo que a vi primeiro. Aqui está. Não pode negar.

CREONTE (*Baixo*) – Tu... Tu, Antígona... Tu, enfim! Louvores aos deuses! (*Para a Sentinela*) Esplêndido, meu rapaz! Ganhaste o teu dia! Vamos a saber como isso foi! 90

SENTINELA – Apanhámo-la a honrar o cadáver. Vimo-la com os nossos olhos. Não pode negar.

CREONTE – Viste-a tu mesmo? Podes jurá-lo? 95

SENTINELA – Posso jurá-lo. A enterrar o homem.

CREONTE – Bem. Mas vamos por partes. Como é que isso foi?

SENTINELA (*Com abundância de gestos*) – Foi assim... Abalei de cá. E ao depois, ao chegar, expliquei tudo aos meus camaradas. Cheios de medo, por mor do castigo que nos esperava, fomos todos aonde estava o cadáver e tirámos-lhe a terra que havia em cima e que esta cachopa lhe tinha posto. Ficou a carcaça nua, em [51] cima da terra, a modos pr' áli onde estão as mesas. Depois, sentámo-nos num teso do lado do vento pr' á banda de cá, por via do fodor do morto. Assim estávamos e, quando seria pelo meio do dia, ou pouco mais, o sol escondeu-se numa nuvem de pó e levantou-se de repente um suão medonho, que arrancava as folhas e as levava consigo, a girar no chão como doidinhas, assim, assim, assim, que não paravam, as malditas! Confusos, tivemos de fechar os olhos, à espera que o pó quisesse assentar. Quando os abrimos... deuses! Nem queríamos crer! Gelou-se-me o peito. O sol em sangue. Parecia inchado, medonho de ver... E ela, esta mocinha, gritando aos ais, aos ais, que parecia um passarito que volta do ninho e não acha os filhos que lhe roubaram... Amofinada, parece-me a mim, porque lhe tinham desfeito a obra toda e tirado a terra de cima do morto. Então, apanhou da terra e tornou a cobri-lo. Ao mesmo tempo, fazia as rezas e as libações. Quando vimos isto, zás, saltámos-lhe em cima, deitámos-lhe as mãos. Eh, já de aqui não sais! (*Mais baixo*) Não sais... (*Pausa*) Ela, sem medo, quedou-se mansinha. Não disse nada, não resistiu. Por mais perguntas que se fizessem, nada. Nem pio, nem ai. Sempre mansinha, não abria bico. Depois, – trouxe-a comigo. Nunca mais falou. É a modos como um passarito; toda [52] maviosa, criatura sem fel... Digo eu, parece-me... A gente não sabe... Enfim, avenham-se lá. Eu digo o que vi.²² 125

111 crer: Gelou-se-me A: crer! Gelou-se-me A1

CREONTE (*Para Antígona*) – E tu, a dos olhos modestos?
Que tens a alegar? É verdade, então, o que conta aqui este
labrego?

ANTÍGONA – Sim, é verdade. Este bom homem só disse a verdade.

CREONTE – Muito bem. (*Para a Sentinela*) Vai em paz. Ganhaste o 130
teu dia, como um bom caçador. O intendente que te dê qualquer
coisa. Adeus (*A Sentinela sai*)

CENA IV

CREONTE, ANTÍGONA

CREONTE – E tu? Tinhas conhecimento do meu decreto, não é
verdade? Sabes que era proibido, por ordem minha, praticar os
atos que praticaste? 135

ANTÍGONA – Sabia. Como querias que o ignorasse? Bem vês,
fizeste-o proclamar por toda a parte.

CREONTE – E ousaste infringir a lei?

ANTÍGONA – A lei?... A lei, Creonte? Mas [53] que é a lei para ti?
Quem te disse, desgraçado, que o teu capricho pode ser lei? Acima 140
dos decretos de qualquer tirano, para mim, estão as leis não escritas
da consciência, – as que o espírito acha no seu próprio íntimo,
coetâneas da luz que se faz nele. A lei?... Creonte, sou eu agora
que te pergunto a ti: compreendes tu o que seja a lei?

CREONTE – Quê? Só isso? Nada mais? Não tem mais nada que me 145
perguntar a lobazinha das palavras mansas? Então... és tu que
me interrogas a mim? E sou eu que te respondo a ti? Mas estamos
sonhando, ou quem somos nós? Temos filósofa a interrogar a
gente? Pois eu te darei a filosofia! Essa proinha abate-se... A
filósofa! É boa! Mas repara: o orgulho não vai bem a escravas! 150
E que és tu hoje, senão uma escrava? *Minha* escrava? Tu, e
todos os anarquistas que estão pr'aí, filósofos e filósofas
da liberdade, que pensam como tu e como teu irmão, como
Polinices? Ora deixem-me rir! Pois tenho filósofos, também

139 A lei, Creonte! A: A lei, Creonte? AI

150 Mas repara! o A: Mas repara: o AI

eu, que escrevem as coisas como eu quiser. Entendes tu? 155
Como eu quiser! São os teóricos do despotismo, os teóricos
da autoridade! Há escribas para tudo, fica tu sabendo! É como
eu quiser!... Porque é só pagar! E posso buscá-los entre esses
mesmos – esses, pr’ái – que se diziam amigos dos teus [54] filó-
sofos! É ouvi-los! Poetas, músicos, oradores, cantores, – quais 160
pássaros leves, em bandos famintos, – não sabem como dizer
nem como escrever, não sabem como entoar, pipilar, chilrear,
cantar a sua amizade ao bom Creonte, a sua admiração à ordem
nova, a sua gratidão à tirania! Ah, bons farsantes! É vê-los ali,
debicando, debicando, em todos os grãozinhos que eu deito 165
ao chão... A quem tem a espada, – percebes tu? – a quem tem
dinheiro, – isto (*Pega em moedas que estão numa taça sobre
a coluna à direita, e atira-as ao chão*) isto, isto, – lá vai trigo,
passarada vil! A quem tem isto, vê tu, não lhe faltam escribas
ao seu dispor! É só dizer, é só pagar! Ah! Saberás agora quem 170
manda em Tebas!

ANTÍGONA – Como quiseres. Tu dás umas leis, eu obedeço a
outras. Não poderia nunca faltar às minhas para me curvar ao
capricho das tuas ordens, por medo das espadas dos teus saté-
lites. Mandas-me à morte. Pois seja. A morte era certa, com 175
decreto ou sem ele. Quem, como eu, só teve desgraças na sua
vida pode considerar a morte um bem. Desgraça seria para mim
consentir um ultraje a meu irmão. Pareço-te louca; mas do meu
ponto de vista, Creonte, o louco és tu.

CREONTE (*Enérgico*) – Basta! Que é isso? [55] Tens o arrojo de 180
me provocar? Basta, digo-te eu! Então? Não querem vê-la?
Infringes as ordens que dou ao povo, e tiras orgulho da tua
audácia? Ah! Não seria eu um homem, se ficasses impune!
Tu, e a tua irmã. Anda decerto metida nisto, a tua irmã...
É verdade, vamos chamá-la. (*Falando para fora*) Eh, tu: diz pr’ái 185
que procurem Isménia, e que ma tragam cá. (*Para Antígona*)
Vi-a no palácio, hoje ainda, com os olhos esgazeados e fora
de si. Bem a percebo! Li-lhe na cara as intenções da alma, e os
projetos sinistros que tramava na sombra. Eu sei que se trama.
Pois sigam tramando, que me não hão de escapar... Regarei com 190
sangue a cidade inteira! Hei de esmagá-los implacavelmente.
Implacavelmente!

ANTÍGONA – Deixa os outros. Podes mandar-me matar a mim...
Que mais queres?

CREONTE – Eu?... Que mais quero? Esmagá-los a todos. 195
A todos!... Não quero mais!

ANTÍGONA – Ouve. Estes discursos não adiantam nada. Acabemos com isto. Eu faço o que devo. Faz tu o que queres. Tebas inteira aplaudiria o meu ato, se não fosse o medo que lhe cerra as bocas. A subserviência do grande número é que torna possível o despotismo. Tens os censores; tens as masmorras; tens espíões. Só se pode dizer o que bem te apraz. 200

[56] CREONTE – Ah, ah! Deixa-me rir! Pois fica sabendo: toda a gente séria – a que tem que perder – pensa como eu... Aplaudir-te, a ti? Mas quem? Quatro desordeiros, tão bons como tu. Devias envergonhar-te dos que estão contigo. E do que fazes! 205

ANTÍGONA – É que eu creio na ordem que vem da alma, Creonte, e só nessa creio... Creio na ordem que vem da justiça, do respeito mútuo, do trabalho magnânimo para bem do povo... Não creio na ordem que só vem da espada. Tenho procedido na minha vida como se as ideias mais claras do meu espírito representassem a ordem essencial do mundo. Busco a harmonia dentro de mim... Mas deixemos isso. Digo-te só: não tenho que envergonhar-me por honrar um irmão. 210

CREONTE – E Etéocles? Não era teu irmão, também esse? 215

ANTÍGONA – Era. Onde queres chegar?

CREONTE – Não o ofendes, então, prestando honras ao seu adversário?

ANTÍGONA – O abraço da morte reconciliou-os enfim. A morte liberta, e todos se convertem à liberdade na morte... Depois, nasci para partilhar do amor, e não do ódio. Rejeito a tirania: mas não odeio o tirano, nem os que se cegam com a tirania. 220

[57] CREONTE – Pois se queres amá-los... vai ter com eles. Na terra dos mortos. Mando-te eu para lá. Que mais queres tu? Vais amá-los... e vais ser livre. Que mais queres tu? 225

ANTÍGONA – Não conseguirás, por mais que faças, que eu te tenha ódio.

CREONTE – Porque me desprezas?

ANTÍGONA – Porque não espero que um cego veja a luz.

224 Mando-te eu [ir] para lá *AI*

CREONTE – Basta de discursos! Aí vem ela! Outra que tal! 230

(Entra Isménia, acompanhada de um Soldado. Corre para Antígona, e abraça-a. A um sinal de Creonte, o Soldado sai).

CENA V

CREONTE, ANTÍGONA, ISMÉNIA

ISMÉNIA – Antígona! Vejo-te enfim!

CREONTE. Ora aí está! Unidinhas em tudo! Bem dizia eu! Confessas então? Andavas na conjura? Ajudaste Antígona? 235

ANTÍGONA – Não! Nem eu queria que me ajudasse.

[58] ISMÉNIA – Sim, sim!

ANTÍGONA *(Retendo-a, com calma)* – Não digas isso, Isménia... Não ouças, Creonte, que não é verdade. Fui eu só.

ISMÉNIA – Não me recuses, Antígona, a felicidade de te acompanhar! 240

ANTÍGONA – Então... Ouve. Pensa bem. Para quê, Isménia? Não vês que é absurdo? Não vês que é inútil?

ISMÉNIA – De que me serve viver, estando longe de ti?

ANTÍGONA *(Passando-lhe a mão na cabeça, com um afago)* – Ouve; não me faças perguntas. Crê no que eu digo: de nada serviria que me acompanhasses. 245

CREONTE – Doidas de todo! Uma... endoideceu agora; a outra... nunca teve juízo.

ISMÉNIA – O que passámos, as duas, era de enlouquecer a alma mais forte! 250

CREONTE – Precisamente o que te sucede, quando pedes o castigo dos criminosos, também para ti.

243 vês[,] que é um absurdo? *AI*

244 estar longe *A*: viver, estando longe *AI*

ISMÉNIA – Como? Que queres fazer, então, à noiva do teu filho?

CREONTE – Noiva?... Antígona, noiva do Hémon? Nunca! Sei que já não pensa nela... Isso passou! Escolherá outra. O que não falta no mundo são mulheres. Demais, ele pensa o que [59] eu quero! Quem manda sou eu! Era o que faltava! Falar agora de noivados! Quando mais não fosse, a morte romperia o casamento. 255

ISMÉNIA – Que dizes?... A morte? 260

CREONTE – Sim, a de Antígona.

ISMÉNIA (*Impetuosamente*) – Cala-te! (*Vai para continuar, e sente-se sufocada. Olha para Antígona angustiosamente, como querendo falar e não podendo. Antígona condu-la quase desfalecida para o fundo da cena, senta-a no leito da esquerda, toma uma taça que encontra sobre uma das mesas, e dá a taça a Isménia, que pega nela ansiosamente com as mãos ambas, e bebe, aos goles. Pousam a taça. Isménia queda-se um momento de olhos fechados, quase desfalecida; Antígona ampara-a. Depois, com voz fraca, quebrada e lastimosa*) Antígona, minha querida Antígona!... Tão bela... tão nobre... tão pura... tão cheia de generosidade e de grandeza... Eu... vês tu... não sou ninguém... Não posso... não valho nada... 265 270

ANTÍGONA – Então, minha filha, que estás tu dizendo...

ISMÉNIA (*Com voz fraca, soluçante*) – Não, não valho nada... 275 Mas não valho tão pouco que te não saiba amar... e admirar-te, Antígona. Deixa-me... deixa-me, ao menos, ter a consolação de morrer contigo... Sou digna disso, [60] crê tu... Não valho nada... mas mereço-to... (*Esconde, soluçando, o rosto nas mãos de Antígona*) Sim, deixa-me partilhar da tua sorte... 280 deixa-me ir... para onde tu fores... (*Pausa; soluça baixinho*) E o teu noivado, Antígona!... O teu noivado! Como sonhei assistir a ele e ver-te feliz! O que eu sonhei e imaginei para ti! E agora... (*Soluça*) Agora...

CREONTE (*Para fora*) – Tu! Diz que as venham buscar! E que as levem para onde sabem! 285

ANTÍGONA – Temos de nos ir, minha filha...

265-266 pega em uma taça A: toma uma taça A1

279 mereço-te A: mereço-to A1

ISMÉNIA – Pois vamos (*Levanta-se; com voz fraca e de abandono*) Vamos as duas... Para onde quiseres... Para onde tu fores... Sim, Antígona, para onde tu fores... quero ir também. 290
(*Entram os Soldados; caminham as duas*) Não me deixes só... Quero ir contigo... Para onde tu fores – sim, Antígona? – quero ir também.

ANTÍGONA (*Apontando para fora*) – Olha, que lindo! As pombas voam ao sol! (*Saem as duas, seguidas pelos Soldados*). 295

CENA VI

CREONTE, TIRÉSIAS

CREONTE (*Encolhendo os ombros*) – Loucas!

UM SERVO – Tirésias!

[61] CREONTE – Que entre! (*Entra o cego Tirésias, conduzido pelo rapazinho que lhe serve de guia, munido da sua flauta*) Que há de novo, Tirésias? 300

TIRÉSIAS – Venho dizer-to. Espero que atendas os meus conselhos.

CREONTE – Tenho-os atendido.

TIRÉSIAS – Atendeste outrora. Depois, enveredaste pelo despotismo. O poder inebriou-te, Creonte, e nunca mais me deste ouvidos. 305

CREONTE – Não repitamos histórias velhas, como as amas aos meninos que choram no berço. Diz que há.

TIRÉSIAS – Maus augúrios.

CREONTE – Como? Porquê?

TIRÉSIAS – Vou dizer-to. Ouve o que se passou. Foi assim. Eu 310
estava sentado na clareira do bosque, no local dos augúrios. Ali acorrem, como bem sabes, toda a sorte de aves que há no céu. Nisto, oiço pios desencontrados de muitos pássaros que

307 diz [o] que há *AI*

se combatiam. O meu guia contava-me o que se ia passando. Dilaceravam-se as aves convulsivamente, com as garras ríspidas e ensanguentadas. Iam, vinham, rodopiavam, tornavam a ir, investiam-se logo umas às outras, enchiam o ar com os seus pios loucos... Depois, uma caiu, e outra, e outra... Piavam no chão, debatiam-se... Percebes? Percebes isto, tirano [62] de Tebas? Presságios funestos! Presságios funestos! É devido a ti, e aos teus satélites, o novo flagelo que ameaça a cidade! Parece que a infestam por toda a parte os restos do cadáver de Polinices! O sangue pega-se às nossas vestes, enodoa tudo. Já os deuses não acolhem as nossas preces nem a chama pura dos sacrifícios. As aves não soltam propícios gritos, desde que devoraram o cadáver de um justo... Vê, meu filho: vê o que fazes! Não persigas os mortos, Creonte, e não teimes, também, em tyrannizar os vivos!

CREONTE (*Esboça um movimento de impaciência, que reprime; depois com calma voluntária*) – Velho, ouve o que digo. Quero falar-te com paciência... Ouve. Todos vós, como arceiros, atirais frechadas contra mim. É tão inútil, Tirésias, como atirá-las... eu sei!... aos cavaleiros de púrpura e aos cavalos de ouro da cavalgada de nuvens do sol poente... Não chegam cá. Demais, sei muito bem donde os tiros vêm. É o dinheiro que vos faz falar. Mas em vão, digo-to eu. Amontoai os tesouros de toda a Cítia, que não conseguireis por nenhum processo obter sepultura para aquela carcaça. Percebes? Por nenhum. Ainda que eu visse a águia divina, lá do alto do céu, levar aos pés do trono de Zeus os restos do cadáver de Polinices... – nem assim, por medo de augúrios, daria ao insurreto as [63] honras de um túmulo. Percebes agora? Pois fica sabendo! E não me impacientes. Falei com calma, como estás vendo. Mas a calma – sabes? – pode exaurir-se. Não me tentes mais. Adeus.

TIRÉSIAS (*Abana a cabeça; e, depois de uma pausa*) – Ouve, Creonte... e perdoa-me a audácia, pois que falo somente para teu próprio bem. Esse refrão dos Cítas – do ouro dos Cítas, dos milhões dos Cítas, – que repetes sempre... olha: já faz sorrir... Ninguém crê nele.

CREONTE – Não chegam até mim as injúrias de um áugure.

TIRÉSIAS – Chegará talvez o castigo dos deuses. 350

CREONTE – Dos deuses? Ora! O Colégio dos Sacerdotes está comigo.

351 Dos deuses! A: Dos deuses? AI

TIRÉSIAS – Sim?... Mas os deuses não estão com eles. Quem está com eles, Creonte... é a hipocrisia. São uns hipócritas... Ouve: antes da revolução, supondo que os revoltosos é que iriam vencer, foram oferecer-se-lhes... Sim, os Sacerdotes. Aos conjurados! Foram oferecer-se aos teus inimigos. Fica-o sabendo, se o não sabias. Depois... como venceste... trataram logo de se oferecer a ti... Trair-te-ão, como traem todos. E além de hipócritas são charlatães: fazem figura de grandes sábios porque não deixas falar os adversários. 355 360

[64] CREONTE – Inventas! A raça dos adivinhos só aprecia a calúnia!

TIRÉSIAS – E a raça dos tiranos só aprecia a mentira.

CREONTE – Sabes que falas com o senhor de Tebas?

TIRÉSIAS – Sei... porque a mim o deves, se a governas hoje. Mas não fiz o que fiz para que tiranizasses o povo. Enganaste o velho Tirésias. 365

CREONTE – Como vês, nem sempre adivinhas...

TIRÉSIAS – O mal, às vezes, é necessário, – como único caminho para um bem maior. Era preciso que os chefes antigos – os de antes de ti – percebessem que tinham de mudar de rumo. Tinham falseado a democracia de Tebas. Nada faziam para bem do povo. Preveni-os eu: não quiseram ouvir-me. Por isso tornou-se preciso que viesses tu, e o teu despotismo, para que todos enfim abrissem os olhos. Todos: os chefes e o povo. Ai de Tebas, se deixarmos um dia que os chefes antigos voltem a governar como governaram então! Ai de nós, se não aprendermos, depois disto, a bem usarmos da liberdade! De futuro, espero que o povo estará alerta, e saberá seguir o conselho dos justos! 370 375

CREONTE – Nesse caso, bem vês...

[65] TIRÉSIAS – Mas eles não tiravam a liberdade a ninguém! Não torturavam! Não matavam! E tu, Creonte, e os teus, vós amordaçais, torturais, matais!... E para quê? Para governardes pior ainda – sim, pior ainda! – que esses chefes antigos que vieste expulsar! Esmagas o povo com os teus impostos! Em vez de empregares toda a tua força – como fizeste – para deitares a terra a democracia, porque a não empregaste para melhorá-la?... Enganas-te, Creonte: tem de se governar com a liberdade!²³ Mas para isso – e 380 385

360 figura de <grandes> sábios *AI*

372 Preveni-os eu! não *A*: Preveni-os eu: não *AI*

é aí que vos dói! – há que estudar, há que pensar... Bem sei o que dizes: que os que querem a liberdade são uma minoria ínfima... 390
Julgas, então, que só há vis em Tebas? Porque só os mais vis, fica tu sabendo, não querem a liberdade para si e para os outros. Não: 395
felizmente, o povo de Tebas não nasceu para escravo!... Ouve o que digo: a força bruta não remedeia nada; é uma ilusão... Tudo que constrói é aleatório e frágil!... Ah! quem vos iluminasse esses cérebros duros!... Mas não percebeis, não percebeis! Só 395
acreditais no que os olhos veem... Não, não percebeis!

CREONTE – Estou, na verdade, paciente hoje. Foi para me dizer isso que vieste aqui?

TIRÉSIAS – Não só... Cautela, Creonte, cautela! Já se disse entre o povo que prendeste [66] Antígona; já se murmura que a queres 400
matar... O povo, como sabes, adorava Antígona... E hoje, Creonte, ainda mais, desde que fez frente à arrogância de um déspota... Ouve: poucas alvoradas visitarão a terra, antes do dia em que algum dos teus filhos – e acaso o mais belo! – será sacrificado à vingança dos Manes, se levas por diante esse projeto 405
hediondo de matar a mulher que toda a Grécia admira, e se teimas em deixar abandonado aos corvos, sem honras fúnebres, o cadáver de um homem que era justo e nobre. Já as Fúrias se preparam para te punir... Vê, vê se é o interesse que me faz falar. Os lamentos e gritos das mulheres aflitas hão de encher os ecos 410
do teu palácio, e outra vez a discórdia rugirá nas ruas... Cautela, Creonte, cautela! Oxalá a sabedoria te visite a tempo!... Vejo que é inútil conversarmos mais. Adeus! Deixo-te a sós com a tua própria alma. Pensa bem! Adeus! (*Para o guia*) Vamo-nos, meu filho, que talvez nos vamos para nunca mais! (*Sai lentamente* 415
com o guia que, já fora, entoa o estribilho da sua flauta).

CENA VII

CREONTE, só

CREONTE – Este velho, este velho... Assusta-me o que ele me diz... Um filho meu?... [67] Qual?... Hémon? Mas Hémon, agora, já não pensa em Antígona. Vejo-o preocupado, sim, mas

391-392 Não. Felizmente *A*: Não: felizmente *AI*

401 adora, Antígona... e agora, *A*: adorava, Antígona... e hoje, *AI*

406 adora *A*: admira *AI*

409 interesse [o] que *AI*

419 Vejo-o [agora] preocupado *AI*

é com a política... Deixa-se influenciar pelo que ouve dizer: os 420
murmúrios da plebe, a opinião dos rebeldes... Pende para as
ideias da democracia... Nova revolta? Não creio. A espionagem
vela, e faz bom serviço. Eles estão sem força, quebrados de
todo... Lisandro de Orcoménia prometeu apoiar-me. Se fosse
necessário, em poucas horas, com as suas tropas, chegaria a 425
Tebas...²⁴ Mas em suma: mais vale prevenir que remediar;
evitemos os perigos; sejamos hábeis. Posso ceder, talvez, na
questão do cadáver de Polinices. Já obtive aí o que pretendia.
Cedamos nisso. Porque não? Sejamos hábeis...

CENA VIII

CREONTE, HÉMON, depois um GUARDA

HÉMON (*Que entrou sem ser visto por Creonte, o qual está de costas para ele*) – Meu pai... 430

CREONTE (*Estremecendo, e voltando-se*) – És tu, Hémon?
Pensava em ti. Ainda bem que [68] te vejo. Mas... que é isso,
rapaz? Que tens, meu filho? Pareces perturbado. Porquê? Que
tens? Fala... Então, sem rodeios... És tu o mais novo dos meus 435
filhos, e diz-se que foste sempre o meu predileto. Não tens que
hesitar. Confia ao teu pai os teus pensamentos. Fala, rapaz; fala
à vontade. Então...

HÉMON – Meu pai... Sabes que te obedeço de boa mente, que
sigo sempre os teus conselhos... Sabes que até hoje... sim, não 440
te fiz nunca o menor reparo... Nem tinha, aliás, observações
algumas a fazer... Nunca viste em mim, como sabes, o menor
espírito... como direi... o menor espírito de crítica, de...

CREONTE – Decerto, Hémon, decerto. Mas que rodeios são
esses? Até hoje, dizes tu, nunca fizeste... Bem. Mas parece que 445
hoje... Que há, hoje, então?

HÉMON – Meu pai... Não há nada que eu anteponha às tuas
ordens... sempre que as tuas ordens me parecem justas...

CREONTE – Não há nada que anteponhas às minhas ordens, dizes
tu. Muitíssimo bem, meu querido filho; muitíssimo bem! Gosto 450

442 viste [,] em *AI*

445 Bom *A*: Bem *AI*

449 anteponha<s> *AI*

disso. Dizes bem, meu rapaz! Tudo deve ceder às vontades de um pai. Os velhos, fica tu sabendo, veem sempre as coisas melhor do que os jovens. Os moços, por via de regra, deixam-se [69] levar por idealismos, por filosofias, pela mania pueril de melhorar o mundo... Melhorar o mundo! Teias de aranha, 455 querido Hémon, teias de aranha! A experiência, filho meu, diz-nos que o mundo não é melhorável. Piorável, sim, quando há a mania de lhe meter justiça, ideologia, ideais... Melhorável, não. Há de ser sempre aquilo que é. Temos que nos resignar àquilo que é. De ser realistas. Eu, querido filho, sou realista. 460 São-no todos os homens que têm experiência. Nada no mundo substitui a experiência, – a que vem dos anos, de uma vida longa... A sabedoria, meu rapazinho, consiste em conformarmos-nos ao costume antigo; em não contrariar os ricos e os fortes; em obedecer em tudo aos que empunham o látigo; em seguir os 465 conselhos dos sacerdotes; em trilhar os caminhos da tradição... O maior dos bens é um governo forte, que imponha a ordem a todo transe e que não deixe falar os idealistas. Ora, a ordem da sociedade exige um chefe; exige, meu filho, a obediência de todos ao arbítrio do chefe. Diante da sociedade, – um homem 470 é nada; um filósofo, – nada. A sociedade acima de tudo. Ora, a sociedade encarna no chefe; no caso presente, a sociedade sou eu. Quem encarna a sociedade são os que têm a força. Quando eu mando, – é sempre uma ordem para o bem de todos: para o bem [70] da cidade, para o bem do povo, para o bem dos meus. 475 Em suma: para o teu próprio bem, meu querido Hémon. Para o *teu* bem. Entendes? Ora aí está. Para o *teu* bem, para *ti*. Penso só em ti. Faço tudo por ti.

HÉMON – Mas, meu pai... são os próprios velhos os que dissentem... quero eu dizer: são os homens de experiência os 480 que discordam... sim, do que fizeste ao cadáver de Polinices...

CREONTE (*Esboça um movimento de impaciência, que logo reprime*) – Escuta. Polinices, como sabes, foi um rebelde, um criminoso... um idealista. Precisava de ser castigado, ainda mesmo 485 depois de morto. Mas em suma, vou-te abrir o meu coração. Já não é necessário – absolutamente necessário – que eu insista agora nessa minha ordem. O exemplo está dado. Além disso, já se alcançaram os fins políticos que eu tinha em vista a pronunciar-la...

HÉMON – Não compreendo... 490

480 discordam *A*: dissentem *AI*

CREONTE – Nem admira. És novo ainda, Hémon, para perceberes os meandros de uma obra política... Escuta. Antígona... sim, Antígona era um perigo para a segurança do Estado. Como sabes, há entre o povo quem... quem a admire, quem se iluda com a pessoa dela, que é de um caráter... de um caráter, digamos, 495 perigoso. Os idealistas são sempre perigosos. São [71] orgulhosos, desobedientes... Quando mais não façam, dão maus exemplos. Exemplos de indisciplina. A sua simples presença já inquieta as plebes... Quando vão para o estrangeiro, desprestigiam a sua terra, fazendo supor o que não é verdade... Em suma: cumpria 500 arredá-la. (*Gesto indignado de Hémon*) Ouve, não é isso... Eu não soube explicar-me bem... Não é isso... Nada disso... (*Gestos de Hémon até ao fim*) Já vais perceber. Espera. O que eu quero dizer é o seguinte... Para segurança de todos nós – de todos nós, percebes tu? – Para a minha, para a *tua*, para a *tua* própria segurança... para o teu bem, para ti, em suma, para ti, meu filho... Espera. Antígona, dizia eu, é filósofa... é idealista... Já não pensas nela, pois não é verdade? Mas calma-te, rapaz. Eu estava certo, por isso mesmo, que seria ela a primeira a infringir a lei... a lei relativa ao cadáver do irmão. E assim foi... (*Gesto violento 510 de Hémon, que contém a custo a explosão; Creonte agarra-se a ele*) Não é isso; ouve; não compreendes. Espera, rapaz; já vais falar. Ouve... Agora, obtido já esse efeito político, – o efeito necessário, indispensável, percebes tu? e para *teu* bem – já não tenho razão para persistir. Dou a sentença por já cumprida... Mas 515 acalma-te... Dou a sentença por já cumprida... Polinices pode ser [72] enterrado. Aí tens: Polinices pode ser enterrado... Quanto ao mais, não há de haver dificuldade... Calma-te... Contanto que tu me entendas... Só penso no teu próprio bem. Um pai, meu Hémon, é sempre um pai. Saberás um dia o que é ser pai... 520 Por agora, isto: Polinices pode ser enterrado. Que mais queres?

HÉMON (*Explodindo*) – Que ouvi eu?... E tu, tu... Não, não pode ser! Que ouvi eu? (*Encara Creonte; avança para ele, desvairado; depois recua, e senta-se, com a cabeça entre as mãos*) Que horror! Porque não morri eu à nascença, antes de ouvir da tua boca... Deuses! Porque não morri?! 525

CREONTE – Mas... Perdão... Tu não percebeste, meu filho. Não é nada disso, rapaz, nada disso... És um ingénuo, um inexperiente, um sonhador, um jovem... Calma-te, rapaz. Que sucedeu? A que vêm essas frases? Mas que foi que eu disse? 530 Que disse eu?... Não compreendo... E não vês que é tudo para teu próprio bem? Para o teu bem, para a tua felicidade, para o

525 nascença[, porque não morri], antes *A1*

- teu porvir, – para ti, em suma, para ti? Não vês que só penso em ti? Para que quero eu tudo, senão para ti? Não vês que sou teu pai, que ninguém te quer como teu pai? 535
- HÉMON (*Levantando-se com ímpeto, dirige-se enérgico para Creonte; baixo e firme, [73] nervosamente*) – Não me enlouqueças! Basta de palavras! Responde: quando soltas Antígona?
- CREONTE (*Enérgico*) – Quê? (*Dominando-se, e baixo também*) Basta de infantilidades, digo eu. Tenho de velar pela segurança 540 do Estado. Tenho de velar pelo teu próprio futuro. A ordem há de ser mantida.
- HÉMON (*Dominando-se ainda, e baixo*) – Não te pergunto isso. Quando a soltas?
- CREONTE (*Reprimindo-se*) – Ouve. A felicidade de Tebas, o meu 545 amor de pai...
- HÉMON (*Enérgico*) – Responde: quando soltas Antígona?
- CREONTE (*Esboça um gesto de agressão, que domina*) – Mas... que modos são esses? Quem é aqui o pai? Quem é aqui o chefe? O salvador de Tebas? 550
- HÉMON – O... o salvador? (*Encara-o firme por alguns instantes, dos pés à cabeça*). Não. Deixemos isso. Não vim aqui para discutir política. Voltemos ao ponto. Quando soltas Antígona? (*Encaram-se os dois em silêncio, calcando iras, e assim se mantêm por algum tempo, com a alma tendida como um arco de flecha, os punhos e os dentes cerrados. Enfim, ouve-se ao longe, lenta, a flauta do guia de Tirésias*). 555
- CREONTE (*Escuta; distende-se; respira profundamente; por fim, dá uns passos para o fundo [74] da cena, de cabeça baixa, pensativo; volta. Para si próprio*) – As profecias de Tirésias... 560 as profecias de Tirésias... têm saído certas até aqui... (*Passa lentamente na quadra, calmamente; depois:*) para isto... para isto tive eu um filho! É este o resultado, pois, de uma vida inteira de trabalhos duros: chegar a ver o meu próprio filho... metido na horda dos meus inimigos! Nisto veio a dar a minha raça: 565 num idealista! Estava-me reservado – ó deuses! – o ter um filho idealista! (*Voltando-se para Hémon*) Então... com que então... apaixonado, não é verdade? Muito apaixonado, ao que parece? E ela? A idealista? Ama-te, como tu a amas?

HÉMON – Não há amor que iguale o meu. Mas Antígona não me ama, certamente. Amar-me? E porquê? Só tem motivos para me ter rancor. Por feliz me darei se me não odiar. 570

CREONTE (*Sorrindo com escárnio*) – Pobre escravo de uma mulher...

HÉMON (*Com ímpeto*) – Escravo? Escravo, dizes tu? Eu? Atreves-te então a chamar-me escravo? Tu? A mim?... Pois ouve: exatamente porque não sou escravo – atende-me bem! – porque não tenho ânimo para ser escravo; porque não vim ao mundo para ser escravo – ouviste? – porque não sou escravo, nem quero que os outros sejam escravos, é que esbarro hoje [75] numa muralha, e que não vejo estrada por onde seguir. Todos os caminhos se fecham para mim. Todos! Só me deixas aberto o caminho da morte! Repara tu: se amanhã no povo estoirar a revolta – em nome da liberdade, e em nome de Antígona, – eu, Hémon, não tenho coragem para a combater. Não; seria sacrílego; seria matar a minha própria alma... E agora? Começas a ver? Começas a ver, enfim, a situação em que me colocaste?... Que caminho me deixas tu? Deixas-me o caminho de lutar contra ti? O de dirigir contra ti a raiva da plebe?... É isso que queres?... Diz! Ou queres que me esconda não sei para onde, – que fuja de Tebas, que desapareça, que te deixe entregue à tua própria sorte? Ah! Como não compreendes? Como não vês?... E tudo isto, para quê? Para deixarmos Tebas, afinal bem pior ainda do que dantes estava; para empobrecer os ricos e aniquilar os pobres; para enchermos o povo de indignação e de ódios; para pormos as lanças dos nossos soldados ao serviço das paixões dos mais hipócritas... De abismo em abismo, chegámos a isto: forças o teu filho a combater contra ti! 575 580 585 590 595

UM GUARDA (*Da esquerda*) – Senhor, um mensageiro! Diz que é negócio da maior importância!

CREONTE – Da maior importância?... Que [76] poderá ser? (*Olha para o Guarda, olha para Hémon, enfiado*) Pois entre o homem! 600

CENA IX

CREONTE, HÉMON, um MENSAGEIRO

MENSAGEIRO – Senhor, trago notícias de Orcoménia. Lisandro,

574 Escravo<, > dizes tu? *AI*

596 forças a teu *A*: forças o teu *AI*

o tirano de lá, o vosso aliado, já não governa.

CREONTE – Quê? Que dizes tu? Lisandro? Lisandro caiu? Como caiu? Porque caiu?

MENSAGEIRO – Senhor, estava preparada uma revolução. 605
Lisandro, avisado, viu que não podia resistir a ela, e achou
melhor abandonar o poder.

CREONTE – Uma revolução?... Uma revolução preparada, dizes tu? E Lisandro... Lisandro em terra? Não percebo! Só agora nos faltava esta! (*Fica pensativo. Pausa*) Ouve: sabe-se em 610
Tebas que caiu Lisandro?

MENSAGEIRO – Decerto não tardará a saber-se.

CREONTE – Pois é. Não tardará a saber-se...

HÉMON (*Baixo para Creonte*) – Convém, talvez, não te expandires
diante do homem... 615

[77] CREONTE (*Para o Mensageiro*) – Está bem. Vai-te. (*O Mensageiro sai*).

CENA X

CREONTE, HÉMON

CREONTE – E esta? Lisandro em terra! Acabada a tirania em Orcoménia!... E nós? Mas estamos perdidos! Ein? Não te parece? Perdidos, não? O fogo alastra, certamente... E 620
quando se vier a saber em Tebas, logo que a notícia correr por aí... É fácil prever... Será o entusiasmo nos democratas... Será o desânimo nos nossos... Crescerá a onda da oposição, aumentarão nos nossos as deserções... Que fazer, justos céus, que fazer?²⁵ Vou chamar Ortágoras, Céfalo, 625
Euribíades...

HÉMON – Espera, não chames por enquanto ninguém. Pensa primeiro.

CREONTE – Sim, pensemos... Vamos a ver... Mas... Como é que Lisandro se deixou cair? Porque se deixou cair? O 630
mal, decerto, lavrava há muito! Que estas coisas... sim, não

surgem dum momento ao outro! E ninguém me prevenia –
ninguém! – do que [78] se passava em Orcoménia!... Malditos
lisonjeiros, que nos não dizem a verdade! Não é possível, por
Zeus! estar ciente de tudo o que se vai passando, bem vês 635
tu... Não pode um governante governar sozinho, sem bons
conselheiros que o informem do que há, que o elucidem,
que o ajudem, que lhe sirvam de braços, que... E tu, meu
filho, que pensas tu? És jovem, mas assisado; muitos velhos
não têm o teu bom senso... O entendimento, o tino, subs- 640
tituem às vezes a longa experiência... És estimado dos
democratas... Sei que o és... E mereces sê-lo... Sempre,
aliás, tiveste tendências para a democracia... E não serei
eu quem to leve a mal... Poderias talvez servir de ponte –
que te parece? – entre as duas hostes... Que dizes?... Se te 645
fizesses encontrado com eles? Se lhes falasses?... Se lhes
dissesses, por exemplo, que eu desejo um conselho de tran-
sição, que prepare o regresso... Como sabes, penso há muito
que a tirania... sim, realizou já o seu programa, a sua obra...
O que tínhamos a fazer, afinal, realizámo-lo já... Sim, 650
realizámo-lo já... Na verdade, não há razão para que conti-
nuemos... É esse há muito o meu parecer... Que dizes? Não
achas? Mas é preciso proceder sem demora... O tempo urge...

HÉMON – E Antígona?

[79] CREONTE – Oh, mas será solta, claríssimo está... Nunca tencionei 655
mantê-la presa... Quis simplesmente tirar uma prova, saber se
com efeito a amavas ainda... Tudo se arranjará, meu querido
Hémon. Vamos, meu rapaz. À obra! E sem demora, que o tempo
urge...

HÉMON – Adeus... Veremos, veremos... Adeus. (*Sai pensativo, 660
lentamente*).

CENA XI

CREONTE, ORTÁGORAS

CREONTE (*Para fora*) – Chamem Ortágoras! (*Passeia*)

-
- 642 sei que <o> és *Al*
644 te leve *A*: to leve *Al*
647 penso em *A*: desejo, *Al*
658 Ombros à obra! *A*: À obra! *Al*
660 Vamos, veremos *A*: Veremos, veremos *Al*

Transição... Sim, mas o Colégio dos Sacerdotes?... E os partidários da realeza?... Estamos nas mãos desses malditos... O lance é falso... muitíssimo falso... Eles hão de persistir, para se salvarem a si... Que fazer? Tudo arquitetado sobre mentiras... *(Começa a escurecer a cena; entra Ortágoras)* Ah! Ainda bem que chegaste! Sabes, não é verdade? Lisandro caiu. Precisamos de preparar uma transição... 665

ORTÁGORAS – Transição?... Qual transição! Nada de transições! Precisamos, sim, de [80] defender o que ganhámos! De jogar as últimas! Preparar um golpe! Matar uns... prender outros... tropas prevenidas noite e dia... e quebrá-los a todos pelo terror. Sacar da espada e dar de vez! Não se trata de Tebas, nem de tirania, nem de democracia, nem de coisa nenhuma: trata-se de nós, da nossa bolsa, do nosso poder! Eu quero mandar e viver bem! Defendo a bolsa como uma fera! Falemos nós mas é com Trasíbulo, para que tenha as tropas bem preparadas; e com Euribíades, para que pense nos democratas que é preciso prender... ou matar. Prender os suspeitos e dar cabo deles! Matá-los já! Sem demora! A súbitas! Fulminá-los a todos pelo terror! Defender as bolsas como umas feras! É o que eu penso! É o que se deve fazer. 670 675 680

CREONTE – Olha: o melhor é prepararmos os dois caminhos, para adotarmos aquele que mais convenha... ou o que nos for possível adotar... A repressão, por um lado; por outro lado, a transição. Não fechar a porta a nenhuma hipótese... Prepararmo-nos para as duas, percebes tu? E mãos à obra... Espera: e Antígona? A sua presença será perigosa. Sabes as simpatias que tem no povo, e mesmo em parte dos oficiais... 685 690

ORTÁGORAS – Afastá-la... ou matá-la.

CREONTE – Afastá-la, afastá-la... É por [81] enquanto o mais prudente. Tu, com uma boa escolta, leva-a em segredo para lá para as montanhas, para o grande desfiladeiro da caverna da cova... Percebes? Espera aí pelas minhas ordens. Se conseguirmos dominar por completo em Tebas, mando-te aviso, para que a faças meter no covão do antro... Ela desce para a cova, e fica na cova. Que morra aí; não nos sujemos no sangue dela. Se formos vencidos, ou se tivermos enfim que transacionar... então... Antígona, nesse caso, servirá de refém para um tratado com eles: entregá-la-emos aos democratas, sob promessa de 695 700

673 e dia <...> e quebrá-los *AI*

693 Tu com uma boa guarda *A*: Tu, com uma boa escolta *AI*

693-694 para lá [,] para as montanhas, *AI*

nos deixarem em paz... Vá! Vamos a isto! Fala a Euribíades e a Trasíbulo. Leva Antígona. Parte de noite, com o maior segredo, para que ninguém suspeite onde ela está.

ORTÁGORAS – Entendido. (*Sai*)

705

CENA XII

CREONTE, depois HÉMON

CREONTE – Bem. Preparemo-nos agora para jogar as últimas... Ortágoras deu-me coragem... A situação, afinal, é talvez melhor do que me pareceu... Que importa que Lisandro tivesse caído?... Temos a força... Tropas obedientes... [82] Trasíbulo, que as comanda, é homem enérgico. Há, sobretudo, alguns 710 oficiais dos mais novitos, que o têm na mão... E há os sacerdotes, a quem dei o poder... Vamos! Coragem! (*Pequeno relâmpago; trovão longínquo*) Que é isto?... Zeus troveja?... Mau presságio!... Distraído, não dei por que o céu se toldava um pouco... (*Novo relâmpago; escurece mais*) Deuses! Que 715 quer isto dizer? Escurece o dia... Que quer isto dizer?... Talvez Ortágoras não tenha razão; talvez Zeus me diga, pela voz dos trovões, que devo insistir no primeiro plano... Oxalá Hémon se não esqueça, se não demore em o pôr em efeito... (*Para fora*) Meu filho? Hémon? Já se foi? Ou está aí? Procurem-no, 720 chamem-no! Vejam se ainda está. (*Pequeno relâmpago*) Mas que é isto? Que manda Zeus?... E se ouvisse Tirésias? Se o consultasse?

HÉMON (*Entrando*) – Chamaste-me? Que queres?

CREONTE – Quero que... que te não demores, meu filho, em 725 executar o plano que combinámos... Anda, vai. Faz constar os meus intuitos, o regresso breve à democracia, um próximo conselho de transição. Aproveita as simpatias, meu filho, que soubeste ganhar entre os democratas... Mas que é isto? Está escuríssimo! (*Para fora*) Luz! Tragam luz! 730

[83] HÉMON – Luz, dizes bem: mas luz do espírito. Oxalá desça ela sobre todos nós! (*Novo relâmpago, trovão; Creonte dá um grito e ergue os braços, em súplica; Hémon sai; cai o pano*).

704 onde [é que] ela está *Al*

NOTAS

Ato II

²⁰ Cedendo a alguns dos oficiais que pretendiam o afastamento de Apolodoro (i. e. Sinel de Cordes; *vide* p. 71-72, n. 11), por o considerarem um incapaz (Ato I, 365, 367-371, 386), Creonte propõe a sua substituição por um membro do Colégio dos Sacerdotes, numa clara alusão a Salazar que virá a substituir Sinel de Cordes no cargo de Ministro das Finanças. Cede, apesar de saber que Apolodoro esbanjara o dinheiro em prol da manutenção da sua ditadura (Ato II, 22-26).

²¹ Referências a António Sérgio e a outros exilados políticos que se opuseram aos pedidos de empréstimo do governo português. Acusados pela ditadura (como o são aqui por Creonte) de desprestigiarem a sua terra no estrangeiro, “fazendo supor o que não é verdade” (Ato II, 500), estes desterrados acabaram por ser vítimas de boatos e de calúnias que visavam o seu descrédito junto da opinião pública, tal como reproduz esta ordem de Creonte a Ortágoras.

Se considerarmos que a Cítia era o nome dado pelos gregos ao território que se localizava na Europa de Leste, entre os Cárpatos e o rio Don, mais concretamente numa zona que, nos finais da terceira década do século XX, pertencia à União Soviética, torna-se evidente que estas “mentiras sobre os exilados”, sugeridas por Creonte, reproduzem os boatos postos a circular pelo *Jornal Imparcial*, em 4 e 5 de julho de 1927, uma campanha de contrainformação de que também nos dá conta o Libertário dos ‘Diálogos de Doutrina Democrática’ (Sérgio, 1974a, p. 15), que tinham como objetivo desacreditar António Sérgio e os seus companheiros de exílio. De acordo com essas notícias forjadas, das quais se defendeu, indignado, o nosso autor, em alguns dos seus escritos, “os emigrados políticos, os chefes sinistros dos bandos a quem Portugal esteve entregue durante dezasseis anos de escândalos” e que, nesse momento, viviam em liberdade, “num exílio endinheirado”, tinham recebido, por intermédio de António Sérgio, quatro milhões de francos de origem bolchevista, para que o regime comunista fosse instalado em Portugal (cf. Oliveira Marques, 1976, pp. 76-84). Outras alusões aos hipotéticos dinheiros de origem bolchevista,

recebidos pelos exilados e opositores à ditadura militar, podem encontrar-se não só em outros documentos da *Liga de Paris*, publicados em Oliveira Marques (1976, pp. 64 e 140), como também nesta peça, em intervenções de Creonte (Ato I, 442-443, 586-589, 601-603; Ato II, 54-60, 334-337), do Quarto Oficial (Ato I, 449-451) e de Tirésias (Ato II, 346-348). De todas estas acusações, defendeu-se a Liga em “Nota enviada aos jornais e aos ditadores”, em julho de 1927 (cf. Oliveira Marques, 1976, pp. 84-85). Assim, a repetição deste refrão dos ‘bolchevistas’, metaforicamente denominados ‘Citas’ (cf. Ato II, 346), faz eco de uma estratégia da ditadura militar que tinha como objetivo atemorizar as populações com o fantasma do comunismo, que intencionalmente era identificado com os exilados e com todos os democratas – esses almas de morte, desordeiros e incendiários (cf. Ato I, 582-598; 601-613), na visão de Creonte, criptónimo de Carmona.

²² O autor dissemina coloquialismos, diminutivos, repetições e expressões populares por esta fala da Sentinela, adequando, assim, a linguagem ao caráter rústico da personagem, a quem Creonte chama labrego (cf. Ato II, 128).

²³ Estas falas de Tirésias (Ato II, 368 sqq.) traduzem não só o sentimento da população em geral, a que também dá voz Hémon (Ato II, 581-596), mas também o das várias fações do exército, interpretado por Critóbulo (Ato I, 240-327) e por Alcímaco (Ato III, 245-265; 278-283; 286-291). E refletem igualmente o pensamento de Sérgio (1974b, p. 171), para quem “a autoridade só se justifica [...] quando é um meio para a liberdade [...], o maior bem de uma pessoa, de um ser espiritual”. Sobre este assunto, *vide supra*, p. 17, n. 23.

A fim de se defender da acusação de Bourbon e Meneses que o acusava de ter defendido que a ditadura era preferível à república que a precedera, Sérgio recomenda a leitura destas falas de Tirésias, em carta enviada do exílio a Bernardino Machado, em maio de 1931 (*infra*, p. 323). Como afirma nessa missiva, a ditadura, em si má, devia ter sido apenas uma curta passagem da governação (“absolutamente impossível”) que antecedeu o 28 de maio para uma democracia de verdade. Por isso, concluindo o seu raciocínio, todos deviam combater a ditadura, como ele a combatia. Isto mesmo defende o nosso autor na ‘Carta Aberta aos oficiais que ainda admitem a ditadura’, transcrita em Oliveira Marques, 1976, p. 146.

²⁴ Se a génese das duas ditaduras, em Portugal e em Espanha, apresentava semelhanças, quer ao nível das causas quer ao nível das ideias, lógico seria que, entre elas houvesse convergência, nomeadamente em questões estratégicas (*vide supra* p. 73, n. 16). Por isso, António Sérgio, baseando-se em notícias veiculadas tanto pela imprensa espanhola como francesa, estava convencido (ou não escondia o receio) de que a ditadura, no caso de haver uma revolução democrática em Portugal, contaria com o apoio militar de Primo de Rivera. Esta era também a convicção de Creonte que, depois dos avisos premonitórios de Tirésias para que alterasse a sua política, afirma esperar o apoio do seu vizinho Lisandro de Orcoménia, na eventualidade de nova revolta que pusesse em perigo o seu poder.

²⁵ Alusão à queda de Primo de Rivera, criptónimo de Lisandro de Orcoménia cujo consulado terminou a 28 de janeiro de 1930, pouco antes de Sérgio escrever esta peça. Sucedeu-lhe o general Dámaso Berenguer, encarregado por Afonso XIII de promover a transição da ditadura para a normalidade constitucional (cf. Montero & Tusell, 1987, pp. 466 sqq.). Este acontecimento político terá certamente desencadeado uma onda de esperança entre os democratas e de dúvida e apreensão entre os apoiantes da ditadura militar, personificada em Creonte. É tão importante terá sido para Sérgio que, nesta sua peça, o transforma na mola propulsora que vai concitar a transição para um desenlace de luminosa esperança, que preencherá todo o Ato III.

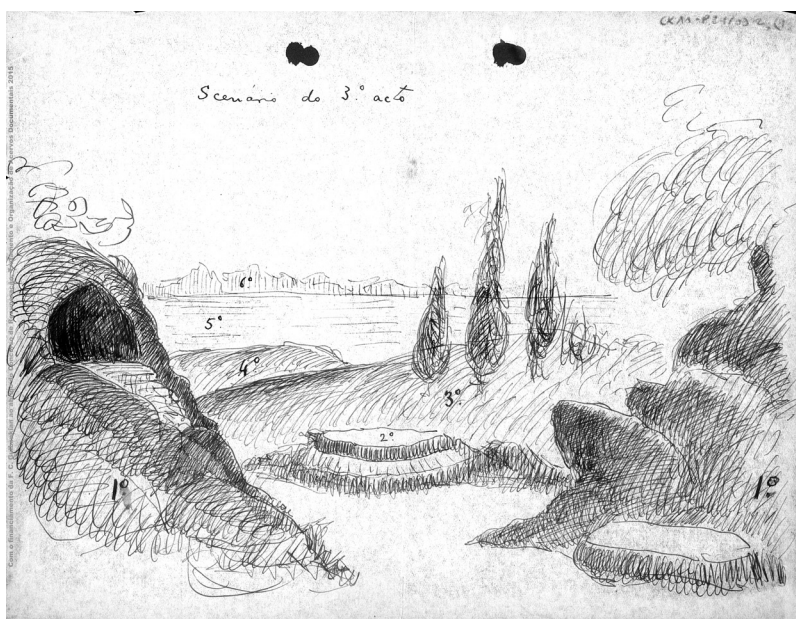


Fig. 7: Desenho do cenário do Ato III, da autoria de A. Sérgio
(BAS: AS.07-Cx11-P24/002)²⁶

[85] ATO III

*(Paisagem de rochedos e vegetação na encosta de uma montanha. No primeiro plano, à esquerda, um penhasco com a entrada de uma caverna, da qual se desce por alguns degraus, ocultos ao espectador. À direita, outro aglomerado de rochedos, vestidos de vegetação, no sopé do qual há um pedregulho onde se podem sentar umas 5
três pessoas. No segundo plano, ao centro, uma pequena elevação de terra com dois ou três degraus naturais. Por detrás do segundo plano, e abaixo dele, há uma rampa que sobe da direita e que se não vê. No terceiro e quarto planos, colinas cobertas de vegetação, com dois ou três ciprestes. Ao fundo, o mar muito azul, sob um céu muito 10
límpido. Fechando o horizonte, ao longe, arrumação de terra de cor azulada. Dia luminoso de primavera).*

[86] CENA I

CORÍDON, um PASTORINHO

*(Corídon, reclinado sobre o penhasco da esquerda, por cima da boca da caverna, toca na sua flauta uma melodia muito pura, esparsa na limpidez da tarde esplêndida; um Pastorinho, de costas para 15
o espectador, na elevação central do segundo plano, apoiando-se ao seu cajado, contempla distraído o mar e o céu)²⁷.*

CORÍDON *(Interrompendo a música)*

Eh, pastorinho, atende!
Sonhas com o murmurar das folhas brandas, 20
Ou perdeu-te o juízo a voz das Ninfas?

Desperta, pastorinho!
 Não te enleves do céu, do mar tão plácido,
 Que ao longe nos sorri na luz divina!...
 Vá, pastorinho, à faina! 25
 Olha-me aquelas cabras petulantes,
 E o cabro sem pudor,
 A mordiscar rebentos de oliveira!
 Que Ninfa te encantou? Que tens? Que sonhas?
 Acorda, pastorinho! 30
 Vigia-me essas cabras!
 Enxota-as com teu grito!

[87] O PASTORINHO (*Gritando para a esquerda, fundo*)

Eh, Fálaros ! Cimeta! E tu, Filina!
 Fora de aí! 35

CORÍDON

Lá vão!... Que Pan no-las proteja!
 Deixa-as agora em paz!... Vê como a tarde é linda!
 E escuta... Cuido ouvir... Esta voz, este canto...
 É Títiro que vem! 40

(Títiro de fora, a meia voz, canta uma melopeia rústica; por fim, entra pela rampa do segundo plano, e assoma ao pé do Pastorinho)

CENA II

Os mesmos e TÍTIRO

CORÍDON

Ó Títiro! Que bem, que bem tu cantas!
 Rivalizas com Pan, meu caro Títiro; 45
 Com Pan dividirás a recompensa.
 Se ele alcançar de prémio uma cabrinha,
 Terás tu uma ovelha... Mas que digo?
 Galga para o pé de mim, e solta o canto,
 Que quero ouvir-te mais! 50

[88] TÍTIRO

Eu, Corídon? Aí? Sobre a caverna?
Não, amigo, não quero; é mau agoiro.
Sai antes tu de lá, que essa bocarra...
Como te não repugna? Como a sofres? 55
Pasma de ver-te aí, pois certamente
Sabes melhor do que eu a sua história.

CORÍDON

Dizes bem; tens razão; já desço, e fujo. (*Desce*)
Antro das Parcas, boca dos infernos, 60
Maldita sejas tu, por todo o sempre!...
Que lembranças de dor me rememoras,
Meu Títiro! Que pena, e que tormentos!
Sou mais velho que tu – os anos passam... –
Pude assistir por isso ao caso triste... 65
Oh! Quão linda não era, e esbelta, e fresca
A pastorinha Euríala viçosa
Que ali morreu, na cova negregada!
Vê tu: ia cantando pelos montes,
Toda alegria, e riso, e graça pura, 70
Falando à pedra, à flor, às avezinhas,
Quando a chuva a colheu. Eis toma abrigo
Naquela boca horrenda; e lá, curiosa,
Começa a andar, palpando nos rochedos,
Aqui, além... Desvia-se à direita, 75
Avança... Um passo dá, mais outro... e súbito,
No escuro, o chão lhe falta, e cai na treva!
Havia um corredor, que ninguém vira,
Ignorado de todos; nele, a cova:
[89] Essa cova maldita, de onde um dia, 80
– Muito tempo depois –, alguns pastores
Os despojos mortais da pastorinha
À luz de archotes, pávidos, acharam!²⁸

(*Ficam tristes, num sonho de que os tira a voz do Pastorinho*)

O PASTORINHO (*Voltado para a direita, fundo*) – Olhem, olhem! 85
Venham cá! Que é aquilo? Assomou um destacamento de
soldados lá em baixo, na entrada do desfiladeiro! Que estão eles
a fazer? Que é aquilo?

(*Corídon e Títiro dirigem-se para o pé do Pastorinho, e sobem à pequena elevação do centro*). 90

CORÍDON – É verdade! Dizes bem! São soldados, são. E armados dos pés à cabeça, como para a guerra. Que será aquilo?

TÍTIRO – Parece-me que estão a ocupar o desfiladeiro, ó Corídon, como quem se prepara para defendê-lo e para impedir a passagem do inimigo. Pois não parece? 95

CORÍDON – É verdade! E trazem fogo, como quem se dispõe a acampar!

TÍTIRO – Estão acampando, estão. E vão entrincheirar-se no desfiladeiro, olha!

[90] CORÍDON – Não perdem tempo. Que azáfama! 100

TÍTIRO – Lá rápidos são eles... Como os capacetes e as couraças brilham ao sol!

O PASTORINHO – Aquele que tem as penas no capacete é o comandante, pois não é?

TÍTIRO – O comandante parece ser homem enérgico, sabedor do seu ofício. Em que instante ele prepara tudo! Tem os homens na mão. Tropa exercitada, hein? Não será fácil de vencer, aquela. Quem investir com eles... há de pensar primeiro. De aqui a pouco, estão prontos a receber o inimigo, se ele vier. 105

CORÍDON – Que será tudo isto, ó Títiro? 110

TÍTIRO – Não sei. (*Pensativo*) Mas olha. Queres que te diga? Não me agrada. Estávamos aqui tão sossegados! Coisa boa não vem de ali, podes tu crer.

CORÍDON – Dizem que em Tebas tem havido distúrbios com feridos e mortos, – eu sei lá! 115

TÍTIRO – Dizem que sim. Aqui, nesta paz, tudo nos chega como ruído ao longe. Oxalá nos não tragam para cá as suas guerras, esses agora que aí vêm.

CORÍDON – Oxalá, que bem basta o que basta. Olha: bastam os impostos que nos lançaram os déspotas. Ninguém se aguenta 120
aí por causa deles. Despovoam-se os campos, por via [91] dos
que fogem para outras terras, por não poderem pagar o que lhes
exigiram. Maldita raça a dos tiranos, que nem nos montes nos
deixa em paz! E não só a dos tiranos, como a dos que querem 125
a tirania, e a dos que vivem bem debaixo dela! É que são estú-
pidos, pois não é? Como é que há gente tão bruta, ó Títiro, que
não sente o valor da liberdade?

TÍTIRO – Dizes bem. Quando nos veremos livres deles?... E os
pobres soldados, ao que eles os obrigam!... A tiranizar-nos a
todos nós! Já é não ter consciência! 130

O PASTORINHO – Olhem, olhem! Parece que um grupo se dirige
para cá!

TÍTIRO – É isso, é isso... O comandante e meia dúzia de soldados.
Dirigem-se para cá, dirigem.

CORÍDON – E trazem o fogo! 135

TÍTIRO – Tratemos nós mas é de fugir. Não nos pode vir de ali
nenhum benefício. Bem ao contrário. Fugamos.

CORÍDON – Pois fujamos. (*Para o Pastorinho, e apontando para a
esquerda*) Olha, desce ali e enxota as cabras para o lado de lá. Mete
com elas pela vereda, que nós lá iremos ter contigo. Vá, avia-te. 140

O PASTORINHO (*Dirigindo se para a [92] esquerda e agitando o
cajado*) – Eh, Cimeta. Eh, Filina! Eh! (*Sai pela esquerda*).

TÍTIRO – Nós, ocultemo-nos por aqui (*Escondem-se por detrás de
umas rochas, e espreitam por cima delas*).

CORÍDON – Que virão eles fazer para cá? 145

TÍTIRO – Provavelmente, vigiar melhor a aproximação do inimigo,
cá do alto.

CORÍDON – Depressa marcham eles, não haja dúvida. Por aquele
andar, pouco tardará que cheguem aí.

TÍTIRO – São três oficiais que marcham à frente, e cinco soldados, 150
contando com os de trás, os que trazem o fogo.

CORÍDON – Mas para que trarão eles o fogo cá para cima, neste momento, ó Títiro?

TÍTIRO – Vá lá saber!... Olha: vamo-nos nós mas é embora, antes que nos avistem de lá de onde vêm. (*Retiram-se lentamente pela esquerda, espreitando sempre para a direita*). 155

CENA III

ORTÁGORAS, HEGÉSIAS,
ALCÍMACO, três SOLDADOS

(*Os três Oficiais, de capacete, couraça e manto; os três Soldados, de capacete e couraça, mais modestos, e sem manto*).²⁹

ORTÁGORAS (*Entra pela rampa, com Hegésias e Alcímaco, e fica na pequena elevação do centro; os Oficiais passam-lhe pela esquerda e avançam até o primeiro plano; falando energicamente para dentro, em tom de comando, na direção da direita*) – Os do fogo fiquem ali, abrigados naquelas rochas. Vocês dois acendam os fachos, e subam até cá, com o outro. (*Pausa, durante a qual olha para fora*) Aí, sim, está bem. Acendam... Subam. (*Pausa, ao fim da qual aparecem os três Soldados. Para o terceiro Soldado*) Tu, fica aqui, onde eu estou, e vigia bem o caminho para Tebas. Se vires algum vulto, avisa-me logo. (*Avança para o primeiro plano, seguido pelos dois outros Soldados, dos quais traz cada um facho e uma escada*) É aqui mesmo. (*Olhando para a boca da caverna*) Lá está ela. (*Para Hegésias*) A boca da caverna é aquilo ali. Entra tu com os dois soldados, para te alumiares. Ao fim de uns... cem passos, digamos, há de ver uma bifurcação, quer dizer, a entrada na rocha, de um segundo corredor. Vai atento, porque não é fácil dar com ela. Aí, tomas o corredor, à direita. Caminha nele com muita cautela, examinando bem o terreno que pisas. Ao fim de outra centena de passos, mais ou menos, verás abrir-se no chão uma grande cova, de uns dez, doze pés de altura. [94] Ordena aos soldados, então, que desçam uma escada para dentro da cova, de modo que ela fique encostada à beira, e que se possa descer até o fundo. Deixem lá a escada e retirem-se. Vamos! (*Hegésias sobe até a boca da caverna, seguido dos dois Soldados; desaparecem por ela. Para Alcímaco*) Depois eu desço ao acampamento, e mando-vos para cá Antígona e Creúsa. Fiquem vocês aqui, a guardá-las com os três soldados, até que 185

de Tebas venham ordens sobre o que devemos fazer delas. Se a revolução rebentar, e se nós vencermos os revoltosos – o que os deuses permitam! –, irá Antígona para a caverna. Se nos virmos em situação difícil, Antígona servirá de refém. Creonte negociará, pela entrega dela, a livre saída de todos nós... Mas 190
havemos de vencê-los, com facilidade. Não creio, até, que chegue a revolta a rebentar... É certo, no entanto, que no próprio conselho de Creonte há quem queira o regresso à democracia, e trabalhe nesse sentido. É pena, muita pena... A meu ver, não há razão para nenhum alarma. Estamos fortíssimos... Em 195
suma: por agora, vamos nós guardando Antígona, à espera das ordens que hão de vir de Tebas. Se vencermos, Antígona entra naquela caverna, é obrigada a descer para o fundo da cova, retirar-se-lhe a escada... e pronto. Fica [95] para ali até que morra... Lá voltam eles. (*Hegésias e os dois Soldados assomam à boca da 200 caverna*) Então? Tudo feito?

HEGÉSIAS – Tudo feito. A escada lá ficou. Tudo preparado para a receber. (*Desce*).

ORTÁGORAS – Bem. (*Para Hegésias e Alcímaco*) Fiquem vocês aqui. Eu desço ao acampamento com os dois soldados. 205
E mando-vos, com eles, Antígona e Creúsa. Até logo. (*Para os dois Soldados*) Venham comigo. Os fachos apagam-se, e ficam além ao pé do fogo. Sigam-me. (*Sai pela rampa, seguido dos dois Soldados*).

CENA IV

HEGÉSIAS, ALCÍMACO,
o SOLDADO de sentinela

ALCÍMACO (*Passeia pensativo; examina de soslaio Hegésias, que se mantém impassível; vai ao fundo*) – Bela vista, a que se tem de aqui... Viemos depressa, não haja dúvida... Bela vista! (*Volta-se para Hegésias; regressa ao primeiro plano*) Creio que conseguimos, efetivamente, sair de Tebas sem que ninguém nos visse. Ninguém sabe onde nós nos achamos. Portanto, os [96] revoltosos, ainda que vencessem por um acaso, não poderiam dar com o paradeiro de Antígona; e Creonte, no caso improvável de um revés, poderia negociar a liberdade dela, para garantia das nossas pessoas... (*Pausa*) Que dizes? 215

195 alarme A: alarma AI

HEGÉSIAS – Eu?... Não digo nada. 220

ALCÍMACO – A queda de Lisandro pode vir a prejudicar-nos...
Não te parece?

HEGÉSIAS (*Sem olhar para ele*) – É possível.

ALCÍMACO – E se em Orcoménia, agora, se viesse a proclamar
a democracia? Que seria de todos nós? (*Pausa*) Que pensas tu? 225

HEGÉSIAS (*Sem olhar para ele*) – Não sei.

ALCÍMACO (*Olha para Hegésias desconfiado. Passeia*) –
Tivemos um belo dia, com efeito... Esplêndida tarde. Não?
Esplêndida.

HEGÉSIAS (*Sempre impassível, e sem olhar para ele*) – Esplêndida. 230

ALCÍMACO (*Considera o outro; passeia*) – O ar está tão límpido,
tão límpido, que poderíamos ver de muito longe a aproximação
do inimigo, se ele por acaso viesse aí... (*Pausa; olha para
Hegésias*) Não achas?

HEGÉSIAS – Assim o creio. 235

ALCÍMACO – Mas não virá, decerto. Ninguém nos viu sair
de Tebas. Não fazem ideia de onde esteja Antígona... Não
te parece?

HEGÉSIAS – Assim o espero.

[97] ALCÍMACO (*Encara o outro; vai ao fundo; volta, aproxima-se de
Hegésias; baixo*) – Ouve: que pensas tu de tudo isto? 240

HEGÉSIAS – Eu?... Não penso nada. Não tenho nada que pensar.

ALCÍMACO – Achas bem o que estamos fazendo?

HEGÉSIAS – Não acho nada. Cumpro ordens.

ALCÍMACO – Mas a consciência? Que te diz a consciência? 245

HEGÉSIAS – Que cumpras as ordens dos superiores.

245 Sim, mas a consciência? A: Mas a consciência? A1

ALCÍMACO – Sim, que cumpra as ordens dos superiores... mas...
naquelas coisas... sim, que são da competência dos superiores...
em que eles podem mandar *legitimamente*... Quer dizer: no
serviço militar, para a defesa da pátria... Mas... quando eles exor- 250
bitam naquilo que mandam, e nos fazem instrumentos das suas
paixões? Quando nos metem no que não deviam, no que não é da
competência deles? Quando quebram a fé no juramento cívico?
Quando nos tornam servos dos Sacerdotes para atacar os direitos
do povo de Tebas, que é o que fazemos atualmente?... Cumprimos 255
ordens, também então? Teremos então de cumprir as ordens? E
não serão eles, os superiores, os [98] primeiros que não cumprem,
neste nosso caso, as ordens supremas da legalidade cívica? Não
serão eles que não cumprem as ordens, – as ordens da cidade, as
ordens da Lei, aquelas que juramos solenemente cumprir? Pois não 260
estamos traindo?... Traindo a cidade?... Traindo o povo?... Bem
sei que as coisas corriam mal; mas, se éramos honestos, porque
não intervimos como cidadãos? Porque quisemos nós proceder
como déspotas? Interviéssemos como cidadãos, e os chefes antigos
entrariam na ordem... 265

HEGÉSIAS (*Contrariado, mas firmemente calmo*) – Olha: será
talvez o que estás dizendo... é possível... Mas isso são coisas
complicadíssimas... muito complexas... e eu, por feitio, não sou
para viver em complicações... Pensar é coisa que me fatiga o
cérebro... Cada um de nós, meu amigo, busca a paz do espírito 270
onde quer que a ache, e eu acho a paz na obediência inteira...
O mais simples, afinal, é cumprir as ordens dos superiores diretos.
Pronto. Cumpro ordens. Não penso mais.

ALCÍMACO – Ainda quando os superiores, Hegésias, te fazem
instrumento de uma tirania abjeta? 275

HEGÉSIAS – Isso é lá com eles, é lá com eles... Se eles mandam
mal, o erro é deles. Eu faço o que devo; cumpro ordens.

[99] ALCÍMACO – E quando os superiores, por sua vez, dão essas
ordens a que tu obedeces... por imposição dos inferiores deles
– e teus inferiores? Quando eles obedecem aos teus inferiores, 280
ao darem-te as ordens para tu cumprires? Quando são os jovens
que se impõem aos velhos? Quando se vive, como nós, na mais
abominável das demagogias, que é a demagogia da força armada?

HEGÉSIAS – Olha: acabemos com isto. Basta de raciocínios. Não
tenho que raciocinar. Cumpro ordens. 285

251-252 suas [próprias] paixões? *Al*

ALCÍMACO – Cumpres ordens... Vais na onda em que vamos todos, vítima, como todos, do grande erro inicial... Percebemos agora que fomos errados, mas não temos energia para emendar o erro... Queremos e não queremos no mesmo instante... Desejaríamos voltar à democracia, mas falta-nos coragem para voltar a ela... Sim: o que falta é coragem, percebes tu? 290

HEGÉSIAS – É possível. Creio que sim... Mas deixa-me em paz; não quero pensar... Quando penso... Olha: a cadeia dos erros é infinita... Talvez toda a gente esteja errada, e o próprio universo esteja errado... Mas que fazer-lhe? Não me sinto capaz de lhe dar remédio! 295

ALCÍMACO (*De olhos no chão, pensativo*) – Talvez toda a gente esteja errada, e o próprio [100] universo esteja errado... Ah! Se se pudesse suprimir todo o nosso passado, como se enterra no chão uma folha morta!... Não te sentes capaz de lhe dar remédio... Ai de mim! Nem eu! 300

SENTINELA – Vêm aí os dois camaradas, com as duas mulheres! (*Sobressalto em Hegésias e Alcímaco, que se encaram interditos*).

HEGÉSIAS (*Faz um gesto de decisão; para a Sentinela*) – Que subam para aqui! (*Antígona e Creúsa assomam ao pé da Sentinela; Creúsa olha em volta, e dirige depois Antígona para o pedregulho da direita, no primeiro plano, onde esta se senta. Hegésias e Alcímaco afastam-se para o fundo, e aí se mantêm*). 305

CENA V

ANTÍGONA, CREÚSA, HEGÉSIAS,
ALCÍMACO, SENTINELA

ANTÍGONA – Senta-te aqui, ao pé de mim. Dá-me a tua mão. (*Creúsa pega-lhe na mão, beija-lha, conserva-lha entre as suas*). 310

CREÚSA – Então? Como vai agora?

ANTÍGONA – Assim... Fraca. Parece-me que [101] vivo como numa nuvem, meia a dormir... Mal percebo o que me estás dizendo... Um cansaço de espírito tão grande, que tudo me parece muito vago, distante, turvo, e que me sinto, pouco a 315

pouco, mergulhando na inconsciência... E ao mesmo tempo uma impressão de alívio... sim, de grande alívio... Penso que o que tinha a fazer ficou já feito, e não vejo agora para o futuro esforço algum a realizar. É só deixar-me ir, sofrer passivamente o que os outros quiserem... No cansaço em que agora estou, 320 Creúsa, esta ideia de inércia dá-me um bálsamo, esta passividade tem doçura... Parece-me que a vida se passou num sonho, de que agora acordo para ir morrer... Uma vida fantástica, a minha vida – sabes? – muito diversa do que deveria ter sido... Creio que nasci para que me conduzissem: e tive sempre que 325 ser condutora, que ir adiante, que decidir... Concedes nada mais desvairado, Creúsa? Representei um papel que não era o meu. Não, não era o meu... Sinto-me bem de o largar enfim... de poder voltar a ser o que sou, o que gosto de ser... (*Olhando em volta*) Mas onde estamos? Que é tudo isto? Porque me não 330 quiseram matar em Tebas? Porque se lembraram de nos trazer para aqui?

CREÚSA – Não sei, senhora, os oficiais não dizem nada.

[102] ANTÍGONA – Fazem o que lhes mandam fazer... Eles, e os soldados, vieram preparados como para a guerra. Porque seria? 335

CREÚSA – Não sei, senhora.

ANTÍGONA – Seja o que for. Nada disso me deve interessar, pois não é verdade, minha Creúsa?

CREÚSA – Porque não descansa sobre o meu ombro?

ANTÍGONA – Dizes bem. (*Encosta a cabeça ao ombro de Creúsa, e fecha os olhos*) É grande alívio, Creúsa, ter-se feito aquilo que se deveria fazer. Há consolo tão grande, tão repousante na satisfação de se ter sido livre!... Sim, resta-me a consolação de ter sido livre... É macio o teu ombro, sabes? Um cabeçal de sonhos bons... 340 345

SENTINELA – O nosso comandante! (*Pouco depois entra Ortágoras, seguido de meia dúzia de soldados armados de lança, os quais, a um gesto seu, formam em linha ao fundo da cena. Os dois soldados da cena terceira ficam fora da formação. Ortágoras coloca-se, com ar de segredo, ao meio de 350 Hegésias e de Alcímaco, que traz para a frente, esquerda*).

[103] CENA VI

ANTÍGONA, CREÚSA, ORTÁGORAS,
HEGÉSIAS, ALCÍMACO, SOLDADOS

ORTÁGORAS (*Baixo para Hegésias e Alcímaco, que se mantêm junto dele*) – Ouçam, meus amigos... Chegou ao acampamento, ainda há pouco, um mensageiro de Creonte. Diz que está tudo sossegado em Tebas. Parece afastada, de maneira completa, 355 qualquer ameaça de revolução. Houve pequenas reuniões de povo – gentes de acaso, excitadas naturalmente pela queda de Lisandro – que foram dispersas com facilidade. Creonte prendeu o filho, Hémon, com receio de uma loucura de rapaz, e alguns possíveis chefes da revolta. Vê, pois, assegurada a 360 ordem, a estabilidade do nosso governo. Os democratas não podem mexer-se... Nestas condições, manda que executemos as suas ordens, no que respeita a Antígona. É disso agora que vamos tratar. (*Pausa; para Hegésias*) Tu, com os dois soldados, conduzi-la-ás para a caverna e procederás como já te disse. Ela 365 desce... retira-se a escada... e pronto. (*Para Alcímaco*) Nós mantemo-nos cá fora... Perceberam? Depois, ficamos acampados nestas montanhas o número de dias necessário, até que nos mandem retirar de cá... [104] Bem. Vamos a isto. (*Dá dois passos no sentido de Antígona, que está repousando de olhos fechados, encostada ao ombro de Creúsa; hesita; volta para junto dos dois Oficiais; baixo*) Parece que repousa, neste momento... Mas não podemos protelar as cousas... É preciso fazer-se já... Há que chamá-la... Esperem... Esqueci-me de vos dizer... Que era?... Ah! Creonte quer que um de nós... qualquer de nós... 375 fique sempre aqui, com uma guarda, e os outros lá em baixo, no acampamento do desfiladeiro... Bem... Agora... parece-me que vos disse tudo... Creio que não falta nada... Bem. Vamos então... (*Dois passos hesitantes no sentido de Antígona. Pausa. Em voz baixa e incerta*) Antígona... Antígona... É preciso que 380 venhas... Com aqueles soldados...

ANTÍGONA (*Como quem desperta*) – Como? Ir?... Pois vamos. (*Levanta-se*).

CREÚSA – Quê?... Para onde a levam?... Que querem fazer?... Não respondem? (*Olha para os Oficiais, para Antígona, e cai aos pés desta, abraçando-a pelos joelhos*) Não, não, não a deixo ir! A minha senhora, para onde querem levar-ma? – a minha menina, o meu amor, a minha luz! Eu, que a criei nestes meus braços, – a minha menina, a minha luz! Não, não pode 385

ser! Não pode ser! (*Soluça; volta-se [105] para Ortágoras, suplicante*) Para onde a levam?... Esperem, senhores, não pode ser! Talvez Creonte mude de ideia, talvez Creonte se arrependa ainda! Muda, decerto, que não pode ser! Não, não, não pode ser! Esperem, senhores, esperem! Um dia, uma hora, um nada, esperem! Não venham a arrepender-se de ser já tarde! 390
 Talvez um mensageiro já corra aí, a dizer que suspendam, que não façam tal! Oçam senhores, oçam: suspendam, senhores, suspendam... Peço, peço que suspendam! Pelas vossas mulheres, pelas vossas mães, pelas vossas filhas, por tudo e tudo que neste mundo... (*Arrasta-se para os pés de Ortágoras*) 395
 Ouve, senhor, beijo-te os pés, ouve-me! Espera, espera! Um momento só! Espera! Olha para ela, vê-a! A mulher mais pura que veio ao mundo, a alma mais nobre de toda a Grécia! Espera, espera! Até a noite, só até a noite! É um crime hediondo o que vais fazer! Suspende, senhor! Suspende! Beijo-te os pés, 400
 suspende! (*Cai com o rosto sobre os pés de Ortágoras, que abraça e beija; Ortágoras faz sinal a dois Soldados, que pegam em Creúsa e a arrastam; Creúsa debate-se convulsivamente*) Ah... Que fazem, malditos? Larguem-me, miseráveis, larguem-me! Para trás... assassinos! Monstros! Larguem-me, infames, 410
 larguem-me! Alguém a vingará! [106] Malditos! (*Desaparece pela rampa aos gritos, debatendo-se convulsiva e enérgica, a custo arrastada pelos dois Soldados*).

ANTÍGONA – Vamos... vamos para o adeus onde não há esperança, para a jornada misteriosa donde se não volta mais... 415
 Despeço-me da luz, que não mais verei... Será com a treva o noivado de Antígona; será com o abandono, será com a morte... Apartada de todos, perdida e só... Para isto nasci, vivi para isto: este o noivado que vai ter Antígona!... Polinices, meu irmão: tua sombra na sombra me receba ao menos... se é que pode ouvir- 420
 -me: se é que há alguma coisa que não seja o túmulo, o tormento, o desespero, a angústia, o peso incomportável de infinitas dores... Outrora, no cume longínquo do monte Sípilo, a filha de Tântalo foi transformada em rochedo: dolorosa e hirta, tinha a fronte coroadada pelas neves eternas; as neves fundiam, molhando-lhe o 425
 rosto; e o rosto chorava, chorava sem fim... Decerto, será o meu destino semelhante ao seu: o choro eterno, para além da morte...³⁰ (*Para Ortágoras, que esboça um gesto*) Percebo, tens pressa. Pois seja, leva-me: obedece ao déspota, aniquila Antígona. Libertas-me de uma vida que valeu mil mortes... Escravo e tirano – quem sabe? 430
 – dás-me a liberdade que não tens para ti. (*Cobre-se com o manto, e dirige-se para [107] os Soldados, que lhe pegam nos braços e a guiam, acompanhados de Hegésias, para a caverna*).

CENA VII

ORTÁGORAS, ALCÍMACO, SOLDADOS formados
ao fundo; depois HEGÉSIAS e os dois SOLDADOS
que o acompanharam

ALCÍMACO (*À esquerda, junto dos rochedos da caverna, de costas para ela. Olha para Ortágoras e para os Soldados que se mantêm imóveis e de olhos no chão. Vai ao fundo com passo incerto e volta, revelando pelos gestos o agitado do seu espírito. Por fim, cruza a cena, dirige-se lentamente para Ortágoras, que está na direita e de face para a caverna; fala-lhe baixo*) – Ortágoras... Ortágoras... Em que pensas tu?... Que fizemos nós? Parece-me que o caminho em que estamos metidos, Ortágoras, só nos pode levar de crime em crime... Isto foi horrível, Ortágoras... O suplício de Antígona é monstruoso... Não tenho tranquila a consciência... Pesa-me colaborar nesta loucura!⁵⁰

ORTÁGORAS (*Baixo também*) – Cala-te! Sabes que não há remédio. Agora, é irmos até o [108] fim. Precisamos de nos defender. Já não é possível voltar atrás, e desfazer a teia dos nossos atos... Temos que nos salvar. Porque já se não trata senão disto: de salvar as nossas pessoas, de salvar o nosso mando... Doa a quem doer. Antes Antígona do que nós. Há que afogar o inimigo em sangue, e que dominá-lo pelo terror. Será lamentável, mas é necessário... Antígona era perigosa. Os seus exemplos propagavam-se... A sua presença excitava o povo... Vamos unidos até o fim. Agora, só nos pode salvar a energia: uma energia implacável, sem dó... Pensemos em nós!

ALCÍMACO (*Baixo*) – Não posso. Sinto-me farto de tantos crimes... Basta de pesadelos! Tenho consciência, por Pólux!

ORTÁGORAS (*Baixo*) – Se ouves a consciência, ficas à míngua; deixas de gozar aquilo que gozas... Só se nasceste para asceta... Eu cá não nasci. Anda: deixa-te de loucuras. Vai para o teu lugar!

ALCÍMACO (*Um pouco menos baixo*) – Não! Acabemos com isto!

ORTÁGORAS (*Baixo*) – Cala-te, que os soldados podem ouvir-te!

ALCÍMACO – Que me importa? Quero libertar-me deste pesadelo. Estou resolvido a acabar com tudo.

441 estamos <metidos>, *AI*

[109] ORTÁGORAS – Importa-me a mim... Vamos, vai para o teu lugar! 465

ALCÍMACO – Vou-me, mas é embora.

ORTÁGORAS – Vai para o teu lugar, digo-te eu! Vê se tens juízo!

ALCÍMACO (*Mede Ortágoras com o olhar*) – Olha: sabes? Adeus.
Fujo para o estrangeiro. Estamos a dois passos da fronteira.
Fiquem vocês com os seus crimes. (*Dirige-se para a direita*). 470

ORTÁGORAS (*Enérgico, para os Soldados*) – Cortem-lhe a
passagem! Não o deixem seguir! (*Desembainha a espada;
os Soldados dirigem-se para Alcímaco, de lança em riste, e
cercam-no contra os rochedos da caverna*)

ALCÍMACO (*Desembainhando a espada*) – Que é isso? 475

ORTÁGORAS – Rende-te!

ALCÍMACO (*Com calma voluntária*) – Deixa-me seguir, Ortágoras.
Já te expliquei. Não vos ataco. Não vos faço mal algum. Quero
tão-só largar tudo isto. Desapareço. Deixa-me passar.

ORTÁGORAS – Rende-te! 480

ALCÍMACO (*Calmamente*) – Deixa-me ir, Ortágoras. Já te disse
que abandono tudo. Prometo que me não ligo aos democratas.
Vou para o estrangeiro. Fico-me por lá. Deixa-me partir.

ORTÁGORAS – Rende-te!

[110] ALCÍMACO – Não te exaltes... Deixa-me partir. 485

ORTÁGORAS (*Muitíssimo enérgico*) – Já! Rende-te! Nem uma
palavra mais!

ALCÍMACO – Ah... ele é isso? Então, olha: avança tu. Manda
recuar os longos piques e resolvamos a coisa entre nós dois,
espada contra espada e peito contra peito. Retira as lanças: 490
avança tu! (*Hegésias assoma à boca da caverna, seguido
dos dois Soldados que o acompanharam, os quais apagam os
archotes; vê a cena; desce a escada e abraça o outro pelas
costas, que é dominado com o auxílio de Ortágoras e dos
Soldados, depois de se debater por alguns instantes. Durante 495
a luta, um dos soldados aproveita a confusão para fugir,*

abandonando a lança) Traição! Tomaste-me à traição!

HEGÉSIAS – Não, não digas isso! Foi para teu bem! Para evitar que te sucedesse mal! Peça-te que reflitas! Estás entre amigos! Não sejas injusto com nenhum de nós! 500

ORTÁGORAS (*Para Hegésias*) – Bem. Acabemos com tudo isto. Leva-o para baixo, tu, acompanhado de alguns soldados. Vê se pelo caminho o vais chamando à sensatez. Entrem no acampamento lado a lado, como bons amigos. Entrega-o aos camaradas que ficaram lá. [111] Estimam-no, saberão sossegá-lo. Que ninguém suspeite do que se passou. Ordena aos soldados que não digam nada, sob pena de morte. Tudo ficará entre nós três. (*Vê no chão a lança abandonada*) De quem é aquilo? Aquela lança, ali? 505

UM DOS SOLDADOS – É a lança de um camarada que fugiu. 510

ORTÁGORAS – Que fugiu?... Bem, veremos isso depois. (*Baixo para Alcímaco*) Vês o que faz um mau exemplo? Vocês destroem a disciplina!

ALCÍMACO – A disciplina!... A disciplina destruimo-la todos, no dia em que saímos do nosso papel para irmos instaurar uma tirania... A disciplina destruimo-la todos, quando fizemos desses pobres soldados instrumento da loucura de alguns de nós... dos piores de nós! Dos mais ignorantes, dos mais boçais... Não se salva a disciplina, repara tu, nem se esteia a ordem, quando se força os outros a colaborar em atos... – como esse aí, do suplício de Antígona! – que revoltam as consciências mais apáticas! O despotismo, Ortágoras, como temos visto, só se sustenta à força de crimes... – e cada vez mais, cada vez maiores!... Aprendemo-lo, enfim, à nossa custa! Escuta: se o não sabes, vais sabê-lo agora... Fica-te com esta: há já muitíssimos camaradas nossos que dizem o [112] mesmo que te estou dizendo... Nem um, nem dois: são muitos já!... Abriram os olhos! Foi o asco aos crimes do despotismo que os levou a amarem a liberdade! E hão de vingá-la, digo-to eu! 515
520
525

ORTÁGORAS – Estás delirando, rapaz... Olha: calemo-nos agora. Não é o momento de discutir. Vejo-te ainda muito exaltado. Calma-te primeiro. Falaremos depois. Sigam. (*Saem Hegésias e Alcímaco pela rampa, seguidos pelos Soldados, menos a Sentinela e os dois sem armas*). 530

517 de loucura A: da loucura AI

519 nem <se> esteia AI

ORTÁGORAS (*Para estes dois Soldados*) – É verdade: já me esquecia de vos perguntar: como se passou tudo na caverna? Sem novidade? 535

SOLDADO – Sem novidade, senhor.

ORTÁGORAS – Como ficou ela, a prisioneira?

SOLDADO – Sumiu-se logo, às apalpadelas, lá para um canto da grande cova, mesmo no fundo, onde a não víamos... Assim se ficou na escuridão, perdida... Apurámos o ouvido... Tudo silêncio. Dir-se-ia já morta. 540

[119] ORTÁGORAS – Bem. Levem os archotes para o pé do fogo, e fiquem lá. (*Os soldados vão à boca da caverna buscar os archotes e saem pela direita*). 545

[113] CENA VIII

ORTÁGORAS, a SENTINELA

ORTÁGORAS – O sol vai a cair para o horizonte: mas teremos um luar magnífico... Ah, enfim, uns momentos de repouso e calma!... Difícil, trabalhoso dia!... Aparece-me complicado o nosso futuro, como um sonho lúgubre que não quer cessar... Mas não, talvez não... Deve ser da fadiga dos trabalhos de hoje: amanhã, com um novo sol, tornará a confiança e o bom humor... Oxalá, oxalá!... Em árdua aventura nos quisemos meter!...E para quê? Já nem sei para quê... Governar, feitas as contas, é mais difícil do que nós supúnhamos; os povos e as coisas não obedecem às cegas, como os nossos soldados. No despotismo, uma violência força logo a outra, e não têm fim... é um despenhadeiro em que se não pode parar... Tapam-se as bocas... mas os espíritos moem, pulverizam, minam, mostram a fragilidade de toda a nossa máquina... Essa antiga mania da liberdade, estou-o vendo agora, tem fundas raízes na alma humana... e não há maneira de lhas arrancar!... Sinto a coisa a desmoronar-se toda, a desfazer-se em pó... Já Lisandro caiu... [114] Hum! Sossego em Tebas! Mas que sossego?... Se entre nós, os da Ordem, a ordem é isto que nós estamos vendo?... Eis-nos aqui, desunidos, fazendo guarda a uma sombra viva, que para além no escuro está morrendo à fome... 550
555
560
565

E depois? Depois, na melhor hipótese, guardaremos o cadáver do que foi Antígona: e a desfeita carcaça apodrecerá na noite, entre rochas húmidas... enquanto nós... Quando poderemos descampar de aqui, fugir da carcaça, esquecer o espetro?... 570 Bem, não pensemos em tal! Seja o que for! Salvemo-nos a nós. Expulsemos do espírito toda outra ideia... Salvemo-nos a nós!

SENTINELA – Um cavaleiro no caminho de Tebas! Dirige-se para o acampamento!

ORTÁGORAS – Que dizes?... A esta hora?... Nova mensagem? 575
(*Aproxima-se da Sentinela, olha*) Com efeito... lá vem...
Ei-lo no acampamento... Mandam-no subir... Não tardará
aí. Esperemo-lo. (*Volta ao proscénio*) Que será isto agora?...
Mudaria Creonte de opinião?... Adiante! Seja o que for!
Ponhamos um freio na impaciência. Esperemos o homem, que 580
não tardará. (*Aproxima-se da Sentinela, olha para a direita*)
O sol vai esconder-se para além dos montes... (*Luz violácea da direita, que se apaga*) Mais um dia absurdo que se foi para
[115] sempre... (*Vira-se para o sentido oposto, onde aparece agora uma luz azulada, do luar*) Destaca-se a caverna sobre a 585
luz da lua, negra, como um túmulo.... E lá dentro, lá dentro...
Que é isto?... Pareceu-me ouvir... (*Sobe, cauteloso, até à boca da caverna, e aplica o ouvido*) Fala este túmulo? Fala? Que
quer de mim? (*Pausa; baixo*) Não... não oiço nada. Iludi-me...
Alucinação, talvez... ou murmúrio de vento, ao perpassar nas 590
folhas... (*Escuta outra vez*) Não... Nada... Mas vem de lá,
não sei de que bocas, um frio de morte que me gela todo...
Não, deixemos isto, vamos! (*Desce lentamente, aplicando o ouvido, incerto*).

SENTINELA – Ei-los aqui, meu senhor! (*Ortágoras dirige-se para a direita; assomam ao pé da Sentinela Hegésias e o Mensageiro*). 595

CENA IX

ORTÁGORAS, SENTINELA,
HEGÉSIAS, MENSAGEIRO

O MENSAGEIRO (*Ofegante*) – Senhor... venho mandado pelos vossos amigos... Para [116] dizer-vos que não resistais, que seria

inútil... Hémon e Critóbulo vêm aí, à frente de tropas... Está 600
tudo perdido... A revolução venceu...

ORTÁGORAS – A revolução?... Como?... Mas... disseram-me...
que estava tudo em sossego em Tebas!... Ainda esta tarde, da
parte de Creonte, mo vieram dizer...

O MENSAGEIRO – Parecia, senhor, parecia... Foi fulminante... 605
Não chegámos a perceber aquilo... De repente, por todos os lados,
atacaram o palácio de Creonte, com forças superiores às nossas...
Foi de surpresa... Tinham tropa com que se não contava...
Ao que parece, muitos oficiais já não eram nossos, porque estavam
fartos da tirania... As melhores espadas que havia em Tebas... 610
Enfim, uma confusão... Critóbulo, com gente sua, ocupara o
templo de Artemisa, e impediu Trasíbulo de nos socorrer...
Creonte fugiu, não se sabe como... Nós rendemo-nos... Hémon
foi solto pelos revoltosos, e dirigiu-se logo para estes sítios, para
libertar Antígona... Não sei como soube que estava aqui... Vem 615
com Critóbulo e alguma tropa, acompanhados de muita gente...
O povo em Tebas percorre a cidade, louco de júbilo, clamando
e cantando... A mim, mandaram-me montar e correr a galope,
os vossos amigos – [117] Panfaios, Cleanto, Filóxeno, – para
vos pedir que não resistais, que seria inútil... Que vos rendais 620
a Hémon... Ele vem aí, com Critóbulo... Como vim a galope,
dando uma volta, passei-lhes adiante sem ser visto... Mas saíram
muito antes de mim... Não devem tardar...

ORTÁGORAS – Vem aí Hémon, dizes tu?... Com tropas e povo?
(*Para Hegésias*) E nós, que soterramos Antígona? E agora?... 625
Espero que Hémon perceberá que obedecemos às ordens
do pai dele... Foi o pai dele que a mandou soterrar... Cá por
mim, sempre me repugnou cumprir tal ordem... Mas Creonte
mandava... que havia eu de fazer? Ele é que insistia em empregar
a força... Eu dizia-lhe, pelo contrário, que o despotismo se 630
prolongava demais... que era tempo de acabar com isto... de
voltar ao governo da democracia... Bem sei que a democracia
funcionava mal... mas então melhorava-se! O despotismo, por
natureza, é sempre um recurso transitório e rápido... Já tínhamos
realizado a nossa obra, o nosso programa... Mas ele não me 635
ouvia, nunca me quis ouvir!³¹ (*Passeia agitado*) O resultado...
vemo-lo aí... Que vai ser de nós? (*Aplica o ouvido*) Que é isto?
Sinto rumor... São eles que sobem... E Creonte, hein? Tratou de
fugir... Abandonou-nos... [118] Nós que aguentemos, agora, com

626 perceberá [...] que *AI*

634 é <sempre> um *AI*

as responsabilidades das suas loucuras... que tratemos sozinhos 640
com os democratas... Ouvi a um deles – não me lembro quem
– que é princípio da democracia o ser generosa... Se são demo-
cratas, hão de ser fiéis aos seus princípios, hão de ser tolerantes,
hão de ser liberais... generosos connosco...³² E Critóbulo, em
suma, tem obrigação de ser bom camarada... 645

(Tropel e gritos: Viva a liberdade! Viva Antígona! Entram Hémon, Critóbulo, Eutífron, Soldados destes em formatura, Alcímaco, Tirésias e o seu guia, seguidos de populares. Os Soldados, sob o comando de Critóbulo, dispõem-se primeiro ao fundo, para irem mais tarde formar à direita, perpendicularmente à cena. 650 Os Populares, no segundo plano).

CENA X

ORTÁGORAS, HÉMON, CRITÓBULO, EUTÍFRON, HEGÉSIAS,
dois ou três OFICIAIS amigos de HÉMON, CREÚSA,
TIRÉSIAS e o seu GUIA, SOLDADOS,
o MENSAGEIRO, POPULARES

HÉMON – Ortágoras, onde está Antígona?

[119] ORTÁGORAS – Na caverna... Obedeci às ordens de teu pai...

HÉMON – Que me conduzam lá, imediatamente!

ORTÁGORAS *(Para Hegésias)* – É Hémon quem manda. Cumpram. 655

HEGÉSIAS *(Para os seus Soldados)* – As escadas! Os archotes!

HÉMON – Onde é? Vamos! Depressa!

(Sobem e entram para a caverna os Soldados com os archotes e as duas escadas, seguidos de Hémon e de Hegésias, com quatro Soldados. Depois de entrarem para lá, e a um sinal de Critóbulo, os Soldados deste vêm formar para a direita perpendicularmente à cena). 660

CRITÓBULO – Ortágoras, a tua espada! *(Ortágoras entrega-lha; rumor entre o povo)* Silêncio, amigos, silêncio! Esperemos caladamente Antígona!... Tu, Tirésias, deves estar cansado: 665
senta-te aqui. Creúsa, além. *(Sinal ao guia, que traz Tirésias*

para o pedregulho, onde se senta; Creúsa vai colocar-se em pé à direita, um pouco atrás de Tirésias) Acalma tu, Eutífron, a impaciência desses companheiros. *(Aos Oficiais)* Ajudai-o vós, meus amigos!... Vamos, sossego! Antígona não tarda aí... Silêncio!... 670
Vá, mais [120] para trás... Silêncio! *(Faz-se, enfim, silêncio absoluto, e ouve-se depois um rumor longínquo, com lamentos abafados, vindos da caverna; baixo)* Que ouço? Que é isto? *(Alguns populares arremessam-se para a escada da caverna)* Suspendam! Não os deixem ir! *(Eutífron e os Oficiais sustentam a 675 turba)* Vai tu, Eutífron. Vê se consegues, mesmo sem luz, perceber o que se está passando. Não há mais archotes? *(Para um dos Oficiais)* Manda dois homens – dois só – procurar archotes onde está o fogo. Os outros que se não mexam! Ninguém se mexa! Silêncio! *(Avança para a turba, que se aquieta. Rumor à entrada 680 da caverna; irrompe, enfim, Hegésias seguido de Eutífron e de um dos Soldados, que empunha um archote).*

HEGÉSIAS *(Desce, desvairado, e olha em redor. Expectativa)* – Deuses!... Ai de nós!... Não estou em mim... Ouve, Critóbulo: Hémon... desceu só à cova... com um archote... para libertar 685 Antígona. Ouvimos um grito... Descemos... Vimo-lo trespassado pela própria espada... Antígona estava morta... tinha-se enforcado! *(Grito de Creúsa, que se deixa cair de joelhos junto do pedregulho onde está Tirésias e que aí se queda soluçando; Tirésias levanta-se).* 690

POPULARES – Morta! Antígona morta! [121] Mataram-na! Assassinos! Morram! *(Avançam para Hegésias e para Ortágoras).*

CRITÓBULO *(Arremessa Higésias para a direita e cobre-o, de espada em punho; Eutífron e os Oficiais desembainham as espadas e põem-se ao lado de Critóbulo, para conter a turba; os 695 Soldados enristam as lanças)* – Parem! Parem! Suspendam! Que é isso? Para trás!... Sois democratas, amigos, e é lei da democracia o ser magnânima!... Defender-se, mas ser magnânima!... Eutífron! Obriga-os tu a ir para trás!... Então, amigos? Tendes deveres a cumprir agora! Pensai em Hémon! Pensai em Antígona! 700

(Aparecem à boca da caverna quatro soldados trazendo o corpo inanimado e ensanguentado de Hémon).

UM DOS SOLDADOS – Senhor!

POPULARES – Hémon! Hémon morto!

(Os dois Soldados levam o corpo de Hémon para o pedregulho, onde o estendem de costas para o espetador, mantendo-lhe o busto ereto). 705

CRITÓBULO (Para os dois últimos Soldados da formatura) – Peguem-lhe vocês. (Para os que trouxeram Hémon) Vão buscar Antígona! (Inclina-se junto do pedregulho; observa atentamente o rosto de Hémon; baixo) Hémon... [122] Hémon... É Critóbulo que te fala... (Levanta-se, abana a cabeça). 710

CREÚSA (Com voz abafada) – Morto?

CRITÓBULO (Esboça um gesto de desesperança; para os soldados) – Ponham-no naquela escada. (Levam o cadáver para o fundo da cena, na escada o colocam, e ali fica ele, aos ombros de quatro populares. Em seguida, assomam à boca da caverna os quatro Soldados que ali foram, com o cadáver de Antígona na outra escada. Creúsa dá um grito, cruza a cena com passo incerto, e é amparada por dois populares, convulsiva e lamentosa. Ergue-se do povo um lamento surdo, e estendem-se braços para o cadáver de Antígona). 715
720

CRITÓBULO – Cidadãos! Inclinais-vos em silêncio à vossa dor! Podereis comprovar no destino de Antígona como é injusta a lei do mundo: tanta maior razão para que combatais pela justiça! Juremos a nós mesmos que faremos o futuro melhor que o passado, para que a tirania não se erga mais, – não, nunca mais! Perante nós, vemos agora uma faina imensa: tenhamos ânimo de a levar por diante e ponhamos a esperança na mocidade de Tebas! Ela, enfim, nos salvará a todos, se souber inspirar-se na santidade de Antígona!... Amanhã, pela alvorada, prestaremos as honras aos nossos mortos; [123] depois, com a promessa da constância do nosso esforço, iremos sacrificar no altar de Palas, – no altar de Palas, a persuasiva, deusa da luz e da liberdade! (Põem-se em movimento; cai o pano). 725
730
735

FIM

NOTAS

Ato III

²⁶ Da autoria de António Sérgio, este desenho do cenário do Ato III, a caneta preta e em papel vegetal, reproduz um quadro bucólico, em sintonia com o descrito na didascália (Ato III, 1-12): “Paisagem de rochedos e vegetação na encosta de uma montanha. No primeiro plano, à esquerda, um penhasco com a entrada de uma caverna, da qual se desce por alguns degraus, ocultos ao espetador. À direita outro aglomerado de rochedos, vestidos de vegetação, no sopé do qual há um pedregulho onde se podem sentar umas três pessoas. No segundo plano, ao centro, uma pequena elevação de terra com dois ou três degraus naturais. Por detrás do segundo plano, e abaixo dele, há uma rampa que sobe da direita e que se não vê. No terceiro e quarto planos, colinas cobertas de vegetação, com dois ou três ciprestes. Ao fundo, o mar muito azul, sob um céu muito límpido. Fechando o horizonte, ao longe, arrumação de terra de cor azulada. Dia luminoso de primavera”.

²⁷ É nítida a preocupação que Sérgio teve de situar o ambiente bucólico na Grécia, ao recriar, ainda que de forma muito livre, os *Idílios* de Teócrito. Para além das personagens Corídon, do *Idílio* IV, e Títiro, dos *Idílios* III e VII, ainda é possível entrever, na penumbra da recriação sergiana alguns passos da obra do poeta de Siracusa. É o caso, a título de exemplo, dos vv. 9-10 da primeira intervenção de Corídon (Ato III, 27-28), do verso e meio atribuído ao pastorinho (Ato III, 34-35) e dos vv. 4-5 da terceira fala de Corídon (Ato III, 47-48) que decalcam, com modificações, os vv. 44-46 do *Idílio* IV, os vv. 102-103 do *Idílio* V e os vv. 4 e 11 do *Idílio* I. Cuccoro (2014, p. 135, n. 88) acrescenta ainda o *Idílio* III: “Aggiungerei che in III (un rustico *paraklausithyron*, ossia un ‘canto intonato davanti a una porta chiusa) ritroviamo il motivo della fanciulla celata – propriamente nascosta, in questo caso – in una grotta: si tratta di Amarillide, che un capraio canta mentre Titiro accudisce le mandrie”.

²⁸ Ao imitar os *Idílios* de Teócrito, Sérgio teve também o cuidado de transpor os hexâmetros para decassílabos, porque, além de serem estes os versos que melhor traduziam o movimento rítmico grego, eram também os que, pela sua “musicalidade ondulante”, melhor se adequavam ao canto dos pastores. Os dodecassílabos (três, se associarmos o segundo verso da fala do pastorinho, de quatro sílabas, ao primeiro da segunda intervenção de Corídon, de oito sílabas) e os hexassílabos (em número de nove) disseminados por este diálogo lírico, ainda que introduzam uma variação na sequência rítmica, acabam por não ser dissonantes. De facto, se se pensar que cada um dos versos de doze sílabas da segunda fala de Corídon, dada a sua natureza bipartida, pode ser entendido como um conjunto de dois versos de seis sílabas, ficamos com uma paleta rítmica reduzida a duas tonalidades: os decassílabos, que predominam, e os hexassílabos que são versos quebrados do decassílabo heroico. Sobre esta matéria rítmica, veja-se Carvalho, 1991, pp. 32-40.

²⁹ *Vide* fig. 5 e p. 48, n. 2.

³⁰ Tal como no *kommos* da tragédia sofocliana (vv. 824-833), a *Antígona* de Sérgio, na hora de se despedir da luz “para a jornada misteriosa donde se não volta mais” (Ato III, 415), aproxima o seu destino do de Níobe, filha de Tântalo e mulher de Anfíon. Por se ter vangloriado de ter mais filhos do que Latona, a frígia foi castigada com a perda da sua descendência. Mergulhada numa dor imensa, fugiu para junto de seu pai, para Sípilo, na Ásia Menor, onde chorou até ser transformada em rocha pelos deuses. Mas os seus olhos continuaram a chorar ininterruptamente, convertendo-se as suas lágrimas em nascente.

³¹ Nesta afirmação de Ortágoras, que evidencia, já na parte final da peça, uma aproximação às posições de Critóbulo e de Alcímaco, aflora o pensamento de Sérgio quanto à admissibilidade de uma ditadura apenas como regime transitório, que preparasse o advento de uma nova e verdadeira democracia. *Vide supra*, p. 98, n. 23.

³² Esta é também a democracia que preconiza Sérgio, num texto escrito em Madrid, em janeiro de 1927. Cf. Sérgio, 1972b, p. 159.

ANTÓNIO SÉRGIO

ANTÍGONA

Diálogo histórico-filosófico-político
em forma dramática

Segunda edição, remodelada¹

[c.1950]

ANTONIO SERGIO

A N T I G O N A

Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática

Segunda edição, reimpulada.

1...as leis não escritas...

SOFOCLES, Antígona.

2...luce intellettuale, piena d'amore.

DANTE, Paradiso

3...thus furnishing mankind with the
two noblest of things, which are sweet-
ness and light.

SWIFT, The Battle of Books.

4. Cease!...The world is weary of the
past!

SHELLEY, Hellas.

5 L'union est son but et le travail
son rôle,
Et, selon celui-là qui parle après Jésus
Tous seront appelés et tous seront élus

VIGNY, Paris.

Fig. 8: Segunda versão do frontispício datiloescrito da edição de c.1950, com aditamento manuscrito (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.^a_parte_2, p. 16)

ANTONIO SBRGIO

A N T I G O N A

Dialogo historico-filosofico-politico em forma dramatica

...as leis nao escritas...

SOFOCLES, Antigona

...luce intellettuale piena d'amore.

DANTE, Paradiso

...thus furnishing mankind with thre two noblest things, which are sweetness and light.

SWIFT, The battle of books

L'union est son but et le travail son t role,
Et, selon celui-la qui Parle apres Jesus,
Tous seront appeles et tous seront elus.

VIGNY, Paris.

Elas ferem, disputam-se vitimas, atiram ao ar imprecacoes. Pode isso, todavia, impedir o teu pensamento de se conservar purissimo, compreensivo, sage justo? Como se alguem, diante de uma fonte limpida e blandissima, se pusesse a injuria-latia por isso nao deixaria ela de manar diafana. Se lhe lancassem lama, se lhe arrojassem esterco, em breve a fonte dissiparia tudo, lavaria tudo; nao ficaria por isso maculada... Como o sal a tua alma devera vertor, devera derramar-se; sem se esgotar, mas estendendo-se; sem se tornar violenta nem excessiva ao topar os obstaculos que lhe resistem; sem cair, mas detendo-se, e iluminando o objecto no qual incide. Privar-se-a da sua luz quem a nao queira receber em si.

MARGO AURELIO, Pensamentos

Fig. 9: Primeira versão do frontispício datiloescrito da edição de c.1950
(BAS: AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 1)

As leis não escritas...

Sófocles, *Antígona*

Luce intellettual, piena d'amore.

Dante, *Paradiso*

... thus furnishing mankind with the two noblest of 5
things, wich are sweetness and light.

Swift, *The Battle of Books*

Cease!... The world is weary of the past!

Shelley, *Hellas*²

L'union est son but et le travail son rôle, 10
Et, selon celui-là qui parle après Jésus
Tous seront appelés et tous seront élus.

Vigny, *Paris*

8-9 <Cease... *Hellas*> B2

[Eles ferem, disputam-se vítimas, atiram ao ar imprecações. Pode isto, todavia, impedir o teu pensamento de se conservar puríssimo, compreensivo, sage, justo! É como se alguém, diante de uma fonte límpida e brandíssima, se pusesse a injuriá-la: lá por isso não deixaria ela de nanar diáfana. Se lhe lançassem lama, e lhe arrajassem esterco, em breve a fonte ficaria tudo, lavaria tudo, não ficaria por isso maculada... Como o sal, a tua alma deverá verter, deverá derramar-se: sem se esgotar, mas estendendo-se; sem se tornar violenta nem excessiva ao topar os obstáculos que lhe resistam; sem cair, mas detendo-se e iluminando o objeto no qual incide. Privar-se-á da sua luz quem a não queira receber em si. 15 20 25

Marco Aurélio, *Pensamentos*]³

14-27 Eles foram... *Pensamentos B*: [Eles foram... *Pensamentos*] B2

Cx11-P24/004

A TODOS OS QUE NASCERAM
PARA SEREM LIVRES;
AOS JOVENS PORTUGUESES
~~que nascem livres~~ --
--CADA VEZ MAIS RAROS --
NAO ESCRAVIZADOS A UM SECTARISMO POLITICO
OU A QUALQUER ESPECIE DE DOGMA FILOSOFICO
APTOS PARA OS VOOS DA INVESTIGACAO LIBERRIMA,
COM O GOSTO DE PENSAREM POR SI MESMOS
E CAPAZES DE DUVIDA METODICA;
AOS QUE ENTENDEM O CARACTER EMINENTEMENTE HUMANO
DA DOCTRINA " DA PRATICA DO COOPERATIVISMO INTERPAL,
PROFUNDAMENTE REVOLUCIONARIO,
PELO QUAL O POVO REALIZA POR SI,
AUTOROMA-, ORIADORA- E IMEDIATAMENTE
A SUA PARTICIPACAO SOCIAL-ECONOMICA,
SEM SE POR NA DEPENDENCIA DE CHEFES POLITICOS,
DE CONDUCTORES AMBICIOSOS E ESPECTACULOSOS;
E AOS APOSTOLOS QUE ACTUAM PARA BEM DO POVO
SEM BUSCAR AS AURAS DA POPULARIDADE,
DEDICA O AUTOR

Com o financiamento da F. C. Gulbenkian ao abrigo do Concurso de Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais 2015

Fig. 10: Primeira versão da dedicatória da edição de c.1950
(BAS: AS.07-Cx11-P24/004)

A TODOS OS QUE NASCERAM
PARA SEREM LIVRES;
AOS JOVENS PORTUGUESES
-- CADA VEZ MAIS RAROS --
NÃO ESCRAVIZADOS A UM SECTARISMO POLITICO
OU A QUALQUER ESPÉCIE DE DOGMATISMO FILOSÓFICO,
APTOS PARA OS VÓS DA INVESTIGAÇÃO LIBÉRRIMA,
COM O GÓSTO DE PENSAREM POR SI PRÓPRIOS MESMOS
E CAPAZES DE DUVIDA METÓDICA;
AOS QUE ENTENDEM O CARACTER EMINENTEMENTE HUMANO
e da prática
DA DOUTRINA DO COOPERATIVISMO INTEGRAL,
PROFUNDAMENTE REVOLUCIONÁRIO,
PELO QUAL O POVO REALIZA ELE PRÓPRIO
-- AUTONOMA E ORIADORAMENTE --
A SUA PRÓPRIA EMANCIPAÇÃO ECONÓMICA SOCIAL-ECONÓMICA,
SEM TER NECESSIDADE DE SE METER A REBOQUE
DE CHEFES POLITICOS AUTORITARIOS;
AOS POUCOS
E A ~~TODOS OS~~ QUE ACTUAM POR AMOR DO POVO
SEM BUSCAR AS AURAS DA POPULARIDADE,
DEDICA O AUTOR

Fig. 11: Segunda versão da dedicatória da edição de c.1950

[DEDICATÓRIA]

A todos os que nasceram para serem livres;	
Aos jovens portugueses	30
– cada vez mais raros – não escravizados a um sectarismo político ou a qualquer espécie de dogma filosófico, aptos para os voos da investigação libérrima, com o gosto de pensarem por si mesmos	35
e capazes da dúvida metódica;	
Aos que entendem o caráter eminentemente humano da doutrina e da prática do cooperativismo integral, profundamente revolucionário,	
pelo qual o povo realiza por si	40
– autónoma, criadora e imediatamente – a sua emancipação social-económica, sem se pôr na dependência de chefes políticos, de condutores ambiciosos e espetaculosos;	
E aos apóstolos que atuam para bem do povo sem buscar as auras da popularidade,	45

Dedica o autor.

-
- 33 dogmatismo *B*: dogma *B1*
35 próprios *B*: mesmos *B1*
38 da doutrina <e da prática> do cooperativismo *B1*
40 ele próprio *B*: por si *B2*
41 autónoma e criadoramente *B*: autónoma, criadora e imediatamente *B2*
42 a sua [própria] emancipação *B1*
42 económica *B*: social-económica *B1*
43 sem ter necessidade de se meter a reboque *B*: sem se pôr na dependência de chefes políticos *B2*
44 de chefes políticos autoritários *B*: de condutores ambiciosos e espetaculosos *B2*
45 a todos os que *B*: aos poucos que *B1*: aos apóstolos que *B2*
45 por amor *B*: para bem *B2*

PRÓLOGO

Ao leitor indulgente,
disposto a perdoar as extravagâncias do autor

Soll man aber, bei dieser Erkenntniss, den später
Kommenden das Recht versagen, die älteren Werken
nach ihrer Seele zu beseelen? Nein, denn nür dadurch, 5
dass wir ihnen unsere Seele geben, vermögen sie forzu-
leben; erst unser Blut bringt sie dazu, zu uns zu reden.

Nietzsche, *Menschliches, Allzumenschliches*⁴

J'ai cherché, pour servir de trame à certaines idées [...],
quelqu'une de ces vieilles fables... 10

Renan, *Le prêtre de Nemi*

[2] Este “apólogo dialogal” é, em parte, como que um caderno de memórias, ou coisa que o valha; em parte, o testamento político de um sonhador sem emenda; em parte, uma espécie de sermão de um moralista cívico... – e tudo isso que digo, e outras coisas ainda, sob a imprópria vestimenta de uma discussão dramática. Por isso mesmo, leitor⁵, previno-te: se te não for possível afazer-te à ideia de que se não trata de uma obra de ficção literária, de algo pertencente ao velho género dramático na forma tradicional e propriamente dita, mas de uma sorte de depoimento e de pregação popular por um homem que nasceu pregador-ensaísta e a quem os ventos ciclónicos da barafunda pública arremessaram à força para os turbilhões da política, para a celeuma das turbas, para a atuação clandestina, e que vem aqui divagar do que presenciou e pensou, e da “moralidade” que tira da sua própria experiência, apresentando realidades do nosso viver recentíssimo, sob formas extravagantes de imaginação doidivanas. Se te não sentes capaz de o tomar como tal, – bom leitor, não prossigas: deita fora o volume, que não conseguirás aturá-lo. Percebo que o assunto e a forma adotada são coisas difíceis de se ajustar entre si, impossíveis de fundir numa unidade estrita. Meter em colóquio uma tal miscelânea, e infundir-lhe a estrutura de uma ação dramática, – reconheço, sem custo, que é por demais temerário. Mas resigno-me à ideia de me aventurar a tal risco, em troca da possibilidade de poder acaso ser útil. E poderei eu ser útil? Ignoro-o. Que querem? *Al freír de los huevos se lo verá*⁶. Ou, antes: nunca se poderá ver se o serei.

[3] Insisto: não esperes uma obra de verdadeiro teatro, consoante as pautas tradicionais literárias e compatível com o critério do realismo em arte. E se te não sentes disposto a renegar toda norma; se em matéria de estética és pessoa sóbria, das que resistiriam a uma égloga de Vergílio ou Camões porque pegureiros autênticos nunca poderiam tratar daqueles temas, nunca poderiam palrar com tal verbo; dos que achariam abomináveis painéis com anjos, porque ninguém, até hoje, pôde lobrigar um só anjo; dos que deploram que, nas telas de assunto bíblico, as vestes e as arquiteturas sejam as do tempo do artista, e que se vejam fidalgas e cortesãos galantíssimos nas pinturas pastorais de um Boucher e de um Watteau; das que gritam que o maravilhoso pagão d’ *Os Lusíadas* (que tão bem se coaduna com as descrições do mar) não deveria misturar-se com o maravilhoso cristão (que está ali porque o Gama não era o Ulisses, e não cria em Neptuno nem no Zeus tonante); se és desses realistas (insisto eu) abandona-me; não ateimes no enjoo de ter de sofrer este monstro, – este desvario, esta *scappata*, esta confissão, este desabafo. Ora repara: ante os lances políticos do seu próprio tempo, o Herculano lembrou-se de que existia a *Bíblia*, e expressou-se politicamente pela *Voz do Profeta*⁷, sob a forma bíblica (o que

para o realista é intragável); e ante os factos políticos do meu próprio tempo, eu lembrei-me, por meu turno, de que existia o Sófocles, e rabisquei este apólogo, – que não é obra de teatro, nem de pura arte, nem da Antiguidade, nem tão-pouco grega; que é um texto hieroglífico, digamos; que é uma fábula pragmática, intemporal, fantástica. Jorge Ferreira de Vasconcelos dá-nos a comédia *Aulegrafia* como sendo uma “salada portuguesa” em que teve por intuito o “mostrar a olho o rascunho da vida cortesã”⁸: pois a este colóquio com ação dramática lhe poderia eu chamar uma *salada*, onde se poderá ver o fiel rascunho de uma vida política em que me achei envolto.

Com efeito, através do artifício de uma antiga história, eis um debate que é de hoje, sobre temas sociais que são de [4] hoje. Mais: em linguagem que é de hoje, com modos de pensar que são de hoje, sem nenhum reboço ou cautela. Para gente artista e lunática, sem sombra de rei e sem roque.

Claro, a hipótese da representação não me aflorou nunca ao espírito, não pensei nunca em teatro. Por outro lado, o alvedrio do crítico foi aqui libérrimo, delirantemente anacrónico, – e resignado, portanto, a dar a impressão do grotesco: já que é isto um testemunho sobre o Portugal do meu tempo, – ou, antes, sobre um aspeto interessante do Portugal do meu tempo – com suas lutas, misérias, tribulações, anseios. Além disso, os interlocutores são simbólicos: são bonifrates ideais, seres abstratos, teses; nem sequer silhuetas de criaturas vivas, mas emblemas de opiniões e de tendências políticas de que foram partícipes bem numerosas almas na vida do mundo do entre-as-duas-guerras, deste após-guerra incertíssimo. Creonte simboliza a atitude fascista, no que ela tem de mais fundo; o oficial Ortágoras⁹ e o escravo Nicócoras¹⁰ querem ser as imagens de duas instituições de base de todos os nazi-fascismos que por aí surgiram: a Polícia-do-Estado e a Propaganda-Política; e Antígona, Polinices, Critóbulo, Tirésias são facetas diversas de antifascismo, da aspiração à liberdade, do revolucionismo social. E assim por diante. Até a própria Isménia a vejo eu como um símbolo, não só das famílias que fizeram recuar tantos homens, mas também dos derrotistas que frequentemente encontrava. Um único dos nomes tem correspondência efetiva, individualmente histórica: o de uma vaga personagem a que se alude às vezes, mas que não vem ao proscénio, o do financista Ceréfilo¹¹.

Nos contos populares de [5] narração fantástica, de feiticeiros e fadas, consideram-se abolidas todas as leis da física: aqui

60-61 uma fábula hieroglífica, pragmática, intemporal e fantástica. *B*: um texto hieroglífico, digamos; que é uma fábula pragmática, intemporal, fantástica. *B1*

62-66 <Jorge Ferreira...achei envolto.> *B1*

89 vejo <eu> como *B1*

desprendi-me de toda regra literária, de todo saber sobre a História, de toda noção cronológica. E o resultado... à sorte! Quem nunca se arriscou não perdeu nem ganhou!

E é tudo? Não: porque, apesar da atualidade ou contemporaneidade do tema, não olhei unicamente para o que se pode ver nesta hora, mas, ademais, para traços que se mantêm estáveis no ambiente político do Portugal moderno. E assim a má sorte do português apóstolo (como um Verney, um Herculano, um Oliveira Martins, um Antero, e outros menores pelo intelecto, mas claros também pelo caráter) nunca me saiu da memória e guiou-me sempre a inventiva, naqueles passos do colóquio em que me coube invocar Polinices – personagem compósita que se não vê também no tablado, e que é o espírito revolucionário como o sei amar e inculcar – essência sublimada de alguns bons amigos, portugueses uns deles, outros, porém, estrangeiros (um Paul Langevin¹², um Édouard Claparède¹³, um Marc Sangnier¹⁴, um Padre Manuel Alves Correia¹⁵, um Proença¹⁶, para buscar só entre os célebres, e para citar só de entre os mortos)¹⁷ encontrados nas andanças de uma vida áspera, e que aqui pus como timbre do meu humanista ideal.

Portanto, a tomar em conta as exterioridades da obra (a vetustez da fábula, os nomes; certas alusões, certas frases), a atualidade completa do que se diz e pensa nada menos seria do que caricata. Porém, se o leitor for capaz de se aclimar um pouco ao universo do discurso desta “boémia do espírito”, talvez logre perdoar-me o que há de paradoxal na fatiota, já que o esqueleto é que é tudo.

[6] Como adverti, não se sonhou com a hipótese de se representar o drama, para o qual se não procuraram as qualidades cénicas nem as dimensões compatíveis com a declamação num palco. Jogo de pensamentos, e não colóquio para a ação; torneio de conceitos e de orientações políticas, – obedeceu a um intuito meramente prático: o de concorrer, na medida da minha força exígua, para relevar a essência dos atuais conflitos, vistos por um ângulo peculiar e bem próprio, de onde tento expressar para os que queiram ler-me uma triste experiência do viver político; e, além desse, o de popularizar um acervo de conceitos básicos, contrariando o domínio de certas afirmações erróneas (ou que tais se me antolham) quanto aos fins verdadeiros a que se deverá tender. Popularizar, sublinhemo-lo: o que justifica esta forma, de que me ocorreu lançar mão.

Quisera que a uma parte deste sermão em diálogo se aplicasse aquilo de Frei João S. José de Queirós: “Aqui se ponderam erros, se criticam ditos, da mesma sorte que nos mapas e cartas de marear se mostram os baixos e sirtes de que se deve fugir”¹⁸. Sim, na verdade, é isso: apontar as sirtes de que se deverá fugir; e para tal,

tão-só (e não pois na atitude da controvérsia e da sátira) anotei o 140
pessoalismo dos nossos homens públicos, os dilúvios verbais em
que se malbarata o tempo, os mútuos desprezos com que os indi-
víduos se encaram, a mania da oposição a quanto os outros fazem,
as ciumeiras de glória e os incontrolados instintos que propulsam 145
a desacordos e incompatibilidades absurdas os que se consideram
animados por um ideal comum... Por mim, ao saber-me anava-
lhado por correligionários políticos (caso, aliás, frequentíssimo),
abraçava-me com gosto a este pensar de romântico, que encontrei
nas *Memórias* [7] de Hector Berlioz:

L'enthousiasme serait donc le contraire de l'Amour; il nous fait aimer les 150
*gens qui aiment ce que nous aimons, même quand ils nous haïssent.*¹⁹

Ai de mim, que caí eu em dizer-vos! Abriréis vós um sorriso,
e estarei eu a entendê-lo: percebo que há algo de pretensão cari-
cata em assumir esse papel de juiz-cartógrafo, de piloto-censor. E,
no entanto... não será, porventura, uma obrigação de civismo o 155
declararmos a ideia que nos pareceu a nós mais sensata, ainda que
sabendo que vamos pregar no deserto, que nos hão de tratar como
a um louco? E não será isso o que a Democracia a todos nós nos
impõe? Não será isso, afinal?

Mas cerro-me por aqui, bom leitor, e despeço-me. Recitado o 160
prólogo, poderá o pano subir, – ou descerrar-se a cortina sobre
este fictício palco, onde os atores são ideias. Melhormente dito:
onde lutam conceitos, anseios, aspirações sociais, paixões várias,
que latejavam num drama onde também eu fui comparsa, – um 165
comparsa cansado da aridez do espetáculo, das infidelidades
dos homens, das incompreensões frequentíssimas, enjoado da
pequenez, das intrigas, dos odiozinhos boçais, das calúnias, e a si
mesmo se aplicando o fusco dizer de um poeta:

Je retourne où j'attends la bataille du monde,
*Sans pitié pour mon coeur affamé de repos...*²⁰ 170

147-148 políticos [(caso, aliás, frequentíssimo)], abraçava-me *Bspr*

156 que nos pareceu a mais sensata *B*: que se nos afigura justa *Bspr*

159 impõe? Não será isso, afinal? *B*: impõe? [Não será isso, afinal?]
Bspr

160 Mas cerro-me por aqui, bom leitor, *B*: E pronto! Cerro-me aqui,
senhores meus, *Bspr*

163 aspirações [sociais], paixões [várias], *Bspr*

164 [eu] fui comparsa *Bspr*

165-167 das infidelidades dos homens, das incompreensões frequentíssi-
mas, enjoado da pequenez, das intrigas, dos odiozinhos boçais, das calúnias, *B*:
enjoado das malevolências, das incompreensões, das calúnias, *Bspr*

Sim, de repouso! E, no entanto, sabendo bem que este livro vai aborrecer toda a gente, que me há de trazer mais desgostos. Espero o pior, conformado. Seja o que for, paciência. “Quem serve o comum – se o sei! – não serve nenhum”.

Devo agradecer aqui ao meu bom amigo, o Professor Henrique Vilhena²¹, o compreensivo e generoso interesse com que se resignou a ler o meu manuscrito, e os utilíssimos reparos que sobre ele me fez. 175

[De²² repouso, sim, naquilo que se refere a atuação na política, em seu significado estritíssimo. Não, porém, na pura pregação do civismo, campo em que me esforcerei por me aplicar sempre a mim próprio este preceito aliciador que Ramalho Ortigão deu algures, e que ele, por infelicidade, não soube guardar com firmeza: 180

Um poeta, um literato, um escritor, é um homem de combate e de guerra. Como tal, o que lhe cumpre fazer depois de cada vitória é pendurar a sua coroa e tornar a desembainhar a sua espada. Logo que põe a coroa na cabeça, e deixa a espada na bainha, sai do campo e entra na galeria; está encaixilhado na sua obra; é um quadro.²³ 185

Na ação de Natureza propriamente política (em oposição a essoutra de que Ramalho aí fala, e em que desejo manter-me), não me teria embrenhado, creio eu, jamais, se me não forçasse a fazê-lo a instituição da Censura: a qual, privando-me da espada que me é congenial e própria (a da palavra, a da pena) me não deixou mais recurso que o de lançar mão de outros gládios, que nos servissem na obra de conquistar para nós todos o direito de exprimir o que se pensou que era justo. E tal luta, em suma, pela dignidade do espírito, pela libertação do intelecto, – é que é o tema de base desta minha *Antígona*. 190 195

Cabe-me agradecer ao meu excelente amigo, o Professor Henrique Jardim de Vilhena, a leitura paciente do manuscrito da obra, – leitura que executou com o mais fraternal dos interesses, isento de dogmatismos e de preconceitos literários, descendo sempre às minúcias, com a máxima simplicidade, sem o menor simplismo: e (como consequência disso) a preciosa utilidade dos seus reparos críticos.] 200

178-203 <De repouso, sim,... reparos críticos> Bspr

[8] FIGURAS

ANTÍGONA, irmã e discípula de Polinices; 22 anos.

ISMÊNIA, irmã de Antígona; 19 anos.

CREÚSA, aia de Antígona e de Ismênia; 50 anos.

CREONTE, tirano de Tebas; 48 anos.

HÉMOM, filho de Creonte; 26 anos.

TIRÉSIAS, adivinho; 50 anos.

ORTÁGORAS, oficial da Polícia Política.

CRITÓBULO, ALCÍMACO, HEGÉSIAS, EURÍPILOS²⁴: oficiais

A SENTINELA de guarda ao cadáver de Polinices.

NICÓCORAS, escravo encarregado da Propaganda Política.

CORÍDON, TÍTIRO: pastores.

OFICIAIS, CIVIS, MENSAGEIROS, PASTORES, GUARDAS, a
FILHA DE TIRÉSIAS²⁵, etc.

Visione-se Antígona vestida de branco; as outras personagens, de tonalidades neutras; e como que esba-tido, também, o cenário. Seria despropósito localizar a ação em sítio parecido com a Tebas de outrora, mas mais 5 desarrazoado desejar prendê-la a uma rua da Baixa da Lisboa de hoje, realismo que não cabe julgar compa-tível com o caráter simbólico que devem ter as figuras. O teatro dos conflitos a que se aqui alude é a consciência dos homens da nossa época, e um pouco a dos homens de 10 todas as épocas. Por isso mesmo se considerará a fábula como um tanto desprendida do tempo e do espaço, sob o nome arbitrário de Tebas.

[9] ATO PRIMEIRO

Tyrannenmacht kann nur die Hände fesseln,
Des Herzens Andacht hebt sich frei zu Gott.

Schiller, *Maria Stuart* 15

Till men have been some time free, they know not how
to use their freedom... The final and permanent fruits
of liberty are wisdom, moderation and mercy... If men
are to wait for liberty til they become wise and good in
slavery, they may indeed wait for ever. 20

Macaulay, *Milton*

La force ne peut jamais persuader les hommes; elle ne
fait que des hypocrites.

Fénélon

We are the music makers, 25
And we are the dreamers of dreams,
Wandering by lone sea-breakers,
And sitting by desolate streams; –
World-losers and world-forsakers,
On whom the pale moon gleams: 30
Yet we are the movers and shakers
Of the world forever, it seems.

Arthur O'Shaughnessy, *The Poets's Function*

22-24 <La force... Fénélon> B1

Semelhante a olhos que só se pudessem voltar das trevas para a luz com todo o corpo, o órgão da inteligência deve voltar-se, com toda a alma, da vista do que nasce para a contemplação do que é, até que possa fixar seus olhos no que há de mais luminoso no ser, ou seja aquilo a que chamamos o bem. 35

Platão, *República* 40

O *Logos*, esse deus cujo altar está no espírito do homem.

Eurípides, *Fragmento 170*

Solitudinem faciunt, pacem appellant.

Tácito, *Agricola* 30

[10] (*Uma praça em Tebas. Ao fundo, pórtico com escadaria perto do palácio de Creonte. No patamar de cima, bases de colunas dóricas. Cenário simples, esquemático, em tons diluídos. Ao subir do pano, é noite avançada. Ténue claror de luar. Entram Isménia e Creúsa*).

5

CENA I

ISMÉNIA, CREÚSA

ISMÉNIA – É aqui, Creúsa? É aqui que ela há de vir?

CREÚSA – Aqui, se não faltar, Isménia. Aqui, senhora minha.

ISMÉNIA (*Olhando em redor*) – Parece que não chegou ainda...
Que irá passar-se, Deus dos deuses?... Vês? Sinto o coração
a estalar no peito... e não tenho cabeça para coisa alguma... 10
Depois dessa horrível revolução de anteontem, em que os meus
dois irmãos caíram mortos – pobre Etéocles! querido Polinices!
– tudo me parece de mau agouro... não sei, tudo me inquieta,
assusta-me tudo... Sou como uma folha que a um nadinha
treme... Ah, Creúsa: pudesse eu fugir – para longe, bem longe, 15
muito longe, muito – e ser-me dado esquecer, adormecer,
diluir-me... até de todo repousar na morte!

CRÉUSA – Então? Afastar esses pensamentos tristes!

ISMÉNIA – Morrer, sim, se o morrer é dormir! Como é bom [11]
dormir, Creúsa, como é bom!... E tudo tão calmo aqui, em torno 20
de nós! Não sopra uma aragem! Nem uma folhinha treme! No céu
as estrelas a esplender tão nítidas, tão altas e superiores à nossa
miséria humana! E cá na terra... Oh, como a luta é estúpida! Pensar
que há dois dias era tudo estrondo, que era tudo tumulto nesta
mesma praça... Os revoltosos, com o Polinices, além... As tropas 25
dos déspotas postadas aqui, taciturnas, lúgubres... e o Etéocles
com elas, a combater o irmão... Um contra o outro, os meus dois
irmãos!... E mortos ambos, ao abrir da peleja! Oh, que momentos
esses! A revolta foi sufocada... E depois... depois, Creúsa,
foi matar, matar, matar!... Pareceu-me deveras que enlou- 30
quecia... E agora... que silêncio!... que solidão!... que paz!

CREÚSA – Paz aqui, ao pé do palácio; mas nas sombras dos cárceres, nos subterrâneos, nesses campos hediondos da morte lenta... quantas agonias, quantos prisioneiros, que milhares de dores!

ISMÉNIA – Sim, que milhares de dores! Tudo mentira, nesta paz 35 fingida! É ferocíssima a polícia deles, pois não, Creonte?

CREÚSA – Não falemos nisso. É melhor esquecer.

ISMÉNIA – Dizes bem: esquecer... E quem será ela, Creúsa? Porque me pediu essa mulher que viesse aqui, antes do nascer do sol, para que falássemos as duas sem que ninguém nos visse? 40 Não adivinhas, não? Não surpreendeste na mensageira dela... [12] sim, um olhar, um gesto, um indício, nada?

CREÚSA – Não, nenhum indício. Demais, falámos pouco. Só disse aquilo: «Previne Isménia, tua senhora, de que há uma mulher que chegou a Tebas²⁶ – e da parte da qual venho eu falar-te – que precisa muito de conversar com ela, o mais breve possível. Amanhã, 45 perto do palácio de Creonte. Antes da alvorada, para que ninguém as veja. Escolha ela o sítio que lhe pareça bom: dir-mo-ás depois. É coisa grave, da maior importância. Que não falte. Adeus.» Foi tudo o que disse. Nem palavra mais... Mas Arturo aproxima- 50 -se do cipreste da porta; pouco faltará que nos apareça aí.

ISMÉNIA – Será?... Não, impossível! Tão longe de aqui!

CREÚSA – Quem?

ISMÉNIA – Nada. Continua.

CREÚSA – Disse tudo. 55

ISMÉNIA – Que sairá disto?... Queres que te diga, Creúsa? Parece-me que mil bicos ávidos de corvos me atassalam a alma continuamente, como o cadáver insepulto do Polinices... Dir-se-ia que a revolução desapareceu das ruas para vir agitar-se no meu pobre espírito... É que estive para enlouquecer, 60 Creúsa, estive; olha que estive... e ainda agora... oh, este meu pensar é um tumultuar frenético, um esvoaçar de centenas de asas pretas... (*Súbito, com um grito*) Creúsa! Ali! não viste?... Um vulto branco, além... diz: não o viste [13] passar por entre as árvores? 65

63 <com> um grito *BI*

CREÚSA (*Voltando-se*) – Não. Não vi.

ISMÉNIA – Pois vi eu. Vai, vai saber quem é. E se fosse...
Impossível! Quem será?

(Creúsa sai pela esquerda; pouco depois regressa à cena, acompanhada de Antígona, e torna a sair. Antígona aproxima-se lentamente de Isménia, embuçada no manto). 70

CENA II

ISMÉNIA, ANTÍGONA

ISMÉNIA – A que vens? Que queres de mim? Quem és?
Descobre-te, mulher, pelo Estige! Que precauções são essas?
Fala!... Habitas Tebas? Isménia conhece-te? Conhece-la tu?
(Antígona aproxima-se e desembuça-se; abraça-a). 75

ANTÍGONA – Isménia, pequenita...

ISMÉNIA – Como? Como te foi possível? Parece-me um sonho!
E que tens feito, diz? E eu, que tanto e tanto precisava de ti,
neste pesadelo contínuo que me persegue!

ANTÍGONA – Não penses nisso. Esquece-o. 80

[14] ISMÉNIA – Não pensar! Com tantas desgraças que sobre nós
caíram! E quantas, ainda, as que estarão por vir!

ANTÍGONA – Talvez não. Tenta esperar. Quem sabe?

ISMÉNIA – Esperança! Dizes tu esperança! Em quê? Se só tenho
na cabeça recordações de mortes, que se sucedem na memória 85
e que se cruzam rápidas, como relâmpagos, sem me deixar
repouso! A cada instante julgo ver o pai, fugindo de todos
como um maldito... e as chagas dos seus olhos, e a mãe enfor-
cada... E ainda os fantasmas dos nossos dois irmãos, mortos
em combate, quase ao mesmo tempo, um contra o outro... E 90
sonho com os soldados da tirania – aqui, aqui onde estamos,
vês tu, Antígona? – a matarem os revoltosos já vencidos... sim,
já desarmados e vencidos... E ainda por cima, – oh, o peso
continuado desta tirania hipócrita, e a gente inumerável que por

aí padece, – e o ódio, a espionagem, a delação, os cárceres... 95
Ah, pelos deuses, não! Não sei, não posso, não consigo viver
no meio disto! São tantas as coisas, tantas! Não as sei dizer,
sufocam-me! As imagens acodem-me numa forja viva, numa
dança louca... e é uma angústia, uma angústia, Antígona, como
se alguém me estivesse a sufocar aos poucos: sim, a sufocar 100
o espírito, a sufocar a alma! A angústia, – oh, minha querida,
ninguém pode calcular o que isso é! Quem o não experimentou,
não pode! Os meus pensamentos são labaredas doidas, e sobre
todas as coisas lançam elas sombras, – não sei que imensas,
monstruosas sombras! E além disso – e o pior – é o sentir-me 105
isolada, esvaziada, desarraigada, naufraga, sem interesses, sem
alma, sem aspirações, sem tino, num imensíssimo vácuo que
me estrangula [15] e mata... Oh, não saias mais de ao pé de
mim, por piedade! Leva-me contigo, para onde quer que partas.
Esconde-me, some-me: longe, bem longe, bem no fim do 110
mundo... onde nada me recorde o que já sofri e vi... (*Como que
despertando, e mudando de tom*) Mas... que é isto? Que fazes
tu, desgraçada? Pois não sabes que os déspotas te têm ódio? Se
te apanham, que será de ti? Vai-te, e que ninguém mais o saiba!
Oculta-te! Não nos apareças mais!... Que horror! 115

ANTÍGONA – Deixa-me prender-te as tuas mãos nas minhas...
Assim. Com calma... sossega, minha filha, e escuta-me. Para
a imaginação, parando os gestos. Imobiliza o corpo, sorri a ti
mesma. Verás que passa. O tempo urge, e eu tenho agora que
deliberar contigo. 120

ISMÉNIA – Deliberar, Antígona? Que estás tu dizendo?

ANTÍGONA – É que... Ouve. Os déspotas, como decerto já
sabes, concederam as honras da sepultura ao nosso irmão que
combateu por eles, ao Etéocles... e recusaram-nas ao Polinices,
que se revoltou. Sabe-lo, pois não é verdade? 125

ISMÉNIA – Sim. E então?

ANTÍGONA – Que o cadáver do Polinices foi abandonado aos
corvos, que...

ISMÉNIA – Sei! Já sei! E de aí? Que queres?

ANTÍGONA – Que é proibido inumá-lo, chorar por ele... 130

ISMÉNIA – Sim, sim. E depois? Apressa-te!

- [16] ANTÍGONA – E depois... Tais foram as ordens que deu o Creonte, para serem obedecidas pelo povo de Tebas; para serem obedecidas também por ti, minha querida Isménia; para serem obedecidas também por mim; e... 135
- ISMÉNIA – E então? Diz!
- ANTÍGONA – E então... quem infringir o decreto será lapidado... Assim o tirano o proclamou ao povo. Mal o soube, entrei em Tebas sem ser pressentida...
- ISMÉNIA – E foi por isso, Antígona? 140
- ANTÍGONA – Foi. E quis falar-te...
- ISMÉNIA – Para quê?
- ANTÍGONA – Para... para te ver ainda, para...
- ISMÉNIA – Não disfarces! Diz a verdade! Para quê?
- ANTÍGONA – Sossega, querida. Para te perguntar que pensas tu, Isménia. Sim, que faremos, que... 145
- ISMÉNIA – Que faremos?... Mas não percebo, Antígona. Que hão de fazer... que podem fazer duas mulheres, como nós?
- ANTÍGONA – É que cuido...
- [17] ISMÉNIA – Cuidas? Que cuidas? 150
- ANTÍGONA – Pergunto-te...
- ISMÉNIA – Mas quê? Depressa! Diz!
- ANTÍGONA – Se queres ajudar-me...
- ISMÉNIA – Ajudar-te? Em quê ajudar-te? Como?
- ANTÍGONA – Sim, dizia eu... em acompanhar-me... na realização do meu plano. 155
- ISMÉNIA – Plano?... E esse plano... Mas que é que tramas, Antígona? Que loucuras mais? Que estás tu sonhando?

ANTÍGONA – Em honrar o cadáver do Polinices.

ISMÉNIA – Honrá-lo? Dizes tu honrá-lo? Contra as ordens expressas do Creonte? Honrá-lo, tu? 160

ANTÍGONA – Sim. Trata-se do Polinices, vês tu? Do nobre, do generoso, do magnânimo irmão que tanto amei, – e que tão abandonado, tão maltratado foi da sua própria gente! Queres que o abandone também eu, Isménia? Demais, o decreto de um déspota não governa as almas, e desobedecer aos déspotas é obedecer aos deuses. Conseguiram sufocar a revolução do povo; mas creio... quero crer, pelo menos... que não podem matar, que não mataram ainda a consciência em todos. E por isso... 165

ISMÉNIA – E por isso quê? Em que pensas, desvairada? 170

[18] ANTÍGONA – Na libertação. Nada mais. No esforço de libertar a minha própria alma. Ouve: fazes empenho em acompanhar-me nisto? Diz: fazes?

ISMÉNIA – Eu? Acompanhar-te? (*Agarrando-se a Antígona*) Antígona, por misericórdia, ouve-me! Não queiras insistir em tentar os deuses com façanhas absurdas e incompreensíveis! Não nos faltaram loucuras! São desvários de mais! Lembra-te do destino de toda a nossa gente! Lembra-te... (*Leva a mão ao peito*) Ai, este meu coração, que se me parte! (*Arrasta-se até a escadaria, seguida de Antígona que a vai amparando, e deixa-se cair sentada sobre um degrau. Em voz baixa*). Basta, filha! Não posso mais. Não me mates! Basta! 175 180

ANTÍGONA (*Sentando-se ao pé dela, e afagando-a*) – Ouve. Não te alvoroces, meu bem, não te aflijas. O medo dispara a imaginação fantástica, e depois a imaginação reacrescenta o medo. Para os delírios dessa roda viva. Não há mal para ti, nem para mim, nem para pessoa alguma. Ouve-me! 185

ISMÉNIA – Não, ouve-me tu primeiro! Deixa-me falar-te... falar-te ao coração, ao que tu tens de melhor. Aqui, muito chegada ao teu coração. (*Põe a cabeça no peito dela, suplicante*) Somos mulheres, simples mulheres, meu amor. Somos... 190

ANTÍGONA – Somos... em grande parte, pelo menos... o que queremos ser no futuro. Somos o ideal que nos anima – quando realmente o temos, enraizado e vivo... Mas deixemos isso, que não é para o momento. Seria ridículo. Repara tu, minha filha... 195

[19] ISMÉNIA – Escuta-me. Somos mulheres, digo-te eu, e não nos cabe a nós o combater com os homens. Nascemos para o sacrifício, o sofrimento, a dor... e não se pode lutar com os que têm o mando. Não, não se pode. Que lucras tu com acometer às cegas o que é muito superior às tuas forças? Com essa mania de revolucionar o Mundo, que o pobre do Polinices te meteu na alma? Vê: de que lhe serviu? De que te serve a ti?... De seres caluniada, como o caluniaram a ele. Pelos teus próprios, – por todos. Vais fazer o que peço, sim? Vais, diz que vais!... Mas diz, diz! 200

ANTÍGONA – É que estás delirando. Aquieta-te. O que eu quero... 205

ISMÉNIA – Olha: como quando éramos pequeninas, lembras-te? Anuías sempre ao que eu pedia: sempre, sempre...

ANTÍGONA – Pois seria; mas agora...

ISMÉNIA – E agora que tem? Agora é o mesmo. Tu vais desistir. Desistir das loucuras em²⁷ que estás sonhando. Diz que vais! 210 Afinal, tudo isso é orgulho, vaidade pura!

ANTÍGONA – Não. Humildade sincera. Quem quer ver com lucidez tem de ser humilde. Sei que só vale o que com ele aprendi, com o nosso santo irmão, com...

ISMÉNIA – Cala-te! Não é disso que se trata agora! Anda, diz que sim! (*Agarra-se a Antígona, suplicante*) Vamos, promete! Que te [20] importa? Diz que sim! 215

ANTÍGONA – Mas... Não me percebeste, Isménia. Vês as coisas piores do que elas são.

ISMÉNIA – Nesse caso... 220

ANTÍGONA – Nada quis tentar, claro, sem primeiro conversar contigo...

ISMÉNIA – Queres dizer... pode ser ainda que...

ANTÍGONA – Não me interrompas. Sem te perguntar, primeiro, se desejavas acompanhar-me neste meu empenho. Pareceu-me 225 ser isso o meu dever. E, no entanto...

ISMÉNIA – Não desistes, então? Enlouqueceste, Antígona?

ANTÍGONA – Mas não é o que pensas. Repara: não peço que venhas comigo, entendes? Não, nada disso. Uma pessoa basta para o que é preciso. Que ainda assim... Olha: é melhor, até, que vá eu só. 230

ISMÉNIA – Que vás? Pois sempre?...

ANTÍGONA – Sim. Já decidi. Darei sepultura ao Polinices. Quero dizer: farei por dar-lha.

ISMÉNIA – Sepultura? Como? E se a polícia, os soldados...

[21] ANTÍGONA – Deixa lá a polícia. Tem-se medo de se ir preso, e é esse o mal. Bem vês, não o poderia evitar. Tem de ser. 235

ISMÉNIA – Porquê? Pois tu não percebes...

ANTÍGONA – Não me demovas. Preciso de fazê-lo, Isménia.

ISMÉNIA – Para quê?

ANTÍGONA – Para... para obter a harmonia no meu próprio espírito. Para ver claro em mim. 240

ISMÉNIA – Ora! Teorias! Uma apaixonada, é o que és! Temperamento de labareda, coração de fogo! E haver quem te chame uma inteligência fria!

ANTÍGONA – Sou uma emotiva, sou, – infelizmente; e o próprio da emoção é impelir para a loucura. Bem sei. Mas o ser-se de labareda (como tu mesma dizes) não impossibilita o intelecto de ver claro às vezes, e de conseguir o bastante para disciplinar a alma, conferindo-lhe a ordem, a iluminação, o bem. É até uma condição para que tal se faça. 245
250

ISMÉNIA – Como? Não te percebo. Ao Polinices, também, nunca o pude entender!

ANTÍGONA – Ai de nós, querida Isménia! É tão complicado este nosso mundo interior, tão difícil de reger e de manter harmónico!

[22] ISMÉNIA – És uma criança! Ser generosa – ou ser racional, ou lá como dizes – é que é a tua paixão. 255

ANTÍGONA – É a minha paixão.

ISMÉNIA – Vês? Confessa-lo!... Mas venhamos ao caso. Pretendes lutar com a Cidade inteira?

ANTÍGONA – Não. Que ideia! Não quero lutar contra ninguém no Mundo. Não nasci para lutas, tenho horror às lutas.²⁸ 260

ISMÉNIA – Tu? Tu, que não fazes senão lutar?

ANTÍGONA – Enganas-te. Não! Quem me dera a paz! Eu não luto, afirmo.

ISMÉNIA – Afirmas o quê? 265

ANTÍGONA – Afirmo... Seria longo o explicar-te, e não sobra tempo para explicações agora. Olha: afirmo a existência de uma luz suprema, e o dever de por ela nos guiarmos todos. De uma fonte de ideias que dá coerência ao Mundo, – e que em nós atua.

ISMÉNIA – Que luz é essa? Onde está? Ora! 270

ANTÍGONA – Em nós, Isménia. A luz está em nós. Mas tão poucos a sentem, tão poucos a veem... ou tão poucos procedem como quem a sente e vê! E eu recuso-me a obedecer aos que não querem vê-la, aos que nos não percebem. Não, não nos percebem: [23] e por nos não perceberem é que nos têm ódio. 275
Eu, porém, não os odeio a eles, nem lhes quero mal, e não luto: unicamente afirmo. E o que afirmo é a paz. A paz verdadeira na iluminação do espírito, no desprendimento interior. A paz na Razão.

ISMÉNIA – Paz? Tu, a paz? 280

ANTÍGONA – Sim, eu. Quem me dera a paz!

ISMÉNIA – Suponhamos. E depois? Que sonhas tu fazer?

ANTÍGONA – Quase nada. Já to disse. Honrar o cadáver do Polinices. Erguer-me contra o insulto que lhe faz o déspota... ou, antes, contra o despotismo que nos asfixia a todos. Na escuridão desta Tebas, ser alguém que se indigne. Melhores do que eu o fizeram. Admiro os que protestam. Quero estar com eles. 285
Protestar também.

266 temos B: sobra B1

ISMÉNIA – E tu própria, Antígona? Tu própria o farás?

ANTÍGONA – Sim. 290

ISMÉNIA – Honrar o cadáver? Sozinha?

ANTÍGONA – Sozinha.

ISMÉNIA – Como? Crês isso possível?

ANTÍGONA – Ninguém sabe o possível. Não sei se é possível, nem me [24] interessa sabê-lo. Manda-me a consciência que o vá tentar. 295
Quero o ato interior. O efeito material não depende de mim.

ISMÉNIA – E que esperas?

ANTÍGONA – Nada.

ISMÉNIA – Pois sem esperança vives?

ANTÍGONA – A afirmação me contenta. A esperança? Virá depois, 300
talvez... pela obra já feita, pelo seu próprio andar...

ISMÉNIA – Céus! Que vai ser de ti? Tenho tanto medo, Antígona!

ANTÍGONA – E eu?

ISMÉNIA – Medo? Tu?

ANTÍGONA – Sim. Pois pudera! Tenho imaginação, também eu, e 305
a fervura da imaginação é que sustenta o medo.

ISMÉNIA – Nesse caso...

ANTÍGONA – Que queres? Não posso evitá-lo. Há o que te
disse, vês? Há a lei que nos ascende à grande luz do Espírito,
à coerência na alma. 310

ISMÉNIA – É espantoso! Pois falas a sério, filha? Mas que é isso?
Palavras, quimeras, nada... Porque te interessas tu por essas
coisas?

ANTÍGONA – Porque me interesso!... Como responder-te? Porque
são algo essencial para o meu rumo de vida, para a criação de 315
mim por mim própria. Não é tal o passado que nos domina e

manda, mas [25] o rumo de vida que se escolheu para o porvir. É esse o que desenha os nossos atos mais nossos, é esse o que escolhe as recordações mais vivas, as que ficam como estrelas na nossa constelação interior... Porque me interesse, dizes? Ah, e se me não interessasse, de que me serviria viver? 320

ISMÊNIA – De quê?... Ora! Não te entendo! Doidices! O impossível, sabes?

ANTÍGONA – Talvez o não seja. Porém, quando o ato material nos não é possível, realiza-se, ao menos, o ato interior que é bem nosso, o que é afirmação de uma ideia... e a inteligível harmonia de uma consciência livre. Bem sei: tudo isto decerto te há de parecer loucura, pedantismo, declamação, retórica... E aceito que o penses, não to levo a mal, percebo. Mas que fazer-lhe? Só posso proceder pelo que eu própria vejo, – pelo que vejo claramente que é o que deve ser... Ai de mim, querida Ismênia, que me não sinto capaz de to explicar melhor... nem seria o momento de to explicar melhor!... 325

ISMÊNIA – Teimas, então?

ANTÍGONA – Sim! É o que deve ser! 335

ISMÊNIA – O que deve ser! E não pensas nas desgraças que nos hão de vir dos teus atos?

ANTÍGONA – Se penso! Infelizmente, penso. E perdoa, minha filha, mas...

ISMÊNIA – Não pensas, não! E é absurdo, cruel, o que vais fazer! Por piedade, atende! Olha para mim... mas olha para mim, [26] desvairada, e ouve-me! Sai do teu sonho, desce à realidade, acorda! Que vai ser de ti? Que vai ser de mim? Que vai ser do Hémon? Sim, do teu noivo, o Hémon? Só o Polinices te interessa? Só o que morreu para ti conta? Mas que tens, que não vês?... E depois, – para quê, Antígona? Que ganhas tu com essas coisas? És um pio de gaivota sobre um grande mar que não finda! Hão de abater-te, esses pérfidos! Os teus próprios, ouviste-me? Ver-te-ás traída, incompreendida, escarnecida, só, ao afundar-te sem remédio, nesse grande mar que não finda! Não tenhas ilusões, digo-te eu. Não tenhas! 340 345 350

324 se B: quando BI

325 não for possível B: nos não é possível BI

ANTÍGONA – Nunca as tive, – sabe-lo. Acredito facilmente que o teu pessimismo é que acerta. Se o acredito!

ISMÉNIA – Porque o repeles, pois?

ANTÍGONA – Porque me afoga. Porque me não é impossível 355
respirar com ele. Que queres? Traiam-me os habilidosos, mas
seja eu vibrante! Engane-me sobre os homens, mas tenha luz e
chama! Não! A prudência desconfiada não pode ser para mim.
Só pela audácia na generosidade me sinto eu viver!

ISMÉNIA – E dá-te isso felicidade? Deveras? Dá-te? 360

ANTÍGONA – Pelo menos, torna-me mais alegre do que os que me
chamam tola... Sabes? Não invejo a sorte dos avisados tristes... E
consola-me... o quanto possível, claro... dos tormentos que a vida
nos impõe a todos. A Natureza é horrível... e o homem como natu- 365
reza, com as suas paixões e os seus ódios. Mas há a luz do Espírito.

[27] ISMÉNIA – E eu? Eu, Antígona? Nunca verei fim a estes meus
pesadelos, a esta angústia de angústias que me não larga nunca,
que me aperta e amarfanha com grandes garras de ferro, sempre
alimentada por maiores horrores? Tu tens-te a ti mesma, à tua fé 370
na Razão, – ou lá no que é, que eu não sei. Mas uma fé. E eu?
Eu, que não tenho outro arrimo senão a ti? Ah, não posso mais,
minha Antígona! Ai de mim, que endoideço! (*Abraça-se, solu-
çando, a Antígona, que se levanta com ela, faz sinal a Creúsa
para que se aproxime, e lhe entrega Isménia desfalecida*). Sinto
tudo fechado, tudo treva, abismos... nada a que me agarre, espe- 375
rança alguma, nada... Tudo escuridão, tudo vácuo. Não, antes a
morte! O que eu quero é morrer!

ANTÍGONA – Perdoa, meu amor, – se é possível... E não exageres,
querida. Estás cansada, é o que é. (*Acaricia-a*) Se dormires um
pouco, verás tudo mais claro do que te parece agora. A Creúsa 380
que te acalente com os seus cantos doces. Leva-a, Creúsa.
Vê se consegues que descanse e durma. E amanhã... Eu tenho de
seguir, que são horas. Não tarda aí que desponte a aurora. (*Para
Isménia*) Não me queiras mal, se puderes. Repousa. (*Toma-lhe
nas mãos a cabeça e beija-lha*) Até sempre. Adeus. 385

ISMÉNIA – Já? Vais-te já? Sem que me digas ao menos quando
tornarei a ver-te?

370 Mas <uma fé. E> eu? Eu, *BI*

383 abalar *B*: seguir *BI*

ANTÍGONA – Que queres que te diga? Não sei.

[28] ISMÉNIA – Que irá passar-se, Antígona? Que vai ser de ti?

ANTÍGONA – Tem esperança. Ai de mim, minha filha! Porque se não caminha para a luz sem se magoar alguém? Estou sendo má para contigo: sê-lo-ei depois para com outros. Não há esforço para o bem que não leve consigo o seu mal. É a maior das misérias da nossa sorte humana... Não pensemos nisso. Adeus. 390

(Créusa sai pela esquerda, acompanhando Isménia quase inânime; Antígona olha-as, até que se somem). 395

[29] CENA III

ANTÍGONA, só

ANTÍGONA *(Sobe ao alto da escadaria do fundo e de aí olha para a direita da cena, onde já vai começando a anunciar-se a aurora; depois, ao pé de uma coluna do patamar da escadaria, diz ela o seguinte, – de mãos juntas, concentrada, imóvel, sem tom algum declamatório)* – Não sei. Não pode ninguém sabê-lo. 400
É o negrume, o imprevisível, a interrogação, o incógnito... Se serei eu capaz!... Serena sempre, lúcida sempre, até o fim, – sem quebra? Ah, se serei eu capaz!... Não te levantaste ainda, mas cuido já que te vejo, ó santa luz da alvorada! Visiono-te em espírito, porque preciso de ti, – e parece-me que canta uma 405
expectação divina na atmosfera plácida que te anuncia... e que cantam com ela o casebre e o campo, a árvore e o rio, a montanha e o céu... Sol, símbolo da coerência, bem do intelecto! Alvorada, claridade, luz! De ti, luz, tenho sede agora: de luz absoluta, de luz perfeita! Dá-me coragem, limpidez da aurora! 410
Dá-me coragem pelo refúgio em minh' alma, que é o anelo exaltante de te encontrar a ti! Quem a ti sobe – ó luz redentora! – dissipa o egoísmo e o medo à morte no fulgor diamantino dos teus clarões! Enche-me de bondade, de compreensão amorosa, 415
de mansuetude absoluta, de harmonia íntima, – para que não possam vencer-me os fantasmas fátuos que nos obsessam com angústias e com pavores! Quando tudo na alma é uma

403 até [a]o *BI*

409 de coerência *B*: da coerência *BI*

manhã claríssima, – que é o que vale no Mundo que não seja a luz? Que significa um exército? Quem é o Creonte? Irmana-me contigo, ó madrugada límpida: dissipem-se na alvorada que nos céus esplende as noturnas agonias que das sombras vêm; liberte-me a alva da inteligência nítida de todos os tumultos de uma imaginação sem lei! Infunde-me coragem, clarão do espírito! Liberta-me do medo, fulgor dos céus!²⁹

[30](*Vai a descer; afirma a vista, recua um pouco, esconde-se por trás de uma coluna mais próxima, e desaparece enfim*).

CENA IV

PRIMEIRO ESPIÃO, SEGUNDO ESPIÃO

PRIMEIRO ESPIÃO (*entra com o Segundo; sobe sozinho a escadaria, cautelosamente; chegado ao cimo, olha para um e outro lado; desce*) – Hum! Desapareceu. Aqui há coisa, seja lá o que for... Será?... Não, não pode ser. Também não vale a pena magicar por isso. Inventar-se. Vou já de aqui falar ao Ortágoras... ou talvez ao Creonte. Hein, amigo?

SEGUNDO ESPIÃO – Já? Só com tão pouco?

PRIMEIRO ESPIÃO – Pois então? Olha quem! Eu sou lá um homem que precise de mais? Isto que vimos, mais uma indrômina minha, já nos dá direito a uma boa espórtula. Iremos... aonde tu sabes. Iremos beber pela segurança do Estado. O nosso Creonte será generoso. Cá para a espionagem nunca falta o oiro. É ou não é?

SEGUNDO ESPIÃO – Pudera que não!

PRIMEIRO ESPIÃO – Que o Ceréfilo das finanças³⁰ há de espremer o povo.

SEGUNDO ESPIÃO – E o povinho que pague.

PRIMEIRO ESPIÃO – Que pague!... Mas enfim, giremos. E lá pela tarde... vamos, pelo cair do crepúsculo... mostra-me o focinho junto da Porta Creneia.

[31] SEGUNDO ESPIÃO – Pcht! Silêncio! Vem aí alguém. Apartemo-nos para aqui... Pois quê? Mais conspiradores a estas horas? 450

PRIMEIRO ESPIÃO – *(Deixando-se levar pelo outro e firmando a vista)* – Espera. Estou a reconhecê-lo, creio... A ver se adivinhas?

SEGUNDO ESPIÃO – Sei lá!

PRIMEIRO ESPIÃO – Pois sei eu!

SEGUNDO ESPIÃO – Quem? 455

PRIMEIRO ESPIÃO – Um momento... E agora?

SEGUNDO ESPIÃO – Na mesma.

PRIMEIRO ESPIÃO – Sério, homem? Pois não vêes que é o Nicócoras³¹, o escravo do Ceréfilo, o da Propaganda?

SEGUNDO ESPIÃO – Parece-te? 460

PRIMEIRO ESPIÃO – Se me parece!... Tenho a certeza! Recolhe de alguma ceia do seu servicinho. E, como é natural, comunicativo e alegre. Dirige-se para aqui. Vais vê-lo. Olha, olha... Não o reconheces ainda?... Pois espera... Ei-lo. Pronto. Ei-lo, aí está!

[32] CENA V

PRIMEIRO ESPIÃO, SEGUNDO ESPIÃO, NICÓCORAS

NICÓCORAS – Olá! Boa noite! Ou bom dia, ou lá o que seja! 465
Venho de uma ceia. De uma ceia do espírito, está bem de ver. E amanhã... amanhã o almoço, para anunciar os prémios. Os prémios para as letras, os prémios para as artes. Com bom alcocinho, que se não dispensa. A política do espírito³² requer almoço. Isto vai ótimo, queridos amigos! São os saldos no 470
orçamento, as pousadas lindas, as muralhas remendadas, as diversões, as danças. E obras públicas, por Zeus! Para fazer reclame! Alegam que o povo está a morrer de fome... Patetas!

464 reconheces ainda?... [sério?...] Pois espera... *BI*

Mas a política do espírito que tem que ver com o povo? O povo, para a política do espírito, só tem de ser pitoresco. Não vos parece, amigos? Ná, ná: política do espírito, política do espírito! O nosso Ceréfilo é que é o novo Homero. O poeta das cifras, percebem vocês? Adoremos o homem, que é o Deus do saldo! É o ponto final de toda a minha história! Ponhamos o seu busto por toda parte! Quem manda, amigos? Quem é que nos manda? 475
 Pois quem há de ser? (*Levantando o braço*) Ceréfilo, Ceréfilo, Ceréfilo! Tudo por Tebas, pela Grei Tebana! Contra ela, – Nada! Mesmo nada! Já disse que nada! (*Saída falsa pela esquerda*). 480
 A Grei Tebana, está bem de ver, somos nós e os nossos; e os outros... são os estrangeiros do interior; são a anti-Tebas. 485
 Ah, quem manda, rapazes? Ceréfilo, Ceréfilo, Ceréfilo!... Poeta, poeta, poeta... das cifras, das cifras, das cifras!³³ (*Sai; os dois espiões encaram-se, e soltam uma gargalhada*).

[33] CENA VI

PRIMEIRO ESPIÃO, SEGUNDO ESPIÃO

PRIMEIRO ESPIÃO – Ah, ah! O poeta das cifras! Esta só dele! O Homero do saldo! Sabe-a toda, o finório!... E pensar que foi ele, ao cabo de contas, com a massinha espalhada pela Propaganda, que fez do Ceréfilo, o Grão Ceréfilo, o Ceréfilo Máximo, reclamado no mundo!... Que lá isso... um ás para a propaganda é o senhor Nicócoras, sem sombra de dúvida! 490

SEGUNDO ESPIÃO – Agora é que acertas. A opinião que se espalha é a rainha do Mundo, e a propaganda é a senhora da opinião dos asnos... e dos que querem comer. Quem tem dinheiro para comprar escribas, com soldo e com prémios... 495

PRIMEIRO ESPIÃO – Fabrica a intrujice em que todos creem... Bem. Ele foi ao seu bródio; vamos nós cá ao nosso. À tardinha, na Porta Creneia. E depois... estás de aí a ver. Com... como eu gosto delas, percebes, tu? Ou inocentinhas, ou que a saibam toda. Valeu? 500

SEGUNDO ESPIÃO – Combinado. Até logo, pois.

PRIMEIRO ESPIÃO – Até logo, amigo. Ah, que manhã vamos 505

480 toda [a] parte *BI*

ter! Adeus. (*O Primeiro Espião sai pela esquerda; o Segundo, pela direita. A orquestra faz ouvir muito piano o tema da flauta da filha de Tirésias e desenvolve este tema num crescendo, à medida que a cena se torna clara. Por fim, fica iluminada completamente. Entram Alcímaco e Critóbulo*).

510

[34] CENA VII

ALCÍMACO, CRITÓBULO

CRITÓBULO – Foi então para aqui que nos convocou Creonte, aos militares e aos seus partidários? E para quê, sabes?

ALCÍMACO – Não, Critóbulo, não sei. Acaso a confraternização pela vitória sobre os revoltosos.

CRITÓBULO – A confraternização!... A vitória!... A vitória, nas 515
lutas civis, é já de si uma coisa triste; mas muito mais torva,
muito mais triste, para aqueles que duvidam da sua própria
causa... como eu, por exemplo... e tu, também... (*Espera
uma resposta, que o outro não dá*) Pois não é assim, de facto?
(*Silêncio*) Não, Alcímaco? 520

ALCÍMACO (*Depois de o encarar por algum tempo*) – Ora... ouve,
já que insististe. Sim, Critóbulo: o que para aí apodrece – essa
tirania de hipócritas – é o que está dito e redito: uma mentira
burlesca, descomunal, infecta, mascarada pela propaganda de um
truão a escriba. Vejo, concordo: mas depois? Que se porá em 525
vez disto?... A democracia antiga? Essa que tu mesmo – sim, tu,
Critóbulo – te fartavas de condenar e de criticar, quase tanto...
Que digo? Decerto muito mais que todos nós?

CRITÓBULO – Porque era falsa! Democracia, aquilo? Não, de
maneira nenhuma! Uma miséria, um logro... palavreado, igno- 530
rância... e a causa verdadeira do que sofremos hoje! Mas a

515-516 A confraternização! A vitória!... [Ah, bem triste coisa, essa vitória nossa!] A vitória nas lutas civis, *Bsap₁*: A confraternização! A vitória!... A vitória nas lutas civis, *B*

528 que <digo?> Decerto muito mais <do> que todos nós *Bsap₁*: que digo? Decerto muito mais que todos nós *B*

530-531 <Uma miséria, um logro, e a causa verdadeira do que sofremos hoje!> *Bsap₁*: Uma miséria, um logro <... palavreado, ignorância...> e a causa verdadeira do que sofremos hoje! *B*

ditadura que sobreveio – que nós fizemos – deveria ter sido [35] progressiva e culta, para dignificação dos tebanos: e não reacionária, imoral, obscurantista, déspota, como vem sendo a que está. 535 Cumpria que nos preparasse para a democracia autêntica, que não era aquilo, – não, não era! Lançamos a revolta. Os negociastas, depois, chamaram-na a si, afastando-nos. E fizeram-se as traficâncias que se tinha em mente fazer.³⁴

ALCÍMACO – Bem. Concordo. Democracia verdadeira não era aquilo. Mas, Critóbulo, havê-la-á verdadeira? Onde a vês tu? 540 Onde existe? Pensei muito, desde aquele tempo até hoje; e confesso que a não topo, que a não reconheço, a não sei realizada em parte alguma. O que encontro por aí são plutocracias várias, onde o dinheiro é tudo e corrompe tudo, e onde os direitos do povo são só teóricos. Além disso, essas falsas democracias, 545 como terás notado, louvam o Creonte e o seu poder.

CRITÓBULO – Também eu meditei, desde então até hoje. Muita coisa passou, muita coisa vimos. O tempo que marcha é que é o grande mestre. E concluí, Alcímaco, que a democracia política...

ALCÍMACO – Diz. 550

CRITÓBULO – Não é realizável sem que exista a outra, a democracia económica.

ALCÍMACO – Como na Cítia?³⁵ É o que queres?

CRITÓBULO – Em parte, sim; em parte, não. Aprovo-os na parte em que fizeram coisas que os homens piedosos deveriam ter feito. 555

[36] ALCÍMACO – Temporariamente, pelo menos, sacrificaram a liberdade à efetuação do seu sonho, os homens da Cítia: e isso, a mim, nunca poderá convir.

CRITÓBULO – Nem a mim, decerto. Desejo e aprecio, como qualquer de vós, a liberdade negativa de criticar quem governa. 560 Mas quê? Inclino-me a considerar mais preciosa ainda a liberdade positiva de não temer o desemprego, de não temer a

539 Está bem. Concordo. *Bsap* *B*: Bem. Concordo. *B1*
540 havê-las-á verdadeiras *Bsap*: havê-la-á verdadeira *B*
540 as vês *Bsap*: a vês *B*
541 Onde estão *Bsap*: Onde está *B*: Onde existe *B1*
543 em país algum *Bsap*: em parte alguma *Bsap*, *B*
545 dos pobres *Bsap*: do povo *Bsap*, *B*
546 protegem *Bsap*: louvam *Bsap*, *B*

enfermidade, de não temer a velhice, pela penúria angustiosa que consigo tragam. E também outra, ainda: a de nos sentirmos criadores na nossa pequenina esfera, a de nos ser lícita a iniciativa no nosso trabalho ordinário, a de participarmos como gente na orientação de uma faina, não nos vendo reduzidos a uma mercadoria bruta, a uma peça inconsciente que fica a girar numa roda, porque se vendeu a um senhor. 565

ALCÍMACO – Mas buscam isso, os da Cítia? Podem lá chegar pelos seus métodos? O que lhes não sei perdoar é o totalitarismo rígido, a disciplina implacável, a organização policíesca, que envolve tudo e que abafa. É o engaiolarem o espírito dentro de um catecismo estrito; é o ajuizarem das coisas segundo os decretos dos chefes, e o esperar sempre os decretos. As transformações não me assustam. Mas quero-as com liberdade, com paz... pela democracia, entendes? 570 575

CRITÓBULO – Pela paz, pela democracia, as quero eu também. Organizar a sociedade, mas pela luz da consciência. Com um fim [37] fraterno, racional, humano. Sem aquela liberdade que muita gente reclama, e é apenas a liberdade de poder explorar o seu próximo... Bem sei: tudo isto é difícil, tudo isto é para ti um ideal longínquo... ou impossível, acaso. Mas que o fosse, Alcímaco... que o fosse! Porque não hei de eu caminhar para um ideal longínquo? Na tónica atividade para um ideal longínquo – de voo indefinido, de aspiração altíssima –, é que se encontra a paz para o nosso humano anseio. Só na busca indefinida me sinto eu feliz! 580 585

ALCÍMACO – Se assim é... se te satisfaz esse sonho... cá para mim... que queres? É loucura. Mas suponhamos. Suponhamos que tudo isso não são quimeras. Hás de, porém, concordar que não nos cabe a nós – a nós, à pequenina Tebas, cá num canto do Mundo, – o impormos ao Universo uma sociedade nova... ou esse quê de alvorada, que tu supões que já surge. Não: seria absurdo. Os grandes, primeiro; e depois... nós seguiremos, pela fatalidade das coisas. 590 595

CRITÓBULO – Sempre à espera da fatalidade das coisas! Pois é de quem pensa? É de gente com alma?

571 posso *B*: sei *B1*

579 pela plena luz *Bsap*: mas pela luz *Bsap*, *B*

582 tudo <isto> é difícil *Bsap* *B1*

ALCÍMACO – Sim, esperar: é o que manda o bom senso. Concorde
que o que existe não poderá ser no futuro: mas o que há de ser no
futuro não pode ser ainda. 600

CRITÓBULO – O bom senso: esperar!... E cada dia que corre é
uma vergonha mais! Ah, baralhámos tudo, confundimos tudo!
Temos expulsado do direito cívico os mais nobres e cultos
cidadãos de Tebas. Insultou-se o cadáver de Polinices, prolon- 605
gando-se os ódios para além da morte. [38] Chamaram-se a nós
os piores hipócritas, honrando-se a vileza e a traição... Vemos
o povo desolado e exangue; vemos os tributos cada vez mais
duros, e a miséria e a fome a atormentar os campos; vemos a
corrupção nos servidores do Estado, e os homens de dinheiro
a sofismar as leis, ou eles próprios governando e a enriquecer- 610
-se a si, pela autoridade que exercem; vemos por toda parte
a concussão e o roubo; vemos perseguir, algemar, torturar,
matar; vemos isso, fazemos isso – ou deixarmos que o façam,
sempre em nosso nome – e ficamos à espera de que nos chegue
o instante. O instante! Sabe-se lá em que dia!... Mas há mais, 615
há pior: amordaçamos as bocas, para que não saia a verdade! A
censura impera.³⁶ Hoje, em Tebas, só se pode mentir. A verdade
é denunciada pelos charlatães das letras, e a polícia obedece
ao que os charlatães lhe impõem... porque o Ceréfilo se guia
pelo que os charlatães lhe exigem! Suprimir, apreender, amor- 620
daçar, que sei eu! Mergulham-se os homens na abjeção mais
torpe – e continuamos a dizer que o melhor é esperar! Esperar!
Mas porque é que se espera, quando se mata o espírito? Porque
é que se espera, quando se emporca a alma? E entretanto,
Alcímaco, entretanto... ah, irão sendo os vermes cada vez mais 625
vermes; afar-se-ão os homens a uma sujeição de hipócritas;
educar-se-ão os moços a dissimular e a temer... e a trair, que
é pior! Oh, a mocidade tebana!³⁷ Lá por dentro, nas almas, que
pululação de mentiras!... E é a este amontoado de podridões
infectíssimas que tem chamado o Ceréfilo a reconstrução da 630
pátria! Isto, por Palas, – isto! Agora é que se percebe com
perceção lucidíssima o que devemos preferir sem a menor das
dúvidas a essa ordem aparente a que por aí chamam ordem,
com a párvua e maníaca superstição do saldo: é a verdade de
um rosto que não usa máscara! É a [39] lógica inflexível de uma 635
consciência límpida! E como eu os invejo, – sim, como eu os
invejo! – aos que se negaram a enredar-se com preocupações

598 Sim, esperar... <É o que manda o bom senso.> *Bsap*1: Sim, esperar:
é o que manda o bom senso. *B*

603 Esperar, dizes tu! *Bsap*: O bom senso: esperar!... *Bsap*₁ *B*

611 toda [a] parte *B*1

secundárias e seguiram direitinhos pela estrada simples, – pela estrada sem curvas da independência do juízo, da sinceridade do pensamento, da dignificação das almas!... O espírito, na verdade, a sinceridade, o brio... e a saúde, a vida, o pão do povo – tudo! – tudo sacrificado à superstição do saldo! E mais ainda que ao saldo: à propaganda do saldo! Para esse álgido Ceréfilo e para os seus sequazes, as mais vis tranquibérnias são manobras lícitas, logo que concorram para avolumar o saldo! Decerto, quanta razão tinham eles, no seu protesto obstinado, na sua teima admirável – esses que lutaram pela libertação das almas! Na trincheira da consciência, – a retilínea, a clara!... O que há de mais triste quando o despotismo impera... notaste-o já... e tem-lo dito, vamos!... é a torpíssima necessidade de se mentir sem cessar, de se mentir a nós mesmos, de se mentir por sistema... e de se supor sempre um traidor, um polícia, um falso amigo, um espia. Observa aí tanto escriba, tanto intelectual, tanto mestre: como caem, sucumbem, fogem da luz, se disfarçam! Vê o Brásidas, o Arquitas, o Aristodemo, o Euríalo! Ah, como tiveram de adaptar-se! O que a tirania fez deles! E os juízes, Alcímaco? Que subserviências, desvios, capitulações, baixezas! E entre nós, cá na tropa? Que vemos? Só indecisão, só inércia! Céus! Quem o dissera? Em que abismos foi cair a nossa revolução redentora!

ALCÍMACO (*Num ímpeto*) – Basta! Vais sendo excessivo! Haja bom senso! Basta! (*Refreia-se, muda do tom; irónico*) É que estás facundo, meu caro. sentes-te inspirado, hein?

[40] CRITÓBULO – Hum! Facundo! Não faço retórica, juro-te. Expando o que trago no coração, sem mais. A liberdade – vês tu? – Parecia-nos, outrora, que não era muito. Rimo-nos de alguns, que lhe davam vivas. Mas hoje... ah, hoje... aí temos à vista o que sem ela somos. Hoje...

ALCÍMACO – A liberdade, Critóbulo? E esses tais extremistas, com quem se diz que conversas? Trar-nos-ão a liberdade, esses senhores extremistas? Não os sabes uns fanáticos, sem freio moral que os retenha? Com o preconceito do materialismo, com a superstição da violência? Não procedem como se os fins pudessem justificar todos os meios? Não sacrificam a moral à disciplina rígida, a magnanimidade interior ao resultado externo, o sentimento ao domínio, a lealdade à estratégia? Não seguem o princípio de em tudo meter o seu punho, para tudo submeter ao

661-662 Haja bom senso! <Basta!> *Bl*

seu mando? Não é certo que não hesitam em caluniar os mais nobres, – em rotular de traição a menor divergência com eles?

CRITÓBULO – Bem. Alguns – vá de hipótese – serão assim desse 680 molde...

ALCÍMACO – Alguns, dizes tu? Não: inteiramente, todos!

CRITÓBULO – Suponhamo-lo, se o queres. Mas repara tu, meu Alcímaco: o que deu importância ao extremismo... ou uma 685 das causas, pelo menos, da sua expansão cá em Tebas... foi a inércia, a incapacidade dos demais partidos da esquerda. Representa-te gente moça, – com o calor da adolescência, o aventureirismo, o ímpeto... E depois? Que querias tu que eles fizessem? Que ingressassem nos rebanhos dos tais democratas de outrora, desses molengões pacatíssimos, – sem ideias, sem 690 freima, sem espírito batalhador, sem ressorte? Crê-lo possível? Vês isso?

[41] ALCÍMACO – Mas...

CRITÓBULO – Não mo digas! Já sei! Vens outra vez com o bom senso! Seja. Eu admiro o bom senso. E vá que muita 695 vez seja tudo. Mas nem sempre, meu caro, nem sempre! Em certos transe da vida... Olha: de que nos pode servir neste instante – em que nos é preciso o combate – quem tenha bom senso admirável, mas que julgue a luta insensata? Proezas há, querido amigo, para que é necessário o entusiasmo. Quanto aos 700 extremistas... encontra-se neles quanto dizes. Admitamo-lo. Mas também a audácia, a atividade, o espírito de realização, a energia... E mais: um dom que é raríssimo, – extraordinaríssimo em Tebas: o de que se não dissipam nas fumaradas das longas conversações de anedotas, sem finalidade e sem rumo, 705 com que os outros nos esgotam, nos cansam, nos não deixam avançar, travam tudo...

ALCÍMACO – Quê? Não contar nunca historietas? Tão grande virtude é para ti?

CRITÓBULO – Entre nós? Se o é!... E olha: há outra virtude, ou 710 vantagem, que eu sei apreciar nessa gente: o não terem eles um passado, com suas recordações de saudade, com seus casos e anedotas que venham impingir a quem oiça, – roubando-nos as

691 ímpeto *B*: freima *BI*

horas, a paciência, o calmo humor, o bom ânimo, para poder tratar do que importa: a luta atual, o futuro! Ah, vê-os, meu caro, disse vê-os! 715

ALCÍMACO – Se os vi! Se os conheço! Mas foram desleais! Mas traíram-me!

CRITÓBULO – Torna a vê-los, – insisto. A convivência é necessária a toda atuação que é política, a toda aplicação do civismo. [42] 720
Convivência entre homens que têm orientações discordantes, que estão em grupos diversos, que vivem à luz de outras crenças ...

ALCÍMACO – E também com os que convivem para nos dominar e enganar?... Ah, quanta pena a que eu sinto de que não haja neles a franqueza! De que sacrifiquem a moral ao facciosismo e 725
à artimanha... Ah, se fossem compreensivos, humanos!

CRITÓBULO – Perdoa. Torna a tentar. Não desmordas. Ensina-os tu a ser nobres.

ALCÍMACO – Que ingenuidade! Impossível! Tornam-se escravos do partido, e o partido é fanático. É totalitário, implacável. Fiz o 730
máximo de esforço para que pudéssemos chegar a entender-nos. Tudo em vão, afinal!

CRITÓBULO – Dá-lhes o exemplo. Prossegue.

ALCÍMACO – Mas diz-me cá, com franqueza: atuaremos como se a meta do nosso viver consciente... e assim me pareceu que eles 735
procedem... fosse só o máximo de igualdade no viver material das pessoas, fosse a simples transformação nas relações de produção do que é útil? Não sei explicar-me, vê tu. Mas repugna-me aí qualquer coisa...

CRITÓBULO – E a mim, decerto! Se assim pensam, discordo! 740
As transformações que desejo no modo material do viver – pois pudera! – só as posso considerar como não sendo mais do que um meio! O objetivo da política só pode ser um fim de consciência, um fim moral e humaníssimo. Religioso, se queres. Nada menos do que o infinito pode satisfazer quem é homem! 745

[43] ALCÍMACO – Ora, enfim! Muito bem! Como me dá prazer ouvir-te isso!... Mas existe ainda outra dúvida. Para os extremistas...

717-718 Traíram-me *B*: Mas traíram-me *BI*

disseram-me... só as convulsões são fecundas. O progresso, ao que julgam... ao que me têm dito que eles julgam... só nos pode vir pela violência. E eu quero transformações, mas com ordem. 750

CRITÓBULO – Pois, fã-las, por Diónisos! Façam-na, de facto, a revolução legal e pacífica! Com realizações, com obras! Não sejam só veleidades, – palavras só, só retórica. Quando não...

ALCÍMACO – Quando não?...

CRITÓBULO – Ficam eles com o direito de a tentar fazer pela 755
desordem. Não será isto, Alcímaco? Demonstra-lho tu, – mas por atos. Palavras só, – não! Não convencem. Ora ouve: porque não havemos de empreender um bom entendimento entre todos? Dos adversários da tirania, venham eles de onde venham? Que farias tu?... Por que não? 760

ALCÍMACO – E querem-no? Com sinceridade? Com lealdade? A sério? Sem a preocupação de se salientarem em prejuízo do povo e da ideia? De desviarem tudo para si, – ou para o seu partido, o seu grupo? Não o creio, Critóbulo, não! Vejo muita mesquinhez, muita escória, muito pouca amplidão nessas almas! 765
Pessoalismos, intrigas, miúdas competições, estreitezas... Cada um com o seu plano, sem querer contar com os demais. E sempre a desprezar-se uns aos outros... Ah, que gente!... Não sei, Critóbulo, não sei.³⁸

[44] CRITÓBULO – Às vezes, quando a cerração é mais densa, quando 770
a escuridão é mais lúgubre, é que vem aí uma aurora.

ALCÍMACO – Talvez. Mas demos tempo ao tempo. O caso é embaraçoso, vês tu? Para mim, para ti, para todos nós.

CRITÓBULO – Para todos? Suponho bem que te enganas. Por exemplo: para esses camaradas que aí vêm... (*Para fora*) 775
Olá! Camaradas! Viva! Estamos na hora, não? Como ides, senhores? Felizes e prósperos, como pareceis? (*Vão entrando, falando entre si, Oficiais e Civis, – partidários, estes últimos, de Creonte e de Ceréfilo; saúdam-se, fazendo e desfazendo grupos, animadamente*). 780

CENA VIII

CRITÓBULO, ALCÍMACO, OFICIAIS, CIVIS

PRIMEIRO CIVIL – Saúde, correligionários, bons dias! Ah, parece que o sol, nesta madrugada esplêndida, decidiu festejar a vitória da ordem! Vejam, senhores: nunca uma cascata de luz tão fúlgida inundou a Tebas das sete portas! Enfim, a insurreiçãõ foi vencida! Já não há democratas, já não há extremistas! 785
Empunhemos o tirso enfeitado de pãmpanos, e que Diónisos presida às nossas festas! Tudo rebrilha, tudo exulta e ri...
As preocupações acabaram. Ponto! Confiemos o governo às mãos de Ceréfilo... do onisciente Ceréfilo, o feiticeiro dos saldos! O Homero das cifras, como bem diz o Nicócoras! O do 790
prestígio mundial! Quem manda?... Ceréfilo, Ceréfilo, Ceréfilo!

PRIMEIRO OFICIAL – Mau! Porque discursa um paisano? Nós, os da tropa, viemos aqui pelo Creonte!

[45] SEGUNDO CIVIL – Pois falou muito bem. Quem nos salva é Ceréfilo! Deu-nos uma só crença, uma só chefia, um só desígnio! 795
Quem manda é o Ceréfilo, Ceréfilo, Ceré...

VÁRIOS OFICIAIS – Basta! (*Tumulto; brados e ruídos confusos*).

ALCÍMACO – Então, meus senhores, que é isso? Serenidade! Então?...

SEGUNDO CIVIL – Fora os extremistas, que são agentes do Cita! 800

OFICIAIS – Caluda! Viemos aqui para ouvir o Creonte!

SEGUNDO CIVIL – Quero cá saber! Quem nos salva é o Ceréfilo! Foi ele que se impôs! A todos nós, a todos os povos! Abaixo os extremistas!

OFICIAIS – Isto é impossível! Não pode ser! Acabe-se! (*Tumulto; 805
vozeio confuso*).

ALCÍMACO (*Dirigindo-se sucessivamente a vários dos circunstantes*) – Então, amigos? Calma, senhores, por quem sois! Que é isso, Menéstrato? Melóbios, então? Andrónico, Filémon! Acomodem-se! Tu, Critóbulo, ajuda-me nisto! Fala-lhes tu, 810
Estratodemos! Mostra-lhes os perigos que assim corremos!

(*Critóbulo mantém-se imóvel, sorrindo*).

VÁRIOS OFICIAIS (*Acalmando os que discutem*) – O Alcímaco tem razão... É uma vergonha... não pode ser... Viemos aqui para ouvir o Creonte. (*Os discutidores vão-se acomodando.* 815
Por fim, soa uma marcha modulada em flautas, e aparece à esquerda, no patamar superior da escadaria, um grupo de umas cinco raparigas de catorze a dezasseis anos, [46] tocando uma marcha. Atrás delas dois soldados, de capacete e lança; depois Creonte; a seguir, outros dois soldados e, enfim, uns cinco rapazes de catorze a dezasseis anos, tocando também em flautas. 820
Volvem todos à direita e ficam de cara para o público, na ordem em que vieram. Os Oficiais, os Civis e os Falangiários estendem o braço³⁹⁾.

CENA IX

Os mesmos e CREONTE, os FLAUTISTAS
e as FLAUTISTAS, os SOLDADOS

CREONTE (*Estende o braço e depois fala*) – Oficiais! Civis! Falangiários! Eu, Creonte, antes de ouvir o vosso parecer, saúdo-vos pela vitória que alcançámos todos sobre os vis democratas e os extremistas! Os deuses, depois das desordens que nos afligiram tanto, dão-nos a calma e a prosperidade! Foi o vosso patriotismo que salvou a pátria...Correligionários! Quem vive? 825
830

VOZES – Tebas, Tebas, Tebas!

CREONTE – Isso! Vivemos nós! Tudo pela Grei! Nós a salvamos, à Grei amada! Nós merecemos as recompensas dela! Como é de justiça, o Tesouro do Estado e os cargos públicos encontram-se à disposição dos bons patriotas... Que esses democratas que esmagámos há pouco, pagos pelo oiro do estrangeiro anárquico, que lhes fora enviado do país dos Citas, da terra do caos... que esses democratas, vos ia eu dizendo, só queriam a desordem e a pilhagem geral... Se vencessem eles, hoje na Cidade só haveria ruínas! E pior que as ruínas: a impiedade! Sabeis que os extremistas não veneram os deuses; e, sem o culto tradicional e familiar dos deuses – ah, senhores, não há ordem, não há gozo, 835
840

827 que alcançámos <todos> sobre *BI*

não há dinheiro, não há grandeza! [47] Bem dizem os chefes dos sacerdotes: duas coisas sagradas têm existido no Mundo – a religião e a propriedade. Que seria da religião sem a propriedade? 845
Que seria da propriedade sem a religião, – esse freio do povo?...
Pois... quem vive, correligionários, quem vive?

VOZES – Tebas, Tebas, Tebas!

CREONTE – Sim! E tudo por ela, pela Grei Tebana! Por amor de Tebas, – sejamos realistas, sejamos práticos! Nós defendemos a 850
civilização dos deuses! E somos uma força, destinada a vencer!
Achámos a solução, – a definitiva, a única: obreiros e senhores em um mesmo corpo, e nós e os senhores a mandar no corpo! Assim se realiza a aliança das classes! Pelo corporismo, que nós temos criado! O demoliberalismo morreu para sempre! 855
Mas ponhamo-nos alerta, que os extremistas não param, e o ouro dos Citas é que os faz andar! O inimigo é conhecido: é o bárbaro do Oriente! De lá vêm as ordens para a guerra civil. De lá, o anfictionismo contra o amor da pátria! De lá, a propaganda contra a beleza de vida. De lá, a ditadura da estupidez 860
sem limites e da insensibilidade moral! O Cita tem por si o poder do dinheiro, – do dinheiro com que compra as consciências e as armas! Tem ainda a eterna fascinação do mal, a absoluta independência das regras morais... e o ódio, – o ódio ao homem, ao pai, ao filho, à mulher, à inteligência, à cultura, à 865
generosidade, a tudo... ódio que não cansa, que se não satisfaz, que não para; ódio que desdobra sobre as populações incautas o seu manto tenebroso de crueldade e de horror...

UM CIVIL – Levarem-nos o dinheiro, é o que pretendem os Citas!
O rico dinheirinho, que é nosso e bem nosso!... Abaixo o Oriente! 870
[48] Viva a religião! Viva a pátria!

OUTRO CIVIL – Pois sejamos implacáveis! A violência é justíssima! E enquanto é tempo! Bem o diz o Ceréfilo: umas dúzias de safanões nessas criaturas sinistras! Esmagar a canalha que não está connosco! Não há lugar para os tímidos! Não há lugar para 875
os cétricos! Bem o diz o Ceréfilo!⁴⁰

CREONTE – Isso mesmo, correligionário! Faz de pedra o teu coração, e afia nele a tua espada! Sobretudo, amigos, é absolutamente necessário que estejais atentos, que tudo vigieis de quanto se diz e faz! A nosso serviço, para espionarem, ponhamos os 880
velhos e as crianças, ponhamos os mendigos e as prostitutas...
E vós, Mocidade Tebana! (*dirigindo-se aos Flautistas e às*

Flautistas) Mocidade Masculina! Mocidade Feminina! Espionai o proceder de vossos pais em casa, dos discípulos nos ginásios, dos próprios mestres nos pórticos! Espionai, Mocidade! 885
Espionai, tebanitos! Seria eu o primeiro a denunciar aos chefes a menor manifestação de descontentamento ou de crítica! Denunciai, – pela pátria!... Ora, dizei: quem vive?

VÁRIOS – Tebas, Tebas, Tebas!

CREONTE – Mas a salvação de Tebas depende da nossa... da 890
das nossas pessoas, da dos nossos haveres, – único esteio da ordem pública, única garantia da salvação da Grei! Demais, são excelentes e gloriosas as relações externas. Podemos contar com o apoio inconcusso de todos os governos de autoridade e de força, – o do Mussilandro, o do Efrâncoras, o do Petenião, 895
o do Hitlêrides...⁴¹ E há o bloco dos Beócios, com o nosso amigo Efrâncoras, para a defesa da propriedade, [49] da religião, da ordem. Que a civilização da propriedade é a civilização dos deuses... E ensinámos o Mundo, somos os mestres dele. Para alguns, houve tempo no tempo em que se perdeu o tempo; para 900
outros, houve tempo no tempo em que se recuou no tempo; mas para nós – só para nós! – houve tempo no tempo em que se ganhou o tempo!... Dizei, amigos: não há aí quem se disponha a tomar estes tópicos e a fragmentá-los aos bocadinhos para as almas simples? 905

VÁRIOS CIVIS – Sim, sim! Para fazer discursos contra os extremistas!

CREONTE – Muito bem, patriotas! Ótimo!... Pois, senhores: foram estes princípios de sã política que me inspiraram no decreto sobre os dois irmãos, o Etéocles e o Polinices. O Etéocles, soldado da Ordem – defensor da religião, da propriedade, das 910
tradições, do império – repousará para sempre num magnífico túmulo e receberá de nós as comemorações devidas. Mas o Polinices, o revoltoso, que nos queria lançar nos turbilhões da anarquia, fartar-se do sangue dos concidadãos inermes, tirar-nos a todos o dinheiro e a vida, – a esse negaremos qualquer 915
sepultura, a menor honraria, a menor das lembranças, abandonando o seu cadáver aos corvos e aos cães, – longe da cidade, para que não infete a cidade! Ora, dizei-me: não vos parece que procedi como cumpre?

UM CIVIL – Claro! Considero justíssimo o teu decreto. O 920

904 estes <tópicos> e a fragmentá-los *B1*

Polinices não terá sepultura! Em nosso nome, em nome da pátria, mandarás nos vivos e mandarás nos mortos. Pomo-nos a teus pés, símbolo do heroísmo! Como diz o Ceréfilo, é preciso passar por cima de tudo: de todas as leis, de todas as normas, de todos [50] os obstáculos individuais... O poder pessoal tem seduções magníficas, a que os grandes chefes não deverão resistir. Entre nós e o extremismo, entre nós e o Oriente, é impossível existir uma solução intermédia! Bem diz Ceréfilo! Morram os outros! Só fiquemos nós! 925

CREONTE – Isso! E agora, – à obra! Ordenámos que se pusessem sentinelas seguras a guardar o cadáver do Polinices. Mas nunca fiando! Rigorosa censura na Cidade inteira! Masmorras prontas para receber a canalha, instrumentos de tortura bem preparados, e cheias as ruas de fiéis espiões!... Correligionários: quem vive? 930

VÁRIOS – Tebas, Tebas, Tebas! 935

CREONTE – E ela viverá! Porque somos antidemocratas, antiliberais, anti...

SENTINELA (*De fora*) – Senhor! Senhor!

UM OFICIAL – Que quererá esse homem?

CENA X

Os mesmos, mais a SENTINELA

(Movimento geral de curiosidade. Entra a Sentinela, bisonha e esbaforida, circunvagando os olhos. Vem ao primeiro plano. Os Oficiais e os Civis afastam-se para os dois lados, olhando para a Sentinela, para Creonte, e uns para os outros. Um silêncio interrogativo em todos eles. Creonte desce a escadaria). 940

[51] CREONTE – Que é isso? 945

SENTINELA – Ai de mim!

CREONTE – Que há? Quem és tu?

943 Creonte [e os civis], e uns para os outros *BI*

SENTINELA – Senhor... Caiu-me a sorte, e só por isso é que venho.
Não tenho culpa, nenhuma culpa!

CREONTE – Mas de quê, co'os demónios? 950

SENTINELA – Ouvi-me com paciência, meus ricos senhores.
O medo, ou seja o que seja, obrigou-me muitas vezes a estacar no
caminho, e deu-me mais ganas de voltar para trás...

UM OFICIAL – Faz-se doido, o labrego?

OUTRO OFICIAL – Que quer isto dizer? 955

CREONTE – Silêncio, amigos! (*Para a Sentinela*) Vamos, continua.

SENTINELA – Sem ânimo para nada, amartelado da vida, dizia
entre mim: «não vás, olha o que fazes!... Mas, por outra banda,
se me demoro, outro qualquer prevenirá Creonte; e então...».

CREONTE – Prevenir-me de quê? 960

SENTINELA – Não mereço castigo, juro que não!

[52] CREONTE (*Arremete à Sentinela, sacode-a com força*) – Já!
Diz já! Finges de louco, queres enganar-me, ou que significa
isto? Explicas-te, ou não te explicas? Basta de prólogos! Diz o
que foi, ou faço-te em postas! 965

SENTINELA (*Debatendo-se, num grito*) – Largue-me, senhor, por
quem é! Eu digo! (*Baixo*) Ah, senhor... o morto... aquele a quem
estávamos de sentinela, sabe?

CREONTE – Sim? E depois?

SENTINELA – Fizeram-lhe... Dianho!... A ver se me lembro... 970
Como é que diziam?... Ah, já sei: prestaram-lhe as honras!
(*Movimento geral de espanto. Sussurro. Creonte circunvaga a
vista, e fica suspenso por algum tempo*).

CREONTE – Mas... Como?... Quem?... Contra as minhas ordens?
Quem ousou? 975

UM CIVIL – Andam aí extremistas!

OUTRO – Decerto!

CREONTE – Como? Quem ousou?

VOZES – É castigá-los! Sem piedade! Já!

CREONTE – Silêncio, senhores, silêncio! Oiçamos o homem. (*Para a Sentinela*) Quem foi? 980

SENTINELA – Ah, senhores! Pobre de mim! Quem foi? Como foi?... Vão lá sabê-lo! Deitaram terra sobre o cadáver. Fizeram cerimónias [53] junto do corpo... Parece... Mas não tive culpa! Não dei tino de nada! Não estava de guarda! Não foi no meu tempo! Não sei quando foi, mas não foi no meu! 985

CREONTE (*Com um grito*) – Basta! Com mil raios! Diz para aí, ou leva-te a morte! Quem foi, bandido? Quem?

SENTINELA – Ai de mim, meu senhor! Não sei!

CREONTE – Não sabes? 990

SENTINELA – Não sei! Não se viam sinais. Nem de enxada, nem de picareta, nem pegada de gente, nem carril de carro... Nada... Bem procurámos, mas não vimos nada. De manhã, já o sol ia claro, estava assim uma camadinha de terra leve... assim, muito leve... a cobrir o corpo... Posta a eito, assim... vê, meu rico senhor?... Assim... 995

CREONTE – E então?

SENTINELA – E então... desatámos às brigas, os soldados da guarda... a atirar as culpas para cima uns dos outros. «Foi no teu tempo!», dizia um deles... «Qual quê! No meu não foi, só se foi no teu!». E assim bulhávamos, como quem diz... Ah, senhores, se nos vissem! Até que ao cabo, como se não sabia, acordou-se que um de nós tinha de vir dizer. E vai, disse um assim: «Tiremos à sorte»... Tirámos à sorte. E logo a estaferma me caiu em cima! É só por isso que venho. Por isso somente, por nada mais! No meu tempo não foi. Só se foi um deus! 1000 1005

[54] CREONTE – Cala-te, birbante!... Deuses a proteger extremistas? Os que não creem neles? Os que não têm que perder? A essa raça maldita não perdoam os homens, não perdoam os Imortais, não perdoa ninguém! A coisa é muito outra, – e onde está, sei eu! Não depõem as armas, os senhores anarquistas, e o oiro dos Citas é que os faz mexer! Mas nós lho diremos! 1010

Ainda que tenhamos de despovoar a terra, de nos ensopar em sangue, de pôr tudo em brasa, – essa cáfila nojenta saberá quem nós somos! Eia, senhores! Avante! Que surjam as Euménides da profundez do Tártaro! Sim, pelo cão! Saberão quem nós somos! Todos à faina! Até que se descubra quem nos arroja a afronta! Vamos! Alerta os censores: ninguém fale em Tebas a não sermos nós! Alerta a polícia, alerta a tropa! Látegos empunhados, masmorras prontas, preparados os campos da morte lenta! Mergulhar os adversários no desespero pávido! Obrigar os indiferentes a passar para nós! Pela força do medo, pela derrota rápida! Quiseram dar túmulo ao Polinices? Pois foram preparar o seu próprio túmulo! Juremos por Zeus, que nos está ouvindo! (*Para a Sentinela*) E tu, imbecil, repara: se não descobrem depressa o autor do crime...

SENTINELA – Senhor, haja dó de mim!

CREONTE – Bem te percebo! Com pouco dinheiro se compra um soldado! E ele entra aos milhões!... Tebanos ao serviço de gente estranha! Sume-te, maldito! E previne-os lá: ou se descobrem os biltres, ou todos comigo terão de haver-se! (*A Sentinela sai, azoinada e tímida; Creonte sobe alguns degraus e volta-se para os circunstantes*) E esta, camaradas? Querem dança... Pois terão dança! [55] Mordem-se de inveja, os fautores da desordem, pela riqueza e prosperidade que estamos dando à pátria... (*Olhando para fora*) Mas que é aquilo? Quem vem acolá? (*Sobe ao patamar superior*) É hoje o dia dos atrevimentos? Quem ousa em bando subir aqui? Olá, os do bando: isso que é? (*Entra pela esquerda um pequeno grupo de gente magra e esfarrapada; vendo Creonte, param humildes e assustados; um Velho adianta-se*).

CENA XI

Os mesmos, menos a SENTINELA
e mais os POBRES do bando

CREONTE – Que é? Que querem?

O VELHO – Senhor... somos jornaleiros... Viemos dos campos...

1020 masmorras preparadas *B*: masmorras prontas, preparados *B1*

Morre tudo de fome por essas terras... Gentes aflitas, cada vez mais pobres... O Ceréfilo mata-nos com os seus tributos... 1045
Os patrões não podem... Viemos pedir...

CREONTE – Quê? Ora adeus! Juízo! E caluda, ouvistes? Se não quereis ir todos parar aos cárceres! Vós e as mulheres! E também os filhos! Lirismos da miséria: o que nos faltava agora!

Não, não caio na tolice de consentir lamúrias! Do que precisais sei eu: de uma boa lição, que não esqueça nunca! (*Para os moços e moças do seu cortejo*) Eh, mocidade! Regressar ao palácio! Tocai essas flautas! Que abafem as vozes da canalhada estúpida! Vá! Marchar! (*A um gesto seu, marcha de flautas; ele e o séquito vão retirando; os circunstantes cumprimentam-no, estendendo o braço*). 1050
1055

[56] CRITÓBULO (*Para os Oficiais*) – E agora... comer e beber, meus senhores altíssimos! No círculo famoso do bom Nicócoras. Saúdes à ditadura, à prosperidade, à ordem! Vinho e alegria! Bom proveito a todos! (*Para os pobres*) Vamos, amigos, segui-me. Alegria no trabalho⁴², dizem eles para aí. Ai de vós! Só tendes tristeza na escravidão! (*Põe a mão sobre o ombro do Velho, e sai com os pobres pela direita da cena, enquanto a maioria sai pela esquerda. Marcha de flautas. Confusão de rumores. Desce o pano, lento*). 1060
1065

1050 Não caio B: Não, não caio BI
1061 dizem eles <para aí> BI

NOTAS

Epígrafes, Prólogo e Ato I

¹ O autor acrescentou esta informação manuscrita em *B1*: <Segunda edição, remodelada> (*vide* fig. 8, p. 127). Tudo indica que esta será uma segunda versão reformulada e ampliada de um texto que se perdeu. De facto, além de um frontispício ligeiramente diferente e sem esta anotação manuscrita, temos duas páginas soltas (pp. 32 e 34), pertencentes a uma edição anterior a *B* (AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 2; AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 3), que correspondem, respetivamente, ainda que com diferentes lições, a partes das pp. 34-35 e 36-37 de *B*. E possuímos ainda uma folha com epígrafes ao Ato II (AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 4; *vide* fig. 13, pp. 186), que apresenta igualmente uma numeração diferente da de *B*. *Vide* “*Conspectus siglorum et editionum*”, p. 39-42.

² Esta citação de Shelley aparecia entre as epígrafes da primeira versão da página de abertura do Ato II. *Vide* fig. 13, p. 186.

³ Esta citação de um excerto dos *Pensamentos* de Marco Aurélio é uma das epígrafes de uma primeira versão da edição de c.1950. Foi eliminada em *B*. *Vide* fig. 8 e 9, pp. 127-128.

⁴ Trata-se da mesma epígrafe que aparece na edição de 1930 e que serve de mote à recriação sergiana do mito de Antígona (*vide supra*, p. 47). Tal como na primeira edição, Sérgio, neste apólogo dialogal em forma dramática, qual “pregador-ensaísta, a quem os ventos ciclónicos da barafunda pública arremes-saram à força para os turbilhões da política, para a celeuma das turbas, para a atuação clandestina”, pretende “divagar do que presenciou e pensou, e da ‘moralidade’ que tira da sua própria experiência, apresentando realidades do nosso viver recentíssimo, sob formas extravagantes de imaginação doidivanas” (Prólogo, 21-27). Esta edição, tal como fora a de 1930, “é um testemunho sobre o Portugal do [seu] tempo, [...], com as suas lutas, misérias, tribulações, anseios” (Prólogo, 75-78).

⁵ Ao contrário do que acontece no Prólogo da edição de 1958, o interlocutor é o leitor e não os ouvintes (1958, 3), que no “fictício palco, onde os atores são ideias”, vai assistir à “luta de conceitos, anseios, aspirações sociais”, num “apólogo dialogal” em que Sérgio é comparsa (Prólogo, 162-174). Porém, ainda que Sérgio afirme que as suas recriações são ensaios em forma dramática para serem lidos e não para serem representados (cf. Sérgio, 1931, p. 46; e *infra*, p. 367), e que a “hipótese de representação não [lhe] aflorou nunca ao espírito, não pens[ou] nunca em teatro” (Prólogo, 75-78, 122-134), são muitos os indícios (desenhos de cenários, didascálias pormenorizadas) e até afirmações, nomeadamente as que faz numa carta que dirige a Bernardino Machado, a 23 de maio [de 1930] (carta 2, *infra*, pp. 319-320), que provam que gostaria que, um dia, as suas recriações pudessem vir a ser representadas, sobretudo a de 1930.

⁶ Cervantes, *D. Quixote de la Mancha*, I. 37.

⁷ Impressa em 1836, em Ferrol, pela Imprensa de Ezpeleta, *A Voz do Profeta*, de Alexandre Herculano (1810–1887), é um panfleto contra o radicalismo setembrista.

⁸ Impressa postumamente em Lisboa, nas oficinas de Pedro Craesbeeck, em 1619, a *Comédia Aulegrafia*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515-1585), tal como virá a ser a *Antígona* de António Sérgio, é um colóquio em forma dramática que satiriza a vida do tempo do autor.

⁹ Ortágoras desempenha um papel diferente do que lhe fora atribuído na edição de 1930. Agora é o chefe da Polícia Política, instituição de base de todos os nazi-fascismos. Tendo em consideração a data em que Sérgio escreveu esta sua recriação, este oficial de Creonte é, provavelmente, a máscara que oculta a figura do capitão Agostinho Conceição Pereira Lourenço (1886–1964), amigo de Salazar que, durante anos, foi o diretor dos organismos policiais responsáveis pela repressão de todas as formas de oposição ao regime ditatorial salazarista. Começando por ser diretor da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), criada em 29 de agosto de 1933, no início do Estado Novo, transitou com o mesmo cargo para a Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), criada no pós-guerra, em outubro de 1945, com poderes repressivos mais alargados do que a extinta PVDE. Sobre este assunto, veja-se Pimentel, 2016, pp. 24-37.

¹⁰ Responsável pela propaganda política, Nicócoras é caracterizado, na peça, como “escravo do Ceréfilo (i.e., Salazar; *vide infra* n. 11), o da Propaganda” (Ato I, 459). Neste nome, com sonoridade grega, é possível vislumbrar uma amálgama do “Ni” da sigla SNI (Secretariado Nacional de Informação) e “cócoras”, a atitude servil de quem está incondicionalmente ao serviço do poder, como era o caso, na ótica de Sérgio, de António Ferro, o principal responsável pela política cultural do regime salazarista e pela promoção da imagem do seu chefe.

¹¹ Ceréfilo, o financista que nunca vem ao proscénio, é o criptónimo de António Oliveira Salazar (1889-1970), que foi Ministro das Finanças, entre 1928 e 1932, e Presidente do Conselho, desde 1932 até 1968, período durante o qual dirigiu, de forma ditatorial, os destinos de Portugal, criando mecanismos de repressão e de propaganda, como a censura, a Mocidade Portuguesa, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) e o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), designado a partir de 1944 Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI; *vide* n. 10). Sobre este nome paródico, criado por António Sérgio, veja-se a nossa explicação *supra*, p. 25.

¹² Paul Langevin (1872–1946) foi um grande físico francês, opositor do regime nazi, sendo, por esse motivo, afastado da direção da École de Physique et Chimie e preso pelo governo de Vichy. Morreu um ano depois do fim da guerra.

¹³ Édouard Claparède (1873–1940) foi um neurologista e psicólogo suíço, que se destacou nas áreas da pedagogia e da psicologia infantil. Fundou, em 1912, o Instituto Jean-Jacques Rousseau, frequentado por António Sérgio, entre 1914 e 1916. *Vide* Hameline & Nóvoa, 1990, pp. 141-177.

¹⁴ Marc Sangnier (1873–1950) foi um jornalista e político francês, promotor do catolicismo progressista e social em França. Como refere Sérgio (1957, pp. 130-131) foi o “precursor, na boa terra de França, do que veio a chamar-se ‘democracia cristã’”.

¹⁵ Manuel Alves Correia (1881–1948) foi um padre franciscano, amigo de António Sérgio e colaborador da revista *Seara Nova*. Traduziu Homero para as edições Sá da Costa.

¹⁶ Raul Sangreman Proença (1884–1941) foi um escritor e jornalista que integrou o grupo que fundou a revista *Seara Nova*.

¹⁷ Estas referências a amigos portugueses e estrangeiros já falecidos, “encontrados nas andanças de uma vida áspera” e que são “timbre do [seu] humanista ideal” (Prólogo, 114-115), bem como as muitas alusões ao Portugal do seu tempo, “num após-guerra incertíssimo” (Prólogo, 75-78; 81-82), permitem-nos deduzir que este texto, não datado, terá sido escrito cerca de 1950. De facto, nesta lista encontramos o Padre Manuel Alves Correia, falecido em 1948 (cf. n. 15) e Marc Sangnier, falecido em 1950 (cf. n. 14), cujo nome foi acrescentado a lápis, entre as linhas datilografadas.

¹⁸ Queirós, 1868, p. 56. Frei João S. José de Queirós (1711–1764), da Ordem de S. Bento, foi o quarto bispo do Grão-Pará (1760-1763), nomeado pelo Papa Clemente XII.

¹⁹ Berlioz, 1870, p. 71, n.1.

²⁰ Últimos versos do soneto “La grande chantreuse”, do livro *Les solitudes* (1869), de René-François Sully Prudhomme (1839–1907), prémio Nobel da Literatura em 1901.

²¹ Henrique Jardim de Vilhena (1879–1958), médico e professor universitário, amigo de António Sérgio, foi reitor da Universidade de Coimbra, entre 1925 e 1926.

²² Este texto, entre parênteses retos (178-203), pertenceria a uma versão posterior do prólogo (*vide* AS.07-Cx11-P25/001_1ª_parte_2, pp. 26-27) que se terá perdido. Constitui um aditamento à lição do texto-base, a partir da linha 171 (*Bspr*).

²³ Ortigão, 1887, p. 39. Partindo desta citação do Livro III das *Farpas* de Ramalho Ortigão, o autor afirma que, uma vez privado pela censura das suas armas de combate – a palavra e a pena –, se viu forçado a lançar mão de outros gládios para poder exprimir o que pensava ser justo. *Antígona*, qual *alter ego*, foi o gládio de que se serviu para lutar “pela dignidade do espírito, pela libertação do intelecto”.

²⁴ O autor substituiu Eutífron, que pertencia ao elenco da edição de 1930, por Eurípiolos.

²⁵ Nesta segunda variação sobre o mito de Antígona, Tirésias é acompanhado pela sua filha e não por um “rapazinho que lhe serve de guia, munido de flauta”, como acontece na edição de 1930, Ato II, 298-299.

²⁶ No original, lê-se “chegou de Tebas”. Alterámos para “chegou a Tebas”, atendendo à lógica e ao facto de o autor usar esta preposição, em igual contexto, nas recriações de 1930 (Ato I, 34) e de 1958 (Ato I, 73).

²⁷ A lição do texto-base não tem a preposição “em”. Alterámos, autorizados pela correção que o autor fez na edição de 1958 (241).

²⁸ Variação de S. *Ant.* 523.

²⁹ As três primeiras cenas seguem, com muitas alterações e aditamentos, a estrutura das cenas correspondentes da edição de 1930 e vão servir de base ao núcleo central de *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta*. A partir da cena IV, a edição de c.1950 ganha vida própria, com a introdução de novas personagens e de novas ideias, que adequam esta segunda variação sobre o mito de Antígona ao contexto sociopolítico do Portugal de finais dos anos quarenta, dominado pela ditadura férrea de Salazar.

³⁰ Referência paródica a António de Oliveira Salazar. Cf. *supra*, n. 11.

³¹ Alusão a António Ferro (cf. *supra*, n. 10), que dirigiu o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), organismo responsável pela propaganda do regime.

³² Neste discurso de Nicócoras, António Sérgio parodia a “Política do Espírito” do regime salazarista, que servia para entreter, distrair e anestesiá-lo o povo, com festas populares, o fomento do folclore, a atribuição de prémios literários e a construção de obras de fachada. O ideólogo desta política, que tinha como fim o incentivo de uma cultura subordinada aos objetivos políticos do regime, foi António Ferro (Nicócoras) que, em poucas palavras, assim a resumiu, na 7.^a entrevista a Salazar (Ferro, 2007, pp. 155-156): “A chegada dos nossos camiões-elefantes aos lugarejos mais escondidos da terra portuguesa, aldeias risonhas do Minho, «ninhos de águia» da Beira, burgos sonolentos de Trás-os-Montes, vilas alentejanas e algarvias, de branco vestidas, é sempre um grande acontecimento, o pretexto para simpáticas e alegres festas locais que se prolongam até altas horas, sementeira de imagens, sonhos acordados, nas terras sem história e sem romance. Com o renascimento do nosso folclore, que terá a sua apoteose no concurso da Aldeia mais Portuguesa, com a atribuição anual de prémios literários, nacionais e internacionais, com a próxima reabertura do Teatro de S. Carlos, com a boa organização da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, com a restauração dos monumentos nacionais, com o desenvolvimento visível das nossas artes gráficas, com a vitória dos nossos decoradores nas exposições nacionais e internacionais, com a obra notável da Junta Nacional da Educação, a Política do Espírito, palavra de ordem do Estado Novo, deixou de ser uma aspiração para ser um facto”. Sobre este assunto, veja-se também Ferro, 2007, pp. 57-59 e 225-229; e ainda a parte dedicada à “Política do Povo” (2007, p. 56) e, *infra*, p. 220, n. 58.

³³ Este final do discurso de Nicócoras parodia a cantilena entoada pela Legião Portuguesa, durante o salazarismo:

Quem vive?
Portugal, Portugal, Portugal!
Quem manda?
Salazar, Salazar, Salazar!

Nesta paródia dramatúrgica de Sérgio, Portugal é substituído pelo grito «Tebas, Tebas, Tebas!» e Salazar pelo brado, igualmente três vezes repetido, «Ceréfilo, Ceréfilo, Ceréfilo!». As mesmas saudações repetem-se mais abaixo (Ato I, 791, 796, 831, 848, 889 e 935). Sobre esta matéria, *vide* Ferro, 2007, pp. 173-174.

³⁴ Traduzindo o pensamento de Sérgio (1974b, p. 171), Critóbulo defende que a ditadura não se deveria ter perpetuado no tempo e ter sido apenas um sistema transitório para nos libertar da democracia antiga e nos conduzir a uma democracia autêntica. A mesma ideia surge na edição de 1930 (*vide supra*, Ato I, 311-313, n. 10).

³⁵ Sobre a Cítia e os Citas, *vide supra*, pp. 97-98, n. 21.

³⁶ A censura, para Salazar, era “a função natural de um regime de autoridade” (Ferro, 2007, p. 33; *vide* ainda pp. 158-159). Para outras referências na peça, *vide* Ato I, 54, 59, 96, 932; Ato II, 54, 96; Ato II, segunda parte, 131.

³⁷ Alusão à Mocidade portuguesa, organização juvenil do Estado Novo, criada a 19 de maio de 1936 e que tinha como objetivos estimular o desenvolvimento da capacidade física e do caráter dos jovens, bem como estimular o gosto da disciplina e a devoção à Pátria. Cf. Ato I, 882-888. Sobre este assunto, *vide* Ferro, 2007, p. 176.

³⁸ Tal como na edição de 1930, Critóbulo e Alcímaco representam diferentes posicionamentos dos que anseiam pela restauração da liberdade e do respeito pela dignidade de todos e querem o regresso à democracia. O primeiro é mais radical; o segundo mais moderado. Mas ambos personificam a forma como Sérgio vê as diferentes forças de oposição ao regime salazarista, neste pós-guerra em que se chegou a viver a esperança de que era possível assistir a uma transição política, a uma evolução para o pós-salazarismo.

³⁹ A referência à Falange e a saudação nazi vinculam o regime de Creonte e de Ceréfilo ao fascismo europeu.

⁴⁰ Estas palavras aludem a uma frase proferida por Salazar na 3.^a entrevista que deu a António Ferro (2007, p. 54). Aí, o ditador justifica a tortura dos presos políticos, como forma de intimidação e de descobrir movimentações conspiratórias contra o regime: “chegou-se à conclusão de que os presos maltratados eram sempre, ou quase sempre, temíveis bombistas que se recusavam a confessar, apesar de todas as habilidades da Polícia, onde tinham escondidas as suas armas criminosas e mortais. Só depois de empregar esses meios violentos é que eles se decidiam a dizer a verdade. E eu pergunto a mim próprio, continuando a reprimir tais abusos, se a vida de algumas crianças e de algumas pessoas indefesas não vale bem, não justifica largamente, meia dúzia de safanões a tempo nessas criaturas sinistras...”.

⁴¹ Referência paródica aos grandes ditadores europeus de Itália, Espanha, França e Alemanha: Mussolini (1922-1943), Franco (1939-1975), Pétain (1940-1944) e Hitler (1933-1945).

⁴² Alusão à Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), criada a 13 de junho de 1935 com o objetivo de desenvolver as infraestruturas destinadas às atividades culturais, desportivas e recreativas dos trabalhadores e suas famílias.

ACTO SEGUNDO

13. Deus e espirito, e e necessario que aqueles que e adoram o adorem em espirito e em verdade.

S. JOAO, EV, 24

14. Quem aborrece e nao ama nao pode ser virtuoso e nao pode ser livre, -- porque a liberdade e a humanidade.

PASSOS MANUEL, Discurso de 19-IX-1834

15. Porque dizes "estou rico e cheio de bens, e de nada tenho falta", e nao reconheces que es um infeliz, miseravel, cego e nu.

APOCALIPSE, III, 17

16. Esse pobre homem de acaes, que todas as manhas ao acordar sente dentro de si acordar tambem o amargo cuidado de nao a adquirir, da situacao social a manter, da concorrencia a repelir, da ingrens estrada a trepar, podera porventura afrontar o sol com singela alegria? Nao.

ECA DE QUEIROS. Adequencia do riso.

17. Nao ha homem mais escravizado, mais completamente vitima da sua alucinacao, do que esse que vemos em permanente ciadeverado pela ancia de ganhar, pelo medo de perder.

OLIVEIRA MARTINS, A INGLATERRA DE HOJE.

18. Desprendendo os homens dos fatais cuidados do mundo, era o criador da paz e o consolador da vida.

ECA DE QUEIROZ, A MORTE DE JESUS.

19. Über Graber vorwärts!

GOETHE (sua divisa)

20. Les uns croient a la toute puissance des fatalites naturelles et les autres au pouvoir liberateur de la science et de la raison humaine.

G. PIROU. TRAITE D'ECONOMIE POLITIQUE.

21. Todalas cousas novas parecem mui asperas e duras de fazer antes de seu primeiro comeco.

FERNAO LOPES. CRONICA DE D. FERNANDO.

22. Mais la voix me console et dit: "Garde tes songes; Les sages n'en ont pas d'aussi beaux que les fous!"
BAUDELAIRE. LA VOIX.

Fig. 12: Segunda versão da abertura do Ato II da edição de c.1950 (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_2.^a parte_1, p. 37)

Deus e espirito, e e necessario que aqueles que
o adoram o aderem em espirito e em verdade

S. JOAO, IV, 24

Perque dizes "estou rico e cheio de bens", e de
nada tenho falta", e nao reconheces que es um
infelis, miseravel, cego e nu

Apocalipse, III, 17

Esse pobre homem de aca, que todas as manhãs
ao acordar sente dentro de si acordadas tambem
o omargo cuidado do paes a adquirir, da situacao
social a manter, da concorrência a repellar, da
ingressa estrada a trepar, podera porventura afren-
tar o sol com singela alegria? Nao!

ROA DE QUEIROS, A decadencia do ris

Nao ha homem mais escravizado, mais completa-
mente vitima da sua alucinacao, do que esse que
vemos em permanencia devorado pela ansia de
ganhar, pelo medo de perder.

OLIVEIRA MARTINS, A Inglaterra de

A burguesia despojou da sua aureola todas as
actividades ate hoje honrosas e consideradas
com piedoso respeito. Fez do medico, do jurista,
do padre, do poeta, do cientista, seus assalaria-
dos pagos.

CARLOS MARX, Manifesto comunista

Desprendendo os homens dos fataes cuidados do
mundo, pra o criador da paz e o consolador da vida

ROA DE QUEIROS, A morte de Jesus

Ceasel... The world is weary of the Past!

SHELLEY, Hellas

Todalas cousas novas parecem mui asperas e
duras dec fazer antes de seu primeiro conso

FERNAO LOPES, Cronica de D. Fernando

Fig. 13: Primeira versão da abertura do Ato II da edição de c.1950
(BAS: AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 4)

[57] ATO SEGUNDO

Deus é espírito, e é necessário que aqueles que o adoram
o adorem em espírito e em verdade.

Milton, *Paradise Lost*

Amor intellectualis Dei.

Espinosa, *Ethica* 5

Quem aborrece e não ama não pode ser virtuoso e não
pode ser livre – porque a liberdade é e humanidade.

Passos Manuel, *Discurso de 19-IX-1834*

Porque dizes “estou rico e cheio de bens, e de nada tenho
falta”, e não reconheces que és um infeliz, miserável, 10
cego e nu.

Apocalipse 3. 17

Esse pobre homem de ação, que todas as manhãs ao
acordar sente dentro de si acordar também o amargo 15
cuidado do pão a adquirir, da situação social a manter,
da concorrência a repelir, da íngreme estrada a trepar,
poderá porventura afrontar o sol com singela alegria?
Não.

Eça de Queirós, *A decadência do rico*

4-5 <Amor... Ethica> B1

Não há homem mais escravizado, mais completamente 20
vítima da sua alucinação, do que esse que vemos em per-
manência devorado pela ânsia de ganhar, pelo medo de
perder.

Oliveira Martins, *A Inglaterra de Hoje*

Desprendendo os homens dos fatais cuidados do mundo, 25
era o criador da paz e o consolador da vida.

Eça de Queirós, *A Morte de Jesus*

Über Gräber vorwärts.

Goethe (sua divisa)

Les uns croient a la toute-puissance des fatalités nature- 30
lles et les autres au pouvoir libérateur de la science et de
la raison humaine.

G. Pirou, *Traité d'Économie Politique*

Todalas cousas novas parecem mui ásperas e duras de 35
fazer antes de seu primeiro começo.

Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*

Mais la voix me console et dit: “Garde tes songes; Les 30
sages n’en ont pas d’aussi beaux que les fous!”

Beaudelaire, *La voix*

[A burguesia despojou da sua auréola todas as atividades 40
até hoje honrosas e consideradas com piedoso respeito.
Fez do médico, do jurista, do padre, do poeta, do cien-
tista seus assalariados pagos.

Carlos Marx, *Manifesto comunista*]

[Cease!... The world is weary of the past! 45

Shelley, *Hellas*]⁴³

[58] (*Uma sala no palácio de Creonte. Ao fundo, dois leitos. Entre estes, uma mesa com vasos, taças, pratos com fruta, etc. Tudo esquemático e simples, de colorido neutro. Num dos leitos está reclinado Creonte, no outro, Ortágoras. Estes acabam uma refeição, e bebem. O som, ao longe, da flauta da filha de Tirésias, com a toada 5* característica que se ouviu na alvorada do primeiro ato).

CENA I

CREONTE, ORTÁGORAS

CREONTE (*Fazendo a Ortágoras sinal de que se cale e escute*)
– Escuta: não é a flauta da filha do Tirésias? (*Pausa; ouve-se a flauta*) Sim, é ele, o adivinho cego. Vai para o sítio dos augúrios, provavelmente. Oxalá nos traga bons presságios. E, entre eles, 10
o de que se vão descobrir os autores do crime, os que honraram o cadáver do Polinices. (*Cala-se; a melodia da flauta prolonga-se, e vai-se sumindo*) Bem. Foi-se. Voltemos ao ponto... Que te estava eu dizendo?... Ah, já sei: o caso do Ceréfilo. Pois é... 15
mas antes... Sabes que mais? Consultemos Diónisos. (*Enche a taça e bebe*) Que nos diz Diónisos? Diz-nos que, por muito que não gostem os que não gostarem, não nos é possível dispensar o Ceréfilo. Explica-lhes isto: se fizéssemos a asneira de dispensar o Ceréfilo, cairíamos nas garras dos extremistas.⁴⁴

ORTÁGORAS – Dos extremistas? 20

CREONTE – Sim, diz-lhes que sim. Ou o Ceréfilo ou os extremistas. Convince-os disto. E que, portanto, é sofrer o Ceréfilo.

[59] ORTÁGORAS – E quanto aos tributos? À falta de pão?

CREONTE – Os grandes tributos? São necessários para conseguir o saldo. E o saldo é necessário para a propaganda. O saldo é a 25
propaganda, e o Ceréfilo é o saldo. O povo que estoire, mas que consiga o saldo.

ORTÁGORAS – Mas o saldo... é o próprio Ceréfilo quem afirma que...

CREONTE – Quem afirma o quê? 30

ORTÁGORAS – Que isto de se ter saldo ou de se não ter saldo não depende da receita nem da despesa...

CREONTE – Essa agora! De que depende, então?

ORTÁGORAS – Diz que das normas de contabilidade que cada um adota para as suas contas. 35

CREONTE – Pois ele disse isso? Espanta-me: mas será como ele diz... Eu disse não sei. O que sei é que o povo deve ser pitoresco. Pergunta ao Nicócoras. Ora, para que continue pitoresco, tradicional, histórico, próprio para as paradas e os festejos nas ruas, é da maior conveniência que se mantenha pobre, fiel ao passado. Portanto, quanto maiores os impostos, mais pitoresco é o povo. Para as festas castiças do nosso Nicócoras. Entendes-me agora? 40

ORTÁGORAS – Sim, mas...

[60] CREONTE – Mas quê?⁶² 45

ORTÁGORAS – É que não é só a plebe. Consta que os lavradores, os da classe média, já se queixam também. Ao que dizem, é maior o imposto do que o rendimento que auferem, e hipotecam as propriedades para o poder pagar. O dinheiro – ao que aí se murmura – tira-se de onde faz falta para se empregar onde faz vista. E depois, – as ladroeiras praticadas pela nossa gente. Os funcionários rapinam por toda parte... e até os partidários de maior relevo, os mais entusiastas... Adere-se a nós para se poder roubar, e conta-se com a censura para impedir o escândalo. 50

CREONTE – Paciência. As ditaduras vivem... sabes de quê, Ortágoras? De fazerem vista. E depois, pouco virá a saber-se, porque se não deixa que falem. Se se chorarem, mete-se-lhes uma espada pela goela abaixo. Pois então? De que serve a Polícia? De que serve a Censura? De que serves tu? Essa gente?... Olha: deu-se-lhe a ordem. É natural e justíssimo que ela se pague a alguém. Isso! Ordem para os outros, e dinheiro para os nossos. Ademais, faz-se medo a todos com os extremistas. Por medo dos Citas, suportam tudo, concordam com tudo. (*Bebe e sorri*) E diz-lhes também que a crise é geral, que os males vêm só da generalidade da crise, por esse Mundo todo... Tens tu estado a ouvir-me?... 55 60 65

64 todos B: só B1

ORTÁGORAS – Com a maior atenção.

CREONTE – Nesse caso, cumpre o que digo.

[61] ORTÁGORAS – E...

CREONTE – E o quê? Que mais? 70

ORTÁGORAS – E a falta de mantimentos?

CREONTE – Foram para o Efrâncoras. Foram para a Fócida. É necessário auxiliarmos os demais tiranos, a fim de que nos auxiliem também a nós. Temos de prestar-nos ajuda mútua, para mantermos os povos na submissão e na ordem. Que se aguentem. 75
O pão continuará a seguir para a Fócida⁴⁵.

ORTÁGORAS – Mas o povo tem fome.

CREONTE – Que se avenha com ela. Lirismos da miséria não são para ti. Deixa-te disso!

ORTÁGORAS⁴⁶ – E como há de trabalhar? 80

CREONTE – Que trabalhe com fome. E se não, prende-se e mata-se. Despedi-os a todos dos seus trabalhos. Se comiam pouco, passarão agora a jejuar de todo. E livramo-nos deles. Pronto! Para que nos servem os campos da morte lenta?... Cumpre o que digo. Adiante!

ORTÁGORAS (*Levantando-se*) – Pois seja. Por mim... Olha: para 85
lhês dar pancada estou sempre eu pronto. Do mais... não entendo. Cá vou para a faina. (*Estende o braço, e vai para sair*).

[62] CREONTE – Espera. Ouve. Faz espalhar pela Cidade inteira – mas com jeitinho, entendes? – mais umas mentiras sobre os democratas. Por exemplo: que temos provas nas nossas mãos – mas 90
provas autênticas, ali, das boas – de que eles receberam dos chefes dos Citas... que te parece?... três milhões?... quatro milhões?... Quatro milhões, não achas? Isso: que receberam dos Citas quatro milhões. Provas ali, incontestáveis! (*Esfregando as mãos*) Ah, coisa de efeito, hein? (*Baixo*) Já se vê, mandas forjar as provas. 95
Mentir à vontade: não tenhas escrúpulo, que se aperta a Censura.⁴⁷ Bem pensa o Ceréfilo: à força de mentiras – mas de boas mentiras,

84 [te] digo *B1*

86 eu sempre *B*: sempre eu *B1*

91 das mãos *B*: dos chefes *B1*

claro – é que a política da verdade se deverá fazer. Percebes?
Política da verdade, como o Ceréfilo diz.⁴⁸ Adeus. E mal se discu-
bram os criminosos, que mos venham logo trazer aqui. (*Sinal de* 100
despedida a Ortágoras, que sai. Gritando para fora) Guarda!

CENA II

CREONTE, GUARDA,
e depois GUARDA DA POLÍCIA POLÍTICA

CREONTE – Entre o primeiro que está à espera. Quem é?

GUARDA – Senhor, um guarda da polícia política.

CREONTE – Da polícia política? Ah, já sei! Pois que entre o
homem. (*O Guarda sai, entra com o outro, e torna a sair*) Então? 105
Torturaram-no? Confessou? Que cúmplices tem?

[63] GUARDA DA POLÍCIA POLÍTICA – Torturámo-lo, senhor. Três
vezes desmaiou, três vezes esperámos que voltasse a si, para
retomar a tortura. Mas nada disse.

CREONTE – Nada? Pois acabará por falar. É questão de tempo. 110
Deixem-no descansar até amanhã... E amanhã, – tortura outra
vez. Apertem-no bem. Até que confesse. Não tenhais medo de
que vos morra às mãos. Se morrer, tratem de o lançar por uma
ribanceira abaixo. Dir-se-á a todos que se suicidou. E prendam-
-lhes as mulheres, prendam-lhes os filhos. Vai. E volta amanhã, 115
mas com melhores notícias. Adeus. (*O Guarda da Polícia estende
o braço e sai*). Quem se segue?⁴⁹

CENA III⁵⁰

CREONTE, GUARDA,
ANTÍGONA, SENTINELA⁵¹

(*O Guarda entra com Antígona e a Sentinela e retira-se. Sinal de
espanto em Creonte*).

CREONTE – Deuses! Que vejo?! 120

109 continuar a torturá-lo B: retomar a tortura B1

SENTINELA (*Baixo*) – Senhor... Aqui está. Apanhámo-la nós.
Desta vez não venho porque me caísse em sorte. Fui eu mesmo
que a vi primeiro. Não pode negar.

CREONTE – Tu! Tu, Antígona! Ah, nem que o tivéssemos combi-
nado os dois! Apanhadinha! Sempre te atreveste a voltar para 125
Tebas! Como? Não importa. Apanhada! Sabê-lo-ei mais tarde.
(*Para a Sentinela*) Pois muito bem, meu rapaz! Ganhaste o teu
dia. Conta lá como foi.

[64] SENTINELA – Vimo-la a honrar o cadáver. Com os nossos olhos!

CREONTE – Tu mesmo? Podes jurá-lo? 130

SENTINELA – Juro! A honrar o morto!

CREONTE – Bem. Vamos por partes. Conta.

SENTINELA – Pois foi deste jeito. Depois que o patrão me mandou
embora, – toca a abalar para o sítio da guarda. E quando cheguei,
passei palavra aos camaradas de lá... sim, que tínhamos de 135
descobrir, quando não... já se sabe. E de aí, fomos ao corpo
e tirámos a terra que havia ao de cima, e que esta cachopa de
manhã lhe lançara. De seguida, postámo-nos todos ao alto de
um teso, do lado do campo de onde soprava o vento, por via de
nos livrarmos do fedor do morto. E aí pelas horas do meio do 140
dia... não: é possível que mais... um pouco mais, talvez... o
sol esconde-se numa nuvem de pó e alevanta-se de repente um
suão medonho, que arrancava as folhas e as levava na frente, a
girarem no chão como se fossem tontas... assim, assim, assim...
eh, que não paravam, as doidas, nem o estafermo do ar! Oirados 145
de todo, fechámos os olhos, à espera de que o pó se assentasse,
enfim. E mal os abrimos, – céus! – arrefeceu-me o peito: o sol,
– em sangue, parecia que inchado; e esta moça, aos ais, aos ais,
aos ais, a modos como um passarito que volta ao ninho e que
não acha os filhos que lhe roubaram. E que faz? Vem de lá de 150
onde estava, apanha da terra, – e cobre o cadáver! Ali, a cobrir
a [65] carcaça, ela! E a fazer as rezas e as libações! Ao darmos
fé disto, – zás, saltámos-lhe em cima, deitei-lhe os gadanhos.
Eh, que já de aqui te não livras!... Mas ela, sem sombra de
medo, quedou-se quietinha, como se nada fosse. Não tugi 155
nem mugiu. Perguntámos, perguntámos... perguntámos...
Respondeu-nos o senhor? Pois outro tanto fez ela. Nem pio,

128 Vamos saber como isso foi. B: Conta lá como foi. B1

nem aí! Sempre mansinha, alheada de tudo... Era mesmo o
pasma de todos nós. E vai de aí, – gira! Trouxe-a comigo. E
ela... aquilo que vê: parecia que caminhava num voo leve, 160
e que segurava nas mãos uma flor que eu não via. É assim a
modos como um passarito... Digo eu, parece-me. A gente não
sabe. Eu digo o que vi.⁵²

CREONTE (*Para Antígona*) – E tu, a dos olhos modestos? Que tens
a alegar? Diz verdade o labrego? 165

ANTÍGONA – Perfeitamente sincero, no seu quê de fantástico.
No essencial, deu-te os factos. E foi assim, sem dúvida, que as
coisas se afiguraram à imaginativa dele.

CREONTE – Muitíssimo bem. (*Para a Sentinela*) Vai em paz.
Ganhaste o teu dia, como bom caçador. O intendente que te dê 170
qualquer coisa. Adeus. (*A Sentinela sai*).

[66] CENA IV

CREONTE, ANTÍGONA

CREONTE – E agora... nós. Sabias do decreto – pois não sabias? –
Que era proibido, por ordem minha...

ANTÍGONA – Sabia. Se o fizeste anunciar pela Beócia inteira!...

CREONTE – E ousaste, então, infringir a lei? 175

ANTÍGONA – A lei? Mas que é a lei para ti? Quem te disse, desgra-
çado, que o teu capricho... que a tua paixão, o teu desvario...
podiam ser uma lei? Acima dos decretos de qualquer tirano
estão as leis não escritas da consciência, universais e imutáveis.

CREONTE – As da consciência? Aonde se vai isso achar? 180

ANTÍGONA – Aonde havia de ser, Creonte? Em nós mesmos.
Na unidade unificadora que a consciência é. Descobrimos a
lei no nosso próprio ânimo, coetânea da luz que se faz nele.

178 podiam ser <uma> lei? B2

Topamos aí... como dizê-lo?... um princípio de universalidade e de coerência íntima, uma norma de unidade e de reciprocidade entre as almas, que inspira ao mesmo tempo o sábio e o justo. A de uma harmonia interior, que é para nós o bem. O Bem intelectual, o Bem moral. 185

CREONTE – Bravo! Temos retórica! Deixa-me rir! A senhora filósofa a doutrinar a gente! Bonito! Como se eu não tivesse também doutrina! Como se acaso me faltassem a mim filósofos, [67] que escrevem as coisas como eu as quero! Teóricos da autoridade, da tradição, da ordem!... Há escribas para tudo, fica tu sabendo! Porque é só pagar! Eu pago, eles escrevem, a Propaganda publica, e o Universo crê! Poetas, historiógrafos, oradores, novelistas, exaltam a ditadura paternal dos Chefes, os edifícios monumentais de que se enche a Terra, a firmeza de pulso com que se castiga e rege. Pois pudera! Encarregámos o Nicócoras de comprar literatos. E não só de aqui, mas de lá de fora também. Graças ao Nicócoras e ao dinheirinho do imposto, o nome do Ceréfilo está correndo os orbes.⁵³ Aos donos do ouro nunca faltam retóricos, – dos que proclamam as lérias em que todos creem. Ora a filósofa! Pois que julgavas tu? 190 195 200

ANTÍGONA – É isso, Creonte, não nego. A maioria dos escribas e dos intelectuais que existem são donos improvisados de uma erudição que se vende, ou de um talentinho verbal, que se vende também. Os escribas! Um, há não muito, propunha à oposição que se matasse o Ceréfilo. E hoje? Proclama que o Ceréfilo é o salvador da Pátria. Compraste-o. O serventário dos ricos é comprador de literatos... e é senhor dos pobres. Quem serve os interesses materiais dos ricos faz dizer aos escribas o que bem lhe parece, e domina os pobres como bem lhe apraz. Não me dás novidade. Se possúires o dinheiro, possuirás os homens. É contra isso que me revoltou eu. 205 210

CREONTE – Revoltas-te? Servir-te-á de muito! Tu, – contra o mundo inteiro? 215

[68] ANTÍGONA – O mundo?... Mas quantos há aí que me aplaudiriam com gosto, se não fosse o susto que lhes cerra as bocas? Esse medo... ah, é o que prolonga a injustiça, o que vos vale a vós todos! E não tenho coragem de lho levar a mal, aos que se submetem por medo. Se se não conformassem... ai deles, 220

209-210 é [o] comprador *B1*

desgraçados! Vós tiráveis-lhes o pão. O pão das mulheres, o pão dos filhinhos. A culpa é do sistema, muito mais que deles próprios. Há que tempo o sei eu!

CREONTE – Ah, deixa-me rir! Pois fica-te com esta: toda a gente 225
séria... claro, a que tem que perder... pensa aí como eu penso.
Aplaudir-te, a ti? Mas quem? Um punhado de desordeiros, tão
bons como tu, e sem o mínimo sentimento da realidade das
coisas. Uma récuca de tolos, de idealistas, de...

ANTÍGONA – Dizes bem. De idealistas. Os partidários da revo- 230
lução que se não creem idealistas... em meu juízo, pelo menos...
não chegam bem a compreender-se a si.

CREONTE – Compreendeu-se a si, ao que por aí se está vendo,
esse vaidoso das dúzias, esse louco iluminado, que era o teu
irmão? 235

ANTÍGONA – O Polinices, Creonte? Chama-lhe iluminado,
chama. Eu vi-o como um luminoso, um facho. Como uma mente
universal, toda aberta a tudo. Foi contra todas as violências,
de onde quer que viessem. Contra toda mentira, sectarismo,
dissimulação, estreitez. Os extremistas declararam-no imobiliz- 240
ado e obsoleto, porque eles próprios se imobilizaram em sua
dura fé de dogmáticos. Não podiam ver que Polinices é que
os tinha ultrapassado, em seu voo, – porque sempre foi livre e
inventivo, porque era original e era plástico. Não nos tirava de
um cárcere para nos ir meter em outro cárcere. Era uma reve- 245
lação individual do universal e eterno, que buscava a unidade
dentro do seu próprio espírito, [69] como a procurava também
na estruturação do Mundo. Diante de um facto, nascia-lhe logo
uma esperança; diante de um homem, enxergava sempre o seu
mérito, – para o estimular, o alegrar, lhe infundir calor, lhe dar 250
asas! A musicalidade, a simpatia, a dádiva de si, a benquerença,
brotavam do seu íntimo como de claras fontes. O seu Amor, o
seu Deus, – eram racionais e eram Espírito. Amando a juven-
tude – e sendo ele próprio um jovem – sonhava em reunir numa

240-245 <Os extremistas... em outro cárcere.> B2

243 ultrapassara B2: tinha ultrapassado B3

243 a todos B2: em seu voo B3

243 era B2: sempre foi B3

244 plástico. [A grande maioria dos homens tem pouca aptidão para ser
livre, e ele] Não B3

252-253 Para ele, só o amor racional era verdadeiro amor. O seu Deus era
a Razão; o seu Bem, o Espírito. B: O seu Amor, o seu Deus – eram racionais
e eram Espírito. B2

ação comum os que nasceram com alma para homens livres, 255
embora provenientes de orientações diversas: e isso para que
criassem uma organização social que desprendesse a todos das
aflições terrenas, substituindo a luta pela cooperação fraterna.
Queria perceber toda a gente, e ninguém a ele o entendeu...
Ai dos que nasceram com amplidão no espírito! Pois todos se 260
empenham em os apertar e encolher, reduzindo-os à estreiteza
das suas próprias seitas, das suas próprias almas! Oh, venham
muitos como ele, para que tragam luz a estas trevas!

CREONTE – Tonta! A tua adoração transfigura-o!

ANTÍGONA – Respiro na atmosfera das recordações que dele 265
tenho. Céus! Que sincero o vi sempre, que verdadeiro e que
límpido! Proclamou sem ambages o que lhe pareceu o mais
justo, – agradasse, ou não, a vermelhos ou a azuis. Não seguiu
os poderosos, nem as opiniões em voga, nem os senhores inte-
lectuais, nem o favor das plebes. Quantas vezes, por isso, foi 270
seu destino o ir só! Tal como a labareda, tal como as estrelas,
dir-se-ia que o seu ser se convertia em luz!

CREONTE – E onde nos levaria, essa luz que apregoas? À confusão,
à desordem. Ele, a salvar o Mundo!

ANTÍGONA – Nunca sonhou com tal coisa. Quer dizer: com ser ele 275
o construtor da sociedade justa.

CREONTE – Que queria então? Dir-me-ás?

ANTÍGONA – Dar ao povo os instrumentos para a construir ele
próprio.

CREONTE – O povo! Que ideia! É bem de um filósofo!... Ná: o 280
que poderá encaminhar-nos não é a falsa luz dos filósofos: é o
instinto da vida, é a razão vital!

[70] ANTÍGONA – Conheço tais frases. Não são mais do que frases.
Convém-te essa moda. Tendes todos teimado em sacrificar
o espírito, e muitos que o renegam pretendem falar em seu 285
nome. Uns sacrificam o espiritual ao instintivo; outros, à vida,

258-259 fraterna; e alguns o compreenderam: mas alguns, tão-só... B:
fraterna. Queria perceber toda a gente, e ninguém a ele o entendeu!... B2

260 Pois [logo] todos B2

274 ...desordem. <Ele, a salvar o Mundo!> B2

275-280 <ANTÍGONA – Nunca sonhou... Ná: o> B2

à matéria, à ânsia do poder, à raça... ou às forças produtivas, à Nação, à fé irracional, ao sexo... Ah, Creonte! O grandíssimo trabalho que se têm dado os homens para se convencerem a si próprios de que não são mais do que máquinas, produtos das circunstâncias, simples reflexos das coisas! Ou só feixes de instintos, puros servos do inconsciente! Ao Polinices, porém, coube-lhe defender o espírito, e colocou-se por aí em oposição a vós todos. Como havíeis, portanto, de o compreender a ele? 290

CREONTE – Pois se era impossível? Eu sim, que sei fazer-me entender!... E depois, tenho os factos. O real, entendes? Os orçamentos com saldo, a prosperidade, a ordem. Sim, são factos: e contra factos não há argumentos, como diz toda a gente! 295

ANTÍGONA – Pois pensa antes o inverso. Contra bons argumentos não existem factos. Por um tecido de argumentos é que se estabelece um facto, – a autenticidade de um caso em que uma pessoa crê. Criarás o teu Mundo pelo suor do teu rosto. Essa prosperidade, por exemplo, diz-me: será ela um facto? Será um facto essa ordem? 300

CREONTE – Lá vêm os paradoxos! Mas de que é que te servem? De que poderão valer os teus sofismas de doida contra o senso [71] comum e a realidade das coisas? Contra o que se sente e toca? Contra o que se palpa e vê?... Quem quer saber de sofistas? Só os homens de juízo é que no caso importam: e os homens de juízo estão aí do meu lado, todos. E também os sacerdotes, que são para mim os mais sábios. Não te informaram ainda do que declarou o seu chefe? Que sou eu quem defende a civilização dos deuses? 305 310

ANTÍGONA – A civilização dos deuses! E a opinião do chefe dos *teus* sacerdotes! Dos *teus* sacerdotes!... Mas que percebem eles do que realmente importa? Nada, Creonte, nada! São também uns escravos do poder do dinheiro, da ordem da matéria, da superstição da força! São os *teus* sacerdotes! Apodam de materialistas todos os que deles dissentem, mas crenças materialistas são as crenças deles. Sim, deles, que têm sido os trânsfugas da religião do espírito! 315 320

CREONTE – Crenças materialistas, as dos meus sacerdotes? Eles, idiota, que condenaram o materialismo dos ateus extremistas? Do extremismo ateu?

ANTÍGONA – E o ateísmo dos outros? E o verdadeiro materialismo da doutrinação burguesa? Porque é que o ateísmo dos 325

ateus extremistas os aflige muito mais que o dos ateus ricos? Ou será que o ateísmo serve aí de pretexto para atacarem o que desagradada à oligarquia impante?... Ah, quanta hipocrisia nos teus grãos sacerdotes!... E de aí? Pensarão que os bons deuses devem ser venerados porque são eles que defendem a propriedade e o lucro?... Mas, enfim, percebe-te: pronunciando discursos [72] contra os ateus extremistas, prestam-te um serviço, e aos senhores ricos. E é justo que o pagues. Escuta: ordena que lhes deem umas barrinhas de ouro. Odres de bom mel – e barrinhas de ouro. O Sumo Sacerdote da religião ceréfila⁵⁴ não quis ir aos teus campos onde se mata aos poucos, visitar os encarcerados, consolar os enfermos, como lhe manda o seu livro. Isso sim! Velejou em direitura para as barrinhas de ouro. Para as festas de homenagem, para os odres de bom mel, para as ofertas forçadas de barrinhas de ouro. Pois então?

CREONTE – Cala-te blasfema! E os milagres? Não existem os milagres, que testemunham por eles?

ANTÍGONA – E que há de mais materialista do que tais “milagres”?

CREONTE – Materialistas, os milagres? Que estás tu a insinuar? Que sabes tu de milagres? Pois olha: ainda há pouco, em Fátiras... Tu sorris, pensadeira? É que não crês em milagres, hein?

ANTÍGONA – A acreditar, Creonte... só naqueles que se passam na consciência dos homens, no seu ser interior. Naqueles que consistem em espiritualizações das almas. Quanto aos outros... queres que te diga?... parecem-me sortes de prestidigitação pueris, como o do sol em Fátiras a girar à doida, qual roda de um carro... e procuram-se por eles, em última análise, determinadas vantagens materiais para os crentes... ou que se dizem crentes... quando não a satisfação de bem ruins paixões! Vá: passem o ídolo, que sempre lhes renderá alguns cobres... Tristes superstições e materializações mesquinhas, a que se agarra a boçalidade das multidões ineptas! Superstições que cultivas, [73] porque te convém cultivá-las!⁵⁵

CREONTE – Basta, irreverente! Cala-te! Eu te ensinarei, mentecapta! Superstições, superstições! Mas os chefes dos sacerdotes – gente de polpa, grave, de consideração, excelsa – dão pleno assentimento a essas convicções do povinho, manifestações de uma fé, de um...

354 que isso faz render bem bons cobres... *B*: que sempre lhes renderá uns bons cobres... *B1*: que sempre lhes renderá alguns cobres... *B2*

ANTÍGONA – Pois claro que dão. As materialidades do culto, as superstições grosseiras... mas é o povo que as quer, que as inventa, as pede; é o povo ignorante que precisa delas: e os sacerdotes satisfazem as abusões do povo... Pois pudera! Hão de satisfazê-las, de qualquer maneira, para terem um rebanho sobre que alçar o seu mando, para guardarem o seu crédito junto da grei que os venera, para poderem exercer a sua missão de políticos. Que eles não são moralistas, mas sim políticos. Ajudam os dinheirosos a subjugar os povos e defendem a ordem social presente. Ah, fossem eles religiosos, em vez de políticos! Defendessem o Divino, em vez do Dinheiro!

CREONTE – Calúnias!... Mentel!

ANTÍGONA – Há exceções, não contesto, que sou eu das primeiras a admirar e a amar... e que tu persegues, odiando-os. Oh, como eu os venero, aos poucos sacerdotes que são espirituais e puros!... Mas tão raros, justos céus, tão raros! A imensa maioria é o que te disse há pouco. Não tem inteligência... nem religião, coitados!... e ensinaram-nos a oporem-se à emancipação dos pobres. Satisfazem, por um lado, as superstições das massas e, por outro, os interesses dos senhores da riqueza. É a [74] política deles, e eles são políticos. Para continuarem a dirigir e a consolar as turbas, para conservarem a ordem tradicional das coisas, – é necessário aos sacerdotes o condescender com o vulgo, com as superstições que têm origem no seu atraso mental. Não lhes seria possível contrariar a plebe e continuarem a ser chefes da religião da plebe. Sacerdotes que se metam na governação política hão de ter sempre os vícios de que padecem esses. E não é de tais homens, mas de nós... de nós, sim, dos que tu chamas filósofos, pensadeiros, iluminados, doidos... de nós unicamente que poderá vir a emenda. Elevemos nós-outros o pensar das gentes, iniciando-as na vida do genuíno espírito, e já elas deixarão de reclamar milagres, e já os chefes eclesiásticos lhes inculcarão outras crenças: uma religião mais alta, mais pura... uma mística racional, toda humana... O que na fé do teu clero me desagrade a mim – é isso, precisamente: o materialismo dela. O materialismo, entendes?

CREONTE – Vocês, os filósofos, a educarem o povo! Fá-la-iam bonita!

376 persegues. *B*: persegues, odiando-os. *BI*

377 os [exalto, os] venero, *BI*

396 mais pura, uma *B*: mais pura... uma *BI*

ANTÍGONA – Bonito ou não, o que te digo é isto: não creio, eu, que os sacerdotes-pastores possam ter maneira, nas suas relações com as ovelhas, de ultrapassar a mentalidade da maioria delas. A espiritualização dos povos só pode vir de nós-outros, dos que não são mais do que apóstolos. Dos que não têm que temer que lhes escape o mando. Dos libertos da responsabilidade de sustentar uma Igreja, de governar os homens. Dos que não usam capacetes rutilando ao sol, nem roupas purpurinas, [75] nem atavios áureos, e que não movem um átomo de força física, porque só têm as armas imateriais do espírito. Quem se veste de púrpura há de pensar com o seu traje, – sob a sugestão da importância do seu próprio traje: como pensará com o bom senso? Já meditaste, Creonte, na situação de um magnata que tem de se vestir de vermelho, de usar anéis que se beijam, e de estar sempre obrigado a tomar a sério essas galas?... Ah, construamos na inteligência e no genuíno espírito, e os fantasmas caducos cairão por si!... Até lá, o escuríssimo espetáculo que nos darão esses homens será o da estrénuo defesa do poder dos ricos. E por isso é que estimo e que admiro tanto os sacerdotes que divergem da mesquinhez comum... Apareçam crentes e sacerdotes puros, a servirem com sinceridade os ideais que assoalham, e saberei recebê-los como a meus irmãos!

CREONTE – Idiota! Que querias, em suma? Tirar a religião às almas?

ANTÍGONA – Não! Compreensão amplíssima! Mais: simpatia, amor! Não me anima o empenho de retirar os homens da fé ou incredulidade que cada um professa, e que a eles se lhes afigura como sendo a boa: só desejo que concebam de uma maneira mais alta – mais espiritual, mais rasgada – a religião ou irreligião que tem sido a sua. Respeito – ouviste-me? – as aspirações dos fiéis. Que as espiritualizem ao máximo: eis aí o que lhes peço, – tão-só.

CREONTE – Mas os outros democratas não vão aí contigo. No que cuidam, antes de tudo, é em combater a religião. É em atacar o clero.

[76] ANTÍGONA – Alguns sim, com efeito. E percebe-se, ao cabo: porque tanto os exasperaram, esses teus sacerdotes! Tanto gostam de auxiliar os perseguidores e os brutos, tanto se sofre no Mundo pelo seu ódio estúpido! Tão incompreensivos, tão perseguidores, tão duros, que tornaram para muitos a religião repulsiva, e suspeita e antipática essa palavras “Deus”! E sem embargo, Creonte, o bom remédio para tudo creio não estar onde eles julgam, os livre-pensadores de quem falas. Obsessiona-os a ideia de opor um

dogma a outro dogma, de triunfar do fanático por um fanatismo
ao revés. Da resistência à política dos sacerdotes políticos, tão
necessária e tão justa, passaram a ofender as próprias consciências 445
piedosas, a própria religião dos mais puros: o que é arriscado e
insensato. E enquanto o povo se distraía a guerrear com os faná-
ticos, o argentário repousava, e podia dormir sem temores... E aí
tens. Percebeste-me? Ficaste entendendo porque é que não ataco
esses homens, – como tantos dos democratas, que somente a eles 450
é que increpam? Antes de esclarecida a pobre gente ignara pelo
treino escolar na disciplina crítica – mas que realmente o seja – há
de haver, por necessidade, muita superstição entre as massas, e há
de ter o sacerdote de lhe ser benigno e animá-la. Os pastores são
levados pelo rebanho que eles guiam. Um círculo: vês tu? 455

CREONTE – Vejo uma parva a dizer tolices. Acabemos com isto!
Tu mesma te admirarás da minha ingenuidade e fraqueza,
condescendendo em escutar-te.

ANTÍGONA – E porquê? Estás no teu papel, creio eu. É uma
função da autoridade, esta de interrogar quem foi preso. 460

[77] CREONTE – Os sacerdotes! Pois pensas deles...

ANTÍGONA – Ora atende: neste regime que é o nosso... o econó-
mico, percebe-se... os sacerdotes dependem dos que são senhores
das riquezas: e por isso é que os servem. Da classe dos abastados
é que lhes vem a eles a pujança, a energia com que defendem a 465
dominação dos ricos... e também a deles próprios. Como a ti,
afinal. São os reis da pecúnia os que te dão a ti o teu mando.

CREONTE – A mim? Que tonteira! E então a tropa?

ANTÍGONA – Ora! Serves os ricos, e por isso te agentas. E o
Ceréfilo, também. Lembras-te do seu bom amigo, o grande 470
banqueiro, o Psiquístrato?⁵⁶ Que me dizes dele? Não é um
símbolo?... Na sociedade que temos, os sacerdotes que são?
O que podem ser, simplesmente. O que o regime económico lhes
impõe que sejam. Precisam das dádivas da gente rica, e não lhes
fica remédio senão servi-la. Quando haja um dia uma sociedade 475

452 – e de facto bem crítica, bem afoita à dúvida – *B*: – mas que real-
mente o seja – *BI*

453 fatalmente *B*: por necessidade *BI*

460 interrogar uma prisioneira. *B*: interrogar quem foi preso. *BI*

465 força *B*: pujança *BI*

466 ricos *B*: ricos *BI*

472 presente *B*: que temos *BI*

mais justa, poderão libertar-se das servidões que os deprimem, da atual necessidade de defender essa gente. Portanto, quem corrigir a sociedade é que purificará o Templo. A maioria dos sacerdotes só adorará em espírito na atmosfera tonificante de uma sociedade sem classes; e de nós, revolucionários, lhes há 480 de vir a possibilidade de fazerem santo o seu Deus. Aí está, Creonte. Expliquei-te talvez com clareza bastante, porque é tempo perdido o da discussão com o clero. Tratemos de destruir a onnipotência do ouro e de ensinar aos pobres o seu bom caminho: o da cooperação emancipadora, o do juízo crítico. 485 O corpo dos sacerdotes só há de entrar na decência quando já não haja plutocratas a cujo serviço se ponha, de cuja proteção ele precise. [78] Como estás observando, não acuso este ou aquele, não lanço culpa a ninguém. Há uma herança de séculos que a todos tolhe e embaraça; há um sistema de sociedade a que 490 todos nós estamos presos, – e os sacerdotes conosco. A que estão presos os pobres, como estão presos os ricos. A que estás preso tu. E nós, os revolucionários, é das malhas desse sistema que pretendemos livrar todo o mundo.

CREONTE – Livrar-nos, livrar-nos! Não está má livrança! Como 495 livrar-nos? Tirando aos ricos o seu? Os seus legítimos lucros? O que seus pais lhes deixaram?

ANTÍGONA – Não odeio os ricos, Creonte! Rica sou eu, como não ignora ninguém. E filha de reis, princesa.

CREONTE – Que fugiu à lei do seu sangue, para se conchavar 500 com plebeus!

ANTÍGONA – Não! O verdadeiro aristocrata é o que sabe estar com o seu povo! Com os ricos traficantes é que ele não deve associar-se. Como tu, ou o Ceréfilo, – esse plebeu, esse pobre, que se pôs a servir os ricos⁵⁷... e que tem por si o ricoço, o 505 ladravaz, o ganhão. O homem aristocrata que for democrata é que é duas vezes aristocrata. A mim, por ter alma de princesa é que a revolução me seduz, pois emancipar as criaturas é que é uma ação principesca. O meu único empenho é a libertação de vós todos, – a dos ricos também. Os ricos possuídos do apego 510 às riquezas são apenas os escravos do seu próprio ouro. Essa tal felicidade dos que lucram muito – não te diz a experiência que é em grande parte fictícia? Não vês que é mais tempo o

498 Não, o que me move, a mim, não é o ódio aos ricos, *B*: Não odeio os ricos, *B1*

510 [e] a dos ricos também *B2*

que consagram eles a conquistar os cabedais que ainda não
possuem – com que torvas [79] preocupações, em grande parte 515
dos casos! com que vis subserviências! com que mortais incer-
tezas! – do que a gozarem dos bens que adquiriram já? Não tens
observado nessa gente avara como a ânsia do lucro lhes enve-
nena o íntimo? Não vês que a necessidade de lutar pela vida é
causa de que os atos da maioria dos homens são sempre piores 520
do que as próprias almas, do que os seus corações?... Ah, não
quererem entender esses teus ricaços quanto eles e seus filhos
ganhariam com isso, se os homens se libertassem do seu mais
duro infortúnio...

CREONTE – Que infortúnio, diz! 525

ANTÍGONA – O de guerrearem entre si para ganhar o pão! O da
luta pela vida, como lhe chamam para aí, – mas que a tantos
tem levado mas é à morte; mas que a tantos tem levado mas
é ao suicídio! Oh, rivalizar, emular, concorrer, esgotando-se!
Matarem-se aos poucos a competir com os demais! Vencer 530
concorrentes, queimar-se a excedê-los! Arrastar-se, forçado,
para o redemoinhar dessa arena, e acabar parvoamente, a
atulhar ainda o seu bolso! Quantos vivem amarrados a um triste
mister que detestam! Sim, que detestam, porque nada nele os
interessa, porque nada nele fala à alma! Oh, os que nessa tumba 535
dos negócios se sentem asfixiar e morrer!

CREONTE – E é por isso que tu...

ANTÍGONA – Sim! Por isso! Em mim o revolucionismo é só a
flor da piedade, – da compaixão pelos escravos do vil sistema
do lucro, da misericórdia pelas vítimas da preocupação do 540
dinheiro, do negro temor do amanhã! Tenho pena do indigente,
mas também do opulento, quando é um desgraçado também. E
que muitas vezes o é.

[80] CREONTE – Os indigentes! Mas serão eles infelizes? Se não
conhecem melhor? O que possuem lhes basta. E se não bastasse, 545
afinal, – consolasse-os a religião, com as suas visões de além-
túmulo. Não cries necessidades em quem as não precisa. E
demais, pensa tu: do dinheiro que lhes déssemos, que iriam fazer
os homúnculos? Beber melhor? Embriagar-se?

542 do abastado, se é um desgraçado também *B*: do opulento, quando é
um desgraçado também *BI*

ANTÍGONA – Não é dinheiro, não, o que peço que se dê a esses 550
miseros: é o nosso interesse, o nosso amor, o nosso pensamento, a
nossa alma, para que criem para todos um conviver mais humano,
onde os estigmas da penúria se vejam mais e onde o maior número
dos capazes disso possam viver uma vida espiritual e nobre, des-
pressa de ignomínias para ganhar o pão. Onde se não levem as 555
pessoas à desvalorização de si próprias... Desejo que os homens
possam viver no espírito, e não busco que os pobres passem a
gozar como os ricos. Não: nem ricos, nem pobres, nem plebeus,
nem magnatas: desejo almas, tão-só. Quisera-me um espírito, e
busco espíritos; quisera-me uma artista, e busco artistas. Que a 560
sociedade tenha um corpo que corresponda bem à nossa alma!

CREONTE – Ora! Ridículos sonhos, quimeras! Nunca, até hoje, se
pôde ver nada disso!

ANTÍGONA – E que me importa a mim o que se viu até hoje?
Alegações da História não as quero eu aceitar, nem que se infira 565
do passado o que havemos de ser no porvir. A ideia do futuro – a
do futuro, ouviste-me? – é a que vivifica as pessoas. O que se
não viu até hoje poderá ser visto amanhã. Só penso no bem mate-
rial do povo para o elevar ao ádito de uma ascensão ao espírito.
Reclamo sobretudo uma espiritualização da vida, e por isso é que 570
[81] sonho em arrebatar os miseros ao combate com os outros pelo
pão diário. *Trabalhar* pelo pão: não *lutar* por ele. Sem escravidão
à matéria, sem se brigar com os demais. Não quero que à igual-
dade, à prosperidade, à abundância, se sacrifique o ser íntimo:
nem a liberdade das criaturas, nem a diversidade dos gênios. 575
A reorganização do social há de concorrer para a justiça, mas
o reino da justiça não está na reorganização do social. Está no
homem justo, somente. No âmago do seu pensar, no seu íntimo.

CREONTE – O justo! O que vem a ser o homem justo?

ANTÍGONA – O que subiu ao Espírito, Creonte. O que encara 580
os outros como quem subiu ao Espírito. O que incita os
demais a subir a esse nível. Ser justo, ser espiritual, ser livre, é
superar o irracional que dentro de nós encontramos – pelo esto
racionalizante, que também se acha em nós mesmos.

560-561 <Que a sociedade tenha um corpo que corresponda bem à nossa
alma!> B2

CREONTE – Em nós? Porque o dizes?

585

ANTÍGONA – Ora atende. Quando tu pensas – se o pensas! – ante o teu próprio adversário... contra o teu sentir e o teu ímpeto, contra o que é *natural* em ti mesmo... quando te sucede convencer-te de que é ele que tem razão, e não tu... nesse instante, Creonte, não somente te colocas num modo de pensar que te excede, senão
590 que supões, além disso, que há uma ordem ideal, verdadeira. O discutir do errar ou do não errar do intelecto, o buscar a luz da verdade, o poder demonstrá-la e admiti-la, implicam, pois, a existência de um juízo livre nos homens, de uma livre ação de
595 ajuizar. A não existir essa ordem – que é a da verdade e do eterno – seria falho de sentido o ter razão o adversário, o poder alguém ter [82] razão. E o mesmo ocorre ao cientista, quando ele afirma uma ideia que vai ao revés do sensível, – como a de que é a Terra que gira, como a de que têm existência os antípodas. Como vês
600 por este exemplo, a revelação do espiritual é um caso familiar e claríssimo, que tu podes comprovar em ti próprio. Topa-se aí o divino – se lhe quisermos chamar o divino: sim, nessa universalização da consciência, nessa dessubjetivação do pensar. Não nos milagres das tuas várias Fátiras, que trata de explorar para os
605 teus fins políticos.

CREONTE – Insolente!... Que importa? Estás na minha mão, vais pagar-mas. E até lá... rio-me de ti, quero ouvir-te. As tuas patéticas divertem-me... Pois suponhamos, tontinha. E agora responde-me, a sério: não sabes, então, que a maioria dos
610 homens não nasceu com dotes para pensar coisa alguma? Que o máximo esforço de que são capazes é o de decorar cartilhas, o de recitar cartilhas?

ANTÍGONA – Sei. Tenho-o sentido, Creonte. E com que tristeza, sempre! Mas quero proceder como se fosse possível que deixasse um dia de ser assim.
615

CREONTE – Em suma: esperas que todos, um dia, possam subir a tal nível? Queres aristocratizar todo o povo? Queres santificar toda a gente?

ANTÍGONA – Pelo menos, que a organização da sociedade não seja obstáculo a esse empenho. E depois... porque não? É isso: 620

606-607 mão. Vais pagar-mas *B1*: mão, vais pagar-mas *B B2*

607 rio-me de ouvir-te, que queres? *B*: rio-me de ti, quero ouvir-te *B2*

609-616 a sério: <não sabes... Em suma:> *B2*

617 esse *B* tal *B2*

aristocratizar todo o mundo. A luta pelos interesses plebeíza os homens. Busco, realmente, o aristocratismo e a paz.

CREONTE – Só à gargalhada! Impagável! Então... E crês tu que é possível?

ANTÍGONA – Nem me pergunto se o é. Ninguém sabe se o é, e 625
o que poderá ser algum dia. Impõe-me a consciência que tenha em mira um tal fim. Aliás, quem dá limites ao espírito? Com a ciência a que chegámos, com a que há de haver no futuro, nada me parece impossível. Pode-se tudo esperar.

[83] CREONTE – Ah, o orgulho da inteligência! A presunção dos 630
filósofos!

ANTÍGONA – Presumida? E porquê? Falo da inteligência, em geral: não, claro está, da que me coube a mim em quinhão. Tenho-me em pouco, Creonte: porque me sucede mil vezes cair do nível do espírito, trair o Universal em que eu creio. É orgulhoso, sem 635
dúvida, quem se gloria da posse de uma visão definitiva das coisas, pela virtude indiscutível da obscura crença num dogma. Orgulhoso é o dogmático. Os que nos aparecem armados de qualquer fê insondável, de pura tradição e arbitrária, que deve imperar porque é deles... e que querem impor aos demais. Como 640
tu, como os teus.

CREONTE – Desaforada! Pois dizes...

ANTÍGONA – Sim! Repito-o: como tu, como os teus! Como os chefes dos teus sacerdotes, que são também do teu tipo. A verdadeira inteligência é que é modesta e hesitante, – e nos 645
momentos, até, em que ela parece exaltar-se: e o fanático de um dogma é que é sempre duro e orgulhoso... afirmativo, soberbo, dominador, ufano... ainda nos relanços em que toma o ar da humildade. Sinto-me pequena, sinto-me: mas sei que outros são grandes, e espero a vitória do Espírito. Ou, antes, sinto-me no 650
dever de a buscar, ou no de acompanhar os que a buscam.

CREONTE – Que néscia! O espírito! A que chamas tu o espírito?

ANTÍGONA – Pois não to disse, – e há bem pouco? É aquilo que em ti mesmo te permite conhecer-te a ti mesmo, te permite julgar-te

651 de trabalhar por ela *B*: ou de acompanhar os que a buscam *B1*: ou no de acompanhar os que a buscam *B2*

a ti próprio. O que estando em nós nos faz unos. Subirás, pois, 655
ao Absoluto, [84] – digamos, por outra forma, que criarás o divino
em tu’ alma... em ti próprio, repito, em tua consciência, entendes-
-me?... se fores largo, compreensivo, universalista, aberto, com
clara generosidade ante os homens, com santo amor a nós todos.
Livre, por isso, das limitações de espaço e de tempo, de família e 660
de classe, da tua própria grei e da raça. O espírito, perguntas? É
o nível mental a que sobe em nós a consciência quando conhece
e quando julga o que é só *natural* em nós mesmos. Quando reflui
para o que nos chama ao que deveríamos ser e não somos. Há
em nós esse anseio do que deveríamos ser e não somos: e o que 665
amamos nos outros, às vezes... e talvez sempre, quem sabe?... é
o que deveríamos ser e não somos... Ou reflexos, vislumbres, do
que deveríamos ser e não somos...

CREONTE – Oh! Que frioleiras tu dizes! Que incompreensíveis
retóricas! 670

ANTÍGONA – Foge à obsessão do sensível, e logo perceberás o
que eu digo. Não vês tu que a consciência – a minha, a tua, a do
teu Ceréfilo, talvez – tem a faculdade de desprender-se da sua
situação exclusiva? a de ultrapassar os limites da sua individua-
lidade vivente? a de fugir às garras do corpo, lástima comum de 675
nós todos?...

CREONTE – Lástima?

ANTÍGONA – Mas degrau, igualmente, para a nossa ascensão à
unidade. Obstáculo a superar no movimento de libertação que
é ser livre. Quem quer que supera o instintivo – e o seu lugar, e 680
o seu tempo – vai por uma estrada infinita, onde se pode dizer
que se faz Deus. Eis a fé racionalista, que era a do meu irmão e
que é minha. A [85] irracionalista, a autoritária, a tua... não será
impulsão fisiológica, não mais de estimar do que as outras?

CREONTE – Hipócrita! Sempre ouvi dizer que és ateia! Que é 685
esse Deus, de que aí falas?

ANTÍGONA – Não sei; mas sinto, experimento, intuição isto,
este facto: a atitude divina em nós próprios...

CREONTE – Esse Deus... percebo: é a Natureza, em resumo.

681 tempo... vai B: tempo – vai B1

681 poderia B: pode B1

686 de quem falas B1: de que aí falas B B2

ANTÍGONA – Enganas-te. Busco o ideal na consciência, e só na 690
consciência é que o busco. Não adoro a Natureza, não, nem um
suposto artífice que a fez, nem uma Sobrenatureza fantástica,
situada para além, lá nos céus...

CREONTE – Sobrenatureza? Que é isso?

ANTÍGONA – Pois que é o teu céu, finalmente? O dos autoritários? 695
O dos teus sacerdotes? Uma cópia subtilizada dos bens corpo-
rais deste mundo. O que em nós é Natureza – e só Natureza,
obscuríssima – concebe um Deus que faz medo, com as paixões
naturais que nós temos. Um Deus da imaginação, do instin-
tivo, que pune o pecador e o atormenta. Por quem se benzem as 700
espadas, como se viu fazer ao teu clero. O Deus dos exércitos,
o das sangueiras épicas. O que dá vestes purpurinas, barrinhas
de ouro... Pois para esse Deus sou ateia. Mas concebe-se outro:
o do espírito. O que se não pode olhar face a face, porque tão-só
se vê mente a mente. O que não está no céu, mas nas almas, – 705
alheio ao espaço e aos instintos, [86] fora da imaginação e do
tempo. O que a alma topa em si mesma, – na sua aptidão para
ser sábia, na sua aspiração para ser justa...

CREONTE – Ora! Isso é lá Deus, é lá nada! Que te preste! Uma 710
ideia abstrusa e ridícula, inconcebível para a maioria dos seres
humanos... Para a maioria? Que digo? Para todos, vamos!

ANTÍGONA – Pois tanto pior para nós todos! Ah, se chegará o 715
dia em que a entendam! Que felicidade para os homens, que
formosura para o Mundo – sim, se os seus sábios deixassem de
desespirtualizar a ciência, se os seus crentes deixassem de deses-
pirtualizar a fé!

CREONTE – Estás sonhando o impossível! Racionalidade!
Espírito!... Qual! Os homens são brutos. Hão de ser sempre
brutos. Cumpre dominá-los! Com autoridade e a chicote! Venha 720
um Super-homem, dominador de escravos!

692 fabricante *B*: artífice *B1*

695-696 [O dos autoritários? O dos purpurados? O dos teus sacerdotes?]

B1: dos autoritários? [O dos purpurados?] O dos teus sacerdotes? *B2*

701-702 exércitos. O do gládio em sangue. O que traz império. O que dá
vitórias. *B*: exércitos, o das sangueiras épicas. *B2*

702-703 E as vestes purpurinas, e as barrinhas de ouro... *B*: O que dá
vestes purpurinas, barrinhas de ouro... *B1*

719 Cumpre dominá-los, percebes? *B*: Cumpre dominá-los! *B1*

ANTÍGONA – Venha o Super-homem, *libertador* dos escravos, –
libertador dos tebanos! Seja o Super-homem a aspiração de nós
todos! É também o que eu sonho. Mas sem o entender como tu.
Tu vê-lo como ampliação do homem natural e instintivo; e eu,
pelo contrário, como aquele que se liberta das suas escravidões 725
ao sensível, e promove por aí a libertação das mais almas.

CREONTE – Os tebanos, – super-homens!... Nem simples
homens, pateta!... Pois julga-los com capacidade para poderem
ser almas livres?

ANTÍGONA – Percebo-te, Creonte... Ai de mim, se percebo! Vimos 730
coisas bem tristes!... Mas que importa? Livres, repito. Sei que
devo trabalhar por que saibam sê-lo algum dia!

CREONTE – Algum dia!... Coitados! O sistema de governo da
plutocracia e do clero – esse sim! É o único que assegura a boa
ordenação deste Mundo. O poder vem de Deus, e Deus deu-o 735
ao dinheiro. Tudo mais é anarquia. Para ventura dos tebanos
– que são sugestionáveis e tontos, – tire-se-lhes a liberdade, a
deliberação, a ideia. Deem-se-lhes palavras, e obedecerão às
palavras. Ordens formais. Que se ponham de luto, [87] e pôr-
se-ão de luto; que se mostrem contentes, e mostrar-se-ão 740
contentes. Isso! Vá de imagens, palácios, exposições, cortejos!
Para os fazer ditosos! De uma ventura de suínos, que é a de que
são capazes! Eu é que os amo, que sei entretê-los com dices, e
que reconheço que a liberdade lhes é a eles bem pesada, que é
para eles um castigo. Qual! O ídolo de Fátiras, com procissões 745
bem vistosas! Cortejos históricos, com ouropéis que rebrilhem!
Vê-os aí, pelas ruas: acodem todos em massa, a ver paradas e

721-722 *libertador* dos escravos! *B*: *libertador* dos escravos – libertador
dos tebanos! *B2*

726 promove <por aí> a libertação *B1*

727-732 <CREONTE – Os tebanos... algum dia!> *B2*

728 homens *B2*: almas *B3*

730 Temos visto *B2*: Vimos *B3*

731 <Livres, [sim] repito> *B3*

733 Libertação! Frioleiras! *B*: Algum dia!... Coitados! *B2*

736 homens *B*: tebanos *B2*

737 fracos *B*: sugestionáveis *B2*

737-738 a liberdade, [o juízo,] a deliberação, a ideia *B2*

738-741 Mostram-se-lhes imagens, *B*: Deem-se-lhes <palavras e obede-
cerão... Isso! Vá de> imagens, *B2*

744 a liberdade lhes é pesada, afinal, *B*: a liberdade lhes é a eles bem
pesada, [afinal,] *B2*

745 Nada! *B*: Qual! *B2*

747 Vê aí *B*: Nota aí *B1*: Vê-os aí, *B2*

747 pelas ruas, como acodem *B*: pelas ruas: acodem *B2*

galas, e sem se importar com os seus ferros! Diga-se-lhes que é tudo para bem do rebanho, e desprezem-se no íntimo, que é o que merece o rebanho.⁵⁸ Eu é que os conheço. Não és tu, certamente... Ah! E cárceres bem fundos para quem se não mostrar satisfeito. Quem sabe castigar é o bom pai. 750

ANTÍGONA – E o pai, quem é?

CREONTE – Eu! O Espírito Imperial, o Bem da Cidade, a Alma da Raça, encarnados em mim! O Génio Coletivo! Não crês nele, porventura? 755

ANTÍGONA – Não! Creio na consciência. No seu anseio de liberdade, na sua aspiração à justiça. Creio na razão, no espírito. Porque os trago em mim.

CREONTE – A liberdade! Lá o disse o Ceréfilo: para limitar a liberdade é que a lei existe. 760

ANTÍGONA – Pois disse mal, como é seu costume. Garantir a liberdade – garanti-la, entendes? – é que o legislador deverá querer. E para proteger a liberdade dos homens justos se preveem os abusos dos que são injustos e se limita a liberdade da criatura iníqua. Para isso, tão-só. Tomou, pois, Ceréfilo como finalidade da lei uma consequência secundária do verdadeiro fim. Uma consequência [88] negativa do seu fim positivo. O que define as coisas – e o que define os atos – não é a face negativa, como se está vendo que ele pensa: é a positiva, a criadora, a convexa, a cheia. 765 770

CREONTE – Mais sofismas! Ignoras a realidade, desconheces os homens. Não percebes a vida. Uma cabeça no ar, uma louca: não passas disso, afinal.

ANTÍGONA – A imperfeitíssima portadora de uma grande ideia: eis aí o que eu sou. Mas quanto mais imperfeita me sinto eu e vejo – e quão imperfeita me sinto eu e vejo! – mais tenho necessidade de me dedicar aos outros, de justificar o facto de ter vindo ao 775

748-751 <Diga-se-lhes... Ah!> B2

750 eles só merecem B2: merece o rebanho B3

754 Eu! [O Génio Coletivo,] O Espírito Imperial B2

757 Creio na consciência. Na consciência individual<, tão-somente>. No seu B1: Creio na consciência. [Na consciência individual.] No seu B2 (Nota: em B2, o autor começa por substituir a frase “Na consciência individual” por “No Deus da consciência”. Mas acaba por rasurar também esta hipótese.)

758-759 à justiça. Creio na razão, no espírito. Porque os trago em mim. B B2: à justiça. No que trago em mim. B1

Mundo, de me transcender a mim própria. De estar aqui, diante de ti, a acordar-te.

CREONTE – A acordar-me! Que filúcia! Crês-me então um imbecil? 780

ANTÍGONA – Creio-te alguém que não está acordado – como a imensa maioria dos seres humanos.

CREONTE – Não estou?

ANTÍGONA – Não, não estás. É que o hábito, a rotina, o deixar-se ir, a indolência... que sei eu?... tudo conspira para adormentar os homens. O nosso passado adormenta-nos... e a História, a tradição, a educação, a inércia... e tanta, tanta coisa mais! De que precisamos nós? De acordar, de ver claro! Ah, mas quanta contenção isso exige, que dificuldade isso tem! Os conservadores são sonâmbulos, a empachar aqueles que não dormem. E quantas desgraças poderíeis poupar a nós todos, se vos atrevêsseis a sair desse vosso sono obstinado, [89] – se fizésseis o esforço de abrir, enfim, esses olhos... para entender a revolução, para chegar à luz! Sim, reacionários, tiranos, conservadores, sonâmbulos: é a Espetros funerários que sacrificais os vivos, é a morte da alma o que vós quereis conservar! Ah, que sempre os que estão mortos andem a matar quem está vivo, sem que se dê por tal coisa! Cegos, que já estais na revolução, – e que julgais fugir-lhe! 790 795 800

CREONTE – Basta! Que estou eu fazendo? Como perco o meu tempo a dar trela a uma louca?... a descer à indignidade de palestrar contigo? Basta! Ponto na asneira! Venhamos ao caso. Infringiste uma lei. Hás de ser castigada. Antes de tudo, a disciplina e a ordem! Nessas tuas filosofias – diz lá, ó filósofa! – não se sabe o que é ordem? 805

ANTÍGONA – Sabe-se, tirano, sabe-se: mas só se quer a da consciência. A que provém da justiça, da benevolência entre os homens, da compreensão carinhosa... Da que assenta no trabalho pelo bem do povo. A pior das desordens é afinal a injustiça, é o sossego aparente sob a compressão tirânica. É aquela que encobre uma roubalheira infrene, uma exploração desalmada, sob o silêncio forçado de milhares de vítimas. 810

778 Mundo e de me transcender *B*: Mundo... Digamo-lo: de me transcender *BI*: Mundo, de me transcender *B2*

A que tu deste à Cidade. Não, eu não creio na ordem que só se faz pela espada, e quis sempre proceder, nestes vaivéns da vida, 815
como se as ideias mais altas que a Razão concebe representassem a ordem essencial do Mundo; como se o que há de mais íntimo e radical nas almas fosse sempre precisamente o que nos irmana e une. Como se o fundo da consciência fosse o universal e o eterno, – o eterno intemporal, a que a Razão nos conduz... 820
Oh, não poder eu ser clara, para te iluminar a ti! Não poder eu ser clara, para vos iluminar a vós todos!

[90] CREONTE – Qual iluminar! Quais quimeras! A vida é irracional, como a Sociedade e o Estado! Tem de ser irracional, há de sê-lo sempre! Nada de intelectualismos, de abstrações 825
exangues!

ANTÍGONA – Não creias nos literatos que que te ensinaram dessas.
Os irracionais ignoram o que a inteligência seja...

CREONTE – Só com a paixão se fazem coisas grandes!

ANTÍGONA – Concordo. Mas não é a paixão que pode determinar 830
o que é grande.

CREONTE – Por crenças irracionais é que se domestica o povo!
Só de aí vem a ordem! E a ordem é que é tudo!

ANTÍGONA – Voltas sempre a esse ponto. Não sei se me entendes-te... ou se me fiz eu entender. O teu erro político não é 835
quereres a ordem: é buscá-la pela força e pela adoração do passado, em vez de solicitá-la a uma invenção do espírito, – a uma criação da inteligência, a uma novidade plena. A verdadeira ordem é a que há de resultar do progresso: não é o progresso que se há de derivar da ordem. E o progresso que 840
eu quero é para uma ordem mais funda, para uma ordenação racional do nosso viver comum. E isso, precisamente, para libertar o espírito. O que eu oponho à tua ordem é uma ordem mais básica, de mais profundo alicerce. Uma ordem moral, mais sincera. Impõe-se-nos o arquitetarmos uma sociedade 845
nova. Cumpre *criar*, inventar, ser ágil, – e esquecer o passado, o antigo, a tradição, a história. Dissipar os Fantasmas, ao claro sol do intelecto. Olhando para diante, e não para o que foi.

829-831 <CREONTE – Só com... é grande.> B2

832 Só por crenças B: Por crenças B2

832 <é que> se domestica B2

842-843 para lhes libertar B: para nos libertar B1: para libertar B2

Com audácia inventiva, com inventivo amor. Manter a inteligência sempre aberta e dúctil! Ter sempre cuidado em que não seque a argila! 850

CREONTE – Invenção! Que invenção? Bem diz o Ceréfilo: cumprê-nos realizar o essencial na Vida; precisamos de ser fiéis ao permanente na História.

[91] ANTÍGONA – Sim? E que é para ti o essencial na Vida? O permanente na História? 855

CREONTE – O essencial na Vida?... O permanente na História?...

ANTÍGONA – Digo-to eu, se o quiseres. O permanente na vida é a sua não permanência; é a sua ânsia constante de se superar a si própria. A Vida e a História não são coisas fixas, não são nada imóvel: são um avançar, um seguir. Repito-te: o caráter da Vida é o transcender-se a si própria, o ir além do que é hoje. E o essencial na Vida, o permanente na História, vê-lo-ás pela direção em que se efetua essa marcha, pelo rumo a que vai. Pois bem: o rumo da libertação é o essencial da Vida, a busca da igualdade é o permanente na História. O que a inteligência descobre no caminhar dos povos é o esforço para atingir a libertação do homem e para a conquista das igualdades que a libertação supõe. Na vida civil, ao alvorecer da História; e depois, na política; e por fim, na económica, que é o que nos falta agora. O permanente na História é um progredir que não para. É a revolução verdadeira, – a racional, a que avança. A que vai para a liberdade, para a elevação do povo, para a criação das condições da vida espiritual e fraterna: e não a do Ceréfilo, que é a estabilização no mais vil. O essencial da Vida, o permanente na História, – é a exaltação da pessoa, é a libertação da noss' alma. A carreira para a igualdade, a democracia, a cooperação, a paz... 860 865 870 875

CREONTE – Ora! Como se a Vida, a História, fossem isso que dizes! O demoliberalismo, Antígona? Velharias, trastes... Os teus ideais são de antanho. Já não são deste tempo, – que é o do realismo, o do autoritarismo, o da antidemocracia, o da força. Como a minha vitória o provou! 880

[92] ANTÍGONA – Os que se deixam submergir pela onda do instante – os simplistas da direita, os simplistas da esquerda – julgam sempre que o eterno é de um passado morto. Este tempo, esta moda... Que tenho

849-851 <Manter... argila!> B2
854 História! B1: História. B2

- eu com eles? Que tenho eu com os efêmeros? Falo do universal, 885
do espiritual, do eterno... A tua vitória, dizes? Mas é um dique
fragilíssimo contra um oceano indomável. Decerto, decerto, não se
pode negar: estás aí. A escurecer tudo, a empachar... És um facto,
como dizes. Um facto! Pode-se apalpar, pode ver-se... Mas depois,
grande cego? As constelações continuam, sem que o teu vulto as 890
destrua; e num momento – pronto! – a nuvem foi-se, esvaiu-se... e
torna a resplandecer o céu límpido... E lá volta a estrela, outra vez!
- CREONTE – Esqueces-te, tontinha, de que tenho nas mãos uma
espada – o que basta!
- ANTÍGONA – Há outras, talvez. Nunca se sabe... 895
- CREONTE – Pois apareçam! Vencê-las-ei! Ficarei!
- ANTÍGONA – O que só vem pelo ferro, pelo ferro vai; o que só nasce
pela História, pela História morre.
- CREONTE – Palavras! Só a força dá frutos! E nós somos uma força!
O nosso destino é vencer! E vós? Que sois vós, democratas? 900
- ANTÍGONA – As palavras de triunfador deixo-as eu a ti. A ti e ao
Ceréfilo, o teu marechal do orçamento. Os apóstolos da revolução
não devem ser jactanciosos, como tu e o teu bando: mas limitar-se
a exprimir [93] com serenidade e paciência as verdades justiceiras
que é sempre perigoso enunciar. Não, não é a vanglória o que eles 905
buscam. Querem esclarecer, explicar, chamar à razão, persuadir...
- CREONTE – E foi então para persuadir que desobedeceste à lei?
- ANTÍGONA – Desobedeci ao arbítrio, à arrogância, à paixão, à
cegueira – obedecendo a um imperativo do que eu chamo Espírito
– ao honrar a memória do meu mestre e irmão. 910
- CREONTE – E esse, o teu mestre? Foi também para persuadir que
trouxe a insurreição às ruas?
- ANTÍGONA – Não o teria feito, decerto, se não houvesse a mordação
que tu pões nas bocas. Impondo o silêncio, foste tu que o forçaste
à insurreição armada. 915

895 talvez. Nunca se sabe... *B B2:* talvez. [Nunca se sabe, vês tu?] *B1*
896 Pois que venham! *B:* Pois que apareçam! Vencê-las-ei! Ficarei! *B1:*
Pois apareçam! Vencê-las-ei! Ficarei! *B2*

CREONTE – O mestre! O irmão! E o Etéocles? Não era teu irmão, também esse?

ANTÍGONA – Nunca foi o meu mestre. Irmão, dizes tu? Mas a melhor fraternidade é a fraternidade de espírito, o entendimento das almas. Do espírito do Polinices é que eu era irmã. 920 E depois, há pouco te expliquei porque não odeio ninguém. Há um sistema de sociedade de que todos nós somos vítimas. A maioria dos homens nunca deu por isso, e a quase totalidade nunca lhe vislumbrou remédio. Resignam-se ao existente, crendo-o natural e fatal. E porquê? Porque estão adormecidos, 925 hipnotizados, cegos, sob a encantação dos Espetros. Assim estava o Etéocles. Mas o Polinices... ah, esse sim, era a alma [94] mais acordada que jamais conheci, e o anunciador da alvorada que se verá raia algum dia. Não julgues que morreu, ou que vais tu suprimi-lo. Não! Constituiu a sua vida com plenitudes sólidas, e 930 deixou qualquer coisa que há de continuar no futuro, – que há de inspirar outros homens, que há de instituir outras leis. Vive em mim, vive em muitos! Ele cria na possibilidade de aperfeiçoar o mundo; e o Etéocles afirmava, ao contrário dele... e tal como tu... que o embate dos interesses há de ser sempre o mesmo, com todas 935 as vilezas a que a ganância impele. Mas fantasio que a morte os reconciliou por fim. Ela irmana a todos... E demais, eu nasci para a amizade, não nasci para o ódio. Detesto a tirania, mas não odeio o tirano. Não odeio ninguém.⁵⁹

CREONTE – E porquê? 940

ANTÍGONA – Porque a razão o impede. Porque a boa inteligência o proíbe. Por compaixão, além disso, pela vossa própria miséria, – essa que sentis em vós mesmos, sempre que refletis lá no íntimo.

CREONTE – Pois odeio eu! Como todos os fortes, cujo destino é vencer! O meu ódio, sabes... 945

ANTÍGONA – Tenho-o visto, Creonte. Nem nas lájeas dos túmulos quebra ele os dentes.

CREONTE – Tu o dizes, ó filósofa! O ódio... repara: a árvore da Autoridade.....

928 que [eu] jamais conheci B2

928 anunciador de alvoradas B1: anunciador da alvorada B B2

929 se verão B1: se verá B B2

NOTAS

Ato II

⁴³ As citações de Karl Marx, *Manifesto Comunista*, e de Shelley, *Hellas*, apareciam respetivamente antes e depois da citação de Eça de Queirós, numa outra versão do frontispício do Ato II (AS.07-Cx11-P24/005_1, p. 4; *vide* fig. 13, p. 186), que provavelmente seria anterior à que seguimos. Esta conjectura tem por base quer as características e o estilo da datilografia usados, quer sobretudo a paginação que surge no lado superior direito da página (53 a 66), que não correspondem às do texto-base desta edição.

Refira-se ainda que a citação de Shelley acabou por ser reutilizada, figurando entre as epígrafes da versão do frontispício de *Antígona. Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição, remodelada* (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.^a_parte_2, p. 16). *Vide* fig. 8, p. 127 e *supra* p. 179, n. 1 e 2.

⁴⁴ Na edição de 1930, na intervenção correspondente a esta (Ato II, 14-18), Creonte afirmava que os oficiais não queriam mais Apolodoro (Sinel de Cordes, Ministro das Finanças) e que era necessário substituí-lo por um membro do Colégio dos Sacerdotes (Salazar; *vide* p. 97, n. 20). Aqui, numa evidente adequação da fala ao momento político que serve de pano de fundo à peça, o autor faz Creonte dizer que Ceréfilo (Salazar; *vide* p. 181, n. 11) era indispensável para que o poder não caísse nas mãos dos extremistas, que eram apoiados pelos Citas. O inimigo passou a ser o comunismo. Já há muito deixara de ser o reviralhismo republicano, dos tempos da ditadura militar.

⁴⁵ Governada por Efrâncoras, criptónimo de Franco (*vide* p. 184, n. 41), a Espanha, surge agora simbolicamente situada na Fócida, região vizinha da Beócia, e não em Orcoménia (nome derivado de Órcomenos, cidade da Beócia), que, na edição de 1930, era governada por Lisandro, máscara que ocultava Primo de Rivera, o general que governou ditatorialmente o país vizinho, de 1923 a 1930 (*vide* p. 73, n. 16).

⁴⁶ Por lapso, o original tinha Creonte. Atendendo à sequência de falas, corrigimos para Ortágoras.

⁴⁷ Como forma de amedrontar o povo e, assim, conseguir mantê-lo calmo e subjugado, Creonte, na edição de 1930 (Ato II, 54-65), ordena a Ortágoras que, estrategicamente, espalhe pela cidade “mentiras sobre os exilados”, fazendo crer que as suas atividades eram financiadas pelos Citas. A estratégia mantém-se nesta recriação, mas agora aplicada aos democratas, sobre os quais, como advoga o tirano, se deve mentir à vontade, sem qualquer escrúpulo, com o respaldo de uma censura férrea. Sobre a defesa da censura como “função natural de um regime de autoridade”, *vide supra* pp. 184, n. 36.

⁴⁸ Crítica evidente à denominada “Política de verdade” de Ceréfilo (Salazar), que, na opinião de Sérgio, era realizada “à força de mentiras, de boas mentiras”. Em discurso proferido, a 21 de outubro de 1929, na Sala do Conselho de Estado, em agradecimento à homenagem prestada pelas Câmaras Municipais, António de Oliveira Salazar enunciou as três políticas que seriam os pilares da sua ação política autoritária e nacionalista, a primeira das quais era a “Política de verdade”: “Num sistema de administração em que predomina a falta de sinceridade e de luz, afirmei, desde a primeira hora, que se impunha uma “política de verdade”. Num sistema de vida social em que só direitos competiam, sem contrapartidas de deveres, em que comodismos e facilidades se apresentavam como a melhor regra de vida, anunciei, como condição necessária de salvamento, uma “política de sacrifício”. Num Estado que nós dividimos ou deixámos dividir em irredutibilidades e em grupos, ameaçando o sentido e a força da unidade da Nação, tenho defendido, sobre os destroços e os perigos que dali derivaram, a necessidade de uma “política nacional”. Política de verdade, política de sacrifício, política nacional, é o que se há feito, é o que entendo vós aplaudis na vossa mensagem” (Salazar, 1935, p. 23). Sobre este assunto, *vide* Campina, 2013, pp. 196-197.

⁴⁹ Esta cena em torno dos métodos repressivos da ditadura conserva os mesmos objetivos da cena correspondente da edição de 1930, Ato II, 68-82. Mudam, porém, os interlocutores, adequados ao novo contexto sociopolítico. A interagir com Creonte, em vez dos soldados e do cidadão que vinha da tortura, temos dois guardas, um deles da polícia política (PIDE), comandada por Ortágoras.

⁵⁰ Relativamente à edição de 1930, o autor desenvolve significativamente as cenas III e IV (sobretudo esta), adaptando-as ao contexto sociopolítico de finais dos anos 40. Na verdade, estas duas cenas, que estão na base de *Diálogo de Creonte e Antígona*, têm mais de 145 falas (o número não é exato porque a cena quarta está incompleta), ao passo que as cenas correspondentes da edição de 1930 apresentam apenas 31 intervenções.

⁵¹ Esta didascália não existia no original. Acrescentámo-la, seguindo o modelo de abertura das restantes cenas da peça.

⁵² O autor adapta a linguagem ao caráter da personagem, tal como havia feito na edição de 1930 (Ato II, 98-126).

⁵³ Através do livro *Salazar: o Homem e a sua Obra*, que foi traduzido para várias línguas, António Ferro (Nicócoras) promoveu a figura de Salazar em Portugal e no estrangeiro. Sobre este assunto, *vide supra* p. 25-26, n. 40.

⁵⁴ Referência provável a Manuel Gonçalves Cerejeira (1888–1977), amigo de Salazar e apoiante das suas políticas. Foi o Patriarca que dirigiu a Igreja Católica Portuguesa durante quase toda a ditadura (1929–1971), sendo um dos responsáveis pela assinatura da Concordata entre a Santa Sé e Portugal, em 1940. Na peça, é o chefe dos sacerdotes que “são escravos do poder do dinheiro, da ordem da matéria, da superstição da força” (Ato II, 315-317), que “apodam de materialistas” todos os que dissentem da ordem estabelecida (Ato II, 317-318). Sobre o combate ao clericalismo, *vide supra* p. 75, n. 9.

⁵⁵ Alusão às aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos (Francisco Marto, Jacinta e Lúcia), na Cova da Iria, em Fátima (aqui jocosamente designada “Fátiras”), que ocorreram nos dias 13 dos meses de maio a outubro de 1917. No último dia das aparições (13 de outubro de 1917), milhares de fiéis, segundo relatos da época, presenciaram o chamado “milagre do sol”, aqui referido de forma jocosa (Ato II, 350-357). Mais à frente, Antígona acusará Creonte de explorar o fenómeno de Fátima para fins políticos (Ato II, 603-605) e Creonte acaba por reconhecer que se serve dele para entreter o povo (Ato II, 745-746). Sobre este assunto, veja-se Morais, 2017b, pp. 148-149.

Refira-se que António Sérgio se interessava pelo fenómeno. Nos seus arquivos, existem um manuscrito com um breve conto intitulado “O milagre de Fátima” (AS.10-Cx14-P06/001) e um recorte do *Diário de Notícias* (AS.15-Cx19-P01/012), com sublinhados do ensaísta. Intitulada “A peregrinação a Fátima”, esta notícia faz a resenha da homília que o decano do Sagrado Colégio dos Cardeais, o Cardeal Tisserant, proferiu, a 13 de outubro de 1956, em Fátima, numa cerimónia em que participou o Exército Azul de Fátima, cuja sede foi inaugurada nesse dia. Cf. Sympton, 2014.

⁵⁶ Referência provável a Ricardo Espírito Santo (1900–1955), que foi o fundador do Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa e que era um grande amigo de Salazar (Ceréfilo).

⁵⁷ Paródia à figura de Salazar (Ceréfilo) cujo perfil era o de um homem solitário, frio, severo e provinciano. Em *Diálogo de Creonte e Antígona* (874-881), António Sérgio, pela voz de Antígona, irá traçar um retrato corrosivo do ditador.

⁵⁸ Alusão à denominada “Política do povo”, defendida por Salazar. Na 3.^a entrevista a António Ferro, sobre “A Ditadura e o seu contacto com a Nação” (Ferro, 2007, p. 56), o ditador afirma que o que interessava era convencer o povo de que se pensava nele, colocando-se a sua felicidade e o seu bem-estar no centro das preocupações do regime. Salazar seguia, assim, o princípio de Maquiavel, que advogava que era necessário contentar o povo sem descontentar os grandes.

⁵⁹ Cf. 1930, Ato II, 220-222. Introduzindo pequenas variações ao que Antígona diz no Ato I, 260-261, o autor volta a recriar o célebre verso da Antígona de Sófocles (v. 523): “Não nasci para odiar, mas sim para amar”. Refira-se ainda que as cinco falas que se seguem (a última incompleta) já não aparecem no *Diálogo de Creonte e Antígona* (vide p. 300, n. 10).

Deste Ato II, perderam-se, muito provavelmente, as falas finais da cena IV e a cena V do Ato II da releitura mítica de 1930. Os debates entre Creonte e Tirésias e entre Creonte e Hémon, que ocupavam as cenas finais do Ato II da edição de 1930, terão sido recriados, nesta edição de c.1950, no Ato II – segunda parte, do qual apenas possuímos algumas páginas datiloescritas do *agon* entre Creonte e Tirésias (Ato II – segunda parte, 1-140).

ACTO ^{Segunda} ~~TERCEIRO~~

^{Segunda parte}

24 ... and with necessity,
The tyrant's plea, excused his devilish deeds.

MILTON, Paradise Lost.

25 E vi esses homens, dentro de brevis-
simo tempo, fazerem-nos ter saudades, como de
uma idade de ouro, dessa mesma democracia que
eles haviam destruído.

PLATÃO, Carta sétima.

26 Mit Dummheit kämpfen Götter selbst
vergebens.

SCHILLER, Jungfrau von Orléans

27 Já Vossa Alteza sabe que hei de traba-
lhar por edificar pedras vivas, e sempre me prezei
deste ofício; e se por usar disto me não fizeram
o que é feito a outros, por edificarem pedras
mortas, com toda minha pobreza me tenho por mais
rico e mais próspero que eles com todas as digni-
dades do Mundo.

ANDRÉ DE GOUVEIA, Carta a D. João III

28 Ogni forza è incapace di durare se non
s'appoggia sul vero e sul giusto.

MAZZINI, Agli operai italiani.

Fig. 14: Abertura do Ato II, segunda parte, da edição de c.1950
(BAS: AS.07-Cx11-P25/001_2.^a_parte_2, p. 36)

[99] ATO SEGUNDO
Segunda parte⁶⁰

... and with necessity,
The tyrant's plea, excused his devilish deeds.

Milton, *Paradise Lost* 5

E vi esses homens, dentro de brevíssimo tempo, fazerem-nos ter saudades, como de uma idade de ouro, dessa mesma democracia que eles haviam destruído.

Platão, *Carta Sétima*

Mit Dummheit kämpfen Götter selbst vergebens. 10

Schiller, *Die Jungfrau von Orleans*

Já Vossa Alteza sabe que hei de trabalhar por edificar pedras vivas, e sempre me prezei deste ofício; e se por usar disto me não fizeram o que é feito a outros, por edificarem pedras mortas, com toda minha pobreza me tenho por mais rico e mais próspero que eles com todas as dignidades do Mundo. 15

André de Gouveia, *Carta a D. João III*

Ogni forza è incapace di durare se non s'appoggia sul vero e sul giusto. 20

Mazzini, *Agli operai italiani*

1 ATO TERCEIRO *Bsas*: ATO SEGUNDO *Bsas*₁

2 <Segunda Parte> *Bsas*₁

[100] (*O mesmo cenário que no ato anterior*).

CENA I

CREONTE, GUARDA

CREONTE (*Para fora*) – Guarda! (*Entra o Guarda*) Quem se segue?

GUARDA – O Tirésias.

CREONTE – Pois entre o adivinho. (*Sai o Guarda*).

CENA II

CREONTE e TIRÉSIAS,
acompanhado este da sua filha e guia⁶¹,
mocinha de uns 16 anos.

CREONTE – Fala, Tirésias. Mas não me repitas as pregações do 5
costume. Diz os augúrios pelo voo das aves. Mas isso somente.
Percebes-me bem?

TIRÉSIAS – Se percebo! Desde que enveredaste para uma ditadura
sem termo, nunca mais te importaste com os meus conselhos.
O uso do poder inebriou o Ceréfilo, e tu vês somente pelos 10
olhos dele. Desde então, nunca mais me quiseste escutar a mim.

CREONTE – Escuto-te os prognósticos, que é o que me cabe escutar.
Tu é que desconheces a tua função verdadeira. Não é dar conse-
lhos, nem criticar os outros. É tirar prognósticos pelo voo das
aves. Limita-te a isso. Diz o que viste, e que significa o que viste. 15

TIRÉSIAS – Grandes sucessos, os que estão para vir!

[101] CREONTE – E que sucessos?

TIRÉSIAS – Passou deste modo. Sentara-me na clareira do bosque,
todo atento, à escuta. Logo depois, ouvi pios... pios estrí- 20
dulos, pungentes, convulsivos, ásperos, cada vez mais agudos,

mais perto de mim... E asas que vibravam com um ruflar tão denso... tão denso, Creonte, que me lembrei de uma praia, e do rebentar das ondas. Percebi que eram bandos que entre si lutavam. A pequena, a meu lado, ia-me dizendo o que via: as aves dilacerando-se com espicaçar convulso, rodopiando pelos ares, enfurecidas, doidas... a arrojarem-se veementes, como setas rápidas... Nisto, uma caiu sobre a relva... depois outra, e outra... Debatiam-se, inteiriçavam-se, tinham um estertor, espiravam. 25

CREONTE – E então? Que concluir de aí?

TIRÉSIAS – Que uma guerra tremenda vai estalar por esse mundo.⁶² Ah, como se não viu ainda! Que talvez tudo abarque, que resolva tudo... 30

CREONTE – Parece-te?... Tanto melhor para mim.

TIRÉSIAS – Melhor?

CREONTE – Pois decerto. Em primeiro lugar, os exércitos mais poderosos são os dos meus amigos: o do Hitlérides, primeiro; o do Mussilandro, depois. Se vier aí trabuzana, os vencedores serão eles. Mas demos de barato que triunfassem os outros, os que vós chamais democratas. É louco pensá-lo: mas vamos lá que suceda. E de aí? Excetuada somente a região dos Citas... esse caos que é a Cítia... no resto inteiro do Mundo quem dá a lei é o dinheiro. Chamem-se lá democracias, chamem-se lá como queiras. Tudo isso são sons. Não vale [102] um chavo, – nada! Quem manda sempre é o argentário. E os argentários das democracias... ora! esses querem-me a mim. Tudo mais é retórica. Patriotismo, civismo, religião, família⁶³... Bem sei: palavras fumarentas para encobrir os factos, para mascararem o medo ao turbilhão dos roxos, às transformações sociais. E, na rocha bem firme desse pavor ao Cita, abrimos nós os caboucos da tirania nova. A ideia alucinante de que vem aí o Cita é a única preocupação dos possidentes de hoje. O que foi ateu toda a vida... ora! chega-se logo ao seu padre, para que lhe faça guarda à pecúnia. Os bons liberais de outros tempos... é vê-los: já estão aos pés de um tirano, para que o dividendozinho não falte. Largarão a honra, as ideias, os seus filhos, tudo, – tudo, percebes tu? Mas tudo! –, para que os defendam dos rubros, para que fique seguro o seu cofre... E aí tens tu, meu Tirésias. Esses chefes das Democracias, esses liberais de Além-mar... ah, deixa-os dizer, eu conheço-os! Querem-nos a nós, todos eles! Veem em nós os mastins com que se dará caça ao extremismo, os broquéis dos dividendos, das boas transações, dos 55 60

embolsos... Se vier a guerra, – melhor! O Hitlérides – verás! – corre a Leste: e avança, esmaga a eito, repele tudo, estrondeia... e em meio mês varre o Cíta.⁶⁴ Pronto! Uma preocupação que se foi! Um pesadelo acabado! Compreendes tu, meu simplório?

TIRÉSIAS – Qual simplório, Creonte? Eu sei-o! Enquanto dominar 65
o argentário, os chefes das democracias hão de ser sempre por ti.
Os embaixadores estrangeiros dos potentados mais fortes...
ou dos seus [103] dinheirosos – serão teus apologistas, serão
teus amigos. O que se quer é negócio. Denunciam-te os demo-
cratas que contra ti conspiram... e não hesitam em servir-se da 70
tua Polícia do Estado para poderem acertar nos seus próprios
alvos... E dizem que combateram pela libertação do Mundo!...
Mas enfim, venho ao ponto: será muito necessário a essa gente
hipócrita...

CREONTE – O quê? 75

TIRÉSIAS – Que se insulte o cadáver de Polinices?

CREONTE – Insolente! Cala-te! Já to disse, por Diónisos!
Aceito-te como adivinho. Mas como crítico, como juiz, como
conselheiro... não! Não pode ser! Não quero!

TIRÉSIAS – Mas devo eu defender-te contra o teu próprio impulso! 80
Porque parece que infestam a Cidade inteira os restos do cadáver
desse homem nobre! Já os deuses não acolhem as nossas preces,
nem a chama pura dos sacrifícios. As aves não soltam propícios
gritos, desde que devoraram o cadáver de um justo!

CREONTE – De um justo? De um criminoso, diz! E que há de ser 85
castigado!

TIRÉSIAS – Castigado! Até os que admitem essa já velha ideia...

CREONTE – Quê? Pois não percebes a necessidade de castigar
quem fez mal?

TIRÉSIAS – Não, não percebo. E espero que à mania de punir os 90
homens [104] sucederá o empenho de os educar e os curar.

CREONTE – Estás néscio de todo. Naturalmente, foi o parvo do
Polinices quem te impingiu essas coisas.

70 <e> não hesitam *Bsas*,

TIRÉSIAS – Voltemos ao ponto. O que te dizia, Creonte, é que até para os inveterados nessa antiga ideia... até para esses, 95
repito, o maníaco empenho de punir um cadáver... e logo de um homem como o Polinices... é de tal modo estranho, é de tal forma absurdo...

CREONTE – Deixá-lo! Mando eu!

TIRÉSIAS – Mandas! Mandam os argentários, de quem tu és servo! 100
Mas as ideias de Polinices é que hão de mandar algum dia!⁶⁵

CREONTE – Quê? (*Esboça de súbito um ademanse agressivo, que imediatamente reprime; depois, impondo-se a si próprio a serenidade e a mesura*) Velho: ouve o que te digo, velho! Quero estar calmo. Uma vez ainda, paciente e calmo. Tomais-me por 105
alvo, todos... Pois bem: basta de frechadas, basta! E é tão inútil, Tirésias, tão inútil... como atirá-las... eu sei!... aos cavaleiros de púrpura e aos cavalos de oiro da cavalgada de nuvens do sol poente! Não me chegam cá. Demais, eu sei muito bem de onde os tiros partem. É o dinheiro dos Cítas... 110

TIRÉSIAS – Ora! Já cá faltava o estribilho!

CREONTE – Caluda! Falo eu agora! Da Cítia, sim! Bem sei o que digo!... Pois amontoai os tesoiros de toda a Cítia, que não haveis de arrancar-me... por processo algum!... a licença da sepultura para aquele maldito. [105] Entendes? Por processo algum! Ainda 115
que viesse a águia divina, lá no alto dos céus, levar aos pés do trono de Zeus os restos do cadáver do Polinices... nem assim, por temor dos augúrios, daria ao insurreto as honras de um túmulo. Que me importa o que pensem? Bem diz o Ceréfilo: o descontentamento do povo é uma questão de polícia. Malcontente, o 120
povo? Pois masmorra com ele! Tortura e pancada! E acabou-se a história!⁶⁶

TIRÉSIAS (*Abana a cabeça; e depois de uma pausa*) – Hum! Saiu-se um bom cínico, esse senhor Ceréfilo! Entonteceu-o a vaidade, ao diacho do homem! Pois não querem ver que está tomando a 125
sério os elogios que de si próprio manda fazer ao Nicócoras, com o dinheiro do imposto? E as apologias interesseiras dos dinheirosos que ele serve? E tu? Também vais nessa farsa? Pois não vês que as aparências de sabichão das dúzias lhe vêm só do silêncio a que tem forçado os outros? Ai dele, coitadito, se não houvesse 130

106 alvo <, todos>... *Bsas,*

a censura que nos amordaça as bocas, e se nos fosse permitido o discutir as balelas... as baboseiras que ele diz!

CREONTE – Cala-te! Na raça dos adivinhos não há mais do que inveja!

TIRÉSIAS – E na raça dos tiranos não há mais que mentira! 135
Hipocrisia e mentira!

CREONTE – Canalha! Esqueces que falas com o senhor de Tebas?

TIRÉSIAS⁶⁷ – Pois em parte mo deves, se a governas hoje. A mim e aos meus! Derrubámos pela crítica os regentes antigos, em nome de um anseio⁶⁸..... 140

.....

NOTAS

Ato II - Segunda Parte

⁶⁰ Uma primeira versão do datiloscrito tinha “ATO TERCEIRO”. O autor corrigiu para “ATO SEGUNDO – Segunda parte”. *Vide*, p. 221, fig. 14.

⁶¹ Sobre a filha de Tirésias, *vide* p. 182, n. 25.

⁶² Esta “guerra tremenda”, que o adivinho Tirésias vislumbra na leitura que faz do voo das aves, é a II Guerra Mundial.

⁶³ Referência à trilogia Deus, Pátria, Família, base ideológica do Estado Novo.

⁶⁴ Na primeira variação sobre o mito de Antígona (1930), Creonte esperava o apoio de Lisandro de Orcoménia (Primo de Rivera) contra uma eventual revolta da oposição (1930, Ato II, 424-426). Nesta segunda variação, os amigos são Hitlérides e Mussilandro. Mas, à falta do apoio destes, por causa de uma possível vitória dos democratas, ele não temia que o seu poder ditatorial fosse questionado, uma vez que quem mandava no mundo era o dinheiro, “os argentinários das democracias”, cuja grande preocupação eram os Citas. E a ditadura de Tebas (Portugal) era por eles tolerada, porque dava caça ao extremismo vindo da Cítia (Rússia).

⁶⁵ Nas suas várias recriações do mito de Antígona, António Sérgio, pela boca de diferentes personagens, expressa sempre a esperança de que a ditadura chegue ao seu fim. Aqui, Polínicos personifica essa esperança. Ele é um símbolo de “antifascismo, da aspiração à liberdade, do revolucionismo social” (Prólogo, 87-88), o espírito revolucionário como Sérgio sabia amar e inculcar, a essência sublimada de alguns dos seus bons amigos humanistas, portugueses e estrangeiros, já desaparecidos (Prólogo, 109-115).

⁶⁶ Sobre este assunto da tortura e maus tratos aplicados aos opositores ao regime salazarista, *vide* Ato I, 872-876 e n. 40.

⁶⁷ Nesta fala incompleta, Tirésias defenderia, tal como faz na edição de 1930, a ideia de que a ditadura fora necessária para derrubar os “regentes antigos”, mas que, ao contrário do que aconteceu, apenas deveria ter sido um meio para um bem maior de uma pessoa, que é a liberdade. Sobre este assunto, *vide* 1930, Ato II, 368-387.

⁶⁸ Termina aqui o que nos resta do “Ato II – Segunda parte”, cujas cena I e parte da cena II (1-140) correspondem, com muitas alterações, a mais de metade da cena VI do Ato II, da edição de 1930 (296-366). Perderam-se as páginas em que, muito provavelmente, teríamos o confronto entre Creonte e seu filho Hémon e que corresponderiam às cenas VII-XII da edição de 1930.

[ATO TERCEIRO]

[CENA IV]

[HEGÉSIAS, ALCÍMACO,
o SOLDADO de sentinela]⁶⁹

.....

[144] EURÍPILOS⁷⁰ – Porque o fez, nesse caso?

HEGÉSIAS – Ordem do Ceréfilo.

EURÍPILOS – E cumpriu-a! Como se antes de militar não fosse ele uma alma, – uma pessoa, um homem! Quanto ao Ceréfilo... tudo ousaria por amor ao poder! Sem entranhas! Que traste! E nós... 5 pois não seria melhor que saíssemos já, antes que se diga que só por temor o fazemos?

HEGÉSIAS – Talvez. Mas os superiores que ordenem.

EURÍPILOS – E se não ordenarem? Porque não havemos de lho lembrar a eles? 10

HEGÉSIAS – É contra a disciplina.

EURÍPILOS – Mas a consciência? O que te diz a consciência?

HEGÉSIAS – Que obedeça aos superiores. Que cumpra.

EURÍPILOS – Ah, que complicação de deveres! Que trapalhada, a vida! 15

HEGÉSIAS – Não sou eu o culpado de que haja exércitos, de que existam guerras.

EURÍPILOS – Por Palas! Ora vejamos... Cumprir... sim... mas no que é da competência dos superiores que mandam... no que eles podem mandar legitimamente... quer dizer: no serviço militar, para defesa da pátria... Porém, quando eles exorbitam naquilo que ordenam, e nos tornam instrumentos de paixões e interesses? Quando nos tornam servos de gananciosos torpes, protetores de ladrões? Cumpriremos as ordens, também então? Fomos nós – foi a tropa – quem os colocou no poder. Eles mesmos o dizem: a ditadura é do exército. Moralmente, somos nós os responsáveis das ordens deles. Da execução, – e das ordens. Fomos os assassinos desses refugiados da Fócida... Repara: passa em breve o aniversário do final da guerra, em que se comemoram os camaradas que morreram nela. E os heróis que estão vivos? Consentimos que os deixem morrer de fome! Parece-te bem, Hegésias? Que dizes?

HEGÉSIAS – Nada, Eurípiolos, não te digo nada.

EURÍPILOS – Nada!... E não são eles, os superiores, que não cumprem as ordens da legalidade cívica? As ordens do Direito, as ordens da Lei, aquelas que juramos solenemente cumprir? Pois não estamos traindo, meu caro Hegésias? Traindo a Cidade, traindo o Povo?... Vê tu: o povo sustenta-nos pelos seus tributos, e nós pagamos-lhe... como? Tiranizando-o a ele! Pois é isto honrado?... Quem ignora a imoralidade que na burocracia alastra, fomentada pela certeza da impunidade dos roubos? Quem não sabe.

[150] SENTINELA – Vêm aí os dois camaradas! Mais as duas mulheres! (*Sobressalto em Hegésias e em Eurípiolos, que se encaram interditos*). 45

EURÍPILOS – A Antígona?... E agora? Que iremos fazer, Hegésias?

HEGÉSIAS (*Depois de um momento de dúvida, faz um gesto de decisão*) – Olha: sabes que mais? Cumpramos! Em que nos podemos apoiar para não cumprir?... Ah, que miséria a nossa! (*Para a Sentinela*) Que subam, depressa! 50

46 Que iremos fazer, Hegésias? [Pois iremos, nós dois?] *Bsat*₁
48-49 Cumpramos! [Deixar! Ir à sorte! À toa!] <Em que nos podemos apoiar para não cumprir?...> Ah, *Bsat*₁
50 Que subam [para aqui], depressa *Bsat*₁

(Antígona e Creúsa assomam ao pé da Sentinela; Creúsa olha em volta, e dirige depois Antígona para o pedregulho da direita, no primeiro plano, onde esta se senta. Hegésias e Eurípiolos afastam-se para o fundo, saindo, por vezes, do palco).

CENA V

ANTÍGONA, CREÚSA, HEGÉSIAS,
EURÍPILOS, SENTINELA

ANTÍGONA – Senta-te aqui ao pé de mim. E dá-me a tua mão. 55
Repousemos.

CREÚSA (*senta-se, pega-lhe na mão, beija-lha, conserva-lha entre as suas*) – Então? Menos cansada agora?

ANTÍGONA – Assim... Olha: tenho a impressão... não sei...
de que estou meia a dormir, aérea... de que existo como uma 60
espécie de nevoazinha errante... de que vivo num sonho, de que
só vivi entre sonhos... Parece-me... como dizer-to?... que não
vejo a realidade como coisa sólida, e que é tudo fluido, fugidio,
tremulinas, sombras... que quanto vi foi fictício... e que só
houve consistência, rigidez, firmeza [151] nas puras afirmações 65
do ser íntimo... Mal consigo perceber o que me estás tu dizendo.
Um cansaço, Creúsa, um abandono, um sono...e tão grandes,
tão fundos, que o que me toca de mais perto se me afigura um
vácuo... Como se a alma se ma alargasse por todo esse céu infi-
nito, desfeita em poeira, em inconsciência, em devaneio, em 70
bruma... E com isto, um alívio, uma frouxidão total...penso que
o que tinha de fazer ficou feito, e que de aqui para o futuro não
haverá para mim qualquer luta, – não, nenhuma dúvida, nenhuma
resolução, nenhum esforço, nada... só deixar-me ir, seguir,
condescender, calar-me, ser levada passivamente pelo turbilhão 75

58 Como vai isso agora? *Bsat*: Menos cansada agora? *Bsat*,

61 espumazinha *Bsat*: nevoazinha *Bsat*,

62 sonhos... [Fantasmagorias, sabes? Como que espetros, nuvens.]

Parece-me... *Bsat*,

64 que quanto vi [, quanto ouvi,] foi [apenas] fictício *Bsat*,

64-65 e que estabilidade, firmeza, existir real, consistência, só as achei nas
ideias, só nas afirmações *Bsat*: e que só houve consistência, rigidez, firmeza
nas puras afirmações *Bsat*,

74 que é deixar-me ir *Bsat*: só deixar-me ir *Bsat*,

da vida, para onde os demais me arrastarem. E dá-me beatitude, crê tu... Ah, pensar que está feito, – feito! Que a afirmação partiu, que voou a ideia! Que nenhuma espécie de esforço se me pode impor para o futuro, e que de hoje em diante será sempre a paz! Com a exaustão de energia em que me sinto agora, nesta ideia de inércia há um perfeito bálsamo, nesta passividade absoluta, um consolo imenso. Sinto que a vida se me esvaiu em fumo, – num sonho que me parece que decorreu brevíssimo, neste momento em que acaba, em que eu vou morrer. 80

CREÚSA⁷¹ – Que ideia! Porque falar em morrer? 85

ANTÍGONA – Pois claro que sim. E felizmente, afinal. Foi uma vida fantástica, queres acreditar, esta minha, e muitíssimo diversa do que me conviria ter sido. Suponho que nasci para que me conduzissem os outros, e tive constantemente de conduzir eu própria. Representei um papel que me não estava a conto. Sinto-me satisfeita de o largar de todo, de voltar a ser o que me quadrava ter sido, o que gostaria de ser... e vem-me um sentimento de não sei que saudades – imagina tu! que absurdeza! – de uma vida que não tive, mas que me deveria estar bem... E depois... se os tiranos de agora me não dessem hoje morte, outros talvez o haveriam de fazer qualquer dia... 90 95

CREÚSA – Ora!

ANTÍGONA – É assim, não me iludo. (*Olhando em volta*) Mas onde estamos? Porque [152] me não mataram em Tebas? Porque se lembraram de nos trazer para aqui? 100

CREÚSA – Não sei, Antígona. Não nos dizem nada. O que eles mereciam...

ANTÍGONA – Cala-te, por misericórdia, cala-te! Não, Creúsa,

76 empurrarem *Bsat*: arrastarem *Bsat*,
78-79 se me impõe já, finalmente, *Bsat*: se me pode impor para o futuro
Bsat,
79 para futuro *Bsat*: em diante *Bsat*,
82 Sim, sinto *Bsat*: Sinto *Bsat*,
90 eu própria [, de decidir, de atuar]. Representei *Bsat*,
95 se os homens da tirania *Bsat*: se os tiranos de agora *Bsat*,
95 me não matassem agora, *Bsat*: me não dessem hoje morte, *Bsat*,
96 haveriam de fazê-lo os da oposição qualquer dia. *Bsat*: outros talvez
o haveriam de fazer [mais tarde.] qualquer dia... *Bsat*,
97 <CREÚSA – Ora!> *Bsat*,
98 <ANTÍGONA – É> *Bsat*,
99 estamos? [Que é isto?] Porque *Bsat*,

não! Se as coisas mudarem, se a liberdade vier... Pensar só no futuro! (*Pausa*) Estes vieram preparados como quem vai para a guerra. Porque seria, querida? 105

CREÚSA – Sei lá!...

ANTÍGONA – Nem há que saber. Não depende de nós. Só deverei cuidar de que me não falte nunca aquela música interior que me deu sempre alento. De nada mais, já agora! 110

CREÚSA – E se descansasses sobre o meu ombro? Não te sentirias melhor?

ANTÍGONA – Lembras bem. Aceito. (*Pousa a cabeça no ombro de Creúsa, e fecha os olhos*) É grande alívio, vês tu, o de pensar que fizemos o que era bem fazer-se. Há conforto tão grande, tão repousante e tão plácido, na íntima consciência de se ter sido livre, – livre no pensamento, livre na alma! O que me parece indicar... Mas deixemos isso, agora: é macio o teu ombro, um doce cabeçal de sonhos bons... Ah, pudesse eu dormir!... Como dizia a Isménia, lembras-te?... Que será dela agora? Deves-lhe fazer falta, muita... 115 120

CREÚSA – Ela própria insistiu em que viesse contigo.

.....

[ANTÍGONA] –
[154] ... várias colisões pessoais... e o afã de sobressair, de predominar, de obscurecer os demais, de afastá-los... ah, Creúsa, se visses! Como é confrangedor, como é triste! Para os que se veem 125

104 vier... [, permitam os destinos que ninguém se vingue! Esquecer o passado,] Pensar só *Bsat*₁

105 futuro! [A maior parte obedeceu, vão cegos. São quase todos escravos, nesta Tebas de hoje. E os que mandam, afinal, parecem-me cegos também...] <(Pausa)> *Bsat*₁

105 E *Bsat*: Estes *Bsat*₁

107 Sei lá!... [Que sei eu?] *Bsat*₁

108 saber. [Nada disso, já agora, me deverá importar.] Não depende *Bsat*₁

108 mim *Bsat*: nós *Bsat*₁

108 devo *Bsat*: verei *Bsat*₁

109 agora *Bsat*: nunca *Bsat*₁

110 alento. [E de nada mais.] <De> nada mais <, já agora>! *Bsat*₁

116 <e tão plácido,> *Bsat*₁

118 isso. Escuta: *Bsat*: isso, agora; *Bsat*₁

118-119 ombro, sabes tu, Creúsa? É um cabeçal *Bsat*: ombro, um doce cabeçal *Bsat*₁

na obrigação de ter de se embrenhar na política, a virtude fundamental é a da resignação sempre ativa... é o aceitar-se o destino de ser raramente entendido... ou de se não ser nunca entendido... é a corajosa conformidade com a solidão da noss' alma... 130
O mais necessário é a paciência: uma inexaurível paciência, que nunca desanima, e que atua!

CREÚSA – Sim, sem dúvida. Mas a acreditar no que dizem, não seria incompreensão, tão-somente, não seria só má vontade. Na maioria, acredito; mas em outros, Antígona. 135

ANTÍGONA – E nesses outros? Que seria? Que é que do meu irmão eles diziam?

CREÚSA – Era... afirma-se que o receio da sua confiança excessiva, da sua franqueza de ingénuo, da sua largueza idealista, que o punham sempre no risco de se ver enganado e traído... É o seu costume – ou princípio – de ver em cada um dos seus méritos... 140
de exagerar talvez os seus méritos... esquecendo os males e os defeitos, ou de não pensar neles, e avançar... Que aquele coração, querida Antígona, era uma ave impaciente dentro de uma gaiola estreita! 145

ANTÍGONA – Sim, seria isso, dizem-no. Mas o que muitos deles desejavam... ou alguns deles, pelo menos... era que os acompanhasse a eles próprios na sua oposição aos restantes, ou no seu desdém aos mais homens. Não há tebano que se não sinta muito superior aos seus próximos, que os não julgue vis ou patetas, e 150
que os não queira expulsar da política. Era só desprezar-se uns aos outros. Mas democracia (como o esquecem?) significa contar com os demais. Deleitam-se em negar, discordar, contrariar, maldizer, em achar sempre que é péssimo o que querem fazer os ativos. Para..... 155

[ANTÍGONA] –.....

[156] ...prever se virá. Seguindo-lhe a ação dia-a-dia, vi que só na íntima atitude, no efeito moral mais provável, buscava inspiração para os seus atos. A ingenuidade (como lhe chamam) pode ter também o seu préstimo, ao pé da agudez dos finórios; e vai mais longe – quem sabe? – na boa solução dos problemas... E aí tens tu, em resumo, o que me pareceu a mim que ele pensava. Nem 160

a chama da candeia se reduz toda a óleo, nem o todo da política a politiquice astuta. Não o aceitas, não?

CREÚSA – Eu? Que entendo eu dessas coisas? O que sei... ou o 165
que espero... é que nos hão de vir melhores dias. Que havemos de vê-los, nós ambas!

ANTÍGONA – Nós, dizes tu? Não eu, certamente, não eu! E será 170
melhor, acredita. Ir trabalhando pela causa, mas não lhe assistir ao triunfo. O período inicial há de ser turvo. Aparecerá talvez muita escória. Há tanta paixão, tanto egoísmo! Vê-se tanta estreitez, tanta intriga!... O assegurado bem virá tarde... Só anos depois, porventura... Quando quem o preparou já não viva...

CREÚSA – Qual? A alvorada... sinto-a a aproximar-se, sinto-a. 175
É que já não demora, Antígona!

ANTÍGONA – Há tanto tempo que o dizem! Para mim não, certa-
mente. E cuido melhor que assim seja. Céus! Se chegassem a realizar o que ele queria: a união de todos, sem sombras!

CREÚSA – Mas de todos quem, afinal? 180

ANTÍGONA – Dos fartos disto, Creúsa, a quaisquer fações que
eles pertençam. Sem nos arrogarmos o direito de condenar
alguém ao ostracismo. O povo, mais tarde, que rejeite quem
queira e que escolha... Ah, se se chamassem todos, de facto!...
Quem sabe? Quero esperar deles, quero crer! (*Pausa; respira* 185
fundo, cansada) Mas não posso mais... falei tanto! [157] Que
cansaço o meu, que fraqueza! E foi isso, talvez, o que me fez
soltar frases lúgubres... Esquece-as todas, meu bem. Pensa que
não fui eu que tas disse, mas que foi o quebranto, a fadiga, a
infinita exaustão dos meus nervos... Ah, o que me vale a mim 190
é o teu ombro. Que macio, e como é bom! (*Fica recolhida, de
olhos fechados, queda; pouco depois entra Ortágoras, seguido
de meia dúzia de soldados armados de lança, os quais, a um
gesto seu, formam em linha ao fundo da cena. Os dois soldados
da terceira cena ficam fora da formatura. Ortágoras coloca-se, 195
com ar de segredo, no meio de Hegésias e de Eurípilos, que
traz para a frente, esquerda*).⁷²

CENA VI

ANTÍGONA, CREÚSA, ORTÁGORAS, HEGÉSIAS,
EURÍPILOS, SOLDADOS

ORTÁGORAS (*Baixo a Hegésias e a Eurípiilos, que se mantêm junto dele*) – Oiçam, amigos, oiçam-me... Chegou um mensageiro do Creonte. Diz que se aclarou para nós a situação. Parece assegurada a estabilidade da ordem. Os oficiais descontentes vieram às boas. Apressou-se, entretanto, a prender o filho, com medo de que o rapazola perdesse o tino. Nestas condições, manda que executemos as suas ordens – percebem? – no que toca a Antígona. É a isso que vamos. (*Para Hegésias*) Tu, com os dois soldados, levá-la-ás para a cova. Farás como te disse. Ela desce... retira-se a escada... e pronto. (*Para Eurípiilos*) Nós... nós por aqui nos deixaremos estar, até que a situação se consolide de todo. Ficaremos acampados nestas montanhas, à espera de que nos mandem recolher a Tebas. É tudo. E a isto. Mãos à obra. Vamos! (*Dá dois passos no sentido de Antígona, que está repousando de olhos fechados, encostada ao ombro de Creúsa; hesita; volta para junto dos dois Oficiais; baixo*) Parece que repousa, neste momento... E logo agora! Que ferro!... Mas não podemos protelar as coisas. É preciso fazer-se. Cumpre chamá-la... Esperem... Esquecia-me de dizer-vos... Que era?... Ah, sim: o Creonte quer que um de nós... um qualquer de nós... fique sempre aqui, com uma guarda a.....

[159]...*arrastam; Creúsa debate-se convulsivamente*).

CREÚSA – Ah... Que fazem vocês, seus verdugos? Larguem-me, miseráveis, deixem-me! Para trás, malditos! Carniceiros! Bárbaros! Soltem-me, assassinos! Alguém nos vingará um dia! Bandidos! Monstros!... Antígona, minha Antígona! Queri... (*Tapam-lhe a boca, dominam-na, arrastam-na violentamente, levam-na*).

ANTÍGONA – Vamos. Vamos para o adeus onde não há luz de esperança, para a jornada misteriosa de onde se não volta mais. Será com a treva o noivado de Antígona; será com o abandono, será com a morte... Apartada de todos, perdida e só. Para isto nasci, só vivi para isto: este o noivado que vai ter Antígona! Polinices, querido irmão, invoco-te: que a tua sombra nas sombras me receba ao menos, – se é que está aí, se me escuta... (*a um*

gesto de impaciência de Ortágoras) Bem percebo. Estás com
pressa. Obedeço. Vais dar-me ensejo de superar em minh'alma
este nosso instintivo temor ao nada, alcançando uma liberdade
que não tens para ti. Levem-me, soldados. Vou morrer por vós. 235
Outros, um dia, vos virão dar maior luz. (*Cobre-se com o manto e
dirige-se para os Soldados que lhe pegam nos braços e a guiam,
acompanhados de Hegésias, para a caverna*).⁷³

CENA VII

ORTÁGORAS, EURÍPILOS, SOLDADOS
formados ao fundo;
depois HEGÉSIAS e os dois SOLDADOS
que o acompanharam

EURÍPILOS (*À esquerda, junto dos rochedos da caverna, mantém-
-se de costas para ela. Olha para Ortágoras e para os Soldados 240
que se mantêm imóveis e de olhos baixos. Vai ao fundo com passo
incerto, e volta, revelando pelos gestos a agitação do espírito.
Por fim, cruza a cena, dirige-se lentamente para Ortágoras,
que está na direita e de rosto para a caverna. Fala-lhe baixo*).⁷⁴

.....

NOTAS

Ato III

⁶⁹ Por comparação com a edição de 1930, podemos concluir que as linhas 1-42 [p. 144] e 43-54 [p. 150] correspondem a partes do que seria a cena IV do Ato III. Como estas referências não aparecem, colocámo-las entre parênteses retos.

⁷⁰ Como referimos já (*vide* p. 182, n. 24), o autor substitui Eutífron, da edição de 1930, por Eurípilos. Nesta cena, no entanto, Eurípilos assume o papel que, na cena correspondente da primeira variação sobre o mito de Antígona, havia sido atribuído a Alcímaco.

⁷¹ No datiloescrito está “CREONTE”, que não entra nesta cena. Trata-se evidentemente de um lapso, pelo que emendámos para “CREÚSA”.

⁷² Desta cena V, bem mais extensa e diferente que a corresponde cena V da recriação de 1930, perderam-se as pp. 153 e 155 do original datiloescrito. Tal como acontecia na cena anterior (cf. n. 70), há ainda a registar a substituição de Alcímaco (1930) por Eurípilos, mantendo-se igual o restante elenco.

⁷³ Desta cena, que é bem mais próxima da correspondente cena VI da edição de 1930, em conteúdo e em extensão, perdeu-se a p. 158 do datiloescrito. De igual forma, Eurípilos assume aqui o papel de Alcímaco.

⁷⁴ Da cena VII, apenas temos esta didascália, muito próxima da correspondente da edição de 1930. Eurípilos permanece em substituição de Alcímaco. Perdeu-se toda a parte final do Ato III, que provavelmente corresponderia, com alterações significativas, às cenas VII-X da edição de 1930.

ANTÓNIO SÉRGIO

Pátio das Comédias, das Palestras
e das Pregações

Jornada Sexta

1958



Fig. 15: Capa da edição publicada em Lisboa, na Editorial Inquérito Limitada, em 1958.¹

Cx11-P24/001

Sobe ao tablado o ACTOR que declama os prologos. E diz para o publico:

O ACTOR. O que agora vos pedimos -- o queridos ouvintes!; as senhoras minhas e meus senhores! -- e um salto de fantasia audacioso e celere, que vos faça recuar na sucessao dos tempos para os dias antiquissimos de uma Grecia lugubre, de uma estirpe misteriosa, de uma civilizacao legendaria, com costumes de que e arduo fazer hoje ideia, pois que das tragicas miserias de uma antiguidade rude -- e tao de estraher, meus senhores!; com tanta hediondez!; tao longinqua! -- ja de todo o progresso aos libertos, felizmente. Mas dizei-me, carissimos: qual a missao do verdadeiro artista -- e a da historia, a da novelistica, a da poesia lirica, a do teatro, -- se nao a de nos arrancar a nossa reclusao em nos mesmos, fazendo-nos comunicar com a humanidade inteira, com a Natureza imensa? E com o irreal, o fabuloso, o extravagante, o exotico? E nao sera pela imagem dos grandes males de outrora que mais bem apreciaremos as nossas actuais venturas? Eia, senhores meus, escutai-nos! Que a vossa livre fantasia nos auxilie e ampare! Comecai a evasao, o devaneio, o despreendimento, o sonho... Suponde que nos abrange a escuridao da noite. Noite ja alta, silenciosa, doce, que de bem pouco antecede a anunciacao da aurora. La no plano do fundo deste tablado tosco, desde o extremo da esquerda ao outro extremo dele (e como enluazada, espectral, opalescente e palida) imaginai a escadaria do palacio de Creonte, o tirano opressor dos cidadaos de Tebas. Sobre o degrau cimreiro... por aquela altura, digamos... bases de colunas, das quais se nao ve mais que um terco. Da ali, pela esquerda -- e com a pura silhueta, o ademane, a graca, e a singela esbeltez de uma figurinha de Tanagra, das que mul bem conheceis, certamente, -- vai aparecer um vulto: o de uma sobrinha do Creonte, a deplorativa Ismenia. Vem acompanhada da sua aia Creusa.. UM segundo... E ei-las. Eu desaproco. Escutai-as.

Com o financiamento da F. C. Gulbenkian ao abrigo do Concurso de Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais 2015

Fig. 16: Datiloescrito do prólogo da *Jornada Sexta*
(BAS: AS.07-Cx11-P24/001)

[7] JORNADA SEXTA

(Sobe ao tablado o Ator que declama os prólogos. E diz para o público:)

O ATOR – O que agora vos pedimos – ó queridos ouvintes! ó senhoras minhas e meus senhores! – é um salto de fantasia audacioso e célere, que vos faça recuar na sucessão dos tempos para os dias antiquíssimos de uma Grécia lúgubre, de uma estirpe misteriosa, de uma civilização legendária, com costumes de que é árduo fazer hoje ideia, pois que das trágicas misérias de uma antiguidade rude – e tão de estranhar, meus senhores! com tanta hediondez! tão longínqua! – já de todo o progresso nos libertou, felizmente. Mas dissei-me, caríssimos: qual a missão do verdadeiro artista – e a da história, a da novelística, a da poesia lírica, a do teatro, – se não a de nos arrancar à nossa reclusão em nós mesmos, fazendo-nos comunicar com a humanidade inteira, com a Natureza imensa? E com o irreal, o fabuloso, o extravagante, o exótico? E não será pela imagem dos [8] grandes males de outrora que mais bem apreciaremos as nossas atuais venturas? Eia, senhores meus, escutai-nos! Que a vossa livre fantasia nos auxilie e ampare! Começai a evasão, o devaneio, o despreendimento, o sonho... Suponde que nos abrange a escuridão da noite. Noite já alta, silenciosa, doce, que de bem pouco antecede a anunciação da aurora. Lá no plano do fundo deste tablado tosco, desde o extremo da esquerda ao outro extremo dele (e como enluarada, espectral, opalescente e pálida) imaginai a escadaria do palácio de Creonte, o tirano opressor dos cidadãos de Tebas. Sobre o degrau cimeiro... por aquela altura, digamos... bases de colunas, das quais se não vê mais que um terço. De ali, pela esquerda – e com a pura silhueta, o ademanço, a graça, e a singela esbelteza de uma figurinha de Tânagra, das que mui bem conheceis, certamente –, vai aparecer um vulto: o de uma sobrinha de Creonte,

a deplorativa Isménia. Vem acompanhada da sua aia Creúsa...
Um segundo... E ei-las. Eu desapareço. Escutai-as.²

(*Desaparece o Ator, que as duas personagens substituem*).

CENA I

ISMÉNIA, CREÚSA

[9] ISMÉNIA – É aqui, Creúsa? É aqui que ela há de vir?

CREÚSA – Aqui, se não faltar, Isménia. Aqui, senhora minha. 35

ISMÉNIA (*Olhando em redor*) – Parece que não chegou ainda...
Que irá passar-se, Deus dos deuses?... Vês? Sinto o coração a
estalar no peito... e não tenho cabeça para coisa alguma... Depois
dessa horrível revolução de anteontem, em que os meus dois
irmãos caíram mortos – cego Etéocles! querido Polinices! – tudo 40
me parece de mau agouro... não sei, tudo me inquieta, assusta-me
tudo... Sou como uma folha que a um nadinha treme... Ah,
Creúsa: pudesse eu fugir – para longe, bem longe, muito longe,
muito – e ser-me dado esquecer, adormecer. diluir-me... até de
todo repousar na morte! 45

CREÚSA – Então? Afastar agora esses pensamentos tristes!

ISMÉNIA – Morrer, sim, se o morrer é dormir!³ Como é bom dormir,
Creúsa, como é bom!... E tudo tão calmo, aqui, em torno de nós!
Não sopra uma aragem! Nem uma folhinha treme! No céu as
estrelas a esplender tão nítidas, tão altas e superiores à nossa 50
miséria humana! E cá na terra... Oh, como a luta é estúpida!
Pensar que há dois dias era tudo estrondo, que era tudo tumulto
nesta mesma praça... Os revoltosos, com o Polinices, além...
As tropas dos déspotas postadas aqui, taciturnas, lúgubres... e o 55
Etéocles com elas, a combater o irmão... Um contra o outro, os
meus dois irmãos!... E mortos ambos, ao abrir da peleja! Oh!
que momentos esses! A revolta foi sufocada... E depois... depois,
Creúsa, foi matar, matar, [10] matar!... Pareceu-me deveras que
enlouquecia... E agora... que silêncio!... que solidão!... que paz!

40 pobre B: cego P

46 Afastar B: Afastar agora P

56 Oh, B: Oh! P

CREÚSA – Paz aqui, ao pé do palácio; mas nas sombras dos cárceres, 60
nos subterrâneos, nesses campos hediondos da morte lenta...
quantas agonias, quantos prisioneiros, que milhares de dores!

ISMÉNIA – Sim, que milhares de dores! Tudo mentira, nesta paz
fingida!

CREÚSA – Não falemos nisso. É melhor esquecer. 65

ISMÉNIA – Se nos fosse possível!... E quem será ela, Creúsa?
Porque me pediu essa mulher que viesse aqui, ainda antes do
nacer do sol, para que falássemos as duas sem que ninguém nos
visse? Não adivinhas, não? Não surpreendeste na mensageira
dela... sim, um olhar, um gesto, um indício... nada? 70

CREÚSA – Não, nenhum indício. Demais, falámos pouco. Só disse
aquilo: «Previne a Isménia, tua senhora, de que há uma mulher
que chegou a Tebas – e da parte da qual venho eu falar-te – que
precisa muito de conversar com ela, o mais breve possível.
Amanhã, perto do palácio de Creonte. Antes da alvorada, para 75
que ninguém as veja. Escolha ela o sítio que lhe pareça bom:
dir-mo-ás depois. É coisa grave, da maior importância. Que não
falte. Adeus.» Foi tudo o que disse. Nem palavra mais... Mas
Arturo aproxima-se do cipreste da porta; pouco faltará que nos
apareça aí. 80

ISMÉNIA – Será?... Não, impossível! Tão longe de aqui!

[11] CREÚSA – Quem?

ISMÉNIA – Nada. Continua.

CREÚSA – É tudo.

ISMÉNIA – Que sairá disto?... Queres que te diga, Creúsa? 85
Parece-me que mil bicos ávidos de corvos me atassalham a
alma continuamente, como ao cadáver insepulto do Polinices...
Dir-se-ia que a revolução desapareceu das ruas para vir agitar-se

64 fingida! [É ferocíssima a polícia deles, pois não, Creúsa?] P

66 Dizes bem: esquecer... B: Se nos fosse possível!... P

67-68 <ainda> antes do nascer P

70 indício, B: indício... P

72 Isménia B: a Isménia P

84 Disse tudo B: É tudo P

87 como o cadáver B: como ao cadáver P

no meu pobre espírito... É que estive para enlouquecer, minha Creúsa, estive; olha que estive... e ainda agora... oh, este meu pensar é um tumultuar frenético, um esvoaçar de centenas de asas pretas... (*Súbito, com um grito*) Creúsa! Ali! não viste?... Um vulto, além... diz: não o viste passar por entre as árvores? 90

CREÚSA (*Voltando-se*) – Não. Nada vi.

ISMÉNIA – Pois vi eu. Vai, vai saber quem é. E se fosse... 95
Impossível! Quem será?

(Creúsa sai pela esquerda; pouco depois regressa à cena, acompanhada de Antígona, e torna a sair. Antígona aproxima-se lentamente de sua irmã Isménia, embuçada no manto).

CENA II

ISMÉNIA, ANTÍGONA

ISMÉNIA – A que vens? Que queres de mim? Quem és? Descobre-te, 100
mulher, pelo Estige! Que precauções são essas? Fala!... Habitas Tebas? Isménia [12] conhece-te? Conhece-la tu? Que queres? (*Antígona aproxima-se e desembuça-se; abraça-a*) Ah!...

ANTÍGONA – Isménia, irmãzinha...

ISMÉNIA – Tu! Como? Como te foi possível? Parece-me um sonho! 105
E que tens feito, diz? E eu – ai de mim! – que tanto precisava de ti, Antígona, neste pesadelo contínuo que me persegue e afoga!

ANTÍGONA – Não penses nisso. Esquece-o.

ISMÉNIA – Não pensar! Com tantas desgraças que sobre nós caíram! E quantas, ainda, as que estarão por vir! 110

89-90 <minha> Creúsa P

93 vulto [branco] P

94 Não vi B: Nada vi P

99 de <sua> irmã Isménia P

102 <Que queres?> P

103 <Ah!...> P

104 pequenita B: irmãzinha P

105 <Tu!> Como? P

106-107 E eu <- ai de mim! -> que tanto precisava de ti, <Antígona,> neste pesadelo contínuo que me persegue <e afoga>! P

ANTÍGONA – Talvez não. Tenta esperar. Quem sabe?

ISMÊNIA – Esperança! Dizes tu esperança! Em quê? Se só tenho na cabeça recordações de mortes, que se sucedem na memória e que se cruzam rápidas, como relâmpagos, sem me deixar repouso! Um inferno! A cada instante julgo ver o pai, fugindo de todos como um maldito... e as chagas dos seus olhos, e a mãe enforcada... 115
E também os fantasmas dos nossos dois irmãos, mortos em combate, quase ao mesmo tempo, um contra o outro... E sonho com os soldados da tirania – aqui, aqui onde estamos, vês tu, Antígona? – a matarem os revoltosos já vencidos... sim, já desarmados e vencidos... Vejo-os, perseguem-me! E ainda por cima, – oh, o peso continuado desta tirania hipócrita, e a gente inumerável que por aí padece, – e o ódio, a espionagem, a delação, os cárceres... Ah, pelos deuses, não! Não sei, não posso, [13] não consigo viver no meio disto! São tantas as coisas, tantas! Não as sei 125
dizer, sufocam-me! As imagens acodem-me numa forja viva, numa dança louca... e é uma angústia, Antígona, como se alguém me estivesse a sufocar aos poucos: sim, a sufocar o espírito, a sufocar a alma! A angústia, – oh, minha querida, ninguém pode calcular o que isso é! Quem o não experimentou – não, não pode! Os meus 130
pensamentos são labaredas doidas, e sobre todas as coisas lançam elas sombras, – não sei que imensas, monstruosas sombras! E além disso – e o pior – é o sentir-me isolada, esvaziada, desarraigada, naufraga, sem interesses, sem alma, sem aspirações, sem tino, num imensíssimo vácuo que me estrangula e mata... Oh, não saias mais 135
de ao pé de mim, por piedade! Leva-me contigo, para onde quer que partas. Esconde-me, some-me: longe, bem longe, bem no fim do mundo, ao longe... onde nada me recorde o que já sofri e vi...
(*Como que despertando, e mudando de tom*) Mas... que é isto? Que fazes tu, desgraçada? Pois não sabes que os déspotas te têm 140
ódio? Se te apanham, que será de ti? Vai-te, e que ninguém mais o saiba! Oculta-te! Não nos apareças mais!... Que horror!

ANTÍGONA – Deixa-me prender-te as tuas mãos nas minhas... docemente, para tas sossegar, calmando-te. Tranquiliza-te, meu amor, e escuta-me. Para a imaginação, parando os gestos... 145

115 <Um inferno!> P

117 ainda B: também P

121 <Vejo-os, perseguem-me!> P

127 e é uma angústia, [uma angústia,] Antígona P

130 <não,> não pode P

137-138 fim do mundo <, ao longe>... P

144 Assim. Com calma... B: Docemente, para tas sossegar, calmando-te P

144-145 Sossega, minha filha, B: Tranquiliza-te, meu amor, P

Verás que na imobilidade essas fantasmagorias somem-se.
O tempo urge, e eu tenho agora que deliberar contigo.

[14] ISMÉNIA – Deliberar? Deliberar, Antígona? De quê? Que estás tu dizendo?

ANTÍGONA – É que... Ouve. Os déspotas, como decerto sabes, 150
concederam as honras da sepultura ao nosso irmão que combateu
por eles, ao Etéocles... e recusaram-nas ao Polinices, que se
revoltou. Sabe-lo, pois não é verdade?

ISMÉNIA – Sim. E então?

ANTÍGONA – Que o cadáver do Polinices foi abandonado aos 155
corvos, que...

ISMÉNIA – Sei! Já sei! E de aí? Que queres?

ANTÍGONA – Que é proibido inumá-lo, chorar por ele...

ISMÉNIA – Sim, sim. E depois? Apressa-te!

ANTÍGONA – E depois... Tais foram as ordens que deu o Creonte, 160
para serem obedecidas pelo povo de Tebas; para serem obede-
cidas também por ti, minha querida Isménia; para serem
obedecidas também por mim; e...

ISMÉNIA – E então? Diz!

ANTÍGONA – E então... quem infringir o decreto será lapidado... 165
Assim o tirano o proclamou ao povo. Mal o soube, entrei em
Tebas sem ser pressentida...

ISMÉNIA – E foi por isso, Antígona?

ANTÍGONA – Foi. E quis falar-te...

ISMÉNIA – Para quê? 170

ANTÍGONA – Para... para te ver ainda, para...

146 Imobiliza o corpo, sorri a ti mesma. Verás que passa. *B:* Verás que na imobilidade essas fantasmagorias somem-se. *P*

148-149 <Deliberar?> Deliberar, Antígona? <De quê?> Que estás tu dizendo? *P*

150 como decerto [já] sabes *P*

ISMÉNIA – Não disfarces! Diz a verdade! Para quê?

[15] ANTÍGONA – Sossega, querida. Para te perguntar que pensas. Sim, que faremos, que...

ISMÉNIA – Que faremos?... Mas não te percebo, Antígona. Que hão de fazer... que podem fazer duas mulheres, como nós? 175

ANTÍGONA – É que cuido...

ISMÉNIA – Cuidas? Que é o que cuidas?

ANTÍGONA – Pergunto-te...

ISMÉNIA – Mas quê? Depressa! Diz! 180

ANTÍGONA – Se queres ajudar-me...

ISMÉNIA – Ajudar-te? Em quê ajudar-te? Como?

ANTÍGONA – Sim, dizia eu... em acompanhar-me... na realização do meu plano.

ISMÉNIA – Plano?... E esse plano... Mas que é que tramas, Antígona? Que loucuras mais? Que estás tu sonhando? 185

ANTÍGONA – Em honrar o cadáver do Polinices.

ISMÉNIA – Honrá-lo? Quê? Dizes tu honrá-lo? Contra as ordens expressas do Creonte?

ANTÍGONA – Sim. Trata-se do Polinices, vês tu? Do nosso irmão. Do meu Mestre. Do nobre, do generoso, do magnânimo guia que tanto amei, – e que tão abandonado, tão maltratado foi da sua própria gente! Queres que o abandone também eu, Isménia? Demais, o decreto de um déspota não governa as almas, e desobedecer a déspotas é obedecer aos deuses. Conseguiram sufocar a revolução do povo; mas creio... quero crer, pelo 190 195

173 que pensas [tu, Isménia]. *P*

175 <te> *P*

178 Que <é o que> cuidas? *P*

189-189 Honrá-lo? <Quê?> Dizes tu honrá-lo? Contra as ordens expressas de Creonte? [Honrá-lo, tu?] *P*

190-191 <Do nosso irmão. Do meu Mestre> *P*

191 irmão *B*: guia *P*

195 aos déspotas *B*: a déspotas *P*

menos... que não podem [16] matar, que não mataram ainda a consciência em todos. E por isso...

ISMÉNIA – E por isso quê? Que pensas tu, desvairada?

ANTÍGONA – Na libertação. Nada mais. No esforço de libertar a 200
minha própria alma. Ouve: fazes empenho em acompanhar-me
nisto? Diz: fazes?

ISMÉNIA – Eu? Acompanhar-te? (*Agarrando-se a ela*) Antígona, por
misericórdia, ouve-me! Não queiras insistir em tentar os deuses
com façanhas absurdas e incompreensíveis! Não nos faltaram 205
loucuras! São desvarios de mais! Lembra-te do destino de toda
a nossa gente! Lembra-te... (*Leva a mão ao peito*) Ai, este meu
coração, que se me parte! (*Arrasta-se até a escadaria, seguida
de Antígona que a vai amparando, e deixa-se cair sentada sobre
um degrau. Em voz baixa*) Basta, filha! Não posso mais. Não me 210
mates! Basta!

ANTÍGONA (*Sentando-se ao pé dela, e afagando-a*) – Ouve. Não te
alvoroces, meu bem, não te aflijas. O medo dispara a imaginação
fantástica, e depois a imaginação reacrescenta o medo. Para os
delírios dessa roda viva. Não há mal para ti, nem para mim, nem 215
para pessoa alguma. Ouve-me.

ISMÉNIA – Não, ouve-me tu primeiro! Deixa-me falar-te... falar-
-te ao coração, ao que tu tens de melhor. Aqui, muito chegada
ao teu coração. (*Põe a cabeça no peito dela, suplicante*) Somos
mulheres, simples mulheres, meu amor. Somos... 220

[17] ANTÍGONA – Somos... em grande parte, pelo menos... o que
queremos vir a ser no futuro. Somos o ideal que nos anima e
impulsa – quando realmente o temos, bem enraizado e vivo...
Mas deixemos isso, que não é para o momento. Seria ridículo.
Repara tu, minha filha... 225

ISMÉNIA – Não! Escuta-me tu a mim! Somos mulheres, digo-te eu,
e não nos cabe a nós o combater com os homens. Nascemos para o
sacrifício, o sofrimento, a dor... e não se pode lutar com os que têm

199 Em que pensas, desvairada? B: Que pensas tu, desvairada? P

203 Antígona B: ela P

222 <vir a> ser P

222-223 <e impulsa> P

223 <bem> P

226 Escuta-me, B: Não! Escuta-me tu a mim! P

o mando. Não, não se pode! Que lucras tu com acometer às cegas
o que é muito superior às tuas forças? Com essa mania de revolu- 230
cionar o Mundo, que o pobre do Polinices te meteu na alma? Vê: de
que lhe serviu? De que te serve a ti?... De seres caluniada, como o
caluniaram a ele. Pelos teus próprios. Sim, por todos!... Vais fazer
o que te peço, sim? Vais, diz que vais!... Mas diz, filha, diz!

ANTÍGONA – É que estás delirando, Isménia. Aquieta-te. O que 235
eu quero...

ISMÉNIA – Olha: como quando éramos pequeninas, lembras-te?
Anuías sempre ao que eu pedia: sempre, sempre...

ANTÍGONA – Pois seria; mas agora...

ISMÉNIA – E agora que tem? Agora é o mesmo. Tu vais desistir. 240
Sim, desistir das loucuras em que estás sonhando. Diz que vais!
Afina, tudo isso é orgulho, vaidade pura!

ANTÍGONA – Não. Humildade sincera. Quem quer ver com lucidez
tem de ser humilde. Sei que só [18] vale o que com ele aprendi,
com o nosso santo irmão, com... 245

ISMÉNIA – Cala-te! Não é disso que se trata agora! Anda, diz que
sim! (*Agarra-se a Antígona, suplicante*) Vamos, promete! Que te
importa? Diz que sim!

ANTÍGONA – Mas... Não me percebeste, Isménia. Vês as coisas
piores do que elas são. 250

ISMÉNIA – Nesse caso...

ANTÍGONA – Nada quis tentar, claro, sem primeiro conversar
contigo...

ISMÉNIA – Queres dizer... Pode ser ainda que...

229 não se pode. B: não se pode! P

233 Pelos teus próprios, – por todos. B: Pelos teus próprios. Sim, por
todos!... P

234 o que <te> peço P

234 Mas diz, <filha>, diz! P

235 delirando <, Isménia>. P

241 <Sim,> desistir das loucuras P

ANTÍGONA – Não me interrompas. Sem te perguntar, primeiro, se 255
desejavas acompanhar-me neste meu empenho. Pareceu-me ser
isso o meu dever. E no entanto...

ISMÉNIA – Não desistes, então? Enlouqueceste, Antígona?

ANTÍGONA – Mas... não é o que pensas. Repara: não peço que 260
venhas, entendes? Não, nada disso. Uma pessoa basta para o
que é preciso. Que ainda assim... Olha: é melhor, até, que vá
eu sozinha.

ISMÉNIA – Que vás? Pois sempre?...

ANTÍGONA – Sim. Já decidi. Dar-lhe-ei sepultura. Honrar-lhe-ei o 265
cadáver. Quero dizer: farei por honrá-lo.

ISMÉNIA – Como? E se a polícia, os soldados...

ANTÍGONA – Deixa a polícia, os soldados. Tem-se medo de se ir
preso. É esse o mal. Bem vês, não o poderia evitar. Tem de ser,
Isménia.

[19] ISMÉNIA – E porquê? Pois tu não percebes... 270

ANTÍGONA – Não me demovas. Preciso de fazê-lo. Quero-o.

ISMÉNIA – Para quê?

ANTÍGONA – Para... Para ser como penso. Com harmonia em mim
mesma, Isménia. Para ver claro em mim.

ISMÉNIA – Ora! Teorias! Uma apaixonada, é o que és! Tempera- 275
mento de labareda, coração de fogo! E haver quem te chame uma
inteligência fria!

260 venhas [comigo], entendes? *P*

262 só *B*: sozinha *P*

264-265 Darei sepultura ao Polinices. *B*: Dar-lhe-ei sepultura. <Honrar-lhe-ei o cadáver> *P*

265 farei por dar-lha. *B*: farei por honrá-lo. *P*

266 [Sepultura?] Como?

267 Deixa [lá] a polícia <, os soldados>. *P*

268 preso, e é esse o mal. *B*: preso. É esse o mal. *P*

268-269 Tem de ser <, Isménia>. *P*

270 Porquê? *B*: E porquê? *P*

271 fazê-lo, Isménia. *B*: fazê-lo. Quero-o. *P*

273-274 para obter a harmonia no meu próprio espírito. *B*: Para ser como penso. Com harmonia em mim mesma, Isménia. *P*

- ANTÍGONA – Sou emotiva, sou, – infelizmente; e o próprio da
emoção é impelir para a loucura. Bem sei. Mas o ser-se de labareda (como tu mesma dizes) não impossibilita o intelecto de nos 280
iluminar às vezes, e de conseguir o bastante para disciplinar a
alma, conferindo-lhe a ordem, a transparência, a paz interior, o
seu bem. É até uma condição para que tal se faça.
- ISMÉNIA – Como? Não te percebo. Ao Polinices, também, nunca o
pude entender! 285
- ANTÍGONA – Ai de nós, querida Isménia! É tão complicado este
nosso mundo íntimo, tão difícil de reger e de manter harmónico!
- ISMÉNIA – És uma criança. O ser generosa – ou ser racional, ou lá
como dizes – é a tua paixão. É o teu Deus. A tua união com Deus.
A tua embriaguez, em suma. 290
- ANTÍGONA – Será, se o quiseres. A Razão apaixonada, por sua beleza
e graça, todos os que nasceram para viver por ela.
- [20] ISMÉNIA – Confessa-lo!... Que loucura a tua!... Mas venhamos ao
caso: pretendes brigar com a Cidade inteira?
- ANTÍGONA – Não. Que ideia! Não quero brigar contra ninguém no 295
Mundo. Não nasci para discórdias, tenho horror às lutas.⁴
- ISMÉNIA – Tu? Tu, que não fazes senão batalhar?
- ANTÍGONA – Enganas-te. Não! Quem me dera a paz! Eu não luto,
afirmo.
- ISMÉNIA – Afirmas o quê? 300
- ANTÍGONA – Afirmo... Seria longo o explicar-te, e não sobra
-
- 278 Sou [uma] emotiva, *P*
280-281 de ver claro *B*: de nos iluminar *P*
282-283 a ordem, a iluminação, o bem. *B*: a ordem, a transparência, a
paz interior, o seu bem. *P*
287 mundo interior *B*: mundo íntimo *P*
288 criança! Ser *B*: criança. O ser *P*
289 é [que é] a tua paixão *P*
289-290 <É o teu Deus. A tua união com Deus. A tua embriaguez, em suma.> *P*
291-292 [É a minha paixão] <Será se o quiseres... viver por ela.> *P*
293 [Vês?] Confessa-lo! <... Que loucura a tua!...> *P*
294 caso. Pretendes lutar contra *B*: caso: pretendes brigar com *P*
295 lutar *B*: brigar *P*
296 lutas *B*: discórdias *P*
297 lutar *B*: batalhar *P*

tempo para explicações agora. Olha: afirmo a existência de uma luz suprema, e o dever de por ela nos guiarmos todos. De uma fonte de ideias que dá coerência ao Mundo... que preside aos atos de inteligência efetiva, de decisão racional... Mas deixemos tudo isso. Neste momento, bem vêem... 305

ISMÊNIA – Que luz é essa? Onde está?... Quimeras!

ANTÍGONA – Em nós, Isménia. A luz está em nós. Mas tão poucos a sentem, tão poucos a veem... ou tão poucos procedem como quem a sente e vê! E eu recuso-me a obedecer aos que não querem vê-la, aos que nos não percebem. Não, não nos percebem: e só por não perceberem é que nos têm ódio. Eu, porém, não os odeio a eles, nem lhes quero mal, e não luto: unicamente afirmo. E o que afirmo é a paz. A paz verdadeira na iluminação do espírito, no desprendimento interior. A paz na Razão. 310 315

[21] ISMÊNIA – Só me faltava ouvir essa! É de enlouquecer! Tanto absurdo! Paz? Tu?

ANTÍGONA – Sim, eu. Quem me dera a paz!

ISMÊNIA – Suponhamos. E depois? Que sonhas tu fazer? 320

ANTÍGONA – Quase nada. Já to disse... Honrar o cadáver do Polínicos. Erguer-me contra o insulto que lhe faz o déspota... ou, antes, contra o despotismo que nos asfixia a todos. Na escuridão desta Tebas, ser alguém que se indigne. Melhores do que eu o fizeram. Admiro os que protestam. Quero estar com eles, – com a gente pobre, com o povo. Protestar também. 325

ISMÊNIA – E tu própria, Antígona? Tu própria o farás?

ANTÍGONA – Sim.

304-305 coerência ao Mundo[, – e que em nós atua.] <... que preside aos atos de inteligência efetiva, de decisão racional... Mas deixemos tudo isso. Neste momento, bem vêem...> *P*

307 Onde está? Ora! *B:* Onde está?... Quimeras! *P*

312 e por nos não perceberem *B:* e só por não perceberem *P*

317-318 [Paz! Tu, a paz!] <Só me faltava ouvir essa! É de enlouquecer! Tanto absurdo! Paz? Tu?> *P*

321 disse. *B:* disse... *P*

325-326 eles. Protestar *B:* eles<, – com a gente pobre, com o povo>. Protestar *P*

- ISMÉNIA – Honrar o cadáver? Sozinha?
- ANTÍGONA – Sozinha. 330
- ISMÉNIA – Como? Crês isso possível?
- ANTÍGONA – Ninguém sabe o possível. Não sei se é possível, nem me interessa sabê-lo. Manda-me a consciência que o vá tentar. Quero o ato interior. O efeito material... bem vê... não depende de mim. 335
- ISMÉNIA – E que esperas?
- ANTÍGONA – Coisa alguma. Ser incompreendida, abandonada... caluniada, até. Pelos meus, pelos outros. Já o sei, Isménia. Há de ser sempre assim.
- ISMÉNIA – Pois sem esperança vives? 340
- [22] ANTÍGONA – Assim tem de ser, minha filha. Não se precisa de esperança para se ser fiel a nós próprios.
- ISMÉNIA – Céus! Que vai ser de ti? Tenho tanto medo, tanto!
- ANTÍGONA – E eu?
- ISMÉNIA – Medo? Tu? 345
- ANTÍGONA – Sim. Pois pudera! Tenho imaginativa, também eu, e a fervura do imaginar é que sustenta o medo.
- ISMÉNIA – Mas... Nesse caso...
- ANTÍGONA – Que queres? Não posso evitá-lo. Há o que te disse, vê? Há a lei que nos ascende à grande luz do espírito, à coerência 350 na alma.

334 <... bem vê...> *P*

337-339 [Nada.] <Coisa alguma... sempre assim.> *P*

341-342 A afirmação me contenta. A esperança? Virá depois, talvez... pela obra já feita, pelo seu próprio andar... *B*: Assim tem de ser, minha filha. Não se precisa de esperança para se ser fiel a nós próprios. *P*

343 Antígona. *B*: tanto. *P*

346 imaginação *B*: imaginativa *P*

347 da imaginação *B*: do imaginar *P*

348 <Mas...> Nesse caso... *P*

ISMÉNIA – É espantoso! Pois falas a sério, Antígona? Mas que é isso? Palavras, nuvens tenuíssimas, nada... Porque te interessas tu por essas coisas?

ANTÍGONA – Porque me interesso!... Como responder-te, filha? 355
Porque são algo essencial para a criação de mim por mim mesma. Não é tal o passado que nos domina e manda, mas o rumo de vida que se escolheu para o porvir. É esse o que desenha os nossos atos mais nossos, é esse o que escolhe as recordações mais vivas, as que ficam como estrelas na nossa constelação interior... 360
Desinteressar-me? Como? Seria o vácuo da alma, seria a morte do espírito. Se me não interessasse, de que me serviria o viver?

ISMÉNIA – De quê?... Ora! Não te entendo! Doidices! O impossível, sabes?

[23] ANTÍGONA – Talvez o não seja. Porém, quando o ato exterior nos 365
não é mais possível, realiza-se ao menos o ato interior que é bem nosso, que é afirmação de uma ideia... e a inteligível harmonia de uma consciência livre. Já sei: tudo isto decerto te há de parecer pedantismo, declamações sem nexo... E acho natural que assim 370
penses. Percebo. Mas que fazer-lhe? Só posso proceder pelo que eu própria vejo, – pelo que vejo claramente que é o que deve ser... Ai de mim, querida Isménia, que me não sinto capaz de to explicar melhor... nem seria o momento de to explicar melhor!...

ISMÉNIA – Teimas, então?

ANTÍGONA – Sim! Percebo que te indignes. Mas é o que deve ser. 375

352 filha *B*: Antígona *P*
353 quimeras *B*: nuvens tenuíssimas *P*
355 Como responder-te <, filha>? *P*
356 essencial [para o meu rumo de vida,] para a criação *P*
356 própria *B*: mesma *P*
360-362 interior... Porque me interesso, dizes? *B*: interior...
Desinteressar-me? Como? Seria o vácuo da alma, seria a morte do espírito. *P*
362 Ah, e se me não *B*: Se me não *BI P*
365 se *B*: quando *P*
365 material *B*: exterior *P*
365-366 não for possível *B*: nos não é possível *BI*: nos não é mais possível *P*
367 [o] que é afirmação *P*
368 Bem sei *B*: Já sei *P*
369 loucura, pedantismo, declamação, retórica... *B*: pedantismo, declamações sem nexo... *P*
369-370 E aceito que o penses, não to levo a mal, percebo. *B*: E acho natural que assim penses. Percebo. *P*
375 Sim! É o que deve ser! *B*: Sim! Percebo que te indignes. Mas é o que deve ser. *P*

ISMÉNIA – O que deve!... Basta! Cala-te! Não me atormentes mais!
E não pensas nas desgraças que nos hão de vir dos teus atos?

ANTÍGONA – Ah!... Se o penso! Infelizmente, penso. E perdoa,
minha filha, mas...

ISMÉNIA – Não pensas, não! E é absurdo, cruel, o que tu vais 380
fazer! Por piedade, atende! Olha para mim... mas olha para
mim, desvairada, e ouve-me! Sai do teu sonho, desce à reali-
dade, acorda! Que vai ser de nós? Que vai ser do Hémon?...
Esqueces-te dele, porventura? Dele, que pensa sempre em ti,
que vive só para ti, que te adora? Só o Polinices te interessa? 385
Só o que morreu para ti conta?

ANTÍGONA – Mas é que não morreu, Isménia. Vive em mim, vive
em muitos...

[24] ISMÉNIA – Vive?... E vais prestar-lhe honras fúnebres? De que
servem? Que vais tu fazer? Uma façanha nova, para me atormen- 390
tares com ela?

ANTÍGONA – Repara...

ISMÉNIA – Mas que tens, que não vês?... E depois, – para quê,
Antígona? Que ganhas tu com essas coisas? És um pio de gaivota
sobre um grande mar que não finda! Hão de abater-te, esses 395
pérfidos! Os teus próprios, ouviste-me? Ver-te-ás traída, incom-
preendida, escarnecida, só, ao afundar-te sem remédio, nesse
grande mar que não finda! Não tenhas ilusões, digo-te eu, não
as tenhas!

ANTÍGONA – Nunca as tive, – sabe-lo. Acredito facilmente que o 400
teu pessimismo é que acerta. Se o acredito! E quanto!

ISMÉNIA – Porque o não segues, pois?

376-377 O que deve [ser]! <... Basta! Cala-te! Não me atormentes mais!>
E não *P*

378 Se penso! *B*: Ah!... Se o penso! *P*

380-381 o que <tu> vais fazer! *P*

383 Que vai ser de ti? Que vai ser de mim! *B*: Que vai ser de nós? *P*

383-386 do Hémon? [Sim, do teu noivo, o Hémon?] <...Esqueces-te dele,
porventura? Dele que pensa sempre em ti, que vive só para ti, que te adora?> Só *P*

387-392 <ANTÍGONA – Mas é que... ANTÍGONA – Repara...> *P*

393 tens [tu], que não vês? *P*

398-399 digo-te eu! Não tenhas *B*: digo-te eu, não as tenhas! *P*

401 <E quanto!> *P*

402 o repeles *B*: o não segues *P*

ANTÍGONA – Porque me afoga. Ser-me-ia impossível viver com ele. Preciso de o negar, de o superar, de o esquecer. Traiam-me os habilitados, mas seja eu vibrantíssima! Engane-me sobre os homens, 405
mas tenha luz, tenha chama! A prudência desconfiada... não, não pode ser para mim! Só com audácia na generosidade me sinto eu viver!

ISMÉNIA – E dá-te isso felicidade? Deveras? Enches tu, só com isso, todo aquele vácuo imenso – tão desmesurado, tão fundo! 410
– que trazemos todos cá dentro?

ANTÍGONA – Pelo menos, torna-me mais viva do que os que me chamam tola. Não invejo o destino desses avisados tristes... E consola-me... o quanto [25] possível, claro... dos tormentos que a vida nos impõe às almas. A Natureza é horrível... e o 415
homem como natureza, com as suas paixões e os seus ódios. Mas há a aspiração para o Espírito, Isménia. Há a divinização de nós próprios! Há...

ISMÉNIA – Cala-te! E eu? Eu, Antígona? Nunca verei fim a estes meus pesadelos, a esta angústia que me não larga nunca, que me 420
aperta e amarfanha com grandes garras de ferro, sempre alimentada por maiores horrores? Tantas coisas, tantas! Tu tens-te a ti mesma, à tua fé na Razão, – ou lá no que é, que eu não sei. Mas uma fé. E eu? Eu, que não tenho outro arrimo senão a ti? Ah, não posso mais, minha Antígona! Ai de mim, que endoideço! 425
(*Abraça-se, soluçando, a Antígona, que se levanta com ela, faz sinal a Créusa para que se aproxime, e lhe entrega Isménia desfalecida*) Sinto tudo fechado, tudo treva, abismos... nada a que me

403 Porque me não é possível respirar *B*: Ser-me-ia impossível viver *P*
403-404 com ele. [Que queres?] <Preciso de o negar, de o superar, de o esquecer.> *P*

405 vibrante *B*: vibrantíssima *P*

406 mas tenha luz e chama *B*: mas tenha luz, tenha chama *P*

406-407 Não! A prudência desconfiada não pode *B*: A prudência desconfiada... não, não pode *P*

407 pela audácia *B*: com audácia *P*

409-411 Deveras? Dá-te? *B*: Deveras? Enches tu... cá dentro? *P*

412 alegre *B*: viva *P*

413 tola [... Sabes?]. Não invejo *P*

413 a sorte dos *B*: o destino desses *P*

415 a todos *B*: às almas *P*

417-418 Mas há a luz do Espírito. *B*: Mas há a aspiração para o Espírito, Isménia. Há a divinização de nós próprios! Há... *P*

419 <Cala-te!> *P*

420 angústia de angústias *B*: angústia *P*

422 <Tantas coisas, tantas!> *P*

agarre, esperança alguma, nada... Tudo escuridão, tudo angústia.
O vazio da alma, o tédio da vida! Ah, pudesse eu morrer! 430

ANTÍGONA – Perdoa, meu amor, – se é possível... E não exageres.
Como estás cansada, deliras. (*Acaricia-a*) Se dormires um
pouco, verás tudo mais claro do que te parece agora. A Creúsa
que te acalente com suas falas doces. Leva-a, Creúsa. Vê se
consegues que repouse e durma. E amanhã... Eu tenho de 435
seguir, que são horas. Não tarda aí que desponte a aurora. (*Para
Isménia*) Não me queiras mal, se puderes. Descansa. (*Toma-lhe
nas mãos a cabeça e beija-lha*) Até sempre. Adeus.

[26] ISMÉNIA – Já? Vais-te já? Sem que me digas ao menos quando
tornarei a ver-te? 440

ANTÍGONA – Como queres que o faça? Não é possível. Não sei.

ISMÉNIA – Que irá passar-se, Antígona? Que vai ser de ti?

ANTÍGONA – Tem esperança. Ai de nós, minha filha! Porque se não
caminha para a luz sem se magoar alguém? Estou sendo má para 445
contigo: sê-lo-ei depois para com outros. Não há esforço para o
bem que não leve consigo o seu mal. É a maior das misérias da
nossa sorte humana... Não pensemos nisso. Adeus.

(Creúsa sai pela esquerda, acompanhando Isménia quase inânime; Antígona olha-as, até que se somem).

CENA III

ANTÍGONA, só

ANTÍGONA (*Sobe ao alto da escadaria do fundo e de aí olha para a direita da cena, onde já vai começando a anunciar-se a* 450

429 vácuo *B*: angústia *P*

430 Não, antes a morte! O que eu quero é morrer! *B*: O vazio da alma, o
tédio da vida! Ah, pudesse eu morrer! *P*

431 E não exageres [, querida]. *P*

432 Estás cansada, é o que é *B*: Como estás cansada, deliras. *P*

434 com os seus cantos *B*: com suas falas *P*

435 descansa *B*: repouse *P*

437 Repousa. *B*: Descansa. *P*

441 Que queres que te diga? *B*: Como queres que o faça? Não é possível. *P*

443 nós *B*: mim *P*

aurora; depois, ao pé de uma coluna do patamar da escadaria, diz ela o seguinte, – de mãos juntas, concentrada, imóvel, sem tom algum declamatório) – Não sei. Não pode ninguém sabê-lo. É o negrume, o imprevisível, a interrogação, o incógnito... 455
 Se serei eu capaz!... Serena sempre, lúcida sempre, [27] até o fim, – sem quebra? Ah, se serei eu capaz!... Não te levantaste ainda, mas cuida já que te vejo, ó santa luz da alvorada! Visiono-te em espírito, porque preciso de ti, – e parece-me que canta uma expectativa divina na atmosfera plácida que te anuncia... e que 460
 cantam com ela o casebre e o campo, a árvore e o rio, a montanha e o céu... Sol, símbolo da coerência! Alvorada, claridade, bem do intelecto, luz! De ti, luz, tenho sede agora: de luz absoluta, de luz perfeita! Dá-me coragem, limpidez da aurora! Dá-me coragem pelo refúgio em minh' alma, que é o anelo exaltante 465
 de te encontrar a ti! Quem a ti sobe – ó luz redentora! – dissipa o egoísmo e o medo à morte no fulgor diamantino dos teus clarões! Enche-me de bondade, de compreensão amorosa, de mansuetude absoluta, de harmonia íntima, – para que não possam vencer-me os fantasmas fátuos que nos obsessionam 470
 com angústias e com pavores! Quando tudo na alma é uma manhã claríssima, – que é que vale no Mundo que não seja a luz? Que significa um exército? Quem é o Creonte? Irmana-me contigo, ó madrugada límpida: dissipem-se na alvorada que nos céus espande as noturnas agonias que das sombras vêm; 475
 liberte-me a alva da inteligência nítida de todos os tumultos de uma imaginação sem lei! Infunde-me coragem, claror do espírito! Liberta-me do medo, fulgor dos céus!⁵

(*Antígona desaparece, e avança no tablado o Ator que declama os prólogos*).⁶ 480

[28] O ATOR – Está terminada a representação desta tarde. Agradecemos a honra da atenção que nos deram, desejando, a todos, um feliz ano novo.

UM OUVINTE – Posso apresentar um reparozinho?

O ATOR – Decerto. Não estamos aqui para outra coisa. 485

462-463 Sol, símbolo da coerência, Bem do intelecto! Alvorada, claridade, luz! *B:* Sol, símbolo da coerência! Alvorada, claridade, bem do intelecto, luz! *P*

472 que é [o] que vale *P*

477 clarão *B:* claror *P*

479-480 (Vai a descer; afirma a vista, recua um pouco, esconde-se por trás de uma coluna mais próxima, e desaparece enfim). *B:* <(Antígona desaparece... os prólogos)> *P*

O OUVINTE – É só para acentuar uma diferença sensível entre a vossa Antígona e a Antígona de Sófocles. Proclama a de Sófocles, ao que a mim me parece, os direitos da piedade religiosa, os do amor fraterno, contra o absolutismo da razão-de-Estado; a vossa, por outra banda, creio que afirma contra a razão-de-Estado (que é sempre para mim a «razão» de uma classe) os direitos da livre consciência humana, os da lei racional a que se eleva o espírito, eterna e imprescritível. A vossa Antígona é essencialmente filósofa. É uma Antígona kantista; direi até que cristã.⁷ Não atua propriamente como irmã do Polinices, mas sim como discípula de um mestre filósofo, que foi para ela esse irmão.

O ATOR – Concordo contigo.

O OUVINTE – E de aí outro aspeto. Não é dura com a Isménia, como a Antígona de Sófocles. Pelo contrário: inteiramente compassiva, compreensiva e afetiva, com perfeita consciência da complexidade do problema, e criticando-se a si própria e aos seus próprios atos. Ademais, a vossa Isménia é uma doente.

[29] O ATOR – E um símbolo.

O OUVINTE – De quê?

O ATOR – Dos laços familiares que desviam a não poucos do combate pelas ideias e do heroísmo cívico, – do social, moral. Há aí um conflito que creio que Jesus acentuou, mas sem a íntima laceração que me parece forte na nossa Antígona.

O OUVINTE – Como? Quando?

O ATOR – No trecho em que diz: «Pensais que vim trazer paz à terra? Não, vos digo eu, mas antes a divisão. Porque já desde agora estarão cinco divididos em uma casa: três contra dois, e dois contra três; estarão divididos: o pai contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a sua mãe; a sogra contra a sua nora, e a nora contra a sua sogra»⁸. E outrossim num outro passo, quando lhe dizem que a mãe e os irmãos estão da parte de fora a procurá-lo. Responde-lhes Jesus: «Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão para os seus discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Porque todo aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe»⁹. A nossa Antígona é assim; o parentesco que invoca é o espiritual; não é o do sangue¹⁰.

O OUVINTE – Não será o vosso Polinices inteiramente ao avesso do de Sófocles?

O ATOR – Creio admissível que realmente o seja. O nosso Polinices é também um símbolo, como o nosso Creonte, como a nossa Isménia, como a nossa [30] Antígona. Passa-se a nossa tragédia ao nível do Espírito, sem um lugar no espaço, sem um século no tempo. É o espírito a elevar-se contra o poder que corrompe, – que corrompe sempre. 525 530

O OUVINTE – E achas que tem solução esse conflito?

O ATOR – Idealmente e para o futuro, tem-na. Pelo menos para mim.

O OUVINTE – Qual?

O ATOR – O emurchecimento do Estado e do poder político, quando o povo chegar a saber governar-se, sem necessitar de chefes e de mandões. 535

O OUVINTE – Não achas, pois, que o serem bem governados é aquilo que realmente mais desejam os povos?

O ATOR – Os povos inferiores, subdesenvolvidos, ignorantes, – aceito que sim. Os outros o que querem é governar-se a si mesmos. 540

O OUVINTE – E quem os ensinará a fazê-lo?

O ATOR – Os Polinices e as Antígonas, – tais como os concebem, ao que me parece, os atores deste nosso Pátio das Comédias.

NOTAS

¹ Esta terceira variação sobre o mito de Antígona foi publicada, mais tarde, em 1978, em *Antologia Sociológica. Pátio das Comédias das Palestras e das Pregações*, Lisboa, Clássicos Sá da Costa, pp. 347-368.

² Este prólogo metateatral (tal como o epílogo, que usa igual técnica; *vide* ll. 481-543) terá sido provavelmente inspirado no prólogo da *Antígona* de António Pedro. Um exemplar desta peça com dedicatória do autor, existente na biblioteca de António Sérgio (BAS.821_Ant.Ped_1878_CAS), bem como correspondência trocada entre os dois escritores portugueses permite-nos concluir que o nosso autor conhecia a tragédia do diretor artístico do Teatro Experimental do Porto (TEP). Em carta dirigida a Sérgio, datada provavelmente de 1954 (BAS: S.COR1-Env.40), António Pedro escreve: “Acabámos há pouco de levar à cena uma “Antígona” da minha lavra e com um êxito enorme de público e de crítica. Mando-lhe o programa onde, é claro, se faz referência à sua glosa ao mesmo tema sofocliano” (*vide* p. 341). A resposta de António Sérgio encontra-se no espólio de Pedro, com a cota E5/32. Sobre este assunto, *vide* Mendes (2011, p. 163) e Morais (2012a, p. 519-521).

³ Como bem sublinha Cuccoro (2014, p. 179, n. 4), há aqui um eco de Shakespeare, *Hamlet*, Ato III, cena I.

⁴ Variação de *S. Ant.* 523.

⁵ A propósito destas três cenas, *vide*, p. 182, n. 29.

⁶ O autor não estabelece a mudança da cena III para este epílogo, em que intervêm o Ator e o Ouvinte.

⁷ Sobre esta definição, *vide*, p. 30.

⁸ Lc 12, 51-53; *vide ainda* Mt 10, 34-36.

⁹ Mt 12, 46-50; *vide* ainda Mc 3, 31-35, Lc 8, 19-21.

¹⁰ Cf. S. OC 244-246.

ANTÓNIO SÉRGIO

Diálogo de Creonte e Antígona

[c.1960]

Diálogo de Creonte e Antígona

Para-se o colóquio numa sala do palácio de CREONTE; as fundas, dois leitos e duas pequenas mesas com ~~de~~ vasos de vinho, taças, pratos de fruta, etc, onde CREONTE e um seu OFICIAL tomaram pouco antes uma refeição. ~~Supõem~~ Alguns dias atrás, os dois irmãos de ANTIGONA, ~~ETÉOCLES~~ ou sejam ETÉOCLES e POLINICES, morreram ambos em combate durante uma revolta dos democratas contra a tirania de CREONTE, ajudando aquele primeiro entre os partidários dos tiranos, e nos hostes dos insurrectos o segundo. Ordenara CREONTE, enfocada a revolta, que o cadáver de ETÉOCLES fosse sepultado ^{em} ~~num~~ magnífico túmulo, e o de POLINICES abandonado aos corvos, com proibições rigorosíssimas de se lhe prestar

Fig. 17: Primeira página manuscrita do *Diálogo de Creonte e Antígona* (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.^a parte_1, p. 5)

~~qualquer~~ horas. Um GUARDA do
palácio introduz ANTIGONA e um
SOLDADO, o qual estivera de sentinela
ao cadáver de POLINICES, retirando-o
~~depois~~ Logo depois

CREONTE

Deuses! Que vejo!

SENTINELA

(Baixo). Senhor... Aqui está. Apanhámo-la
nós. Desta vez não venha porque me caíse
em sorte. Foi eu mesmo que a vi primeiro.
Não pode negar.

CREONTE

~~...~~ Tu, Antígona! Ah, não que o tivéssemos
combinado os dois! Apanhadinha! Sempre te
atevoste a voltar para Tebas! Como? Não im-
porta! Apanhada! Sabe-lo-ás mais tarde.
(Para a SENTINELA). Pois muito bem, meu
rapaz. Ganhaste o teu dia. Conta lá
como foi.

Fig. 18: Segunda página manuscrita do *Diálogo de Creonte e Antígona*
(BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.^a_parte_1, p. 6)

ANTÓNIO SÉRGIO

Diálogo de Creonte e Antígona

[62] (*Passa-se o colóquio numa sala do palácio de Creonte; ao fundo, dois leitos e duas pequenas mesas com vasos de vinho, taças, pratos de fruta, etc., onde Creonte e um seu Oficial tomaram, pouco antes, uma refeição. Alguns dias atrás, os dois irmãos de Antígona, ou sejam Etéocles e Polinices, morreram ambos em combate durante uma revolta dos democratas contra a tirania de Creonte, pelejando aquele primeiro entre os partidários do tirano, e nas hostes dos insurretos o segundo. Ordenara Creonte, sufocada a revolta, que o cadáver de Etéocles fosse sepultado em magnífico túmulo, e o de Polinices abandonado aos corvos, com proibição rigorosíssima de se lhe prestarem [63] honras. Um Guarda do palácio introduz Antígona e um soldado, o qual estivera de sentinela ao cadáver de Polinices, retirando-se logo depois*). 5
10

CREONTE – Deuses! Que vejo!

SENTINELA (*Baixo*) – Senhor... Aqui está. Apanhámo-la nós. 15
Desta vez não venho porque me caísse em sorte. Fui eu mesmo que a vi primeiro. Não pode negar.

1-13 <Passa-se... depois> *D*
2 com [dois] vasos *D*
9 num magnífico *D*: em magnífico *DI*
11 prestarem [quaisquer] honras *D*
13 retirando-se [depois] logo depois *D*

CREONTE – Tu, Antígona! Ah, nem que o tivéssemos combinado os dois! Apanhadinha! Sempre te atreveste a voltar para Tebas! Como? Não importa. Apanhada! Sabê-lo-ei mais tarde. (*Para a Sentinela*) Pois muito bem, meu rapaz. Ganhaste o teu dia. Conta lá como foi.¹ 20

[64] SENTINELA – Vimo-la a honrar o cadáver. Com os nossos olhos!

CREONTE – Tu mesmo? Podes jurá-lo?

SENTINELA – Juro! A honrar o morto! 25

CREONTE – Bem. Vamos por partes. Conta.

SENTINELA – Pois foi deste jeito. Depois que o patrão me mandou embora, – toca a abalar para o sítio da guarda. E quando cheguei, passei palavra aos camaradas de lá... sim, que tínhamos de descobrir, quando não... já se sabe. E de aí, fomos ao corpo e tirámos a terra que havia ao de cima, e que o raio da moça de manhã lhe lançara. De seguida, postámo-nos todos ao alto de um teso, do lado do campo de onde soprava a aragem, por via de nos livrarmos do fedor do morto. E aí pelas horas do meio do dia... não: é possível que mais... um pouco mais, talvez... o sol esconde-se numa nuvem de pó e alevanta-se de repente um suão medonho, que arrancava as folhas e as levava na frente, a girarem no chão tontinhas de todo... assim, assim, assim... eh, que não paravam, as doidas, nem o estafermo do ar! Oirados do vento, fechámos os olhos, à espera de que o pó se assentasse, enfim. E mal os abrimos – céus! – arrefeceu-se-me o peito: o sol, – em sangue; parecia que inchado; e ela – pois! – aos ais, aos ais, aos ais, a modos como um passarito que volta do ninho e que não acha os filhos que lhe roubaram. E que faz? Vem de lá de onde estava, apanha da terra, – e cobre o cadáver! A cobri-lo, sim, [65] e a rezar umas rezas que são lá dela... Ao darmos fé disto, – zás, saltamos-lhe em cima, deitei-lhe os gadanhos. Eh, que já de aqui te não livras!... Mas ela, parada e sem medo, quedou-se quietinha, como se nada fosse. Não tugiú 30 35 40 45

18 [Tu!] Tu, Antígona! *D*

31 esta cachopa *B2*: o raio da moça *D*

33 o vento *B2*: a aragem *D*

37-38 como se fossem tontas *B2*: tontinhas de todo *D*

39 de todo *B2*: do vento *D*

40-41 arrefeceu-me *B2*: arrefeceu-se-me *D*

42 esta moça *B2*: ela – pois! – *D*

45-46 Ali, a cobrir a carcaça, ela! E a fazer as rezas e as libações! *B2*: A cobri-lo, sim, e a rezar umas rezas que são lá dela... *D*

47-48 sem sombra de medo *B2*: parada e sem medo *D*

nem mugiu. Perguntámos, perguntámos... perguntámos... Qual!
Respondeu-nos o senhor? Pois outro tanto a cachopa. Nem pio, nem 50
ai! Sempre mansinha, alheada de tudo... Era mesmo o pasmo de
todos nós. E vai de aí, – gira! Trouxe-a comigo. E a moça... aquilo
que vê: parecia que caminhava num voo leve, e que segurava nas
mãos uma flor que eu não via. É assim a modos como um passa-
rito... Digo eu, parece-me. A gente não sabe. Eu conto o que vi.² 55

CREONTE (*Para Antígona*) – E tu, a dos modos suaves? Que tens a
alegar? Diz a verdade o labrego?

ANTÍGONA – Perfeitamente sincero, no seu quê de fantástico.
No essencial, deu-te os factos. E foi assim, sem dúvida, que as
coisas se afiguraram à imaginativa dele. 60

CREONTE – Muitíssimo bem. (*Para a Sentinela*) Vai em paz.
Ganhaste o teu dia, como bom caçador. Digam ao intendente
que te dê qualquer coisa. Adeus. (*A Sentinela sai*)³ [66] E agora...
nós. Sabias do decreto – pois não sabias? Que era proibido, por
ordem minha... 65

ANTÍGONA – Sabia. Se o fizeste anunciar pela Beócia inteira?...

CREONTE – E ousaste, então, infringir a lei?

ANTÍGONA – A lei? Mas que é a lei para ti? Quem te disse, desgra-
çado, que o teu capricho... que a tua paixão, o teu desvario...
podiam ser uma lei? Acima dos decretos de qualquer tirano estão 70
as leis não escritas da consciência, universais e imutáveis.

CREONTE – As da consciência? Aonde se vai isso achar?

ANTÍGONA – Aonde havia de ser, Creonte? Em nós mesmos.
Na unidade unificadora que a consciência é. Descobrimos a lei no
nosso próprio ânimo, coetânea da luz que se faz nele. Topamos 75
aí... como dizê-lo?... um princípio de universalidade e de
coerência íntima, uma norma de unidade e de reciprocidade entre
as almas, que inspira ao mesmo tempo o sábio e o justo. A de

49-50 <Qual!> Respondeu-nos o senhor? D

50 fez ela B2: a cachopa D

52 ela B2: a moça D

55 digo B2: conto D

56 olhos modestos B2: modos suaves D

62 O intendente B2: Digam ao intendente D

63 [CENA IV | CREONTE, ANTÍGONA | CREONTE –] E agora... nós D

70 podiam ser <uma> lei? D

uma harmonia interior, que é para nós o bem. O Bem intelectual, o Bem moral.

80

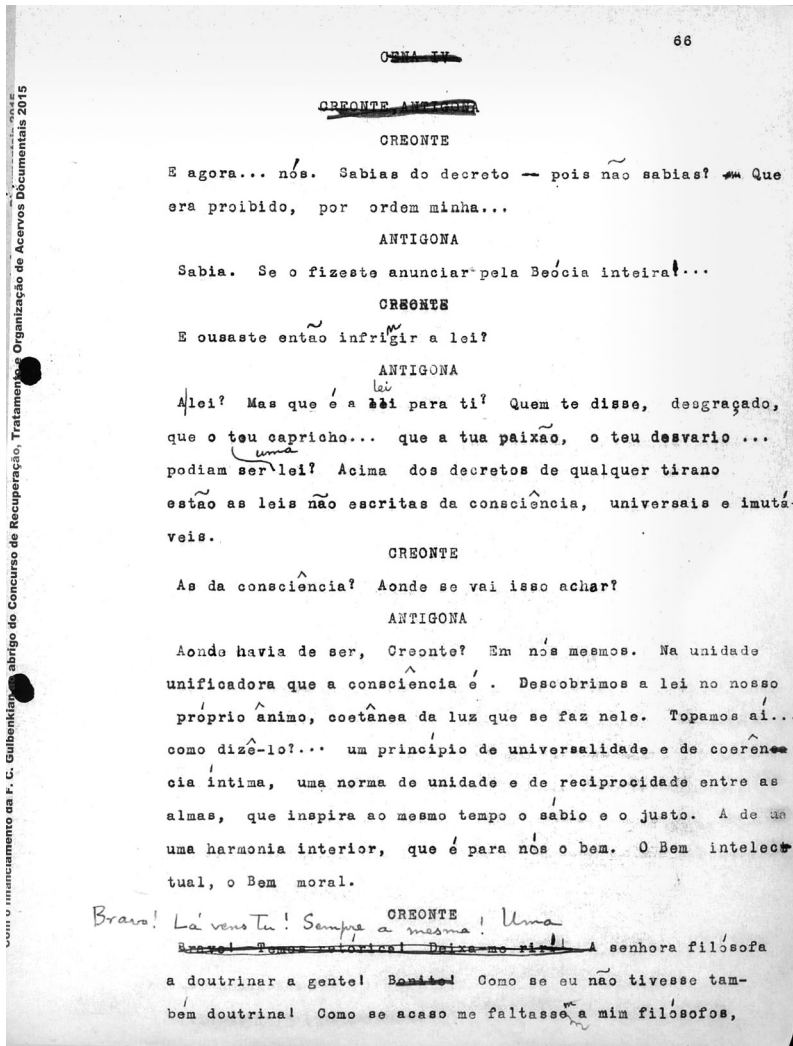


Fig. 19: O autor rasurou a separação de cenas que havia na edição de c.1950 (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.^a parte_1, p. 9)

CREONTE – Bravo! Lá vens tu! Sempre a mesma! Uma senhora filósofa a doutrinar a gente! Como se eu não tivesse também doutrina! Como se acaso não me faltassem a mim filósofos, [67] que escrevem as coisas como eu as quero! Teóricos da autoridade, da tradição, da ordem!... Há escribas para tudo, 85 fica tu sabendo! Porque é só pagar! Eu pago, eles escrevem, a Propaganda publica, e o Universo crê! Poetas, historiógrafos, oradores, novelistas, exaltam a ditadura paternal dos Chefes, os edifícios monumentais de que se enche a Terra, a firmeza de pulso com que se castiga e rege. Pois pudera! Encarregámos o 90 Nicócoras⁴ de comprar literatos. E não só de aqui, mas de lá de fora também. Graças ao Nicócoras e ao dinheirinho do imposto, o nome do Ceréfilo⁵ está correndo os orbes. Aos donos do oiro nunca faltam retóricos, – dos que proclamam as lérias em que todos creem. Ora a filósofa! Pois que julgavas tu? 95

ANTÍGONA – É isso, Creonte, não nego. A maioria dos escribas e dos intelectuais que existem são donos improvisados de uma erudição que se vende, ou de um talentinho verbal, que se vende também. Os escribas! Um, não há muito, propunha à oposição que se matasse o Ceréfilo. E hoje? Proclama que o Ceréfilo é o salvador da Pátria. 100 Compraste-o. O serventuário dos ricos é comprador de literatos... e é senhor dos pobres. Quem serve os interesses materiais dos ricos faz dizer aos escribas o que bem lhe parece, e domina os pobres como bem lhe apraz. Não me dás novidade. Se possuíres o dinheiro, possuirás os homens. É contra isso que me revolto eu. 105

CREONTE – Revoltas-te? Servir-te-á de muito! Tu, – contra o mundo inteiro?

[68] ANTÍGONA – O mundo?... Mas quantos há aí que me aplaudiriam com gosto, se não fosse o susto que lhes cerra as bocas? Esse medo... ah, é o que prolonga a injustiça, é o que vos vale 110 a vós todos! E não tenho coragem de lho levar a mal, aos que se submetem por medo. Se se não conformassem... ai deles, desgraçados! Vós tiráveis-lhes o pão. O pão das mulheres, o pão dos filhinhos. A culpa é do sistema, muito mais que deles próprios. Há que tempo o sei eu! 115

CREONTE – Ah, deixa-me rir! Pois fica-te com esta: toda a gente

81 Bravo! Temos retórica! Deixa-me rir! A senhora B2: Bravo! Lá vens tu! Sempre a mesma! Uma senhora D

82 a gente! [Bonito!] Como se D

99 há não B2: não há D

110 <é> o que vos vale D

séria... claro, a que tem que perder... pensa aí como eu penso. Aplaudir-te, a ti? Mas quem? Um punhado de desordeiros, tão bons como tu, e sem o mínimo sentimento da realidade das coisas. Uma récuca de tolos, de idealistas, de... 120

ANTÍGONA – Dizes bem. De idealistas. Os partidários da revolução que se não creem idealistas... em meu juízo, pelo menos... não chegam bem a compreender-se a si.

CREONTE – Compreendeu-se a si, ao que por aí se está vendo, esse vaidoso das dúzias, esse louco iluminado, que era o teu irmão? 125

ANTÍGONA – O Polínicos, Creonte? Chama-lhe iluminado, chama. Eu vi-o como um luminoso, um facho. Como uma mente universal, toda aberta a tudo. Foi contra todas as violências, de onde quer que viessem. Contra toda mentira, sectarismo, dissimulação, estreitez. Os extremistas declararam-no imobilizado e obsoleto, porque eles próprios se imobilizaram na sua dura fé de sectários. Avançar, para eles, era ficar quedo em seus dogmas. Não viram que o Polínicos é que os ultrapassava, em seu voo porque era ágil e livre, porque se mantinha original e inventivo. Não nos tirava de uns dogmas para nos ir encerrar em outros dogmas. Era uma revelação individual do universal e do eterno, que buscava a unidade dentro do seu próprio espírito, [69] como a procurava também na estruturação do Mundo. Diante de um facto, nascia-lhe logo uma esperança; diante de um homem, enxergava sempre o seu mérito, – para o estimular, o alegrar, lhe infundir calor, lhe dar asas! A musicalidade, a simpatia, a dádiva de si, a benquerença, brotavam do seu íntimo como de claras fontes. O seu Amor, o seu Deus, – eram racionais, eram o Espírito. Amando a juventude – e tendo ele próprio alma jovem –, sonhava em reunir numa ação comum os que nasceram com dotes para homens livres, embora provenientes de orientações diversas: e isso para que criassem uma organização social que desprendesse 130 135 140 145

131 em sua B2: na sua D

132 dogmáticos B2: sectários D

132 <Avançar... dogmas.> D

132 parado D: quedo D1

133 Não podiam B2: Não viram D

133 os tinha ultrapassado B2: os ultrapassava D

134 porque sempre foi livre e inventivo, porque era original e era plástico B2: porque era ágil e livre, porque se mantinha original e inventivo D

135 de um cárcere B2: de uns dogmas D

135-136 meter em outro cárcere B2: encerrar em outros dogmas D

143 eram racionais, [e] eram <o> Espírito D

144 e sendo ele próprio um jovem B2: e tendo ele próprio alma jovem D

145 alma B2: dotes D

a todos das aflições terrenas, substituindo a luta pela cooperação fraterna. Quis compreender toda a gente, e ninguém a ele o entendeu!... Ai dos que nasceram com amplidão no espírito! 150
Que logo todos se empenham em os apertar e encolher, reduzindo-os à estreiteza das suas próprias seitas, das suas próprias mentes!
Oh, venham muitos como ele, para que tragam luz a estas trevas!

CREONTE – Tonta! A tua adoração transfigura-o!

ANTÍGONA – Respiro na atmosfera das recordações que dele 155
tenho. Céus! Que sincero o vi sempre, que verdadeiro e que límpido! Proclamou sem ambages o que lhe pareceu o mais justo, – agradasse, ou não, a vermelhos ou a azuis. Não seguiu os poderosos, nem as opiniões em voga, nem os senhores intelectuais, nem o favor das plebes. Quantas vezes, por isso, foi 160
seu destino o ir só! Tal como a labareda, tal como as estrelas, dir-se-ia que o seu ser se convertia em luz!

CREONTE – E onde nos levaria essa luz que apregoas?
À confusão, à desordem. Ele, a salvar o mundo!

ANTÍGONA – Nunca sonhou com tal coisa. Quer dizer: com ser ele 165
o construtor da sociedade justa.

CREONTE – Que queria então? Que pensava?

ANTÍGONA – Em dar ao povo os instrumentos para que a construísse ele próprio. Para se libertar a si mesmo.

CREONTE – O povo! Congeminações de filósofa! Ná: o que poderá 170
encaminhar-nos não é a falsa luz dos filósofos: é o instinto da vida, é a razão vital!

[70] ANTÍGONA – Conheço tais frases. Não são mais do que frases.
A razão vital! Mas isso, vês tu, é uma contradição em si. Com

149 Queria perceber *B2*: Quis compreender *D*

150-151 Pois todos *B2*: Que logo todos *D*

152 almas! *B2*: mentes! *D*

164 Mundo *B2*: mundo *D*

167 Dir-me-ás? *B2*: Que pensava? *D*

168 Dar *B2*: Em dar *D*

168-169 para a construir ele próprio. *B2*: para que a construísse ele próprio [, à sociedade justa]. <Para se libertar a si mesmo.> *D*

170 Que ideia! É bem de um filósofo!... *B2*: Congeminações de filósofa! *D*

feito, não será a razão a reformatriz da vida? Tendes todos 175
teimado em sacrificar o espírito, e muitos que o renegam
pretendem falar em seu nome. Uns sacrificam o espiritual ao
instintivo; outros, à vida, à matéria, à ânsia do poder, à raça...
ou às forças produtivas, à Nação, à fé irracional, ao sexo... Ah,
Creonte! O grandíssimo trabalho que se têm dado os homens 180
para se convencerem a si próprios de que não são mais do que
máquinas, produtos das circunstâncias, simples reflexos das
coisas! Ou só feixes de instintos, puros servos do inconsciente!
Ao Polinices, porém, coube-lhe defender o espírito, e colocou-
-se por aí em oposição a vós todos. Como havíeis, portanto, de 185
o compreender a ele?

CREONTE – Pois se era impossível? Eu sim, que sei fazer-me
entender!... E depois, tenho os factos. O real, o sólido. Os orça-
mentos com saldo, a prosperidade, a ordem. Sim, são factos: e
contra factos não há argumentos, como diz toda a gente! 190

ANTÍGONA – Pois pensa antes o inverso. Contra bons argumentos
não existem factos. Por um tecido de argumentos é que se estabe-
lece um facto, – a autenticidade de um caso em que uma pessoa
crê. Criarás o teu Mundo pelo suor do teu rosto, em tua mente
inventiva. Essa prosperidade, por exemplo, diz-me: será ela um 195
facto? Será um facto essa ordem?

CREONTE – Lá vêm os paradoxos. Mas de que é que te servem?
De que poderão valer os teus sofismas de doida contra o senso
[71] comum e a realidade das coisas? Contra o que se sente e
toca? Contra o que se palpa e vê?... Quem quer saber de sofistas? 200
Só os homens de juízo é que no caso importam: e os homens de
juízo estão aí do meu lado, – todos. E também os sacerdotes,
que são para mim os mais sábios. Não te informaram ainda do
que declarou o seu chefe?⁶ Que sou eu quem defende a civili-
zação dos deuses? 205

ANTÍGONA – A civilização dos deuses! E a opinião do chefe dos
teus sacerdotes! Dos *teus* sacerdotes!... Mas que percebem eles
do que realmente importa? São também uns escravos do poder

174-175 [Convém-te essa moda.] <A razão vital!... reformatriz da vida?> D

174-175 em si, uma contradição nos termos. Pois não será D: em si. Com
efeito, não será D1

188 O real, entendes? B2: O real, o sólido. D

194-195 rosto <, em tua mente [ativa] inventiva>. D

202 lado, <-> todos. D

208 importa? [Nada, Creonte, nada!] São também D

do dinheiro, da ordem da matéria, da superstição da força! São os *teus* sacerdotes! Apodam de materialistas todos os que deles dissentem, mas crenças materialistas são as crenças deles. Sim, deles, que têm sido os trânsfugas da religião do espírito! 210

CREONTE – Crenças materialistas, as dos meus sacerdotes? Eles, mentecapta, que condenaram o materialismo dos ateus extremistas? Do extremismo ateu? 215

ANTÍGONA – E o ateísmo dos outros? E o verdadeiro materialismo da doutrinação burguesa? Porque é que o ateísmo dos ateus extremistas os aflige muito mais que o dos ateus ricos? Ou será que o ateísmo serve aí de pretexto para atacarem o que desagrada à oligarquia impante?... Ah, quanta hipocrisia nos teus grãos sacerdotes!... E de aí? Pensarão que os bons deuses devem ser venerados porque são eles que defendem a propriedade e o lucro?... Mas, enfim, percebo-te: pronunciando discursos [72] contra os ateus extremistas, prestam-te um serviço, e aos senhores ricos. E é justo que o pagues... Escuta: ordena que lhes deem umas barrinhas de ouro. Odres de bom mel – e barrinhas de ouro. O Sumo Sacerdote da religião ceréfila não quis ir aos teus campos onde se mata aos poucos, visitar os encarcerados, consolar os enfermos, como lhe manda o seu livro. Isso sim! Velejou em direitura para as barrinhas de ouro. Para as festas de homenagem, para os odres de bom mel, para as ofertas forçadas de barrinhas de ouro. Ouro arrancado com o próprio sangue de escravos, num viver de agonias. Visitou ele os escravos? Dir-mo-ás, Creonte? 220 225 230

CREONTE – Cala-te blasfema! E os milagres? Não existem os milagres, que testemunham por eles? 235

ANTÍGONA – E que há de mais materialista do que tais “milagres”?

CREONTE – Materialistas, os milagres? Que estás tu a insinuar? Que sabes tu de milagres? Pois olha: ainda há pouco, em Fátiras⁷... Tu sorris, pensadeira? É que não crês em milagres, hein?

ANTÍGONA – A acreditar, Creonte... só naqueles que se passam na consciência dos homens, no seu ser interior. Naqueles que consistem em espiritualizações das almas. Quanto aos outros... queres que te diga?... parecem-me sortes de prestidigitação pueris, como o do sol em Fátiras a girar à doida, qual roda de 240

214 idiota B2: mentecapta D

225 pagues. B2: pagues... D

232-233 ouro. [Pois então?] <Ouro arrancado... Dir-mo-ás, Creonte?> D

um carro... e procuram-se por eles, em última análise, determi- 245
nadas vantagens materiais para os crentes... ou que se dizem
crentes... quando não a satisfação de bem ruins paixões! Vá:
passeiem o ídolo, que sempre renderá alguns cobres... Tristes
superstições e materializações mesquinhas, a que se agarra a
boçalidade das multidões ineptas! Superstições que cultivas, 250
[73] porque te convém cultivá-las!

CREONTE – Superstições! Mas os chefes dos sacerdotes – gente de
polpa e grave, de consideração, excelsa – dão pleno assentimento
a essas convicções do povinho, manifestações de uma fé, de um...

ANTÍGONA – Pois claro que dão. As materialidades do culto, 255
as superstições grosseiras... mas é o povo que as quer, que
as inventa, as pede; é o povo ignorante que precisa delas: e
os sacerdotes satisfazem as abusões do povo... Pois pudera!
Hão de satisfazê-las, para terem um rebanho sobre que alçar
o seu mando, para poderem exercer a sua missão de políticos. 260
Que eles não são moralistas, mas sim políticos. Ajudam os dinhei-
rosos a subjugar os povos e defendem a ordem social presente.
Ah, fossem eles religiosos, em vez de políticos! Defendessem o
Divino, em vez do Dinheiro!

CREONTE – Quem estás tu caluniando? Ousas afirmar que esses 265
homens...

ANTÍGONA – Há exceções, não contesto, que sou eu das primeiras
a admirar e a amar... e que o Ceréfilo persegue, expulsando-os de
Tebas. Oh, como eu os venero, a esses poucos sacerdotes que são
espirituais e são puros!... Mas tão raros, justos céus, tão raros! 270
A imensa maioria é o que te disse há pouco. Não tem inteli-
gência... nem religião, coitados!... e ensinaram-nos a oporem-se
à emancipação dos pobres. Satisfazem, por um lado, as supersti-
ções das massas e, por outro, os interesses dos senhores da riqueza.

248 sempre [lhes] renderá *D*

252-253 CREONTE – [Basta, irreverente! Cala-te! Eu te ensinarei, men-
tecapta!] Superstições! [superstições!] Mas os chefes dos sacerdotes – gente de
polpa [.] <e> grave *D*

259-260 satisfazê-las, [de qualquer maneira,] para terem um rebanho
sobre que alçar o seu mando, [para guardarem o seu crédito junto da grei que
os venera,] para poderem *D*

265-266 CREONTE – [Calúnias!... Mentas!] <Quem estás tu caluniando?
Ousas afirmar que esses homens...> *D*

268-269 que tu persegues, odiando-os. *B2:* que o Ceréfilo persegue,
expulsando-os de Tebas. *D*

269 aos poucos *B2:* a esses poucos *D*

270 e puros!... *B2:* e são puros!... *D*

É a [74] política deles, que não são mais que políticos. Para 275
continuarem a dirigir e a consolar as turbas, para conservarem
a ordem tradicional das coisas, – é necessário aos sacerdotes o
condescender com o vulgo, com as superstições que têm origem
no seu atraso mental. Não lhes seria possível contrariar a plebe 280
e continuarem a ser chefes da religião da plebe. Sacerdotes que
se metam na governação política hão de ter sempre os vícios de
que padecem esses. E não é de tais homens, mas de nós... de
nós, sim, dos que tu chamas filósofos, pensadores, iluminados,
doidos... de nós unicamente que poderá vir a emenda. Elevemos 285
nós-outros o pensar das gentes, iniciando-as na vida do genuíno
espírito, e já elas deixarão de reclamar milagres, e já os chefes
eclesiásticos lhes inculcarão outras crenças: uma religião mais
alta, mais pura... uma mística racional, toda humana... O que
na fé do teu clero me desagrada a mim – é isso, precisamente:
o materialismo dela. O materialismo, entendes?... Creio que sim, 290
que entendes. Que, lá no fundo, entendes.

CREONTE – Vocês, os filósofos, a educarem o povo! Fá-la-iam
bonita!

ANTÍGONA – Bonito ou não, o que te digo é isto: não creio, eu, que 295
os sacerdotes-pastores possam ter maneira, nas suas relações
com as ovelhas, de ultrapassar a mentalidade da maioria delas.
A espiritualização dos povos só pode vir de nós-outros, dos
que não são mais do que apóstolos. Dos que não têm que
temer que lhes escape o mando. Dos libertos da responsabi- 300
lidade de sustentar uma Igreja, de governar os homens. Dos
que não usam capacetes rutilando ao sol, nem roupas purpu-
rinas, [75] nem atavios áureos, e que não movem um átomo
de força física, porque só têm as armas imateriais do espí-
rito. Quem se veste de púrpura há de pensar com o seu traje,
– sob a sugestão da importância do seu próprio traje: como 305
pensará com o bom senso? Já meditaste, Creonte, na situação
de um magnata que tem de se vestir de vermelho, de usar
anéis que se beijam, e de estar sempre obrigado a tomar a
sério essas galas?... Ah, construamos na inteligência e no 310
genuíno espírito, e os fantasmas caducos cairão por si!...
Até lá o escuríssimo espetáculo que nos darão esses homens será
o da estrénuo defesa do poder dos ricos. E por isso é que estimo
e que admiro tanto os sacerdotes que divergem da mesquinhez
comum... Apareçam crentes e sacerdotes puros, a servirem com

275 e eles são políticos. B2: que não são mais que políticos. D
290-291 entendes? <... Creio que sim, que entendes. Que, lá no fundo,
entendes.> D

sinceridade os ideais que assoalham, e saberei recebê-los como 315
a meus irmãos!

CREONTE – Lábia não te falta. Mas não vou eu nesse jogo.
Que quererias, tu, afinal? Tirar a religião às almas?

ANTÍGONA – Não! Compreensão amplíssima! Mais: simpatia,
amor! Não me anima o empenho de retirar os homens da fé ou 320
incredulidade que cada um professa, e que a eles se lhes afigura
como sendo a boa: só desejo que concebam de uma maneira mais
alta – mais espiritual, mais rasgada – a religião ou irreligião que
tem sido a sua. Respeito – ouviste-me? – as aspirações dos fiéis.
Que as espiritualizem ao máximo: eis aí o que lhes peço, – tão-só. 325

CREONTE – Mas os outros democratas não vão aí contigo. No que
cuidam, antes de tudo, é em combater a religião. É em atacar
o clero.

[76] ANTÍGONA – Alguns sim, com efeito. E percebe-se, ao cabo:
porque tanto os exasperaram, esses teus sacerdotes! Tanto gostam 330
de auxiliar os perseguidores e os brutos, tanto se sofre no Mundo
pelo seu ódio estúpido! Tão incompreensivos, tão perseguidores,
tão duros, que tornaram para muitos a religião repulsiva, e suspeita
e antipática essa palavras “Deus”! E sem embargo, Creonte, o
bom remédio para tudo creio não estar onde eles julgam, os livre- 335
-pensadores de quem falas. Obsessiona-os a ideia de opor um
dogma a outro dogma, de triunfar do fanático por um fanatismo
ao revés. Da resistência à política dos sacerdotes políticos, – tão
necessária e tão justa – passaram a ofender as próprias consciên-
cias piedosas, a própria religião dos mais puros: o que é arriscado 340
e insensato. E enquanto o povo se distraía a guerrear com os faná-
ticos, o argentário repousava, e podia dormir sem temores... E aí
tens. Percebeste-me? Ficaste entendendo porque não ataco esses
homens, – como tantos dos democratas, que somente a eles é que
increpam? Antes de esclarecida a pobre gente ignara pelo treino 345
escolar na disciplina crítica – mas que realmente o seja – há de
haver, por necessidade, muita superstição entre as massas, e há
de ter o sacerdote de lhe ser benigno e animá-la. Os pastores são
levados pelo rebanho que eles guiam. Um círculo: vês tu?

317-318 [Idiota! Que quererias, em suma?] <Lábia não te falta. Mas não
vou eu nesse jogo. Que quererias, tu, afinal?> *D*

325 peço, <--> tão-só. *D*

338-339 políticos, tão necessária e tão justa, *B2*: políticos, – tão neces-
sária e tão justa, – *D*

343 porque [é que] não ataco *D*

CREONTE – Círculos de enredos são os que tu estás fazendo. 350
Mas acabemos com isto! Tu mesma te admirarás da minha
ingenuidade e fraqueza, condescendendo em escutar-te.

ANTÍGONA – E porquê? Estás no teu papel, creio eu. No papel
que tomaste... ou que te viste levado a tomar. É uma função da
autoridade, esta de interrogar quem foi preso. 355

*(Creonte tem um gesto de aborrecimento súbito: passeia pela
quadra em meditação amarga; e depois)*

CREONTE – Infelizmente. Bem triste folgado, o de estar a ouvir
baboseiras! Dizias então que os sacerdotes...

[77] ANTÍGONA – Ora atende: neste regime que é o nosso... 360
o económico, percebe-se... os sacerdotes dependem dos que
são senhores das riquezas: e por isso é que os servem. Da classe
dos abastados é que lhes vem a eles a pujança, a energia com
que defendem a dominação dos ricos... e também a deles
próprios. Como a ti, afinal. São os reis da pecúnia os que te dão 365
a ti o teu mando.

CREONTE – A mim? Que tonteira! E então a tropa?

ANTÍGONA – A tropa... não sei o que pensa... se pensa. Mas tu?
Serves os ricos, e por isso te agentas. E o Ceréfilo, também.
Lembras-te do seu bom amigo, e o grande banqueiro, o 370
Psiquítrato⁸? Que me dizes dele? Não é um símbolo?... Na
sociedade que temos, os sacerdotes que são? O que podem ser,
simplesmente. O que o regime económico lhes impõe que sejam.
Precisam das dádivas da gente rica, e não lhes fica remédio senão
servi-la. Quando haja um dia uma sociedade mais justa, poderão 375
libertar-se das servidões que os deprimem, da atual necessidade
de defender essa gente. Portanto, quem corrigir a sociedade é
que purificará o Templo. A maioria dos sacerdotes só adorará em
espírito na atmosfera tonificante de uma sociedade sem classes:
e de nós, revolucionários, lhes há de vir a possibilidade de 380

350-351 Vejo uma parva a dizer tolices. Acabemos com isto! *B2:* Círculos
de enredos são os que tu estás fazendo. Mas acabemos com isto! *D*

353-354 <No papel que tomaste... ou que te viste levado a tomar.> *D*

356-357 <(Creonte tem um gesto... e depois:)> *D*

358-359 [Os sacerdotes! Pois pensas deles...] <Infelizmente... que os
sacerdotes...> *D*

359 tolices! *D:* baboseiras!... *D1*

368 [Ora!] <A tropa... não sei o que pensa... se pensa. Mas tu?> *D*

379-380 classes; e de nós *B2:* classes: e de nós *D*

fazerem santo o seu Deus. Aí está, Creonte. Expliquei-te talvez com claridade bastante, porque é tempo perdido o da discussão com o clero. Tratemos de destruir a onnipotência do ouro e de ensinar aos pobres o seu bom caminho: o da cooperação emancipadora, o do juízo crítico. O corpo dos sacerdotes só há de entrar na decência quando já não haja plutocratas a cujo serviço se ponha, de cuja proteção ele precise. [78] Como estás observando, não acuso este ou aquele, não lanço culpa a ninguém. Há uma herança de séculos que a todos tolhe e embarça; há um sistema de sociedade a que todos nós estamos presos, – e os sacerdotes conosco. A que estão presos os pobres, como estão presos os ricos. A que estás preso tu... Repara: a que estás preso tu. E nós, os revolucionários, é das malhas desse sistema que pretendemos livrar todo o mundo.

CREONTE – Como livrar-nos? Tirando aos ricos o seu? O que seus pais lhes deixaram?

ANTÍGONA – Não odeio os ricos, Creonte! Rica sou eu, como não ignora ninguém. E filha de reis, princesa.

CREONTE – Que fugiu à lei do seu sangue, para se conchavar com plebeus!

ANTÍGONA – Não! O verdadeiro aristocrata é o que sabe estar com o seu povo! Com os ricos traficantes é que ele não deve associar-se. Como tu, ou o Ceréfilo, – esse plebeu, esse pobre, que se pôs a servir os ricos... e que tem por si o rico, o ladrazo, o ganhão! O homem aristocrata que for democrata é que é duas vezes aristocrata. A mim, por ter alma de princesa é que a revolução me seduz, pois emancipar as criaturas é que é uma ação principesca. O meu único empenho é a libertação de vós todos. Todos! A dos ricos também. Os ricos possuídos do apego às riquezas são apenas os escravos do seu próprio ouro. Essa tal felicidade dos que lucram muito – não te diz a experiência que é em grande parte fictícia? Não vês que é mais tempo o que consagram eles a conquistar os cabedais que ainda não possuem – com que torvas [79] preocupações, em grande parte dos casos! com que vis subserviências! com que mortais

392-393 <... Repara: a que estás preso tu.> *D*

395-396 [Livrar-nos, livrar-nos! Não está má livrança!] Como livrar-nos? Tirando aos ricos o seu? [Os seus legítimos lucros?] O que seus pais lhes deixaram? *D*

405 ganhão. *B2*: ganhão! *D*

409 todos, – a dos *B2*: todos. Todos! A dos *D*

incertezas! – do que a gozarem dos bens que adquiriram já? Não tens observado nessa gente avara como a ânsia do lucro lhes envenena o íntimo? Não vês que a necessidade de lutar pela vida é causa de que os atos da maioria dos homens são sempre piores do que as próprias almas, do que os seus corações?... Ah, não quererem entender esses teus ricaços quanto eles e seus filhos ganhariam com isso, se os homens se libertassem do seu mais duro infortúnio... 420

CREONTE – Que infortúnio, Antígona?

ANTÍGONA – O de guerrearem entre si para ganhar o pão! O da luta pela vida, como lhe chamam para aí, – mas que a tantos tem levado mas é à morte; mas que a tantos tem levado mas é ao suicídio! Rivalizar, emular, concorrer, esgotando-se! Matarem-se aos poucos a competir com os demais! Vencer concorrentes, queimar-se a excedê-los! Arrastar-se, forçado, para o redemoinhar dessa arena, e acabar parvoamente, a atulhar ainda o seu bolso! Quantos vivem amarrados a um triste mister que detestam! Sim, que detestam, porque nada nele os interessa, porque nada nele fala à alma! 435

CREONTE – E a mim, Antígona? Em que me fala à alma o meu cetro? Nunca amei o poder, como o ama aí um Ceréfilo; nunca os gozos da vida, como os ama aí um Ortágoras⁹. Mas a sociedade é um facto. Necessário, eterno, nesta mesma forma em que existe. Represento dentro dela o papel que me coube. Tu é que não. Desertaste. Em mim, o que chamas tirania é só o dever do meu posto. 440

ANTÍGONA – Convenceste-te disso, coitado! Pois, Creonte, em mim o revolucionismo é só a flor da piedade, – da compaixão pelos escravos do vil sistema do lucro, da misericórdia pelas vítimas da preocupação do dinheiro, do negro temor do amanhã. 445

424 Que infortúnio, diz? B2: Que infortúnio, Antígona? D

428 Oh, rivalizar B2: Rivalizar D

434 fala à alma! [Oh, os que nessa tumba dos negócios se sentem asfixiar e morrer!] D

435-441 [E é por isso que tu...]< E a mim Antígona?... só dever do meu posto> D

436-437 nunca amei as delícias, como as D: nunca os gozos da vida, como os DI

437-438 A sociedade D: Mas a sociedade DI

439-440 que fugiste do teu. D: que não. Desertaste. DI

442-443 Sim, por isso! Em mim o revolucionismo B2: Convenceste-te disso, coitado! Pois, <Creonte,> em mim o revolucionismo D

445 amanhã! B2: amanhã. D

Dessa forma da sociedade que é para ti necessária; que tu crês natural, sempiterna. Ah, pudesse eu libertar-te! Tenho dó do indigente, mas também do opulento, – mas também do poderoso, quando é um desgraçado também. E que quase sempre o é também. Como tu próprio, talvez. 450

CREONTE – Os indigentes! Mas serão eles infelizes? Mais infelizes que os outros? Do que eu, por exemplo? Se não conhecem melhor? O que possuem lhes basta. E se não bastasse, afinal, [80] consolasse-os a religião, com as suas visões de além-túmulo. Não cries necessidades em quem as não precisa. E demais, 455 pensa tu: do dinheiro que lhes déssemos, que iriam fazer os homúnculos? Beber melhor? Embriagar-se?

ANTÍGONA – Não é dinheiro, não, o que peço que se dê a esses míseros: é o nosso interesse, o nosso amor, o nosso pensamento, a nossa alma, para que criem para todos um conviver mais humano, 460 onde os estigmas da penúria se vejam mais e onde o maior número dos capazes disso possam viver uma vida espiritual e nobre, desopressa de ignomínias para ganhar o pão. Onde se não levem as pessoas à desvalorização de si próprias... Desejo que os homens possam viver no espírito, e não busco que os pobres 465 passem a gozar como os ricos. Não: nem ricos, nem pobres, nem plebeus, nem magnatas: desejo almas, tão-só. Quisera-me um espírito, e busco espíritos; quisera-me uma artista, e busco artistas. Que a sociedade tenha um corpo que corresponda bem à nossa alma! 470

CREONTE – E para quê? Nunca, até hoje, se pôde ver nada disso!

ANTÍGONA – E que me importa a mim o que se viu até hoje? Alegações da História não as quero eu aceitar, nem que se infira do passado o que havemos de ser no porvir. A ideia do futuro – a do futuro, ouviste-me? – é a que vivifica as pessoas. O que se 475 não viu até hoje poderá ser visto amanhã. Só penso no bem material do povo para o elevar ao ádito de uma ascensão ao espírito. Reclamo sobretudo uma espiritualização da vida, e por isso é que [81] sonho em arrebatat os míseros ao combate com os outros pelo pão diário. *Trabalhar* pelo pão: não *lutar* por ele. Sem escravidão 480

446-447 <Dessa forma da sociedade... libertar-te!> D

447 pena B2: dó D

448-449 <- mas também do poderoso,> D

449-450 E que muitas vezes o é. B2: E que quase sempre o é também.

450 [Tenho dó de ti] <Como tu próprio, talvez.> D1

451-452 <Mais infelizes [do] que os outros? Do que eu, por exemplo?> D

471 Ora! Ridículos sonhos, quimeras! B2: E para quê? D

à matéria, sem se brigar com os demais. Não quero que à igualdade, à prosperidade, à abundância, se sacrifique o ser íntimo: nem a liberdade das criaturas, nem a diversidade dos gênios. A reorganização do social há de concorrer para a justiça, mas o reino da justiça não está na reorganização do social. Está no homem justo, somente. No âmago do seu pensar, no seu íntimo. 485

CREONTE – O justo! O que vem a ser o homem justo?

ANTÍGONA – O que subiu ao Espírito, Creonte. O que encara os outros como quem subiu ao Espírito. O que incita os demais a subir a esse nível. Ser justo, ser espiritual, ser livre, é superar o irracional que dentro de nós encontramos – pelo esto racionalizante, que também se acha em nós mesmos. 490

CREONTE – Em nós? Porque o dizes?

ANTÍGONA – Ora atende. Quando tu pensas – se o pensas! – ante o teu próprio adversário... contra o teu sentir e o teu ímpeto, contra o que é *natural* em ti mesmo... quando te sucede convencer-te de que é ele que tem razão, e não tu... nesse instante, Creonte, não somente te colocas num modo de pensar que te excede, senão que supões, além disso, que há uma ordem ideal, verdadeira. O discutir do errar ou do não errar do intelecto, o buscar a luz da verdade, o poder demonstrá-la e admiti-la, implicam, pois, a existência de um juízo livre nos homens, de uma livre ação de ajuizar. A não existir essa ordem – que é a da verdade e do eterno – seria falho de sentido o ter razão o adversário, o poder alguém ter [82] razão. E o mesmo ocorre ao cientista, quando ele afirma uma ideia que vai ao revés do sensível, – como a de que é a Terra que gira, como a de que têm existência os antípodas. Como vês por este exemplo, a revelação do espiritual é um caso familiar e claríssimo, que tu podes comprovar em ti próprio. Topa-se aí o divino – se lhe quisermos chamar o divino: sim, nessa universalização da consciência, nessa dessubjetivação do pensar. Não nos milagres das tuas várias Fátiras, que tu trata de explorar para os teus fins políticos. 500 505 510

CREONTE (*Para diante dela, encarando-a; um intervalo de silêncio; e a seguir*) – Governar é governar, Antígona: uma necessidade primordial, suprema; e o destino é o destino... Mas suponhamos, tontinha. E agora responde-me, a sério: ignoras 515

512 que <tu> trata D

514-515 <(Para... a seguir)> D

515-516 [Insolente!... Pois] B2: <Governar é governar,...Mas> D

que a maioria dessa grande massa de homúnculos não nasceu com capacidade para pensar coisa alguma? Que o máximo resultado que se pode obter dos seus cérebros é o de decorar formulários, o de recitar cartilhas? 520

ANTÍGONA – Já o senti, Creonte. E com que tristeza, sempre! Mas tenho fé na Razão, e preciso de trabalhar por que não seja assim no futuro.

CREONTE – Pois quê? Esperas que todos, um dia, possam subir a tal nível? Queres aristocratizar todo o povo? Sonhas em santificar toda a gente? 525

ANTÍGONA – Pelo menos, em que a organização da sociedade não seja um obstáculo a esse empenho. E depois... porque não? É isso: aristocratizar todo o mundo. A luta pelos interesses plebeiza os homens. Busco, realmente, o aristocratismo e a paz. 530

CREONTE – E crês tu que é possível?

ANTÍGONA – Nem me pergunto se o é. Ninguém sabe se o é, e o que poderá ser algum dia. Que queres? Impõe-me a consciência que tenha em mira um tal fim. Aliás, quem dá limites ao espírito? Com a ciência a que chegámos, com a que há de haver no futuro, nada me parece impossível. Pode-se tudo esperar. 535

[83] CREONTE – Ah, o orgulho da inteligência! A presunção dos filósofos!

ANTÍGONA – Presumida? E porquê? Falo da inteligência, em geral: não, claro está, da que me coube a mim em quinhão. Tenho-me em pouco, Creonte: porque me sucede mil vezes cair do nível do espírito, trair o Universal em que eu creio. É orgulhoso, sem dúvida, quem se gloria da posse de uma visão definitiva das coisas, pela 540

517-518 não sabes, então, que a maioria dos homens *B2*: ignoras que a maioria dessa grande massa de homúnculos *D*

519 dotes *B2*: capacidade *D*

519-520 máximo esforço de que são capazes *B2*: máximo resultado que se pode obter dos seus cérebros *D*

521 cartilhas, *B2*: formulários, *D*

522 Sei. Tenho-o sentido *B2*: Já o senti *D*

522-524 Mas quero proceder como se fosse possível que deixasse um dia de ser assim. *B2*: Mas tenho fé na Razão, e preciso de trabalhar por que não seja assim no futuro *D*

525 Em suma: esperas *B2*: Pois quê? Esperas *D*

526 Queres santificar *B2*: Sonhas em santificar *D*

528 que a organização *D*

532 [Só à gargalhada! Impagável! Então...] E crês tu que é possível? *D*

534 <Que queres?> *D*

virtude indiscutível da obscura crença num dogma. Orgulhoso é o
dogmático. Os que nos aparecem armados de qualquer fé inson- 545
dável, de pura tradição e arbitrária, que deve imperar porque é
deles... e que querem impor aos demais. Como tu, como os teus.

CREONTE – Porque é a verdade! Porque é o real!

ANTÍGONA – Verdade, para mim, é o que a consciência me dita:
o dever-ser, a reciprocidade, o Bem. Pensas como os chefes 550
dos teus sacerdotes, que são também do teu tipo. A verdadeira
inteligência é que é modesta e hesitante, – e nos momentos, até,
em que ela parece exaltar-se: e o fanático de um dogma é que
é sempre duro e orgulhoso... afirmativo, soberbo, dominador,
ufano... ainda nos relanços em que toma o ar da humildade. 555
Sinto-me pequena, sinto-me: mas sei que outros são grandes, e
espero a vitória do Espírito. Ou, antes, sinto-me no dever de a
buscar. Ou de acompanhar os que a buscam, tão-só.

CREONTE – O espírito! A que chamas tu o espírito?

ANTÍGONA – Pois não to disse, – e há bem pouco? É aquilo que 560
em ti mesmo te permite conhecer-te a ti mesmo, te permite
julgar-te a ti próprio. O que estando em nós nos faz unos.
Subirás, pois, ao Absoluto, [84] – digamos, por outra forma,
que criarás o divino em tu' alma... em ti próprio, repito, em
tua consciência, entendes-me?... se fores largo, compreensivo, 565
universalista, aberto, – com clara generosidade ante os homens,
com santo amor a nós todos. Livre, por isso, das limitações de
espaço e de tempo, de família e de classe, da tua própria grei e
da raça. O espírito, perguntas? É o nível mental a que sobe em
nós a consciência quando conhece e quando julga o que é só 570
natural em nós mesmos. Quando refluí para o que nos chama
ao que deveríamos ser e não somos. Há em nós esse anseio do
que deveríamos ser e não somos: e o que amamos nos outros,
às vezes... e talvez sempre, quem sabe?...é o que deveríamos
ser e não somos... Ou reflexos, vislumbres, do que deveríamos 575
ser e não somos...

548 Desaforada! ...Pois dizes... B2: Porque é a verdade! Porque é o
real... D

549-550 Sim! Repito-o: como tu, como os teus! Como B2: Verdade...
Pensas como D

550 <a reciprocidade> DI

558 buscar, ou no de acompanhar B2: buscar. Ou de acompanhar D

558 buscam. B2: buscam, tão-só. D

559 [Que néscia!] O espírito! D

566 aberto, <-> com clara D

CREONTE – E ter eu de aturar-te, porque tens o fanatismo da Ideia!
Ou da Razão, ou do Ideal, ou do Eterno, ou do que seja! A ti, e
aos outros...

ANTÍGONA – Foge à obsessão do sensível, e logo perceberás o 580
que eu digo. Não vês tu que a consciência – a minha, a tua, a do
teu Ceréfilo, talvez – tem a faculdade de desprender-se da sua
situação exclusiva? a de ultrapassar os limites da sua individua-
lidade vivente? a de fugir às garras do corpo, lástima comum
de nós todos?... 585

CREONTE – Lástima?

ANTÍGONA – Mas degrau, igualmente, para a nossa ascensão à
unidade. Obstáculo a superar no movimento de libertação que
é ser livre. Quem quer que supera o instintivo – e o seu lugar, e
o seu tempo – vai por uma estrada infinita, onde se pode dizer 590
que se faz Deus. Eis a fé racionalista, que era a do meu irmão e
que é minha. A [85] irracionalista, a autoritária, a tua... não será
impulsão fisiológica, não mais de estimar do que as outras?

CREONTE – Hipócrita! Sempre ouvi dizer que és atea! Que é esse
Deus, de que aí falas? 595

ANTÍGONA – Não sei; mas sinto, experimento, intuiciono isto, este
facto: a atitude divina em nós próprios...

CREONTE – Esse Deus... percebo: é a Natureza, em resumo.

ANTÍGONA – Enganas-te. Busco o ideal na consciência, e só na cons-
ciência é que o busco. Não adoro a Natureza, não, nem um suposto 600
artífice que a fez, nem uma Sobrenatureza fantástica, situada para
além, lá nos céus...

CREONTE – Sobrenatureza? Que é isso?

ANTÍGONA – Pois que é o teu céu, finalmente? Uma cópia 605
subtilizada dos bens corporais deste mundo. O que em nós é
Natureza – e só Natureza, obscuríssima – concebe um Deus
que faz medo, com as paixões naturais que nós temos. Um
Deus da imaginação, do instintivo, que pune o pecador e o

577-579 [Oh! Que frioleiras tu dizes! Que incompreensíveis retóricas!]<E
ter... aos outros...> *D*

604 finalmente? [O dos autoritários? O dos purpurados? O dos teus sacer-
dotes?] Uma cópia *D*

atormenta. Por quem se benzem as espadas, como se viu fazer
ao teu clero. O Deus dos exércitos, o Deus das sangueiras. 610
O que dá vestes purpúreas, o que faz pedir barras de ouro... Pois
para esse Deus sou atea. Mas concebe-se outro: o do espírito.
O que se não pode olhar face a face, porque tão-só se vê mente
a mente. O que não está no céu, mas nas almas, – alheio ao
espaço e aos instintos, [86] fora da imaginação e do tempo. O 615
que a alma topa em si mesma, – na sua aptidão para ser sábia,
na sua aspiração para ser justa...

CREONTE – Ora! Isso é lá Deus, é lá nada! Que te preste!
Uma ideia abstrusa e ridícula, inconcebível para a maioria dos
seres humanos... Para a maioria? Que digo? Para todos, vamos! 620

ANTÍGONA – Pois tanto pior para nós todos! Ah, se chegará o
dia em que a entendam! Que felicidade para os homens, que
formosura para o Mundo – sim, se os seus sábios deixassem
de desespirtualizar a ciência, se os seus crentes deixassem de
desespirtualizar a fé! 625

CREONTE – Estás sonhando o impossível! Racionalidade! Espí-
rito!... Qual! Os homens são brutos. Cumpre dominá-los! Com
autoridade e a chicote! É a dura necessidade, que se nos impõe
a todos! Venha, pois, um Super-homem, dominador de escravos!

ANTÍGONA – Venha o Super-homem, *libertador* dos escravos, – li- 630
bertador dos tebanos! Seja o Super-homem a aspiração de nós
todos! É também o que eu sonho. Mas sem o entender como tu.
Tu vê-lo como ampliação do homem natural e instintivo; e eu,
pelo contrário, como aquele que se liberta das suas escravidões ao
sensível, e promove, por aí, a libertação das mais almas. 635

CREONTE – Os tebanos, – super-homens! Nem simples homens,
pateta!... E livres! Pois julgas tu que eles pudessem... ora!

ANTÍGONA – Percebo-te, Creonte. Vimos coisas bem tristes!... Mas

610 exércitos, o das sangueiras épicas B2: exércitos. O Deus das san-
gueiras [épicas] D1

611 barrinhas de ouro... B2: o que faz pedir barras de ouro... D

627 brutos. [Hão de ser sempre brutos.] Cumpre D

628-629 <É a dura necessidade, que se nos impõe a todos!> Venha <, pois,> um D

636 super-homens!... B2: super-homens! D

637 Pois julga-os com capacidade para poderem ser almas livres? B2: E
livres! Pois julgas tu que eles pudessem... ora! D

638 Percebo-te, Creonte. [... Ai de mim, se percebo!] Vimos coisas D

que importa? Deverei eu esforçar-me por que saibam sê-lo algum dia. 640

CREONTE – Algum dia!... Coitados! O sistema de governo da plutocracia e do clero – esse sim! É o único que assegura a boa ordenação deste Mundo. O poder vem de Deus, e Deus deu-o ao dinheiro. Tudo mais é anarquia. Para ventura dos tebanos – que são sugestionáveis e tontos – tire-se-lhes a liberdade, a deliberação, a ideia. 645 Ditem-lhes palavras e obedecerão às palavras. Ordens formais. Que se ponham de luto, e pôr-se-ão de luto; que se mostrem [87] contentes, e mostrar-se-ão contentes. Deem-lhes imagens, exposições, jogos de competição, cortejos. Isso sim, para os fazer ditosos! De uma ventura de suínos, que é a de que são capazes? Eu é que os 650 amo, que sei entretê-los com dices, e que reconheço que a liberdade lhes é a eles bem pesada, que é para eles um castigo. Nada! O ídolo de Fátiras, com procissões bem vistosas! Cortejos históricos, com ouropéis que rebrilhem! Vê-os aí, pelas ruas: como correm todos em massa, a ver paradas e galas, e sem se importar com os seus 655 ferros! Diga-se-lhes que é tudo para o maior bem do rebanho, e desprezem-se no íntimo, que é o que merece o rebanho. Eu é que os conheço. Não és tu, certamente... Ah! e cárceres bem fundos, para quem se não mostrar satisfeito. Quem sabe castigar é o bom pai.

ANTÍGONA – E o pai quem é? 660

CREONTE – Eu! O Génio Coletivo, o Espírito Imperial, o Bem da Cidade, a Alma da Raça, encarnados em mim! O Génio Coletivo! Não crês nele, porventura?

ANTÍGONA – Não! Creio na consciência. Na consciência individual, tão-somente. No seu anseio de liberdade, na sua aspiração à justiça. 665

639-640 Livres, repito. Sei que devo trabalhar por que saibam sê-lo algum dia! B2: Deverei eu esforçar-me por que saibam sê-lo algum dia. D

646 Deem-se-lhes B2: Ditem-lhes D

648-649 Isso! Vá de imagens, palácios, exposições, cortejos. Sim, para os fazer ditosos! B2: Deem-lhes imagens, exposições, jogos de competição, cortejos. Isso sim, para os fazer ditosos! D

652 Qual! B2: Nada! D

654 ruas: acodem B2: ruas: como correm D

656 para <o maior bem> do rebanho D

661 O [Génio Coletivo, o] Espírito Imperial B2: O Génio Coletivo, o Espírito Imperial B D

664-665 [Na consciência individual.] B2: Na consciência individual, tão-somente B D

665 à justiça. [Creio na razão, no espírito. Porque os trago em mim.] D

CREONTE – A liberdade! Lá o disse o Ceréfilo: para limitar a liberdade é que a lei existe.

ANTÍGONA – Pois disse mal, como costuma. Garantir a liberdade – garanti-la, entendes? – é que o legislador deverá querer. E para proteger a liberdade dos homens justos se preveem os abusos dos que são injustos e se limita a liberdade da criatura iníqua. Para isso, tão-só. Tomou, pois, o Ceréfilo como finalidade da lei uma consequência secundária do verdadeiro fim. Uma consequência [88] negativa do seu fim positivo. O que define as coisas – e o que define os atos – não é a face negativa, como se está vendo que ele pensa: é a positiva, a criadora, a convexa, a cheia. 670 675

CREONTE – Mais sofismas! Ignoras a realidade, desconheces os homens. Não percebes a vida. E seres formosa, Antígona! Que ironia dos deuses! Mal empregada beleza, para urna de um pensamento tão delirante e fantástico! Uma louca, afinal! 680

ANTÍGONA – A imperfeitíssima portadora de uma grande ideia, Creonte: eis aí o que eu sou. Mas quanto mais imperfeita me sinto eu e vejo – e quão imperfeita me sinto eu e vejo! – mais tenho necessidade de me dedicar aos outros, de justificar o facto de ter vindo ao Mundo... Digamo-lo: de me transcender a mim própria. De estar aqui, diante de ti, a acordar-te. 685

CREONTE – A acordar-me? Deixa-me rir! Essa só tua! Com que então... eu a dormir, – e tu, acordada! Tu, que sempre viveste de fantasias loucas, de façanhas de desvairada, de congeminações aéreas? 690

ANTÍGONA – Não, não estás acordado. É que o hábito, a rotina, o deixar-se ir, a indolência... que sei eu?... tudo conspira para adormentar os homens. O nosso passado adormenta-nos... e a História, a tradição, a educação, a inércia... e tanta, tanta

668 como é seu costume. B2: como costuma D
678-680 a vida. [Uma cabeça no ar, uma louca: não passas disso, afinal.]
<E seres... Uma louca, afinal!> D
681-682 ideia<, Creonte>: eis aí D
685 Mundo de me B2: Mundo... Digamo-lo: de me B1 D
687-690 A acordar-me! Que filáucia! Crês-me então um imbecil? B2: A acordar-me? Deixa-me rir!... façanhas de [mentecapta] desvairada, de congeminações aéreas? D; (nota: O autor, em D, elimina as duas falas que, de seguida, estavam em B2: ANTÍGONA – Creio-te alguém que não está acordado – como a imensa maioria dos seres humanos. CREONTE – Não estou?...)
691 Não, não estás <acordado>. D

coisa mais! De que precisamos nós? De acordar, de ver claro! 695
Ah, mas quanta contenção isso exige, que dificuldade isso tem!
Os conservadores são sonâmbulos, a empachar aqueles que não
dormem. E quantas desgraças poderíeis poupar a nós todos, se vos
atrevêsseis a sair desse vosso sono obstinado, [89] – se fizésseis o
esforço de abrir, enfim, esses olhos... para entender a revolução, 700
para chegar à luz! Sim, reacionários, tiranos, conservadores,
sonâmbulos: é a Espetros funerários que sacrificais os vivos, é a
morte da alma o que vós quereis conservar! Ah, que sempre os que
estão mortos andem a matar quem está vivo, sem que se dê por tal
coisa! Cegos, que já estais na revolução, – e que julgais fugir-lhe! 705

CREONTE – Basta! Que estou eu fazendo? Como perco o meu
tempo a dar trela a uma louca?... a descer à indignidade de
palestrar contigo? Basta! Ponto na asneira! Venhamos ao caso.
Infringiste uma lei. Hás de ser castigada. Antes de tudo, a disci-
plina e a ordem! Nessas tuas filosofias – diz lá, ó filósofa! – não 710
se sabe o que é ordem?

ANTÍGONA – Sabe-se, tirano, sabe-se: mas só se quer a da cons-
ciência. A que provém da justiça, da benevolência entre os
homens, da compreensão carinhosa... Da que assenta no
trabalho pelo bem do povo. A pior das desordens é afinal a 715
injustiça, é o sossego aparente sob a compressão tirânica.
É aquela que encobre uma roubalheira infrene, uma explo-
ração desalmada, sob o silêncio forçado de milhares de vítimas.
A que tu deste à Cidade. Não, eu não creio na ordem que só se
faz pela espada, e quis sempre proceder, nestes vaivéns da vida, 720
como se as ideias mais altas que a Razão concebe represen-
tassem a ordem essencial do Mundo; como se o que há de mais
íntimo e radical nas almas fosse sempre precisamente o que nos
irmana e une. Como se o fundo da consciência fosse o universal
e o eterno, – o eterno intemporal, a que a Razão nos conduz... 725
Oh, não poder eu ser clara, para te iluminar a ti! Não poder eu
ser clara, para vos iluminar a vós todos!

[90] CREONTE – Iluminar!... Uma cega! A vida é irracional, como a
Sociedade e o Estado! Tem de ser irracional, há de sê-lo sempre!
Nada de intelectualismos, de abstrações exangues! 730

ANTÍGONA – Não creias nos literatos que te ensinaram dessas.
Os irracionalistas ignoram o que a inteligência seja...

728 Qual iluminar! Quais quimeras! B2: Iluminar!... Uma cega! D

733 Só com a paixão se fazem B2: Só com a paixão – percebes? – se
podem fazer D

CREONTE – Só com a paixão – percebes? – se podem fazer coisas grandes!

ANTÍGONA – Talvez. Mas não será a paixão quem pode determinar o que é grande. 735

CREONTE – Por crenças irracionais é que se domestica o povo! De aí vem a ordem! E a ordem é tudo!

ANTÍGONA – Voltas sempre a esse ponto. Não sei se me entendeste... ou se me fiz eu entender. O teu erro político não é queres a ordem: é buscá-la pela força e pela adoração do passado, em vez de solicitá-la a uma invenção do espírito, – a uma criação da inteligência, a uma novidade plena. A verdadeira ordem é a que há de resultar do progresso: não é o progresso que se há de derivar da ordem. E o progresso que eu quero é para uma ordem mais funda, para uma ordenação racional do nosso viver comum. E isso, precisamente, para nos libertar o espírito. O que eu oponho à tua ordem é uma ordem mais básica, de mais profundo alicerce. Uma ordem moral, mais sincera. Impõe-se-nos o arqui-tetarmos uma sociedade nova. Cumpre *criar*, inventar, ser ágil, – e esquecer o passado, o antigo, a tradição, a história. Dissipar os Fantasmas, ao claro sol do intelecto. Olhando para diante, e não para o que foi. Com audácia inventiva, com inventivo amor. Manter sempre a inteligência muito bem aberta – bem dúctil! Ter sempre cuidado em que não seque a argila! 740 745 750 755

CREONTE – Inventiva, invenção! Mas que invenção, Antígona? Receber a realidade, ser guiado por ela! Isso sim! Bem diz o Ceréfilo: cumpre-nos realizar o essencial na Vida; precisamos de ser fiéis ao permanente na História.

[91] ANTÍGONA – Sim? E que é para ti o essencial na Vida? O permanente na História? 760

CREONTE – O essencial na Vida?... O permanente na História?...

735 Concordo. B2: Talvez. D
735 não é B2: não será D
735 que pode B2: quem pode D
738 Só de aí B2: De aí D
738 E a ordem [é que] é tudo! D
747 para [lhes] libertar B2: para <nos> libertar B1 D
754 Manter a inteligência sempre aberta e dúctil! B2: Manter sempre a inteligência muito bem aberta – bem dúctil! D
756 Invenção! Que invenção? B2: Inventiva, invenção! D
756-757 <Mas que... Isso sim!> D

ANTÍGONA – Digo-to eu, se o quiseres. O permanente na vida é a sua não permanência; é a sua ânsia constante de se superar a si própria. A Vida e a História não são coisas fixas, não são nada imóvel: são um avançar, um seguir. Repito-te: o caráter da Vida é o transcender-se a si própria, é o ir além do que é hoje. E o essencial na Vida, o permanente na História, vê-lo-ás pela direção em que se efetua essa marcha, pelo rumo a que vai. Pois bem: o rumo da libertação é o essencial da Vida, a busca da igualdade é o permanente na História. O que a inteligência descobre no caminhar dos povos é o esforço para atingir a libertação do homem e para a conquista das igualdades que a libertação supõe. Na vida civil, ao alvorecer da História; e depois, na política; e por fim, na económica, que é o que nos falta agora. O permanente na História é um progredir que não para. É a revolução verdadeira, – a racional, a que avança. A que vai para a liberdade, para a elevação do povo, para a criação das condições da vida espiritual e fraterna: e não a do Ceréfilo, que é a estabilização no mais vil. O essencial da Vida, o permanente na História, – é a exaltação da pessoa, é a libertação da noss'alma. A carreira para a igualdade, a democracia, a cooperação, a paz...

765

770

775

780

CREONTE – Ora! Como se a Vida, a História, fossem isso que dizes! O demoliberalismo, Antígona? Velharias, trastes... Os teus ideais são de antanho. Já não são deste tempo, – que é o do realismo, o do autoritarismo, o da antidemocracia, o da força. Como a minha vitória o provou!

785

[92] ANTÍGONA – Os que se deixam submergir pela onda do instante julgam sempre que o eterno é de um passado morto. Este tempo, esta moda... Que tenho eu com eles? Que tenho eu com os efémeros? Falo do universal, do espiritual, do Bem Uno... A tua vitória, dizes? Mas é um dique fragilíssimo contra um oceano indomável. Decerto, decerto, não se pode negar: estás aí. A escurecer tudo, a empachar... És um facto, como dizes. Um facto! Pode-se apalpar, pode ver-se... Mas depois, grande cego? As constelações continuam, sem que o teu vulto as destrua; e num momento – pronto! – a nuvem foi-se, esvaiu-se... e torna a resplandecer o céu límpido... E lá volta a estrela, outra vez!

790

795

767 <é> o ir *D*
 788 instante [– os simplistas da direita, os simplistas da esquerda –] julgam *D*
 790-791 eterno *B2*: Bem Uno *D*

CREONTE – Esqueces-te, tontinha, de que tenho nas mãos uma espada, – o que basta! 800

ANTÍGONA – Há outras, talvez.

CREONTE – Pois que apareçam! Vencê-las-ei! Ficarei!

ANTÍGONA – O que só vem pelo ferro, – pelo ferro vai algum dia; o que só nasce pela História, pela História morre e se enterra.

CREONTE – Palavras! Só a força dá frutos! E nós somos uma força! 805
O nosso destino é vencer! E vós? Que sois vós, democratas?

ANTÍGONA – As palavras de triunfador deixo-as eu a ti. A ti e ao Ceréfilo, o teu marechal do orçamento. Os apóstolos da revolução não devem ser jactanciosos, como tu e o teu bando: mas limitar-se a exprimir [93] com serenidade e paciência as verdades justiceiras 810 que é sempre perigoso enunciar. Não, não é a vanglória o que eles buscam. Querem esclarecer, explicar, chamar à razão, persuadir...

CREONTE – E foi então para persuadir que desobedeceste à lei?

ANTÍGONA – Desobedeci ao arbítrio, à arrogância, à paixão, à cegueira – obedecendo a um imperativo do que eu chamo Espírito 815 – ao honrar a memória do meu mestre e irmão.

CREONTE – E esse, o teu mestre? Foi também para persuadir que trouxe a insurreição às ruas?

ANTÍGONA – Não o teria feito, decerto, se não houvesse a mordança que tu pões nas bocas. Impondo a resignação e o silêncio, foste tu 820 que o forçaste à insurreição armada.

CREONTE – O mestre! O irmão! E o Etéocles? Não era teu irmão, também esse?

ANTÍGONA – Nunca foi o meu mestre. Irmão, dizes tu? Mas a melhor fraternidade é a fraternidade de espírito, o entendimento das almas. Do espírito do Polinices é que eu era irmã. 825 E depois, há pouco te expliquei porque não odeio ninguém.

801 Há outras talvez. [Nunca se sabe...] *D*

802 Pois apareçam! *B2*: Pois que apareçam! *B1 D*

803 ferro, <-> pelo ferro vai <algum dia>; *D*

804 morre <e se enterra>. *D*

820 Impondo <a resignação e> o silêncio *D*

Há um sistema de sociedade de que todos nós somos vítimas. A maioria dos homens nunca deu por isso, e a quase totalidade nunca lhe vislumbrou remédio. Resignam-se ao existente, crendo-o natural e fatal. E porquê? Porque estão adormecidos, hipnotizados, cegos, sob a encantação dos Espetros. Assim estava o Etéocles. Mas o Polinices... ah, esse sim, era a alma mais acordada que jamais conheci, e o anunciador da alvorada que se verá raiar algum dia. Não julgues que [94] morreu, ou que vais tu suprimi-lo. Não! Constituiu a sua vida com plenitudes sólidas, e deixou qualquer coisa que há de continuar no futuro, – que há de inspirar outros homens, que há de instituir outras leis. Ele cria na possibilidade de aperfeiçoar o mundo; e o Etéocles afirmava, ao contrário dele... e tal como tu... que o embate das classes há de ser sempre o mesmo, com todas as maldades a que tal luta impele. Mas fantasio que a morte os reconciliou por fim. Ela irmana a todos... E demais, eu nasci para a amizade, não nasci para o ódio. Detesto a tirania, mas não odeio o tirano. Não odeio ninguém.¹⁰

CREONTE – Não me interessa o ódio. Castigo os desordeiros, porque é indispensável que o faça, para o maior bem da Cidade. Os meus deveres de chefe não são só fantásticos, como esses que tu inventas para teu próprio uso: são necessidades positivas, que a Sociedade impõe. Mas para ti a realidade, a sociedade, – que importam? Egoísta e orgulhosa, afirmas a tua pessoa, e é só isso que anseias.¹¹

[94A] ANTÍGONA – Não a minha pessoa, Creonte: sim, o universal que em mim vive. E que em ti próprio encontrarias, se o quisesses buscar dentro de ti. Mas estás colhido e apertado nesse mau papel que tomaste... e que já te pesa, quem sabe?

838-839 outras leis [, as leis da igualdade, com a supressão das classes. Vive em mim, vive em muitos!]. Ele cria *D*
 840-841 dos interesses *B2*: das classes *D*
 841 vilezas *B2*: maldades *D*
 842 a ganância *B2*: tal luta *D*
 846-897 [CREONTE – E porquê?... Autoridade] *B2*: <CREONTE – Não me interessa... Até quando, Creonte?> *D*
 847 para o <maior> bem *D1*
 847 de Tebas *D*: da Cidade *D1*
 848 fantasias *D*: fantásticos *D1*
 850-851 realidade... Que vale ela para ti? *D*: realidade, a sociedade, – que importam? *D1*
 851-852 e só isso te importa *D*: e é só isso o que anseias *D1*
 854 <próprio> *D1*

(Creonte passeia muito devagar para o fundo da sala, como meditando; para junto da mesa, empunha aí uma ânfora, enche uma das taças com um lento ademane automático, levanta a taça depois.)

ANTÍGONA (*Que o tem observado, em voz baixa:*) – É tempo 860
ainda, Creonte. Se quisesses ver certas coisas...

CREONTE (*Bebe, deixa cair a taça, dá distraidamente uns passos lentos*) – E tu? Porque não vês outras coisas? (*Absorto por alguns instantes*) Não! Impossível! Não nos entendemos!...
Olha: quero oferecer-te a paz. Deixo-te em liberdade se me 865
prometeres ter juízo. Encho-te de honrarias. Concedo-te o que tu quiseres. Aceitas?

[94B] ANTÍGONA – Que ideia! Como sonhaste em tal coisa?

CREONTE – Aí está! Fanática! Queres obrigar-me a punir-te?
E porquê? Que vos custava a vós não ser doidos? Malditos! 870
Não vos entendo!

ANTÍGONA – É o que te tenho dito mil vezes. Não nos entendes.
E ainda tu, afinal... se fizesses um esforço para te libertares dos
Fantasmas, talvez chegasses um dia a perceber qualquer coisa...
Mas o Ceréfilo, – que fazer-lhe? Com sua alma tacanha de 875
cultivador de aparências, de calculador astucioso, é incapaz de
apreciar a dignidade do espírito, a profundez da consciência, o
largo voo idealista, o amor da verdade, da sinceridade e da luz.
Sem humanidade e sem chama, delicia-se à grande na concupis-
cência do mando, e para poder deliciar-se na concupiscência do 880
mando [94C] consente e encobre todas as malversações dos seus
homens. A podridão mascarada é o seu ideal de política. Não o
percebeste, Creonte? Cegam-te os Espetros. Não podes ver nem
entender.

859 e pega nesta depois *D*: levanta a taça depois *DI*

862-863 pausadamente alguns passos *D*: distraidamente uns passos
lentos *DI*

865 Concedo-te a *D*: Deixo-te em *DI*

866 Dou-te *D*: Concedo-te *DI*

874 Espetros *D*: Fantasmas *DI*

875 Ceréfilo, esse? *D*: Ceréfilo, – que fazer-lhe? *DI*

876 <de calculador astucioso, é> *DI*

877-878 a amplidão *D*: o largo voo *DI*

881-882 do seu bando *D*: dos seus homens *DI*

882-883 <Não o percebeste, Creonte?> *DI*

886 os teus *D*: esses teus *DI*

887 enredadora *D*: sofista *DI*

CREONTE (*Passeando agitado*) – Não, não, não! Vai-te para os 885
Infernos, com esses teus cantares de sereia! Não me enganas,
sofista! O que tu chamas cegueira... a árvore da autoridade
mergulha nela as raízes: mas a sua copa... ah, a sua copa é bem
alta: é a glória da Nação, é a Ordem!

ANTÍGONA – Será. Mas às vezes há asas, sob as folhazinhas 890
tão plácidas. Criaturas aladas que de noite dormem – ou que
parecem dormir – mas que se desprendem num voo, quando
desperta a aurora.

[94D] CREONTE – Pois saberei caçá-las, antes que chegue o arrebol!
Ofereci-te a paz: recusaste. Coube-me a mim o ser chefe. Saberei 895
sê-lo, por Díónisos!

ANTÍGONA – Até quando, Creonte?

António Sérgio

(assinatura)

890 folhinhas *D*: folhazinhas tão *DI*

894 em instantes! *D*: o arrebol! *DI*

895 recusaste. [Tereis pois a guerra, só por culpa tua.] Coube-me *DI*

ANTIGONA

Não a minha pessoa, Creonte: sim o universal que em mim vive. E que em ti ^{próprio} encontrarias, se o quiseses buscar dentro em ti. Mas estás colhido e apertado nesse meu papel que tomaste... e que já te pesa, quem sabe?

(CREONTE parecia muito devagar para o fundo da sala, como meditando; para junto da mesa, empunha aí uma ânfora, enche uma das Tacas com um lento ademane automático, ^{levanta a taca} ~~apaga a taca~~ depois).

ANTIGONA

(Que o tem observado, em voz baixa:) E' tempo ainda, Creonte. Se quiseses ver certas coisas...

CREONTE distraidamente uns pas-
(Beba, deixa cair a Taca, dá ~~passo~~ ^{302 lentos} ~~passos~~). E tu? Porque não vês outras coisas?
(Aborta por alguns instantes). Não! Impossível!
Não nos entendemos! ... Olha: quero oferecer-te a paz. ~~Deixo-te em~~ ^{Deixo-te em} a liberdade, se me ^{Concedo-te} prometeres ter juizo. Encha-te de honrarias. ~~Deixa~~
o que tu quiseses. Aceitas?

Com o financiamento da F. C. Gulbenkian e do abrigo do Concurso de Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais 2015

Fig. 20: Página 94A do Diálogo de Creonte e Antigona (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.ª parte_2, p. 5)

ANTIGONA

Que ideia! Como sonhaste em tal coisa?

CREONTE

Aí está! Fanática! Queres obrigá-me a punir-te? E porquê? Que vos custou a vos não ser doídos? Malditos! Não vos entendeis!

ANTIGONA

E' o que te tenho dito mil vezes. Não vos entendeis. E ainda tu, a final... ^{se} fizeste um esforço para te libertar dos ^{Figuras} ~~se~~ ^{mas,} ~~se~~, talvez chegues um dia a perceber ^{que far-te?} ~~uma?~~ qualquer coisa... Mas o Creonte, ~~uma?~~ Com sua alma tacanha de cultivador de aparência, incapaz de apreciar a dignidade do espírito, a profundez de consciencia, ^o ~~o~~ ^{largo} ~~o~~ ^{vão} ~~o~~ ^{amplidão} ~~o~~ idealista, o amor da verdade, da sinceridade e da luz. Sem humanidade e sem chama, delicia-se à grande na concupiscencia do mando, e para poder deliciar-se na concupiscencia do mando.

de cultivador astucioso,

Fig. 21: Página 94B do *Diálogo de Creonte e Antígona* (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.^a parte_2, p. 6)

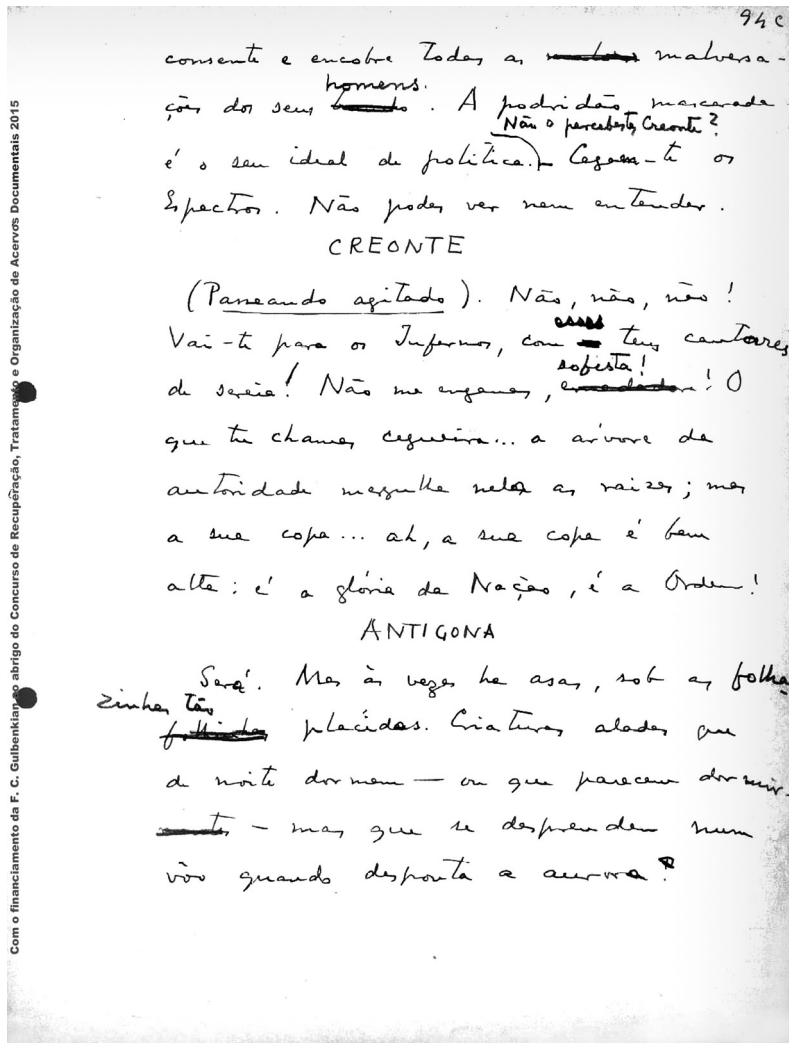


Fig. 22: Página 94C do *Diálogo de Creonte e Antigona* (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.^a_parte_2, p. 7)

CREONTE

Pois saberei castigá-las, antes de que chegue
o arrebol!
~~esse instant!~~ Ofereci-te a paz: recusaste-a.
~~Terei pois a guerra, não feres a tua?~~ Ca-
be-me a mim o ser chefe. Saberei ri-lo,
por Diôniso!

ANTIGONA

Até quando, Crente?

António Sérgio

Fig. 23: Página 94D do *Diálogo de Creonte e Antígona*, com a assinatura do autor (BAS: AS.07-Cx11-P25/001_1.ª_parte_2, p. 8)

NOTAS

¹ Termina aqui a parte manuscrita que abre o *Diálogo de Creonte e Antígona* (ver fig. 17 e 18, pp. 271-272), um texto dramático, em um ato e cena única, que segue, com variações, as cenas terceira e quarta do Ato II de *Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição, remodelada*.

² O autor teve o cuidado de adequar a linguagem ao caráter da Sentinela, homem simples, do povo, a quem Creonte, nas diferentes edições, chama "labrego".

³ O autor elimina a separação que havia em *Antígona. Segunda edição, remodelada* e junta, numa só fala, as intervenções de Creonte do fim da cena III e do início da cena IV. *Vide* fig. 18, p. 276.

⁴ Nicócoras é o responsável pela "Propaganda Política" e pela exaltação da figura de Ceréfilo. Sobre este assunto, *vide supra* p. 180, n. 10; p. 219, n. 53.

⁵ Ceréfilo, o salvador da pátria, é a máscara que oculta a figura de Salazar, sempre presente no pensamento de todos, mas ausente da cena. *Vide supra* p. 181, n. 11.

⁶ Referências ao Cardeal Cerejeira, o Sumo Sacerdote da religião Ceréfila (l. 227), e à promiscuidade de interesses entre a hierarquia da Igreja Católica portuguesa e o Estado. *Vide supra* p. 219, n. 54.

⁷ Alusão paródica a Fátima e às aparições de 1917 (ll. 244-251). Mais abaixo (ll. 513-514) alude-se, de forma crítica, ao aproveitamento político que o regime faz dos milagres de Fátima. Sobre este assunto, *vide supra* p. 219, n. 55.

⁸ Possível referência a Ricardo Espírito Santo, que, neste *Diálogo*, é o símbolo dos plutocratas, que tudo impunham e comandavam. *Vide supra* p. 220, n. 56.

⁹ Em *Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição, remodelada*, Ortágoras era o subserviente chefe da Polícia-de-Estado, instituição de base de todos os nazi-fascismos (*vide*, p. 220, n. 56). Na edição de 1930, era o oficial que representava a facção dos que apoiavam cegamente o poder ditatorial e se opunham a qualquer possibilidade de transição para a democracia (*vide*, pp. 20 e 25).

¹⁰ A fala seguinte de Creonte, datiloescrita e com várias emendas manuscritas autógrafas, já não surge em *Antígona: Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição, remodelada*.

¹¹ Após esta fala de Creonte, podemos ler, na p. 94 do datiloescrito *D*, o seguinte diálogo, que o autor acabaria por rasurar:

[ANTÍGONA – Não a minha pessoa, Creonte: sim, o universal que [acho em mim] <em mim vive>. E que em ti [mesmo acharias] <encontrarias>, se o quisesses [procurar em] <buscar dentro de> ti [mesmo].

CREONTE – Basta! Acabemos com retóricas: quero oferecer-te a paz. Deixo-te ir livre, se me prometeres ter juízo[: respeitar o tirano, que é para o bem da Cidade. Aceitas?]. <Encho-te de honrarias. Dou-te o que tu quiseres. Aceitas?>

ANTÍGONA – [Não. Não posso. Seria uma traição a mim própria.] <Que ideia! Como sonhaste em tal coisa?>

CREONTE – Ora aí está! [F]<Que f>anática! Queres obrigar-me a [matar-te] <punir-te?> E porquê? Para quê? [Doidos varridos!] <Que vos custa a vós não ser doidos?> Não vos entendo!

ANTÍGONA – É o que <eu> digo, Creonte. Cegam-te os Espetros. [Tu n] Não nos entendes <, não>.

CREONTE – <Lábia tens tu, mas não pega.> O que chamas cegueira... A árvore da Autoridade [...]

Refira-se que algumas ideias contidas neste diálogo aparecem de forma difusa nas dez falas finais que se seguem e que constituem o desfecho desta quarta variação sobre o mito de Antígona. Veja-se igualmente as correspondentes quatro páginas manuscritas autógrafas (pp. 94A-94D), fig. 20-23, pp. 303-306.

IV. ANEXO

Em torno da *Antígona* de António Sérgio
(1930-1931):

do processo de edição e circulação
à polémica coimbrã

(cartas e artigos de jornais e de revistas)

Neste anexo, reunimos cartas e artigos, publicados em jornais, revistas e plataformas digitais, que nos permitem reconstituir o processo de edição e de circulação clandestina da *Antígona* de António Sérgio (4.1.), bem como a polémica que o texto suscitou, sobretudo, em dois jornais de Coimbra de quadrantes políticos opostos, que suscitaram a reação do autor num artigo publicado na Revista *Seara Nova* e em cartas que dirige a Joaquim de Carvalho (4.2.).

1. Através de um conjunto significativo de 15 cartas dirigidas por António Sérgio a Bernardino Machado¹, a Joaquim de Carvalho² e a Sant'Anna Dionísio³, é-nos possível estabelecer, com relativa segu-

¹ Cartas disponíveis em www.casacomum.org. Agradecemos à Fundação Mário Soares a autorização concedida para a publicação das cartas de António Sérgio a Bernardino Machado.

² Epístolas publicadas por Catroga & Veloso, 1983, pp. 977, 990-991. Agradecemos aos autores a autorização concedida para a publicação de quatro das cartas publicadas em *Revista de História das Ideias*, 1983, 5.

³ Foram sete as cartas publicadas por Sant'Anna Dionísio na secção “Das Artes, das Letras” do Jornal *O Primeiro de Janeiro*, nos dias 30 de abril e 2 de julho de 1975. Como algumas destas cartas não estão datadas e foram publicadas em momentos diferentes e de forma algo desorganizada, decidimos numerá-las (com um algarismo entre parênteses retos), de acordo com a sequência cronológica dos factos nelas referidos (cartas 4-7; 9-11, *infra*, pp. 330-331; 336-336). Seguindo o mesmo critério, numerámos também as cartas de António Sérgio a Bernardino Machado (cartas 1, 2, 8 e 14, *infra*, pp. 317-324) e a Joaquim de Carvalho (cartas 3, 12 e 13, *infra*, pp. 325-326; 371-373), bem como a que António Pedro escreveu a António Sérgio (carta 15, *infra*, pp. 341-343), muito provavelmente na segunda metade de 1954.

rança, a linha cronológica de escrita, revisão, impressão, lançamento e circulação clandestina de *Antígona* (1930-1931).

De acordo com estas missivas, António Sérgio terá redigido a sua *Antígona*, possivelmente, em abril de 1930, no exílio, em Paris. Na verdade, em duas cartas dirigidas, no mês de maio desse ano, a Bernardino Machado, diz ter redigido, a conselho de Aquilino Ribeiro, “uma peça de teatro, composta de três tremendíssimos atos, e de propaganda contra as ditaduras (cartas 1 e 2, *infra*, pp. 317-320). E em outras duas cartas (3 e 4, *infra*, pp. 325-326; 330), escritas em julho – uma a Joaquim de Carvalho, outra a Sant’Anna Dionísio – diz que rabiscou a sua tragédia em 15 dias, “como mero desabado e entretenimento da fantasia”, e que reviu à pressa a cópia datilografada para impressão (carta 4, *infra*, p. 330). Acrescenta ainda que foi por insistência dos amigos, “que a quiseram ouvir ler”, que decidiu publicá-la, escrevendo, com esse objetivo, à *Seara Nova* e à *Renascença*. O dinheiro necessário para custear a edição da obra, que teria cerca de 120 páginas, haveria de consegui-lo com a ajuda desses amigos (carta 3, *infra*, pp. 325-326).

Tomadas estas primeiras decisões, o autor deu início à edição da peça em agosto desse ano. Começou por remeter o original para a *Renascença* e para Sant’Anna Dionísio, que seria peça-chave em todo este processo; pediu orçamentos a tipografias⁴; e de passagem, abordou questões relacionadas com a distribuição, a venda e o armazenamento da obra (carta 5, *infra*, p. 336). Como, entretanto, a *Renascença*, ao contrário do que pensava e pretendia, não quis assumir o compromisso da edição, nem ser uma “simples depositária” (carta 7, *infra*, p. 331), pôs todo o negócio nas mãos de Sant’Anna Dionísio, pedindo-lhe que cuidasse do processo de revisão (carta 5, *infra*, p. 336), que tomasse a decisão de fazer ou uma edição de autor ou uma edição da República⁵ e que, por fim, quando a obra estivesse impressa, lhe remetesse uns 30 exemplares (carta 6, *infra*, pp. 335-336). Para o autor, “todos os processos de impressão e distribuição [lhe] serv[ia]m, contanto que se satisf[izesse] a vontade daquele grupo de amigos que quer[ia] ver a obrinha publicada” carta 7, *infra*, p. 331).

A edição, impressa numa tipografia do Porto contígua ao liceu onde trabalhava Sant’Anna Dionísio, acaba por sair com a chancela da *República*, muito provavelmente em setembro. De facto, a 17 e outubro, em carta dirigida a Bernardino Machado (carta 8, *infra*, pp. 321-322),

Esta epístola acompanhava o programa da representação da *Antígona* de António Pedro, pelo Teatro Experimental do Porto, e faz referência à glosa ao mesmo tema sofociano feita por António Sérgio.

⁴ O orçamento da última tipografia consultada foi de 3 000 escudos (carta 5, *infra*, p. 336).

⁵ Esta última foi a opção que viria a ser tomada.

diz ter enviado, dias antes, dois exemplares de *Antígona*, um para o ex-presidente da República, outra para o seu genro, Aquilino Ribeiro (este com emendas de algumas gralhas). E a 24 de outubro, em carta dirigida a Sant’Anna Dionísio, acusa a receção da “segunda dose de medalhinhas”⁶, ou seja, de uma segunda remessa de exemplares da *Antígona* (carta 9, *infra*, p. 332)⁷. Mais tarde, a 25 de janeiro de 1931, diz ter recebido mais 20 livros (carta 10, *infra*, p. 337).

A obra foi circulando, acabando por chegar ao conhecimento dos jovens integralistas de Coimbra, que publicam, no jornal *Acção* de 5 de março de 1931, um artigo intitulado “Fraude literária”, assinado por Joaquim Mendonça, que desencadeia uma acesa polémica, sobretudo na imprensa coimbrã⁸.

2. Neste texto violento, que tem como objetivo inequívoco denegrir a imagem de António Sérgio, o ensaísta é acusado de ter parafraseado e de, por vezes, ter traduzido, mais ou menos livremente, a *Antígona* de Jean Cocteau, produzindo, assim, “um melodrama grosseiro”, “uma obra de mera declamação sectária e de tal inferioridade que não consegu[ia] atingir ao menos a categoria dum regular panfleto” e que, na opinião dos jovens apoiantes da ditadura, traía, literária e espiritualmente, a tragédia de Sófocles.

Este texto polémico dos “mocinhos de Coimbra” provocou reações várias, dispersas por cartas, jornais e revistas, que transcrevemos também na segunda parte deste anexo. De facto, a 11 de março, um articulista anónimo do jornal *Mundo Novo*, também de Coimbra, mas conotado com a oposição ao regime ditatorial, insurge-se contra o “papelejo estercorário” da *Acção* e sai em defesa de Sérgio com um texto intitulado “Resposta a uma calúnia e burrice... Integrais”⁹, em que sustenta que o autor não plagiou Cocteau, nem literal, nem ideologicamente. Na sua opinião, Sérgio e o dramaturgo francês simplesmente “beberam na mesmíssima água limpa da nascente grega”, atualizando o modelo sofocliano e adaptando-o “a problemas atuais, vivos”.

A réplica a este artigo de opinião do *Mundo Novo* não se faz

⁶ Como explica Sant’Anna Dionísio, António Sérgio para ludibriar a censura utiliza o termo “medalhinhas” para designar os exemplares impressos de *Antígona*, editada clandestinamente no Porto (cartas 9 e 10, *infra*, pp. 332 e 337) Sobre este assunto, *vide infra* n. 59.

⁷ Possuímos um exemplar com uma dedicatória datada de 8 de novembro de 1930, que comprova a circulação do livro por esta altura: “Oferecido a Domingos José Pinto Osório Júnior / Porto, 8 novembro 1930 / Do Armando José Pinto Osório”.

⁸ *Vide infra*, pp. 345-350. Quando escreveu a sua recriação do mito de *Antígona*, em finais 1953, António Pedro tinha conhecimento da obra homónima de Sérgio, como se pode ler na carta que escreve ao autor de *Ensaio*s (carta 15 e n. 66; *vide infra*, pp. 341-342).

⁹ *Vide infra*, pp. 351-355.

esperar. Num texto publicado no jornal *Acção* de 20 de março, com o título “O ídolo tomba... Amparai-o na queda”¹⁰, Miranda Rocha, para desmontar os argumentos do jornal *Mundo Novo* e reiterar a denúncia de ‘fraude literária’ feita por Joaquim Mendonça, apresenta, em colunas com sublinhados que procuravam destacar as semelhanças, um cotejo entre excertos das cenas II e VIII do Ato I, bem como das cenas III, IV, V e VI do Ato II do texto de Sérgio e os passos correspondentes da peça francesa e da tragédia grega (em tradução). Desta sua análise comparativa, conclui que “A. Sérgio se inspirou e copiou Jean Cocteau, o que não o impediu de *vivificar* passagens de Sófocles, amputando-as, enxertando-as e misturando-as”. E, na linha do que já afirmara J. Mendonça, acrescenta que, “para dar largas à sua paixão de político”, Sérgio havia transformado *Antígona* num “repositório de ódios partidários”.

Tendo conhecimento, através de Câmara Reis¹¹, da acusação que lhe haviam feito os integralistas, no texto publicado a 11 de março, o autor de *Ensaio*s, em artigo anónimo, publicado a 19 de março, na *Seara Nova*, com o título “A *Antígona* de António Sérgio e os mocinhos da *Acção* de Coimbra”¹², defende-se com fina ironia e alguma indignação:

*Sabemos que António Sérgio ficou satisfeitíssimo ao ler a separata da «Acção» em que é atacado, e só lamentou não ter ele próprio inventado e posto em prática um tão bom reclamo da sua «Antígona»*¹³.

É naturalíssimo que os redatores da «Acção» se enfurecessem com a peça de António Sérgio. Onde erraram deploravelmente foi ao denunciar as analogias entre a primeira cena da «Antígona» de António Sérgio e a primeira cena da «Antígona» de Cocteau, atribuindo-as ao suposto facto de António Sérgio se ter inspirado no trabalho de Cocteau.

Para o autor, a acusação de plágio era absurda porque esta *Antígona* só podia ter sido escrita por um português e naquele preciso momento da história portuguesa. No seu horizonte, não estivera tanto a construção de uma obra de literatura dramática para ser representada¹⁴, como

¹⁰ *Vide infra*, pp. 357-365.

¹¹ Informação contida numa carta de Sérgio a Joaquim de Carvalho, datada de 21 de março de 1931 (carta 12, *infra*, pp. 371-372), publicada em Catroga & Veloso, 1983, p. 990.

¹² *Vide infra*, pp. 367-369.

¹³ Esta polémica é também assunto de duas cartas que dirige a Joaquim de Carvalho (12 e 13, *infra*, pp. 371-373), em que, com a mesma ironia, lamenta o facto de não haver muitos exemplares do seu manifesto-drama para vender e distribuir, para assim se tirar proveito do reclame que aqueles “ignorantes e imbecis” de Coimbra tinham acabado de fazer à sua obra.

¹⁴ Não obstante ter declarado que a sua obra não tinha como objetivo a representação (cf. Sérgio, 1931, p. 46; e *infra*, p. 367), o nosso autor disseminou

acontecera com muitas outras *Antígonas* da literatura ocidental, entre as quais a de Cocteau¹⁵, mas sobretudo a elaboração de um estudo da situação sociopolítica do Portugal dos anos vinte, utilizando para tal a forma dialogada, “como os diálogos filosóficos de Renan, que são estudos em forma de diálogo”¹⁶. Assim, a sua obra é diferente de qualquer outra recriação da tragédia sofocliana, e afasta-se infinitamente dela. Como sublinha, em sua defesa, o que de semelhante pudessem encontrar, relativamente a Sófocles e não a Cocteau, encontrava-se nas cenas iniciais, que são absolutamente indispensáveis para termos uma *Antígona*:

indicações cénicas por todo o texto, sendo algumas delas algo extensas e pormenorizadas. E, em carta dirigida a Bernardino Machado, a 23 de maio [de 1930] (carta 2, *infra*, pp. 319-320), não põe totalmente de parte a possibilidade de representação. Ainda que reafirme que não tem esperança de que a sua peça vá ao palco, por não ter a simpatia dos correligionários e por não haver companhia que a queira pôr em cena, não deixa de sugerir que, a ser representada, deveria sê-lo depois da queda da ditadura. Algo desconcertante, a sua estratégia era clara e lógica: “a minha tese é que a propaganda se deve fazer sempre, e que uma das grandes asneiras dos republicanos portugueses foi supor que a propaganda da democracia não era necessária depois de proclamada a República. A minha peça, se fosse representada, e se conseguisse impressionar o povo, ajudaria a criar o ambiente necessário a muita coisa que nos será necessário fazer depois. Depois, quanto a mim, é que será o grande trabalho, e a grande necessidade de propaganda”. Provavelmente a primeira representação, na forma de leitura dramatizada, de excertos das quatro variações sobre o mito foi feita por alunos da Escola Secundária António Sérgio (V. N. Gaia), no dia 21 de novembro de 2019, durante o Colóquio Internacional “Revisitar António Sérgio cinquenta anos depois. Jornada Sexta: Literatura e crítica literária”. A seleção dos textos foi da nossa responsabilidade, a coordenação da iniciativa pertenceu a Deolinda Quintela e a encenação foi de Cláudia Lázaro, do Teatro do Bolhão.

¹⁵ A *Antígona* de Cocteau, representada a 20 de dezembro de 1922, no Théâtre de l’Atelier, com *décors* de Picasso, música de cena de A. Honegger e guarda-roupa de G. Chanel, passou a constituir, desde então, uma obra de referência na dramaturgia francesa, pela forma singela, ousada e pouco canónica como rejuvenesceu uma tragédia antiga, acabando por ser reposta em 1927 e publicada um ano depois, quando Sérgio se encontrava já exilado em Paris. Não é difícil, por isso, admitir que esta peça fosse do seu conhecimento, nem que a tivesse tido em consideração, quando recriou o mito sofocliano. Mas estas semelhanças muito pontuais, sobretudo ao nível da linguagem, por si só, não constituem prova de plágio, até porque retiradas de cenas que são também comuns às do arquétipo sofocliano.

¹⁶ Este processo de exposição, já usado em alguns dos seus ensaios, embora decalque, como é óbvio, o modelo dialógico sofocliano, também se pode inscrever na linha dos diálogos de Platão ou dos dramas e diálogos filosóficos de Renan. Atendendo ao seu caráter simples e direto na apresentação das diferentes faces de um problema, a forma dialogal acaba por ter um inquestionável alcance pedagógico. Efetivamente, ao permitir, pelo confronto de ideias entre dois ou mais interlocutores, uma mais clara explanação e análise dos princípios e valores advogados pelo autor, sem nunca os afirmar nitidamente, o diálogo podia contribuir para mais facilmente espicaçar a consciência crítica e cívica do leitor para uma adesão mais decidida e convicta à causa defendida.

Os passos tomados de Sófocles – e não de Cocteau – na primeira cena, passos que todos os autores de Antígonas, em todas as línguas, têm tomado, são absolutamente necessários; é forçoso tomá-los, para se fazer uma Antígona: porque são aqueles que fazem conhecer ao espetador o nó e o ponto de partida de toda a ação.

Excluída, assim, esta sempre necessária *desis* (o termo aristotélico para ‘nó’, ‘ponto de partida’¹⁷) para o conhecimento do édito de Creonte e da decisão obstinada de Antígona, a obra de Sérgio, embora conserve o original sofocliano como modelo, acaba por dele se afastar irremediavelmente, ao adquirir uma alma própria, portuguesa. Como comprovam as quatro variações escritas entre 1930 e 1960, o mito de Antígona converteu-se, assim, num *alter ego* de António Sérgio na sua luta a contra as ditaduras militar e salazarista.

¹⁷ Aristóteles (*Po.* 1455b 26-28) define *desis* (‘nó’) nestes termos: "chamo ‘nó’ à ação que se desenrola desde o começo até àquele ponto culminante, em que se verifica a mudança para a felicidade ou para a infelicidade".

4.1. Do processo de edição e circulação clandestina de *Antígona*

4.1.1. António Sérgio: cartas do exílio a Bernardino Machado

(www.casacomum.org)

[1]¹⁸

Paris
1 de maio de 1930

Ex.^{mo} Presidente¹⁹

Os nossos parabéns pelo novo netinho²⁰, e os melhores desejos para ele, de felizes entradas e permanências no Universo de que é já agora parte integrante, substancial e inalienável. Rogo a V.^a Ex.^a o obséquio de transmitir os emboras à Ex.ma Mamã²¹ e ao Papá ilustre, escritor eminente que, ao que se me antolha, desistiu de ganhar

¹⁸ Carta existente em www.casacomum.org: (1930), Sem Título, Fundação Mário Soares / DBG - Documentos Bernardino Machado, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_99634 (2020-3-23).

¹⁹ Bernardino Luís Machado Guimarães (1851-1944). Professor universitário e o terceiro e oitavo presidente da I República portuguesa, respetivamente nos períodos de 1915-1917 e de 1925-1926. Após a instauração da ditadura em Portugal, viveu no exílio, entre 1927 e 1940.

²⁰ Aquilino Ribeiro Machado (1930-2012). Filho de Aquilino Ribeiro e de Jerónima Dantas Machado, filha de Bernardino Machado.

²¹ Jerónima Dantas Machado casa com Aquilino Ribeiro em 1929, depois de este, em finais de 1927, ter perdido a sua primeira mulher, Grete Tiedemann.

primazia no género epistolar²². Ficar-lhe-ia grato se lhe dissesse também que segui o conselho que ele me deu em tempo na sala Varatojo da Biblioteca Nacional, isto é, que rabisquei uma peça de teatro, composta de três tremendíssimos atos, e de propaganda contra as ditaduras.

Depois de procedimentos um tanto estrambólicos de dois “assistidos”, pareceu-me bem o exonerar-me da Comissão de Assistência, e passar a interessar-me, como simples particular isolado, só por aqueles correligionários necessitados que me merecessem estima e que me não dessem navalhadas. Os outros dois membros da Comissão que tinham tantas razões de queixa como eu, decidiram acompanhar-me. A assistência oficial – a que tem de usar uma venda nos olhos e não olhar para as espécies de pessoas a quem dá – passou inteirinha para o Dr. Carvalho. Nunca fui partidário do tratamento igual para toda a gente: e por isso tenho sido um tambor numa festa, destino polémico com que, até hoje, não sofri avaria irreparável.

Neste momento, pois, só há dois correligionários por quem me interesse sob o ponto de vista do auxílio monetário: o Vítor Falcão e o tipógrafo Neves; a eles darei o que puder obter. O Vítor Falcão conseguiu ganha-pão na Bélgica, e só precisa de algumas centenas de francos para pagar dívidas passadas; o Neves está tentando empregar-se. Os dois assistidos a que atrás me referi já estão em Paris há três anos e nunca buscaram seriamente um emprego. Os restantes emigrados de Paris não eram já assistidos, porque procuraram todos emprego e, enfim, o obtiveram.

Rogo os meus respetos para a Ex.ma Senhora Dona Elzira²³, e recomendações a suas Ex.mas Filhas. A Luísa²⁴ escreve em carta inclusa.

De V.^a Ex.^a

Muito at.^o e admirador

António Sérgio

²² Aquilino Ribeiro (1885-1963) foi um dos maiores escritores do século XX, autor de contos, romances e de literatura infantojuvenil. A convite de Raul Proença, entra para a Biblioteca Nacional em 1919. Terá sido aqui, na sala Varatojo, que Aquilino Ribeiro, poucos anos mais tarde, terá aconselhado António Sérgio a escrever uma peça de teatro contra as ditaduras.

²³ Elzira Dantas Gonçalves Pereira (1865-1942). Mulher de Bernardino Machado.

²⁴ Luísa Estefânia Gerschey da Silva (1879-1960). Casou-se com António Sérgio a 4 de junho de 1910 e com ele viveu até à morte, em 1960. Sobre Luísa Sérgio, vide Franco, 1983, pp. 788-789.

[2]²⁵

16, Rue Louis-Blanc
Levallois-Perret (Seine)
23 de maio [de 1930]

Ex.^{mo} Presidente

Muitíssimo obrigado pela sua última carta e pela Epístola aos Estudantes, que já tinha tido o prazer de ler no exemplar que V.^a Ex.^a enviou à Luísa.

Rogo a V.^a Ex.^a que me ajude a resolver um problema relativo ao nosso Beires²⁶. É o seguinte: a correspondência para ele vinha dirigida à minha pessoa. Eu passava-a, por indicação dele, Beires, ao Buizel²⁷, que por sua vez a mandava a um amigo de Espanha, junto da fronteira, que a introduzia em Portugal. Ora, o Buizel saiu de Paris e teve a puerilidade bastante imbecil de me não julgar digno de saber quem era o amigo de Espanha que nos fazia este serviço. Eis-me, pois, com cartas urgentes para o nosso aviador, e sem saber como lhes faça chegar às mãos. Não sei se o Dr. Jaime de Morais²⁸ está aí. Ele embirra comigo, ou encara-me, pelo menos, como os Imortais aos humanos que lhes não merecem simpatia; mas o pobre Beires é que não tem culpa das justas repugnâncias que inspira aos deuses o meu ruim focinho. Não pode o Dr. Jaime de Morais fazer, não a mim, mas ao Beires, o favor de me proporcionar um meio de eu lhe enviar as cartas? O Buizel tem-me feito variadas partidinhas, para que tenho olhado com paternal sorriso, graças à simpatia que me merecem os jovens, sobretudo quando são petulantes; desta vez, porém, conseguiu realmente causar-me transtorno.

Se o Dr. Jaime de Morais está aí ao pé de V.^a Ex.^a, seria grandíssimo favor obter dele uma solução para este caso. Pode aliás V.^a Ex.^a mostrar-lhe esta carta e também ao Buizel, se este engenhoso e simpático jovem aí se encontrar. Se eles não estão em Bayona, seria caso de pedir a V.^a Ex.^a um outro meio de comunicar com o Beires – por tantos intermediários quantos forem precisos para que eu não

²⁵ Carta existente em www.casacomum.org: (1930), Sem Título, Fundação Mário Soares / DBG - Documentos Bernardino Machado, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_99636 (2020-3-23).

²⁶ José Manuel Sarmento de Beires (1893-1974) foi pioneiro da aviação em Portugal e um dos grandes opositores à ditadura, morrendo pouco mais de um mês depois do 25 de abril de 1974.

²⁷ Américo Limpo de Negrão Buizel (1898-1943), advogado e tenente de Artilharia. Exilado em Paris após a revolta militar de fevereiro de 1927, foi responsável pelo jornal “A Revolta”, órgão da Liga de Paris.

²⁸ Jaime Alberto de Castro de Morais (1882-1973) foi um médico e oficial da Armada Portuguesa, destacando-se como um dos grandes opositores à ditadura militar e ao Estado Novo.

entreluzu qualquer segredo daqueles Olímpicos. Grande exercício de paciência é ter de lidar com grandes homens!

Rogo outrossim a V.^a Ex.^a que diga ao Aquilino o meu muito agradecimento pela oferta do seu último romance. O título é para mim lutuoso, porque eu gosto do diabo, e dói-me que o tenham realmente vindimado²⁹. Mas creio que o diabo vive ainda, porque com tantos trabalhos me tem apoquentado estes últimos tempos, que ainda me não deu umas horas de repouso, para saborear com delícia a prosa aquilínea.

A minha peça é uma improvisada trapalhada em três atos que não poderia ser representada antes da queda da ditadura. Perguntará V.^a Ex.^a para que serve representar uma peça de inspiração liberal depois de vencida a tirania. Ora, a minha tese é que a propaganda se deve fazer sempre, e que uma das grandes asneiras dos republicanos portugueses foi supor que a propaganda da democracia não era necessária depois de proclamada a República. A minha peça, se fosse representada, e se conseguisse impressionar o povo, ajudaria a criar o ambiente necessário a muita coisa que nos será necessário fazer depois. Depois, quanto a mim, é que será o grande trabalho, e a grande necessidade de propaganda. Não espero, aliás, que a minha pobre maquineta vá ao palco. Não tenho a simpatia dos correigionários, em primeiro lugar; e, em segundo, não acharei companhia que a ponha em cena. Para o que não me será difícil conseguir resignação, porque me não tomo a sério como autor dramático, nem como autor de coisa nenhuma. Sou um maduro que escreve e que faz prosa como Monsieur Jourdain.

O certo é que as letras e as antipatias dos excelsos correigionários me preocupam neste momento infinitamente menos que a correspondência do Beires. Por isso, ficaria gratíssimo a V.^a Ex.^a se me proporcionasse, com brevidade, uma solução do problema, com ou sem intervenção de Júpiter e de Mercúrio – ou, melhor, do Zeus Tonante e do hermético Hermes. Com os herméticos é que se fia fino!

Qual é a atmosfera em Portugal?

Afetuosos cumprimentos da Luísa. Apresento à Ex.ma Senhora Elzira as minhas respeitadas homenagens, e saudades a suas filhas e genro.

De V.^a Ex.^a, com a maior consideração.

Muito V.^o e at.^o admirador

António Sérgio

²⁹ Referência ao romance *O homem que matou o diabo*, publicado em 1930. Sobre Aquilino Ribeiro, vide *supra*, n. 22.

[8]³⁰

LES STUDIOS PARAMOUNT
Société anonyme
Au capital de 10.000.000 de Frs

BUREAU
DES STUDIOS
7, Rue des Réservoirs
St. Maurice (Seine)

—
SIÈGE SOCIAL
7, Rue des Réservoirs St. Maurice (Seine)
Adr. Télégr. Studpara – St. Maurice – Seine

—
TÉLÉPHONE
Studios — Gravelle 09-48 – 09-49
Paris — Opéra 03-70

—
R. C. Seine 243.708.B

Ex.^{mo} Presidente

17-10-30

Um escritor francês das esquerdas, Raimundo Offner³¹, está organizando uma Universidade Popular laica, republicana e pacifista, para a qual obteve já a presidência do Herriot³². Há também aderentes estrangeiros, entre os quais o Presidente Nitti³³, o Henrique Mann³⁴, etc. Como vê, nomes de primeira ordem. Ele pediu a minha adesão e cumplicidade neste projeto, e ambos nós maquinámos rogar a V.^a Ex.^a que nos quisesse dar o seu nome e o seu apoio. Podemos contar com ele?

Remeti a V.^a Ex.^a e ao Aquilino, há dias, exemplares do meu tremendo drama em três atos³⁵. Como tive medo da censura postal, que me poderia fazer passar uma busca apreensora à tipografia, desisti de rever eu as provas: e de aí resultaram bastantes gralhas. Algumas emendei no exemplar do Aquilino. Seria excelente se uma

³⁰ Carta existente em www.casacomum.org: (1930), Sem Título, Fundação Mário Soares / DBG - Documentos Bernardino Machado, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_99641 (2020-3-23).

³¹ Raymond Offner (1896-1969) foi um ensaísta, romancista e pacifista francês.

³² Édouard Herriot (1872-1957) pertenceu ao Partido Radical e foi primeiro-ministro de França, em três curtos períodos (1924-1925; 1926; 1932).

³³ Francesco Saverio Vincenzo de Paolo Nitti (1868-1953) foi um político italiano antifascista. Ocupou o cargo de primeiro-ministro entre junho de 1919 e junho 1920.

³⁴ Provável referência ao escritor e crítico literário alemão Ludwig Heinrich Mann (1871-1950).

³⁵ António Sérgio (1930). *Antígona. Drama em três atos*. Porto: República.

das suas gentis filhas tivesse a bondade de as copiar no exemplar de V.^a Ex.^a. A que o fizer ter-me-á a seus pés, a dar-lhe os mais vivos agradecimentos.

Peço a V.^a Ex.^a que me dê, o mais breve possível, a resposta no relativo à Universidade Popular, pela qual lhe ficaria muito obrigado.

Aceite V.^a Ex.^a, com os cumprimentos da Luísa, as minhas respeitadas homenagens à Ex.^a Senhora Dona Elzira, saudades às encantadoras Meninas, um abraço ao Aquilino, e para V.^a Ex.^a as saudações de quem é

De V.^a Ex.^a

Com a mais alta consideração!

Muito at.^o V.^o e admirador

António Sérgio

[14]³⁶

Paris

13 de maio [1931]³⁷

Ex.^{mo} Presidente

Não sei se V.^a Ex.^a recebeu uma carta que lhe enviei há dias.

A Liga Italiana dos Direitos do Homem quer protestar contra o facto de a Inglaterra ter entregado os nossos oficiais que se refugiaram a bordo de um navio inglês; ignoro, porém, os pormenores do caso, e rogo a V.^a Ex.^a que me diga quanto souber, para que os italianos possam redigir com a maior precisão o seu papel. E nós, que faremos?

Não li o folheto do seu ex-secretário, Bourbon e Meneses³⁸, contra a “Seara Nova”; mas dizem que ele pretende atacar-me, reproduzindo uma frase minha que lhe teria transmitido um dos filhos de V.^a Ex.^a, ao qual, por sua vez, V. Ex.^a a comunicara. Eu teria dito a V.^a Ex.^a que achava a ditadura preferível à república anterior ao 28 de maio.

Não sei se fui eu que não me expliquei bem a V.^a Ex.^a, se foi seu filho que não entendeu bem o que V.^a Ex.^a lhe disse, ou se foi o Bourbon e Meneses que não logrou entender o que seu filho lhe transmitiu. O meu pensamento foi o seguinte: prefiro que a dita-

³⁶ Carta existente em www.casacomum.org: (s.d.), Sem Título, Fundação Mário Soares / DBG-Documentos Bernardino Machado, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_99652 (2020-3-23)

³⁷ O facto de, nesta missiva, Sérgio sugerir a Bernardino Machado que leia a fala de Tirésias, na p. 64 de *Antígona* (publicada em finais do verão de 1930; vide *infra*, n. 39), para melhor perceber o seu pensamento relativamente à ditadura, leva-nos a concluir que a carta é de 1931.

³⁸ Afonso Augusto Falcão Cotta de Bourbon e Menezes (1890-1948) foi jornalista e escritor, opositor da ditadura.

dura tivesse vindo a que houvésemos continuado a vegetar na governação precedente ao 28 de maio. Esta frase difere da que se me atribui em que é um juízo sobre um fenómeno DINÂMICO, sobre uma evolução, um movimento, ou, melhor, sobre a comparação de dois fenómenos considerados como fases desse movimento; ao passo que a que me atribuem é, pelo contrário, um juízo comparativo de duas coisas consideradas estaticamente. Para simplificar, tomemos a maneira dos matemáticos, e designemos por A, B e C, respetivamente, a governação precedente ao 28 de maio, a ditadura, e a política que se seguirá à ditadura. A tese que me atribui o Bourbon e Meneses, à conta do testemunho de V.^a Ex.^a, é a de que B, tomado em si, estaticamente, é melhor que A; quando a minha tese foi, pelo contrário, a de que B, considerado em si e estaticamente, é muito pior do que foi A, mas que, apesar disso, o aparecimento de B foi preferível à duração indefinida de A, pois que B provoca a passagem de A para C. Sob o aspeto material, a governação precedente ao 28 de maio foi muito agitada, graças aos motins que a revolveram; sob o ponto de vista das ideias, porém, foi uma paz podre insuportável. Por todo o mundo se discutiam ideias de reforma – constitucional, económica, pedagógica, etc. – mas os nossos governantes, e os parlamentares que os sustinham, a cousa alguma se moviam. Agitação material; mas, intelectual e moralmente, era a própria morte. A ditadura pode ter a vantagem de vir acordar esse cadáver. A continuação do que estava é que era absolutamente impossível. Mas visto que B, em si, é mau, e só pode prestar como passagem para C, devemos combater a ditadura, como eu a combato, e não nos quedarmos comodamente a elogiá-la no “Diário de Notícias”, como faz o Bourbon e Meneses.

Haverá quem chame subtileza a esta minha distinção entre as duas teses; mas creio que são subtilezas desta ordem que distinguem o pensamento exato das confusões mentais da maioria. A ideia que me atribui o Bourbon e Meneses é estúpida; a que acabo de expor creio que o não é. Aquilo mesmo, aliás, escrevi eu na “Antígona”, página 64, fala de Tirésias; gostaria que V.^a Ex.^a releves essa página³⁹.

³⁹ Sérgio refere-se a esta fala de Tirésias, que reflete o seu pensamento: “O mal, às vezes, é necessário, – como único caminho para um bem maior. Era preciso que os chefes antigos – os de antes de ti – percebessem que tinham de mudar de rumo. Tinham falseado a democracia de Tebas. Nada faziam para bem do povo. Preveni-os eu! Não quiseram ouvir-me. Por isso tornou-se preciso que viesses tu, e o teu despotismo, para que todos enfim abrissem os olhos. Todos: os chefes e o povo. Ai de Tebas, se deixarmos um dia que os chefes antigos voltem a governar como governaram então! Ai de nós, se não aprendermos, depois disto, a bem usarmos da liberdade! De futuro, espero que o povo estará alerta, e saberá seguir o conselho dos justos!” (*Vide supra*, p. 86; 1930, 368-378)

Com os cumprimentos afetuosos da Luísa, as minhas respeitadas homenagens para a Ex.ma Senhora Dona Elzira, e saudações às gentis Meninas e Aquilino.

*De V.^a Ex.^a com toda a consideração.
Muito atentamente, vosso*

António Sérgio

4.1.2. António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (Catroga & Veloso, 1983, p. 977).

[3]

Recebi aqui umas provas de *Ensaios políticos de Spencer*⁴⁰.

Creio que vieram por engano.

Em todo o caso, aguardo instruções.

6, Rue Louis-Blanc
Levallois-Perret (Seine)
22-7-30

Querido Amigo

Incluso o recibo, com mil agradecimentos. Recebi agora um postal do Sílvio Lima, comunicando-me a sua chegada a Paris e perguntando-me como se vem até minha casa. Respondi-lhe que vivo perto da Porte de Champerret, sítio fácil de atingir. Oxalá ele, Sílvio de Lima, me diga cousas interessantes de Portugal. O Reperaz já deve ter chegado. Os dois periódicos de aqui publicam notícias das prisões e deportações para os Açores⁴¹. O Jaime Cortesão mora agora no mesmo prédio que eu. O Proença⁴² seguiu para a Saboia, meia altitude e clima seco, por conselho dos Esculápios. Eu adapto fitas de cinema falado, traduzo Tolstoi (do

⁴⁰ Herbert Spencer (1820-1903). Filósofo e sociólogo inglês [n. a. = nota dos autores].

⁴¹ Devido a um dos muitos movimentos conspirativos de então, são presos e deportados para os Açores, entre outros: João Soares, Moura Pinto, Tavares de Carvalho, Carneiro Franco, Raul Madeira, a que se seguiram Sá Cardoso, Hélder Ribeiro, Augusto Casimiro, Rego Chaves, Ribeiro de Carvalho, Maia Pinto, Correia de Matos, Pinto Garcia, Carlos Vilhena [n. a.].

⁴² Raul Sangreman Proença (1884-1942). Jornalista, pensador e polemista, foi um dos fundadores da *Seara Nova* em 1921. Devido ao fracasso da revolta de fevereiro de 1927, exilou-se em Paris, onde permaneceu até 1931. Pela carta se verifica o seu débil estado de saúde, situação que paulatinamente o levará à loucura [n. a.].

francês) para um editor de São Paulo, e redijo reclames de produtos farmacêuticos. Rabisquei uma tragédia, com assunto na aparência antigo e na realidade moderníssimo⁴³. Os amigos, que a quiseram ouvir ler, insistiram por que a fizesse publicar já. Escrevi nesse sentido à Seara e à Renascença⁴⁴. Espero a resposta. Dará um volumezito de umas 120 páginas, e há quem se ofereça para arranjar dinheiro para a edição. Peço segredo sobre este caso.

Cá o fico esperando na ida ou vinda do Congresso de Oxford, ou de ambas as vezes. De 1 a 2 de setembro terei provavelmente de ir à Bélgica, ao Congresso da Ação Internacional Democrática para a Paz, de que me fizeram vice-presidente. Creio que não será nessa semana que o meu amigo passará por Paris.

Seu
A. S.

P.S. Na sua carta oficial pede-me que devolva o recibo; mas não veio com ela recibo algum. Vai esse sem selo, porque não tenho selos portugueses. Creio que terá de ser provisório.

⁴³ Trata-se da peça *Antígona. Drama em três atos* [n. a.].

⁴⁴ No entanto, a obra foi editada no Porto, Edição da República, 1930 [n. a.].

4.1.3. Uma obra de teatro clandestina e pouco conhecida de António Sérgio (Dionísio, 1975a, p.10)

Em princípios da década de 30 travámos com A. Sérgio, então no exílio, uma correspondência relativamente assídua, em boa parte motivada pela edição, feita às ocultas, de um livro inédito e bastante singular da sua autoria, em cuja difusão ele depunha umas certas esperanças de natureza política.

Sob a forma de inofensiva réplica ou de ecolalia de uma antiga tragédia helénica, essa obra de teatro (*para ler* e não, de modo algum, *para representar*) constituía uma condenação dramática da tirania que, então no nosso país, entrava no seu terceiro ano de inexorável vigência. O modelo era a *Antígona*, de Sófocles, e o título era o mesmo, na concebida obra de A. Sérgio.

Aqui caberá uma interrogação marginal:

Teria o Ensaísta algum intento de ordem artística além do objetivo circunstancial e político?

Afigura-se-nos que não. Talvez seja preferível, no entanto, nesse pormenor, guardar uma certa reserva, pois, como todos reconhecem, em A. Sérgio, a par do seu gosto da polémica e do esclarecimento racional, sempre se fez notar a discreta *hantise* da poesia e até do virtuosismo estético.

Acerca desse possível intento subjacente da sua inesperada criação dramatúrgica (devemos anotar) nunca trocamos quaisquer aclarações, de viva voz ou epistolares.

O objetivo imediato da «obrinha», como A. Sérgio familiarmente gostava de dizer, era o de contribuir para o merecido descrédito do regime de arbítrio que então ameaçava ganhar raízes no nosso País, em consequência de graves erros e infortúnios.

Alguns meses antes haviam sido sufocadas duas corajosas, mas mal orientadas rebeliões: a chamada revolta, violenta e quase bem-sucedida, de fevereiro de 1927 (primeiro no Porto e a seguir em Lisboa), fracassada por carência de sincronização, e a insurreição de

agosto do ano seguinte, culminada em trágico desastre, no tão mal conhecido cerco e massacre do Parque de Sete Rios.

A publicação, nas condições em que iria ser feita, envolveria um certo risco. Alguém teria, porém, de concorrer para que se efetivasse. Foi o que fizemos, de parceria com um trabalhador de Imprensa, diretor de um semanário pugnaz de gente nova portuense com quem então assiduamente convivíamos.

Com o devido cuidado, o original (trazido de Paris por um familiar de Afonso Costa) foi confiado a uma pequena tipografia contígua do velho liceu onde trabalhávamos, defronte do lúgubre pardieiro conhecido pelo nome de Casa de Reclusão.

Nesse inverno, duro e fatídico, de 30-31, demos início à revisão das provas que A. Sérgio, discretamente, pedia fossem meticolosas e pacientes *a duo*.⁴⁵ Escrúpulo talvez um tanto excessivo, pois a tarefa não era para demoras e a obra a editar (diga-se a verdade) não era de tal timbre que se pudesse dela esperar sensível acréscimo do renome literário do Autor.

*

Em duas palavras, a *Antígona* de A. Sérgio talvez possa assim ser resumida:

A cena passa-se em Tebas, num momento histórico em que a cidade está sujeita a uma odiosa tirania exercida por um tal Creonte (criptónimo, no pensar íntimo de A. Sérgio, de Carmona), apoiado em uma coorte de servidores armados. Lei não existia. O desterro era a única salvação dos discordantes ou dos vencidos. Pouco antes ter-se-ia dado uma rebelião, com numerosas vítimas, entre elas um irmão de Antígona, cujo corpo teria sido votado ao abandono, por ordem severa do déspota. Secretamente, Antígona, ainda que correndo grande risco, procura dar piedosa jazida ao corpo insepulto. Nessa decisão é auxiliada por duas piedosas tebanas, Isménia, sua irmã, e Creúsa, velha e dedicada ama de ambas. Em sucessivas cenas, aparecem, alternadamente, Antígona, Creonte, um Adivinho, e alguns dos servidores armados do tirano. Nos diálogos ressaltam frequentes anacronismos, nos vocativos e diminutivos familiares («– Não, se-

⁴⁵ Muito provavelmente, Sant’Anna Dionísio ter-se-á equivocado. O processo cuidado de revisão a dois a que se refere foi sugerido numa carta de 6 de agosto de 1930 (carta 5, publicada n’*O Primeiro de Janeiro*, de 2 de julho de 1975; *vide infra*, p. 336). E a 24 de outubro, o autor acusa já a receção de exemplares impressos da obra. Assim, em nossa opinião, a revisão das provas terá sido feita entre agosto e finais de setembro e não no “inverno, duro e fatídico, de 30-31”, tendo a obra saído do prelo em inícios de outubro. Esta nossa suposição é corroborada ainda por uma dedicatória de oferta, escrita num exemplar da *Antígona* por nós adquirido, que prova que em novembro já a obra circulava (*vide supra*, p. 313, n. 7).

nhora, não vi!», «– A sabedoria, meu rapazinho!») que surpreendem, como chocantes dissonâncias, inaceitáveis para o mais modesto conhecedor do *pathos* idiomático helénico.

No decorrer da ação registam-se ostensivas referências e analogias que visam a crueza e fealdade não da tirania de Tebas, mas, sim, doutra tirania.

Creonte acaba por ter conhecimento da desobediência de Antígona. Um guarda, aterrado, traz-lhe a nova de que o corpo do «réprobo», o irmão insepulto de Antígona, havia sido arrebatado e inumado com solenidade sacra. Creonte exalta-se e ameaça. Antígona é trazida à sua presença. O tirano decide fazê-la desaparecer. Um filho de Creonte propõe-se libertá-la. O tirano não cede. Entretanto, surge outra mutação: um mensageiro aparece, ofegante, perante Creonte com a notícia de que, em outra «polis» vizinha e aliada de Tebas, a tirania havia sido vencida e abolida. Creonte, apreensivo, ouve os servidores e consulta o Adivinho. Todos os prenúncios são sombrios. O povo de Tebas dá sinais de antipatia profunda pelo regime de grosseria e arbítrio que sofre. O próprio filho do tirano, Hémon, adverte e insurge-se.

O drama termina de modo bastante fruste, com uma sucessão de breves cenas em que os servidores de Creonte tentam fazer face a uma rebelião irrimediável.

Antígona, às mãos dos verdugos, é transportada para uma espécie de antro distante de Tebas, onde irá esperar a morte. As mutações cénicas e as «tiradas» (ora enfáticas, ora rudes, ora empoladas) sucedem-se de modo fatigante.

Sabe-se que a revolução na cidade, de modo imprevisto, subverteu a tirania. Creonte parece ter desaparecido. Hémon reaparece e tenta ainda salvar Antígona. Já não é tempo. A heroína havia sido precipitada na caverna. Um dos amigos servidores de Creonte, perante o corpo inerte de Antígona, louva a sua abnegação e a sua candura e exorta os antigos servidores do tirano a que se oponham a uma possível e nova tirania.

Tal era – e é, pois, a mal conhecida peça de teatro alegórico, ainda que rara, subsiste – a extravagante *charge* na qual o Autor dos *Ensaio*s, com bastante ingenuidade, depunha vivas esperanças.

*

Concluído o trabalho gráfico da edição impunha-se a tarefa não menos melindrosa da distribuição da obra clandestina.

É nesta fase que A. Sérgio, com maior frequência, nos dirige as suas discretas recomendações e solicitações.

Por precaução, a linguagem de ambos, mas sobretudo a do A. de *Antígona*, teria de ser eufemística e figurada. Quando, por exemplo,

A. Sérgio nos requer alguns exemplares da brochura para a difundir entre os seus companheiros de exílio, não fala, claro está, abertamente, em *livro* ou *brochura*; pede, sim, umas tantas «medalhinhas» ou indaga se as mesmas já terão sido remetidas aos interessados e «devotos».

As cartas que a seguir transcrevemos são exemplos de muitas que o Escritor nos dirigiu sobre o assunto, subscrevendo algumas com o seu nome e outras sob o pseudónimo de Luís de Montalto.

[4]

Segunda-feira (1930)

Meu caro Amigo

Muito obrigado pela sua carta de 15 e pelas enormes maçadas que está tendo com o livrito. Revi muito à pressa a cópia datilografada; oxalá não tenha deixado escapar nela algum erro grave. Aliás, muito à pressa improvisei também o original, que foi rabiscado em 15 dias, e que vai ser publicado, por determinação de amigos, e não minha. Não tinha a menor ideia de fazer aparecer aquilo, que escrevi como mero desabado e entretenimento da fantasia. Queira Deus que efetivamente a procura seja grande, como o meu amigo prevê.

Regresso a Paris, depois de um mês de trabalho intensíssimo nos Studios da Paramount⁴⁶. Espero poder ler agora, finalmente, e com vagar, os seus Scepticismos⁴⁷. Reitero os meus agradecimentos. Cumprimentos ao Eduardo Salgueiro⁴⁸.

A. S.

⁴⁶ Empresa cinematográfica onde Sérgio trabalhou intermitentemente entre 1930 e 1932 [n. ed. = nota do editor].

⁴⁷ Livro da autoria de Sant' Anna Dionísio (1902-1991), publicado no Porto, na Renascença Portuguesa, em 1930 [n. ed.].

⁴⁸ Eduardo Salgueiro (1904-1994). Fundador, em 1928, da Editorial Inquérito, colabora em *A Águia* e na *Seara Nova* e participa no grupo da Renovação Democrática [n. ed.].

[7]

16, Rue Louis-Blanc
Levallois-Perret (Seine)
23-8-30

Meu caro Amigo

Tenho andado tão atarefado nestes últimos dias com a filmagem, na Paramount, dos filmes falados que eu adaptei ao português – que nem sei se já lhe agradei ou não o seu postal, e o grande favor de se encarregar da responsabilidade da revisão da Antígona.

Não vejo inconveniente em que se não diga no livro quem é o editor, ou que se ponha: Edição do Autor. Percebo perfeitamente que a obra, em virtude do papel especial em que é composta e das gravuras, corra grande risco de ficar imperfeita ou de se estragar com facilidade; e, nestas condições, não convirá à Renascença ficar com a responsabilidade da fatura de uma edição de luxo. Rogo-lhe que resolva o problema como entender que ele poderá ser resolvido. Se a Renascença não quer ser nem a simples depositária, não se manda o alfarrábio para as livrarias. Faça-se então Edição do Autor; peça-se a alguém que receba a obra em sua casa e a guarde em qualquer canto, e realize-se uma distribuição gratuita aos amigos. Eu não tinha a menor tenção de publicar aquele escrito. Foi um grupo de pessoas amigas que o quis ler que resolveu publicar o folheto à sua custa, por o terem achado uma obra literária interessante. Não sei se o meu Amigo já a leu, e se tem a mesma impressão.

Em suma: resolva como entender. Todos os processos de impressão e distribuição me servem, contanto que se satisfaça a vontade daquele grupo de amigos que quer ver a obrira publicada. O dinheiro será para aí enviado por esse mesmo grupo, em princípio de setembro. E infinitos agradecimentos por tudo.

Espero que breve lhe poderei escrever.

A. S.

[9]

108, boulevard Berthier
Paris, 17 e 24 de outubro

Felicita-o pelo seu artigo A proibidade dum germanista⁴⁹, que vii em um exemplar de Águia que não sei quem lhe mandou, o

António Sérgio

Meu bom Amigo,

Vexa-me a ideia de tantas e tantas maçadas que lhe tenho dado. Recebi a sua carta de 18 um pouco atrasada, pois só cá chegou ontem, 23. Hoje, 24, foi-me entregue a segunda dose de medalhinhas, com que o escultor, autor delas, vai ficar decerto muito satisfeito. As notícias que me dá são muito agradáveis. Felizmente fica no Porto; bom é isso; muito gosto de que assim seja.

Luís de Montalto

Como se verifica são cartas, leves e breves, de circunstância, sem apreciável substância autobiográfica ou ideográfica.

O assunto e urgência não davam para mais.

Possuímos, no entanto, outras um pouco mais extensas, recebidas nesse mesmo tempo de António Sérgio, que talvez não seja desinteressante revelar como expressão do seu vivo proselitismo.

É o que faremos, se a oportunidade se oferecer.

⁴⁹ Sant'Anna Dionísio (1929). A proibidade dum germanista que fala, de cátedra, sobre Kant e Nietzsche. *Águia*, 244-256. De acordo com Monteiro (1997, p. 218), Dionísio “acusa de plágio Gustavo Cordeiro Ramos, professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa. Prova que o trabalho intitulado *O Fausto de Goethe no Seu Duplo Significado Filosófico e Literário*, publicado por Cordeiro Ramos em 1918 e que serviu de prova para concurso a professor catedrático, merecendo-lhe também o lugar de sócio da Academia de Ciências de Lisboa, foi crassamente plagiado de *Histoire de la Littérature Allemande*, de Bossert” [n. ed.].

4.1.4. Mais algumas cartas de António Sérgio (Dionísio, 1975b, p.10)

A propósito da publicação, bastante discreta e não isenta de alguns riscos, da já apontada sátira ético-política, *Antígona*, de António Sérgio, tivemos ocasião de transcrever algumas singelas missivas que o combativo pedagogo nos dirigiu, do desterro, com alusões a esse seu empenho editorial. Então, acentuámos a relativa leveza dessas apressadas expressões de convívio epistolar e prometemos rebuscar, se possível, outras mais substantivas relacionadas com o assunto.

Não serão ainda as mais significativas estas que vamos oferecer. Prestam-se, no entanto, a algumas reflexões para quem quiser inserir-se, em espírito combativo, na complexa trama aracnídea de fatores, uns de feição incoercível e fatídica, outros de ordem contingente (e, portanto, até certo ponto, evitáveis), que, no segundo quartel deste século, contribuíram para a alteração política e anímica do nosso pobre e infortunado país.

Em palavras simples, lembremos:

Após a frustrada tentativa de reposição das prerrogativas cívicas, em 1927, muitas personalidades de vulto envolvidas nesse malsucedido e honroso impulso viram-se coagidas a procurar no exílio o pão amargo da «resistência», ganho dia a dia, por muitos, nos trabalhos mais ingratos. Assim, o Autor do *Ao Parapeito*, o inflexível e pausado Pina de Morais⁵⁰, antigo combatente da Grande Guerra, empenhar-se-ia, como obscuro civil, em França, na capital da região bordalesa, no apagado ofício de agente de importação dos vinhos generosos da sua materna terra duriense; Domingues dos Santos⁵¹, antigo presidente de um gabinete ministerial pro-

⁵⁰ João Pina de Morais (1889-1953). Escritor, jornalista, político e militar [n. ed.].

⁵¹ José Domingues dos Santos (1885-1958). Jurista, professor e jornalista, exerceu as funções num dos governos da I República [n. ed.].

missor, mas efêmero, daria ingresso no *staff* administrativo de um organismo de radiodifusão estatal francesa; Raul Proença⁵², poderoso reorganizador da Biblioteca Nacional de Lisboa, converter-se-ia em cooperador assalariado de uma editorial parisiense (a Casa Hachette), pondo ao seu serviço a excepcional experiência e proficiência bem reveladas na truncada iniciativa do «Guia de Portugal»; Jaime Cortesão⁵³, a princípio em Espanha, depois em França, e por fim no Brasil, ao mesmo tempo que trabalhava na sonhada reparação dos erros cometidos em 1927, consagrar-se-ia, com fervor, à elucidação de alguns espaços brancos da obra prodigiosa dos Descobrimentos; Armando Cortesão⁵⁴ (irmão pelo sangue, pelo amor da Terra e pela paixão ascética da pesquisa científica, do Autor da *Teoria do Sigilo*) absorver-se-á, por sua vez, na tarefa, iniciada bem antes pelo devotadíssimo Visconde de Santarém, de revelar o importante contributo dos navegadores e cartógrafos portugueses de Quinhentos para a criação das técnicas científicas de representação geo-oceânica, com os seus incontáveis delineamentos e acidentes.

Resgatando-se, de certo modo, dos erros de visão política, bem comprovados na sua voluntária renúncia da carreira de oficial da marinha, no momento culminante da revolução de outubro, em 1910, e mais ainda na obliquidade dos seus comentários dos primeiros passos do novo regime, nas colunas de *A Águia*, António Sérgio, compelido também ao exílio, associar-se-ia a esse grupo de liberais desterrados, pagando, como eles, com estoicismo, a sua firme opção de propugnador das liberdades cívicas como condição primeira da única maneira jurídica de viver e de conviver digna do homem.

É nos poucos momentos livres que os compromissos impostos pelas exigências do dia a dia lhe concedem que A. S. se entrega a uma persistente atividade de animador, de doutrinador político e uma vez ou outra em rápidas surtidas de pedagogia polémica.

O país atravessava então uma grave crise que se traduzia (como hoje) em sombrios prenúncios, em consequência, em boa parte, da desastrosa gerência financeira da ditadura militar, confiada pela mesma a um oficial de elevada patente, do Estado Maior (Sinel de Cordes), tido, no seu círculo, como rara competência, mas, de facto (conforme se verificaria), um genuíno inepto no plano técnico e administrativo.

A situação financeira era tão grave que o governo de então se viu na necessidade de tentar obter, sob o patrocínio da Sociedade

⁵² *Vide supra*, n. 42.

⁵³ Jaime Cortesão (1884-1960). Médico, político, escritor e historiador [n. ed.].

⁵⁴ Armando Cortesão (1891-1977). Engenheiro agrónomo, historiador e tradutor [n. ed.].

das Nações, um volumoso empréstimo. Tal pretensão, porém, fracassaria, mercê da atitude advertente dos exilados portugueses de Paris (B. Machado⁵⁵, A. Costa⁵⁶, R. Proença, A. Sérgio, J. Cortesão, J. de Moraes, D. dos Santos) que formalmente teriam feito ver ao Organismo Internacional de Genebra que, no caso de reassumirem a responsabilidade diretiva do país, não aceitariam o compromisso financeiro que o governo extralegal assumisse.

Como revindicta pelo revés sofrido, um dos atos mais significativos que o governo de força instalado no Terreiro do Paço poria em execução seria este: o de retirar ao antigo Presidente da República, Bernardino Machado, a pensão de aposentação que lhe era devida como antigo professor universitário.

Foi nesse transe histórico de arbítrio insofrível, tenazmente combatido pelos que comungavam do pão negro da diáspora, que A. Sérgio tivera, em dado dia, a ideia de escrever, sob forma alegórica, a já apontada réplica da obra do grande trágico grego.

Eis algumas das cartas que sobre esse seu propósito nos dirigiu por esse tempo:

[6]

Paris
Ag. 1930

Meu caro Amigo

Muito obrigado pela sua carta. Aflige-me ter de lhe falar neste assunto nas circunstâncias em que agora se vê. Nem sei que lhe dizer delas, porque julgo todas as palavras completamente inúteis.

Ponho o caso da Antígona nas suas mãos. Ou edição da Renascença, ou da República, ou do autor: como julgar melhor para todos.

Quanto à Águia: Pode publicar nela todos os trechos que entender da minha conferência que deveria iniciar o 3.º volume dos Ensaios. Neste momento, não tenho tempo para escrever uma linha. Passo nos Studios da Paramount, a trabalhar, das 4 da tarde às 7 da manhã. Levo 3 horas, pelo menos, no trajeto de Joinville (onde são os Studios) até minha casa (ida e volta). No resto do tempo, durmo e trato dos pequenos negócios mais urgentes – correspondência, etc. Vou escrever ao Jaime. Proença está doente, na Saboia, para onde o médico o mandou⁵⁷.

⁵⁵ *Vide supra*, n. 19 [n. ed.].

⁵⁶ Afonso Costa (1871-1937). Advogado e professor universitário, foi uma figura proeminente da Primeira República [n. ed.].

⁵⁷ Era o início da terrível doença que iria emudecer o Escritor durante sete anos. O excesso de trabalho, as inarráveis privações que o exílio lhe impunha

Achar-se-á meio de me fazer remeter 30 exemplares, uma vez impressa a obrita?

Seu
A. S.

[5]

16, Rue Louis-Blanc
Levallois-Perret (Seine)
6 de agosto, 1930

Meu caro Amigo

Participo-lhe que remeti hoje para a Renascença Portuguesa o original do meu drama Antígona, e que dentro de uns três ou quatro dias receberá a Administração a quantia de três mil e quinhentos escudos, para as despesas da edição. O orçamento da última tipografia consultada era de 3 000 escudos, se não me engano, e, portanto, aquela quantia deve chegar largamente.

Visto que estamos em época morta de negócio de livraria, parecia-me bom pôr agora à venda só uns 300 exemplares da obra, e guardar o resto da edição em armazém seco, onde o papel couché das gravuras não corra o risco de ser atacado pela humidade⁵⁸. Ponho o negócio nas suas mãos, pelo que desde já lhe agradeço muitíssimo.

Peço-lhe que me dê notícias suas e que me acuse (em um postal) o recebimento do original, mal ele aí chegue, e o dinheiro, mal a Renascença o tenha cobrado.

Seu
A. S.

Mais um favor:

Peço-lhe que tome sob o seu cuidado a questão da revisão das provas. Revisão por duas pessoas: uma a ler os granéis, outra a seguir pelo original.

(a ele e à sua família, relativamente numerosa), a cólera sacra que por vezes o assaltava, quando tomava conhecimento do que se passava, lá em baixo, no País dos Absurdos, acabaram por romper a linha de resistência espiritual do infatigável paladino e lutador [n. a.].

⁵⁸ Trata-se, obviamente, de um disfarce epistolar, na previsão de alguma interferência da vigilância postal que, então, era habitualmente exercida. A obra não envolvia gravuras, nem era impressa em papel *couché*. «Armazém seco» queria dizer: conviria pô-la em parte, a bom recato, a fim de prevenir uma eventual apreensão total da edição [n. a.].

Meu bom Amigo

Recebi vinte medalhinhas⁵⁹, dez por envio direto, e dez por intermédio do nosso amigo Macedo⁶⁰. Neste momento não preciso de mais. Mil agradecimentos.

A Seara Nova deve pagar-me neste mês de janeiro dois ou três contos de reis de venda do 2.º vol. dos Ensaios. Escrevo, neste momento, ao Câmara Reis⁶¹ a pedir-lhe que lhe remeta esse dinheiro para ser empregado na edição do terceiro volume. Como Câmara Reis se queixa de ter muito que fazer e demora as coisas, haveria conveniência de o meu bom Amigo se dar ao incómodo de lhe escrever. Envergonho-me de abusar tanto da sua paciência, mas vou abusando... Que remédio!

Há dias que não temos notícias da situação política portuguesa, que parecia complicada. Os oficiais partidários da transição recuam ou não recuam?

*Seu
A. S.*

*S. Maurice (Seine)
18-3-31*

Meu bom Amigo

Os moços integralistas de Coimbra fizeram-me o grandíssimo obséquio de chamar as atenções sobre a Antígona, distribuindo um manifesto de descompostura contra ela. Excelentíssimo reclame e ajuda para a propaganda, que seria pena não aproveitar. Seria bom que remetessem para Coimbra exemplares e, se possível, com uma cinta em que se dissesse, por exemplo, o seguinte:

Parece que os inimigos do autor têm toda a razão em dizer que este livro é um plágio imenso, audaciosíssimo, fenomenal, e obra abaixo de zero como conceção e como estilo. Em todo o caso, é

⁵⁹ «Medalhinhas», neste caso, queria dizer, simplesmente, exemplares impressos da brochura *Antígona*, editada por nós às ocultas [n. a.].

⁶⁰ Referência ao Prof. Newton de Macedo, que nessa data entrava na disponibilidade, em consequência da extinção da Faculdade de Letras do Porto e que, por algum tempo, viveu em Paris, nessa quadra, a aprofundar certos estudos de psicologia científica, na Sorbonne [n. a.].

⁶¹ Luís da Câmara Reis (1885-1961). Professor e jornalista, integrou o grupo que fundou a revista *Seara Nova* [n. a.].

melhor ler, para verificar.

Escrevi ao Câmara Reis.

E o Instituto de Estudos Democráticos?

E os seus planos de trabalhos?

Estudem a questão constitucional!

*Seu
A. S.*

Como se verifica por esta carta última, A. S. mostra-se vivamente interessado em saber que espécie de trabalhos que estaríamos a realizar, na previsão (subentende-se) da mutação política que se pressupunha inevitável e iminente.

A ingenuidade expectante era então tão intensa como generalizada. Tanto entre os exilados como entre os que haviam permanecido no país, conforme lhes era possível, fazia-se sentir a frequente profecia caseira, que já no tempo de Antero afluava, de modo habitual, na frase abafada e severa de José Fontana: «A Revolução estala para a semana!». É claro que o prenúncio se protelava indefinidamente. Os dias e as semanas, os meses e os semestres iam decorrendo e o que se julgava ser transitivo e precário ganhava cada vez mais consistência.

Com relativa regularidade, em certas noites, os exilados reuniam-se. Apareciam os antigos ocupantes das cadeiras do poder, um ou outro oficial da armada sem soldo (Álvaro Pope, Sarmento Pimentel, comandante Salgueiro), um ou outro médico ou professor (Gumersindo Soares, Gomes Mota, Mário Silva, Newton de Macedo), entrava a apumada figura do Sérgio ao lado do emudecido arcaboço do Proença, aparecia uma vez ou outra o velho Presidente Bernardino.

Procurava-se saber o que havia.

Naturalmente, entre os duros emigrados, viviam-se intermitentes momentos de fé e de desânimo.

Segundo, mais tarde, nos diria R. Proença, nesses encontros noturnos de Paris, quem mais força de ânimo acusava era o velho Afonso Costa, com a sua barbicha já esbranquiçada, mas a sua voz sempre pronta e impressiva, argumentação terminante e magnética.

Infelizmente, talvez tenha sido esse excesso de «suficiência» a causa de um erro de atitude extremamente nocivo. Aludimos ao funesto «não» que a Liga de Paris pronunciou, de modo seco, em face das discretas propostas que um emissário do governo de Lisboa (em dada fase presidido por Ivens Ferraz⁶²) teria levado aos exilados para

⁶² Desse gabinete fazia parte um oficial superior de rara distinção e de genuína vocação liberal, o general Costa Ferreira, como titular da Instrução

um possível «entendimento».

Pouco tempo depois, o apontado general e chefe do governo, vítima de um acidente inexplicável, desapareceria da cena política e o regime do arbítrio, endurecido e conduzido com firmeza maquiavélica, astuta e frígida, tornar-se-ia em manipanso de pedra e cal para quatro décadas.

A. Sérgio, coerente no seu entranhado pedagogismo de raiz anglo-saxónica, persistia em crer que o mais importante estaria na ação educativa – e, nesse ponto, a sua visão era exata e lúcida –, pois está mais do que provado que uma mutação política se não for imediatamente compensada e assimilada por uma obra ingente e discreta de aperfeiçoamento íntimo e conveniente da Infância e da Adolescência, da idade orgulhosa (a Adulta) e da idade experiente e evanescente, ou Velhice – é, de certeza, mero estampido de arraial ou fogo de vistas.

Uma das ideias mestras da pregação de A. Sérgio era a da necessidade de reforma do órgão axial e vital do aparelho do Estado: o órgão legislativo. Por isso, como se vê, ele termina uma destas cartas breves, exclamando: «Estudem a questão constitucional!».

E, para dar exemplo, dava-nos, para transcrever *A Águia* (nessa data dirigida por Leonardo Coimbra e por nós, ainda na quadra dos vinte), um escrito intitulado *Sobre a Reforma do Legislativo*, por ele redigido no ano anterior, já no exílio, e que a obscura revista publicaria num fascículo que hoje é uma autêntica raridade bibliográfica, pois a Censura, então vigente, proibiu a sua distribuição e destruiu a tiragem⁶³. Que o leitor diligente procure e verifique”.

Pública, e que não hesitou, em 1930, em afirmar publicamente que era tempo de o Exército ceder lugar aos civis a responsabilidade de assumir a direção dos negócios públicos. [n. a.]

⁶³ Referimo-nos aos fascículos n.º 10-11, da 4.ª série, correspondente aos meses de julho e outubro de 1929. Importa referir que o referido corte, total e cerce, de dezoito páginas da consagrada revista e correlativa distribuição do fascículo (hoje *introuvable* nas próprias Bibliotecas Públicas fundamentais, beneficiárias do Depósito Legal, salvo a Biblioteca Nacional de Lisboa, à qual, muito discretamente, oferecemos, há uns 25 anos, uma dessas reliquias) não foi motivada pela publicação do referido escrito de A. Sérgio, mas, sim, de um estudo nosso, *A probidade de um germanista*, que fala de cátedra sobre Kant, Nietzsche, Goethe, Fichte, consagrado ao exame de uma tese de doutoramento de um professor de grande reputação interna e externa, que, nessa época, havia ocupado, duas vezes, o cadeirão ministerial da Educação Nacional. [n. a.]

4.1.5. Carta de António Pedro a António Sérgio (BAS: S.COR1-Env.40)

[15]

Meu ilustre amigo,

Recebeu o meu caderninho de teatro com um texto sobre a liberdade do ator?⁶⁴ Teve paciência para o ler? Interessam-lhe os outros que já saíram⁶⁵ e quer que passe a mandar-lhe os que forem saindo?

Como não sei se sabe, dirijo no Porto um grupo de teatro a que faço, regularmente, duas vezes por semana um curso de iniciação, e que ensaio. Acabámos há pouco de levar à cena uma “Antígona” da minha lavra e com um êxito enorme de público e de crítica. Mando-lhe o programa onde, é claro, se faz referência à sua glosa ao mesmo tema sofoclíano⁶⁶.

O teatro grego textual é muito difícil de levar à cena, sobretudo com a magra técnica teatral de que dispõem os rapazes de

⁶⁴ Referência ao opúsculo de António Pedro, *O teatro e a Liberdade do Actor* (Col. “Cadernos dum Amador de Teatro, n.º 5”), Porto [1954]. [n. ed.]

⁶⁵ Os opúsculos então já publicados eram os seguintes: António Pedro, *O teatro e a sua verdade* (Col. “Cadernos dum Amador de Teatro, n.º 1”), Lisboa [1950] (publicação de uma conferência proferida no Instituto Superior Técnico, em 31 de março de 1950); António Pedro, *O teatro e os seus problemas* (Col. “Cadernos dum Amador de Teatro, n.º 2”), Lisboa [1951] (publicação de uma conferência proferida no Clube dos Fenianos do Porto, em 24 de maio de 1950); António Pedro, *O teatro e a técnica do actor* (Col. “Cadernos dum Amador de Teatro, n.º 3”), Porto [1952]; António Pedro, *Exercícios de articulação e colocação da voz* (Col. “Cadernos dum Amador de Teatro, n.º 4”), Porto [1953]. Depois desta carta a António Sérgio, foi ainda publicado, na mesma coleção, o opúsculo de José Augusto França, *Notícia duma Morfologia Dramática* (Col. “Cadernos dum Amador de Teatro, n.º 6”), Porto [1955]. [n. ed.]

⁶⁶ O programa, além da referência à *Antígona* de Sérgio (1930), menciona também as recriações do mito feitas por Júlio Dantas (1946) e por Cocteau (1922), Chancerel (1934) e Anouilh (1942). [n. ed.]

Coimbra⁶⁷, primeiro porque as traduções são em geral antiteatrais e difíceis de recitar por isso e depois porque não foram as peças concebidas para serem levadas a um palco à italiana que é aquilo de que hoje dispomos.

Um texto de teatro “conta” com o local e o modo onde e como será recitado. Ora como o meu amigo sabe melhor do que eu, os gregos recitavam (não representavam) de máscara e coturnos. De coturnos, isto é, com os movimentos dificultados pela altura das solas, da máscara muito maior do que a cabeça e com uma espécie de megafone (um funil) na direção da boca. O coro evoluía e cantava na orquestra. A skene ficava longe do anfiteatro e com uma parede sólida e, portanto, refletora do som atrás.

Só repetindo estas condições mais ou menos é que se poderá decentemente repor um texto grego sem modificações. Onde?

Fazê-lo em palco com bastidores, sem coturnos, sem máscaras próprias, movimentando as figuras à moda de amadores de teatro romântico, como fatalmente o vão fazer os rapazes, é diminuir e dar uma ideia errada do que se quer valorizar.

Isto não lhes facilitava a vida e não os ajudava. O teatro é um ser vivo. Vivificá-lo, contemporanizá-lo não é trai-lo, antes pelo contrário – é servi-lo pelo melhor modo.

Na Inglaterra, onde se ama e se venera o Shakespeare, os atores e as companhias que melhor o leram alteram os textos, na medida em que essa alteração não prejudica antes ajuda o sentido daquilo que o autor quis.

Eu tenho pelos estudantes de Coimbra e pelo seu teatro a maior simpatia. Não seria justo prejudicar-lhes uma iniciativa, apontando-lhes as dificuldades quase inultrapassáveis e o erro fundamental de critério que adotam e, por outro lado, gosto demasiadamente do teatro para o trair; servindo ou procurando servir os amigos com ele.

Isto remete ao caso do artigo especial que teve a gentileza de me pedir. Quanto à colaboração em geral, logo que me seja possível lhe mandarei um artiguito qualquer.

Mas a minha vida anda atrapalhada quanto a tempo. Tenho uma oficina de cerâmica. Faço modelos para a Fábrica de Viana. Vou ao Porto que é a 100 quilómetros duas vezes por semana por causa do meu teatro⁶⁸. Agora vou dirigir a parte do teatro numa página semanal que vai publicar o “Jornal de Notícias”. Publico os meus cadernos e... como calcula, o tempo não me sobra para nada.

⁶⁷ Alusão ao Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), que levou à cena várias peças de tema clássico, traduzidas do original, sem qualquer adaptação. [n. ed.]

⁶⁸ Círculo de Cultura Teatral / Teatro Experimental do Porto. Fundada a 1 de fevereiro de 1951, esta é mais antiga companhia de teatro do país, ainda em atividade. [n. ed.]

Peço-lhe a maior desculpa da letra infame e peço também que me recomende à Senhora D. Luísa a quem a Manuela manda muitos cumprimentos.

Reli, é claro, com muito gosto os seus artigos. A sua vocação de mestre está a ser ungida por uma espécie de santidade para a qual os tempos vão cada vez piores. Mas vale sempre a pena ir-lhes dizendo que não têm razão.

Um amigo muito admirador,

António Pedro

4.2. Da polémica em torno da *Antígona* de António Sérgio

4.2.1. Fraude Literária (Mendonça, 1931, p. 2)

Saiu há tempos, sob o nome do Sr. António Sérgio, uma peça de tom dramático-político, que nos sugeriu as seguintes considerações:

Alguém usurpou o nome do Sr. António Sérgio, porque há impossibilidade manifesta dum homem, que se põe como mestre da inteligência portuguesa, que afirma a sua preocupação constante de se manter no campo das ideias, e se considera a si próprio como a mais alta mentalidade portuguesa e das primeiras da Europa, ter escrito uma obra de mera declamação sectária e de tal inferioridade que não consegue atingir ao menos a categoria dum regular panfleto.

É uma traição literária e espiritual que se cometeu sobre uma obra clássica grega de valor consagrado. Transformou-se uma tragédia de Sófocles, obra-prima da literatura grega, num melodrama grosseiro, melhor, num pasquim. *Antígona*, a figura heroica da peça, é nas mãos do autor uma burguesinha romântica da literatura barata. O heroísmo dilui-se em declamações sentimentais sem o tom natural de grandeza, que ao menos ao autor, incapaz, ao que parece, de compreender a arte e a realza clássica, mas conhecedor certamente da revolução francesa, podia inspirar a figura heroica de Carlota Corday marchando para Paris ao encontro da guilhotina com o seu Plutarco na algibeira.

Um exemplo ao acaso:

Numa hora trágica e solene em face do dever e da morte, declama:

Antígona (só) (cena III) – «A alvorada!... Que pura que vem!... Canta a luz do sol na frescura plácida desta manhã; cantam com ela o ribeiro e o campo, a montanha e o céu... Alvorada, claridade, luz! De ti, luz, tenho sede agora: de luz absoluta, de luz perfeita! Faz-nos ver, luz do sol, não fantasmas, mas ideias; varre as ilusões que nos prendem a alma, torna-nos claros e livres em ti! Quem te recebe – ó luz da alvorada! – compreende os homens e perdoa tudo; quem te recebe – ó luz do espírito! – dissipa as quimeras e o medo à morte na pura embriaguez do teu fulgor! Seja eu como tu – clara e livre! Amo-te, ó luz, e preciso de ti! Dá-me coragem, dá-me coragem, para que não vençam as imagens doidas que nos encham de angústias e de pavor! Dá-me coragem, levanta-te em mim! Quando tu iluminas a nossa alma, que existe no mundo que não sejas tu? Que é um exército? Quem é Creonte?

Quando tu resplendes no meio-dia pleno – ó luz do espírito! – tudo nos parece natural e fácil: não há dúvidas, não há impossíveis, não há receios, não há terrores: só existe a luz! Dá-me coragem, levanta-te em mim! Arranque-me a alvorada que nos céus espande a todas as quimeras que me fazem medo! Liberte-me a luz da inteligência clara de todos os fantasmas da imaginação!».

Parece aquela cena de ópera em que o ator canta interminavelmente «corro a salvar-te... corro a salvar-te», sem se mover do lugar. Como se vê, a heroína é dotada duma estranha tagarelice em situação que devia ser de sobriedade e grandeza épica.

Segundo opinião do Sr. A. Sérgio, o nível mental está baixo, logo, esta Antígona romântica e burguesinha moderna bebe do mesmo néctar capitoso! É bem feito... a Antígona que lhe perdoe.

De um *truc* grosseiro se serviu o autor, usando dum processo inferior de inteligência, produto do fanatismo sectário, de colocar em frente dois grupos, de que o próprio possui sem exceção todas as virtudes e toda a nobreza, e o outro é difamado e caluniado como possuidor de todos os vícios. Caso tanto mais grave quanto essa difamação geral e vaga, esses insultos feitos à coletividade, tem a hábil escapatória de que pedindo alguém a responsabilidade deles se pode afirmar que esse alguém é uma exceção de que o caso não se entende com ele.

Demais, quem não crê na sinceridade da fé e do ideal alheio autoriza os outros a duvidar por completo da fé e da sinceridade de quem assim procede.

O autor apouca a inteligência da mocidade portuguesa, supondo-a incapaz de ver um *truc* tão grosseiro, sofismas rudimentares, ruins conceitos faz dos seus sentimentos, julgando-a capaz de se associar a uma ato de difamação e a injúrias que envolveu globalmente uma generalidade importante do povo português, e infama indiretamente todo o passado nacional.

O autor inspirou-se, ao que parece, diretamente da obra «*Antigone* de Jean Cocteau» que, sendo uma adaptação de mediano valor, foi ainda inferiorizada, neste caso, pelo fanatismo sectário. De facto, em muitos pontos, o melodramático pasquim de que se trata não faz mais do que parafrasear e, por vezes, traduzir literalmente o referido Jean Cocteau. Deleitemos os nossos olhos:

Antigone (pág. 94).

Ismène – «... Antigone! Antigone! Notre pauvre père est mort dans la boue après s’être crevé les yeux pour expier ses crimes; notre mère, qui était sa mère, s’est pendue; nos frères se sont entregorgés. Imagine, nous deux, toutes seules, la fin sinistre qui nous attend si nous bravons nos maîtres. Nous sommes des femmes, Antigone, des femmes malhabiles à vaincre les hommes. Ceux qui commandent sont plus forts que nous. Que Polynice m’excuse, mais je cède. J’obéirai au pouvoir. Il est fou d’entreprendre des choses au-dessus de ses forces».

Antigone (pág. 95)

Antigone – «... Car, Ismène, le temps où je dois plaire aux morts est plus considérable que celui où il me faut plaire aux vivants...»

Antígona (pág. 15).

Isménia – «... Parece-me ver a cada instante o nosso pai, fugido de todos como um maldito... Vejo as chagas horríveis dos seus olhos... Vejo o corpo da nossa mãe, enforcado... Vejo depois os nossos irmãos, mortos os dois no mesmo dia, um no partido do despotismo, o outro revoltado contra ele... E vejo os soldados do tirano...»

Antígona (pág. 17).

Isménia – «... Nós somos mulheres, não vês tu? Somos mulheres; não nos compete guerrear com os homens... Nascemos para o sacrifício; nascemos para sofrer e para chorar... Não se pode, Antígona, combater com os que têm o mando; não se pode, minha querida: é impossível...»

Antígona (pág. 19).

Antígona – «... Não me interrompas... Percebe isto: eu desejo agradar aos mortos, Isménia, mais do que aos vivos: porque o tempo que estarei com eles será eterno...»

Antigone (pág. 93)

Antigone – «Tu me demandes: Qu’y a-t-il? Hé! Créon ne donne-t-il pas la sépulture a l’un de nos frères et ne la refuse-t-il pas à l’autre? Etéocle aura l’enterrement qu’il mérit, mais il est défendu d’ensevelir Polynice ou de le pleurer. On le laisse aux corbeaux. Tels sont les ordres que le noble Créon promulgue pour toi et pour moi, oui pour moi. Il va venir en personne, ici même, lire son décret. Il attache la plus grande importance à l’exécution de ses ordres. Les enfreindre, c’est être lapidé par le peuple. Voilà. J’espère que tu vas montrer ta race.

Ismène – Mais que puis-je?

Antigone – Décide si tu m’aides.

Ismène – A quoi?

Antigone – A soulever le mort.

Ismène – Tu veux l’enterrer malgré le roi?»

Antígona (pág. 16).

Antígona – «Calma-te um pouco, minha filha. O tempo urge, e tenho que conversar contigo. Sabes que o déspota, Creonte, deu as honras da sepultura ao nosso irmão que combateu por ele – a Etéocles –, mas que as recusou a Polinices, que era um dos chefes dos revoltosos. O cadáver de Polinices, como sabes, foi deixado insepulto numa colina, de pasto aos corvos.

É proibido inumá-lo, chorar por ele. Tais foram as ordens de Creonte, para serem obedecidas pelo povo de Tebas; para serem obedecidas também por ti, minha boa Isménia, para serem obedecidas também por mim. Quem infringir o seu decreto será lapidado na praça pública. Assim o déspota o fez proclamar. Mal o soube, entrei em Tebas, sem ser conhecida. Quis falar-te, Isménia, para te perguntar o que tencionas fazer.

Isménia – Eu? Que tenciono fazer?... Não percebo. Mas que pode fazer uma mulher como eu?

Antígona – Pergunto-te se me queres ajudar.

Isménia – Ajudar-te? Como? Ajudar-te em quê?

Antígona – A levantar o cadáver de Polinices.

Isménia – A levantar?... Que dizes? Sepultá-lo contra as ordens de Creonte?»

E como estes mais exemplos se podiam dar.

Ódio fanático à Igreja Católica que escabuja em injúrias numa incompreensão desta grande instituição, sem se vislumbrar através da cegueira deste ódio um esforço de entendimento «nem um raio de razão que seguindo puro» procurasse a sombra duma prova das afirmações caluniosas nos factos e menos ainda na lógica das doutrinas.

Conclusão

Crime de lesa arte (traição literária e espiritual), *truc* grosseiro, sofismas rudimentares, injúrias e difamações a esmo sem prova (o que era impossível), desdém pela inteligência da academia, plágio, fanatismo estreito e sectário, eis o que nos autoriza a afirmar perentoriamente que este melodrama, que redundava propriamente em farsa, não é da autoria do Sr. António Sérgio.

O Sr. António Sérgio é um coração exuberante de paixões que procura num grande esforço intelectual racionalizar.

Tem sido assim através da sua obra, certamente sem dar por isso, um sofisma de alguma elegância, e até por vezes, podemos dizer, tem relâmpagos claros de visão de verdade em pontos restritos. Razão esta, sem dúvida, porque um dia o Sr. Dr. Mendes dos Remédios lhe chamou *espírito gentil*.

Esta gentileza de espírito é forçosamente incompatível com uma obra tão insignificante. Nem mesmo podemos admitir que a ambição do mando e o desejo ardente de regressar à Pátria tenham perturbado tão profundamente as qualidades literárias e intelectuais do Sr. António Sérgio. Alguém lhe roubou o nome. Apareça esse alguém.

J. M.

Nas últimas décadas da vida nacional tem-se verificado a existência de um abaixamento de nível mental de um grande número de falsos ídolos que fazem as delícias daqueles para quem o estudo é preocupação perfeitamente dispensável e até odiada.

A falta, também, de um espírito crítico severo tem permitido a qualquer arrivista audacioso arrogar-se, com ares pedantescos e empavonados, à categoria de homem ilustre.

Tempos houve que para se ser alçapremado aos mais altos pináculos da política e da literatura bastava ostentar o rótulo da liberdade, ou trazer a chancela das alforjas.

Um espertalhão que soubesse dizer mal do passado, assumir atitudes catedráticas, falar com desdém (com ares de intelectual) no «reino da estupidez» ou no «reino cadaveroso», que saiba falar pouco corretamente da religião – como qualquer S. Lima ou André Velasco, que saiba chamar ao seu sectarismo torvo imparcialidade crítica ou análise da razão pura tem passaporte para génio nacional.

O que se passa no campo das letras passa-se no campo da política:

Assim vemos Norton de Matos, o Calígula em Angola, arranjar fama de grande colonialista por esbanjar loucamente, sem medidas, sem método, sem orçamentos, somas fabulosas e nem sequer ver se essas obras que começava podiam ter a continuidade necessária.

António Maria da Silva era grande homem por saber jogar no governo, com o Zé Domingues e outros quejandos, o «Tira-te tu e ponho-te lá eu», etc.

Há pouco, no campo da literatura, vimos um André Velasco a insultar a cultura católica e ao mesmo tempo a plagiar vergonhosamente um livro dum pensador católico.

Vimos um Sr. Velasco publicar coisas sem dizer donde as tira.

Vimos um Sr. Câmara Reis – que se alcandora a mentor da república – fazer conferências e artigos de autorreproduções.

Vimos um «sórdido Camacho» – no dizer do correligionário João Chagas – arrogar-se à categoria de super-intelectual e, como tal, ser... por muitos adorado.

Seria inumerável a lista...

E agora vemos António Sérgio – que tem a pretensão de ser super-homem do republicanismo em Portugal, parafrasear e copiar uma obra que lhe não pertence. É deste caso que hoje gostosamente nos ocupamos.

4.2.2. Resposta a uma calúnia e burrice... “integrais” (Sousa, 1931, pp. 2-3)

Neste burgo de Coimbra publica-se, de quando em quando, em papelejo estercorário: a *Acção*. Escrito com a mais venenosa tinta política, e gerado à luz sagrada da “rabies theologica”, tem ele o condão de suscitar nas almas bem formadas um misto de repugnância e dó. Repugnância pelo estrábico e desleal dos processos; dó pela carência total de cultura e senso crítico.

Na semana finda, a *Acção*, melhor diremos, a *Reacção*, difundiu profusamente pela cidade um manifesto: *Fraude Literária*. Nele acusa-se o Sr. António Sérgio de ter plagiado a *Antígona* de João Cocteau. Ora vejamos. Que se entende por plagiário? Chama-se plagiário a todo o indivíduo que, aproximando-se dum texto alheio, o publica como sendo original seu. Assim, André Velasco foi plagiário porque apresentou, como obra sua, um volume alheio em que se debatia o sistema pedagógico de Aristóteles. Há duas espécies de plágio; o *literal* e o *ideológico*. O primeiro é a cópia feita letra por letra do texto original: *ipsis verbis*. O segundo é o furto da ideia central do texto, a apreciação da sua substância temática.

Assente este ponto, vejamos se António Sérgio plagiou – ou literalmente, ou ideologicamente – a *Antígona* de Cocteau. Pelos próprios elementos que a *Acção* transcreve, ridiculamente, em duas colunas (a de Cocteau e a de Sérgio) vê-se que, a admitirmos plágio, este não podia ser literal. Não existe lá uma única frase literalmente copiada. Replicará o leitor: mas há um plágio ideológico! A isto responderemos com simplicidade: ó senhores, nem esse! Tanto Cocteau, como A. Sérgio, mais não fizeram do que inspirar-se na tragédia grega de Sófocles, a *Antígona*. E inspirar-se porque Antígona se tornou o símbolo universal da luta entre a liberdade e a tirania.

Cocteau imprimiu, tal como Sérgio ao seu trabalho, o mesmo ritmo original grego, como seguiu o desenrolar dramático da ação (não

confundir com a estercorária *Acção*), quer mantendo a psicologia coletiva das personagens, quer mantendo a psicologia coletiva dos dois grupos em combate, quer mantendo a própria nomenclatura.

Beberam na mesmíssima água límpida da nascente grega: se plágio houvesse, tanto Cocteau, como Sérgio, teriam plagiado Sófocles. Cocteau e Sérgio atualizaram uma peça clássica: adaptaram-na a problemas atuais, vivos. É possível que haja até uma *Antígona* russa católica, uma *Antígona* italiana antifascista, uma *Antígona* espanhola, etc. Acusando A. Sérgio de ter plagiado Cocteau, a *Acção* revelou a sua ignorância crassa da tragédia de Sófocles. Nem admira. A *Acção* é formada por um grupo de fedelhos petulantes, inconscientes, sem cultura literária, política ou religiosa de espécie alguma. Não criticam; insultam. Não esclarecem problemas; tenebrizam-nos.

O leitor conhece a *Antígona* de Sófocles. O déspota Creonte proíbe as honras de sepultura a Polinices. O cadáver será pasto miserável dos corvos e dos cães. Antígona, irmã de Polinices, revolta-se contra essa ordem. Resolve ela própria sepultá-lo honrosamente. Surpreendida pelos soldados de Creonte no seu labor piedoso, Antígona é condenada a ser enterrada viva. Hémon, filho do tirano Creonte e noivo de Antígona, em vão suplica ao pai que revogue o seu decreto. Debalde também implora Tirésias, sacerdote de Apolo. Hémon suicida-se sobre o cadáver ainda quente de Antígona. Eurídice, mulher do tirano, falece de dor.

Para que o leitor possa avaliar até que abismo de ignorância humorística e burrinal desce a *Acção*, transcrevemos em três colunas paralelas as passagens originais de Sófocles, Cocteau e Sérgio. O texto de Sófocles vai traduzido para francês (trad. de M. Bellaguet – Paris, 1892).

SÓFOCLES

Ismène – Hélas, son-
tre ô ma soeur, que no-
tre père mourut chargé
de haine et d'opprobe
après s'être puni des
crimes qu'il reconnut
lui-même, en attachant
les yeux de ses propres
mains; sa mère, en mê-
me temps son épouse et
sa mère, terminera ses

COCTEAU

Ismène – Antigone!
notre pauvre père est
mort dans la boue après
s'être crevé les yeux
pour expier ses crimes;
notre mère, qui était sa
mère, s'est pendue; nos
frères se sont entré-
gorgés. Imagine, nous
deux, toutes seules...
Nous sommes des fem-

SÉRGIO

Isménia – ... Parece-
-me ver a cada ins-
tante o nosso pai, fu-
gido de todos como
um maldito... Vejo as
chagas horríveis dos
seus olhos... Vejo o
corpo da nossa mãe, en-
forcado... Vejo depois
os nossos irmãos, mor-
tos os dois no mesmo

jours par un lien fatal; nos deux frères, s'engorgeant l'un à l'autre, hélas... songe d'ailleurs que nous ne sommes que des femmes, incapables de combattre des hommes; et qu'enfin, soumises à des maîtres plus puissants que nous, nous devons supporter ces rigueurs... Quant à moi... je me soumettrai à ceux qui sont armés du pouvoir...

J'ai plus longtemps à plaire aux morts qu'aux vivants, puisque je dois reposer avec eux à jamais.

Antigone – Créon ne vient-il pas d'accorder la sépulture à l'un de nos frères et de la refuser indignement à l'autre?... pour le malheureux Polinice, on assure que Créon a fait publier dans la ville la *défense de l'ensevelir ou de le pleurer*. Abandonné sans honneurs, sans tombeau, son corps doit servir de pâture aux *oiseaux dévorants*... Il attache un grand prix à cette défense; car qui conque *osera désobéir, sera condamné à périr*

mes, Antigone, des femmes malhabiles à vaincre des hommes. Ceux qui commandent sont plus forts que nous. Que Polynice m'excuse, mais je cède. J'obéirai au pouvoir.

—
Antigone – Car, Ismène, le temps où je dois plaire aux morts est plus considérable que celui où il me faut plaire aux vivants.

Antigone – Créon ne donne-t-il pas la sépulture à l'un de nos frères et ne la refuse-t-il pas à l'autre?... Étéocle aura l'enterrement qu'il mérite, *mais il est défendu d'ensevelir Polynice ou de le pleurer. On le laisse aux corbeaux*... Il va venir en personne ici même, *lire son décret*. Il attache la plus grande importance à Ismène – Tu veux l'enterrer malgré le roi? l'exécution de ses ordres. *Les enfreindre, c'est être lapidé par le*

dia, um no partido do despotismo, o outro revoltado contra ele... E vejo os soldados do tirano.

Nós somos mulheres, não vês tu? Somos mulheres; não nos compete guerrear com os homens... Não se pode, Antígona, combater com os que têm o mando.

—
Antígona – Não me interrompas... Percebo isto: eu desejo agradar aos mortos, Ismênia, mais do que aos vivos: porque o tempo que estarei com eles será eterno.

Antígona – ... o despota, Creonte, deu as honras da sepultura ao nosso irmão que combateu por ele – a Étéocles –, mas que as recusou a Polinices... O cadáver de Polinices... foi deixado insepulto numa colina, *de pasto aos corvos. É proibido inumá-lo, chorar por ele*.

... Quem infringir o seu decreto será lapidado na praça pública. Assim o despota o fez proclamar...

Ismênia – Eu? Que

<p>au milieu de la ville par les mains du peuple... Vois si tu ne veux me seconder et agir avec moi.</p> <p><i>Ismène</i> – A quel danger veux-tu t'exposer? Quel est ton dessein?</p> <p><i>Antigone</i> – Tes mains m'aideront – elles à enlever le cadavre?</p> <p><i>Ismène</i> – Quoi! Tu pré- tends l'ensevelir malgré la défense publiée dans la ville?</p>	<p>peuple. Voilà. J'espère que tu vas montrer ta race.</p> <p><i>Ismène</i> – Mais que puis-je?</p> <p><i>Antigone</i> – Décide si tu m'aides.</p> <p><i>Ismène</i> – A quoi?</p> <p><i>Antigone</i> – A soule- ver le mort.</p>	<p>tenciono fazer?... Não percebo...</p> <p><i>Antígona</i> – Pergunto- te se me queres ajudar.</p> <p><i>Isménia</i> – Ajudar-te?</p> <p>Como? Ajudar-te em quê?</p> <p><i>Antígona</i> – A levantar o cadáver de Polinices.</p> <p><i>Isménia</i> – A levantar?... Que dizes? Sepultá-lo con- tra as ordens de Creonte?</p>
--	--	---

Em face destes textos eloquentes, diga o leitor culto se se pode falar de plágio algum. Tanto Cocteau, como Sérgio, pisaram a esteira de Sófocles na elaboração literária das suas *Antígonas*⁶⁹. Deve-se acrescentar que A. Sérgio transcreve na primeira página do seu livro um texto de Nietzsche em alemão, e que claramente explica o sentido geral da sua obra. Decerto, a *Acção* não o leu, nem o podia ler, porque, tratando-se dum texto em alemão, os seus conhecimentos de instrução primária não chegavam para uma versão. Por isso lhe oferecemos a passagem traduzida: “Dado este conhecimento, deve-se, porém, recusar aos vindouros o direito de *vivificar as obras mais antigas*, segundo a sua própria alma? Não, porque só pelo facto de lhe darmos a nossa alma é que elas podem continuar a viver, só o nosso sangue as leva a falar-nos” (Nietzsche). Este manifesto da impagável *Acção* seria uma demonstração cómica de imbecilidade... *integralíssima*, se não nos causasse repugnância pelo ódio com que foi escrito.

Ser-se ignorante já é mau; mas ignorante e velhaco é péssimo, sobretudo quando se atiram para o público ingénuo obras daquelas escritas por moços a quem a juventude devia inspirar mais generosos ideais. Veja-se, por exemplo, o regozijo da canalha nestas expressões: “Deleitemos os nossos olhos...”; “E agora vemos António Sérgio... parafrasear e copiar uma obra que lhe não pertence. É deste caso que hoje *gostosamente* nos ocupamos...”.

Sente-se aqui latejar, explodir, o regalo do quadrúpede que acabou de despedir rija parelha e que relincha de contente.

⁶⁹ Como o leitor notará, Cocteau cinge-se ainda mais ao texto de Sófocles que propriamente Sérgio. Eis porque damos o texto grego em francês. [n.a]

Pobres corujas míopes! O vosso gostinho é pura bola de sabão amarelo que a mais leve crítica desfaz.

Não contentes com essa calúnia feita a Sérgio, a *Acção* insulta ainda Câmara Reis⁷⁰, Queiroz Veloso⁷¹, Sílvio Lima⁷², etc. Eis a referência a C. Reis: “Vimos um Sr. C. R. fazer conferências e artigos de *autorreproduções*”. Isto bate o cúmulo da imbecilidade. É imbecilidade integral, pura: é imbecilidade granítica, Rocha⁷³ sem mistura. E, por último, o insulto a Sílvio Lima. André Velasco é já hoje o símbolo nacional da improbidade mental universitária.

A *Acção*, numa facada de *apache* torpe, ousa vincular o nome de Sílvio Lima ao de André Velasco⁷⁴, como se a mesma improbidade mental e a mesma linha moral os irmanassem.

O leitor sabe: Sílvio Lima publicou há meses um sereno livro de crítica à obra do Sr. Cardeal Patriarca G. Cerejeira, “A Igreja e o pensamento contemporâneo”⁷⁵. E vai daí a *Acção*, porque lhe escasseia em casa argumentos para opor, e porque a calúnia é mais barata e fácil, preferiu – e ainda bem – despedir *gostosamente* para o alto as suas pesadas e sólidas ferraduras. Ora pois, asnei!

⁷⁰ Sobre Luís da Câmara Reis (1885-1961), *vide* n. 61 e 79. [n. ed.]

⁷¹ José Maria de Queiroz Veloso (1860-1952). Professor universitário, político, jornalista e historiador. [n. e.]

⁷² Sílvio Lima (1904-1993). Professor universitário e um dos introdutores da moderna Psicologia em Portugal. [n. ed.]

⁷³ Alusão a Miranda Rocha, diretor do jornal *Acção* dos estudantes integralistas de Coimbra [n. ed.].

⁷⁴ André Velasco (1895-1980). Professor universitário de filologia clássica. [n. ed.]

⁷⁵ Lima, S. (1930). *Notas Críticas ao livro do Senhor Cardeal Gonçalves Cerejeira «A Igreja e o Pensamento Contemporâneo»*. Coimbra: Livraria Cunha. [n. ed.]

4.2.3. “Fraude literária”: O ídolo tomba... Amparai-o na queda (Miranda, 1931, pp. 3-4)

No último número da *Acção* foi desvendada uma má ação literária que provocou grande celeuma entre os veneradores do ídolo da *Seara Nova*, por vir abalar o pedestal a que tinham guindado o Sr. António Sérgio. Perdida a serenidade com a atrapalhação e num supremo argumento, os jovens do *Mundo Novo* começaram a insultar. Não nos admiramos. Eles são sempre os mesmos, apesar de quererem fingir compostura intelectual. Quem já antes apelou para as hóstias de estricnina não podia, na sua tacanhez, produzir mais.

Ao sentirem abalado o pedestal do ídolo acorrem a ampará-lo. Quem? Um ilustre anónimo que não é com certeza dos costumados mocinhos do *M. N.*, mas algum renitente do *Mundo Velho* que teve medo de defender... o que é indefensável. Mas seja quem for, adiante. Que se alegou em defesa de António Sérgio?

1.º – Que «tanto Cocteau como o Sr. A. Sérgio mais não fizeram do que inspirar-se na tragédia grega de Sófocles, *Antígona*... e por isso a *Acção* revelou a sua ignorância crassa da tragédia de Sófocles».

2.º – O Sr. «A. Sérgio transcreve na primeira página do seu livro um texto de Nietzsche em alemão e que claramente explica o sentido geral da sua obra».

3.º – «Não existe lá uma *única frase literalmente copiada*».

Pondo à margem os primores de gentileza com que nos tratam (*ignorante, velhaco, quadrúpede, canalhas, corujas, imbecilidade granítica, e as suas pesadas e sólidas ferraduras, etc...*), o que não é para estranhar por ser a repetição dos processos do mestre quando aos sacerdotes se refere (*pérfidos, hipócritas, venais, etc...*), vem-nos à memória a frase de Camilo – *este sujeito* (neste caso, estes sujeitos)

chama burro a toda a gente e evade-se sagazmente a este tratamento universal, despedindo coices às parelhas.

Analisemos agora os argumentos:

Vejamos o segundo. Jean Cocteau, ao adaptar a obra de Sófocles, declarou, para salvar a sua honestidade literária: *Antigone* e logo a seguir *d'après Sophocle*. O Sr. A. Sérgio contentou-se com o título – *Antígona* – e nada mais a não ser em segunda página um pensamento em alemão de Nietzsche no qual se afirma «que não se deve negar aos vindouros o direito de vivificar as obras dos antigos com a sua própria alma para que elas continuem a viver». Desde início, sabíamos a tradução deste pensamento que não legitima a transformação duma obra de arte em repositório de ódios partidários. Jean Cocteau vivificou a obra de Sófocles e declarou – *d'après Sophocle*.

Porque não traduziu A. Sérgio para português esse pensamento, sabendo que em Portugal a quase totalidade das pessoas desconhece o alemão? Pessoas houve, senão a maioria dos que leram a *Antígona*, que se julgaram em frente duma criação original do Sr. A. Sérgio. Porque não declarou A. Sérgio donde tirou a ideia e *as frases que na íntegra traduziu* ora de Sófocles ora de Cocteau? Porque não fez A. Sérgio como a pág. 69 onde então foi original, se não na ideia que já é velha, pelo menos – talvez – na forma por que a expôs, dando largas aos seus ataques políticos?

O símbolo, *Antígona*, é uma criação de Sófocles, qualquer o pode retomar – *d'après Sophocle*. Agora retomá-lo na essência e também na forma, sem tal se declarar, é pouca *probidade intelectual*.

Se qualquer francês traduzir mais ou menos livremente para a sua língua a *Ceia dos Cardeais* e acrescentar como única indicação de tal facto o pensamento de Nietzsche, omitindo o verdadeiro autor da ideia e da forma, pratica um ato absolutamente condenável.

Porque não fez o Sr. A. Sérgio como Cocteau, declarando – *segundo Sófocles* –, traduzindo uma vez mais Cocteau? Depois desta declaração é que se justificava o pensamento de Nietzsche para explicar a intenção ou «sentido geral da obra» do *adaptador* A. Sérgio. E, note-se, é assim que faz Cocteau ao acrescentar um pensamento de Barrès, depois de declarar a fonte da obra. Isso é que é honesto e sério.

Vamos agora ao primeiro e terceiro argumentos que os *defensores* de A. Sérgio invocam.

Nós conhecíamos muito bem o texto de Sófocles, através duma edição francesa da coleção *Les meilleurs auteurs classiques français*, e conhecíamos também os textos de Cocteau e de A. Sérgio como se pôde ver no último número da *Acção*. E porque assim os conhecíamos, quisemos experimentar a inépcia crítica dalgum de-

fensor barato que casualmente aparecesse. Este surgiu e deu tristes provas da sua pessoa. Mas confrontemos textos que algum ensinamento nos trarão:

SÓFOCLES

Antigone – Créon ne vient-il pas d'accorder la sépulture à l'un de nos frères et de la refuser indignement à l'autre?... pour le malheureux Polinice, on assure que Créon a fait publier dans la ville la *défense de l'ensevelir ou de le pleurer*. Abandonné sans honneurs, sans tombeau, son corps doit servir de pâture *aux oiseaux dévorants*...

Il attache un grand prix à cette défense; car quiconque *osera désobéir, sera condamné à périr au milieu de la ville par les mains du peuple*... Vois si tu ne veux me seconder et agir avec moi.

Ismène – A quel danger veux-tu t'exposer? Quel est ton dessein?

Antigone – Tes mains m'aideront – *elles à enlever le cadavre?*

Ismène – Quoi! *Tu prétends l'ensevelir malgré la défense publiée dans la ville?*

COCTEAU

Antigone – Créon ne donne-t-il pas la sépulture à l'un de nos frères et ne la refuse-t-il pas à l'autre?... Étéocle aura l'enterrement qu'il mérite, *mais il est défendu d'ensevelir Polynice ou de le pleurer*. On le laisse *aux corbeaux*... Il va venir en personne ici même, lire *son décret*. Il attache la plus grande importance à l'exécution de ses ordres. *Les enfreindre, c'est être lapidé par le peuple*. Voilà. J'espère que tu vas montrer ta race.

Ismène – *Mais que puis-je?*

Antigone – *Décide si tu m'aides.*

Ismène – *A quoi?*

Antigone – *A soulever le mort.*

Ismène – *Tu veux l'enterrer malgré le roi?*

SÉRGIO

Antígona – ...o despota, Creonte, deu as honras da sepultura ao nosso irmão que combateu por ele – a Etéocles –, mas que as recusou a Polinices... O cadáver de Polinices... O foi deixado insepulto numa colina, *de pasto aos corvos*. *É proibido inumá-lo, chorar por ele.*

... *Quem infringir o seu decreto* será lapidado na praça pública. Assim o despota o fez proclamar...

Isménia – Eu? Que tenciono fazer?... Não percebo...

Antígona – *Pergunto-te se me queres ajudar.*

Isménia – *Ajudar-te? Como? Ajudar-te em quê?*

Antígona – *A levantar o cadáver de Polinices.*

Isménia – *A levantar?... Que dizes? Sepultá-lo contra as ordens de Creonte?*

Como se vê o Sr. A. Sérgio inspirou-se e traduziu Cocteau. De notar é que se os jovens do *M. N.* tivessem alguma acuidade crítica tinham notado isso nos textos que transcreveram, onde é flagrante a influência de Cocteau e não de Sófocles. Assim, o Sr. A. Sérgio traduz de Cocteau as palavras: *enforcado, aos corvos, infringir, em quê?, levantar, etc...* que não vêm nas respetivas frases em Sófocles, mas em Cocteau.

E porque seria que o *M. N.* quis moldar o texto de Sófocles à adaptação de A. Sérgio, quando na terceira transcrição que faz daquele autor suprime uma fala de Isménia e junta duas de Antígona? Queriam despeitar.

Mas há mais:

(Pág. 9)	(Pág. 96)	(Pág. 19)
<i>Ismène</i> – Je suis loin d'un pareil mépris; mais je n'ai point la force d'agir contre la volonté de l'état.	<i>Ismène</i> – Je ne les méprise pas. Je me sens incapable de lutter contre toute une ville.	<i>Isménia</i> – Como? Queres lutar <i>contra a cidade inteira?</i> Contra os soldados todos de Creonte?
<i>Antigone</i> – Servez-vous de ce prétexte, tandis que j'irai élever un tombeau à ce frère chéri.	<i>Antigone</i> – Trouve des prétextes. Moi je vais entasser une espèce de tombeau.	<i>Antígona</i> – Não, minha filha... Pobre de mim! Não posso lutar contra ninguém. Quero guardar o cadáver de meu irmão em <i>alguma coisa que pareça um túmulo.</i>
<i>Ismène</i> – Malheureuse soeur! hélas! <i>que je tremble pour vous!</i>	<i>Ismène</i> – <i>Folle!</i> Je tremble pour toi.	<i>Isménia</i> (Agarrando-se a Antígona) – Mas tu não pensaste! <i>É uma loucura!</i> Antígona, Antígona, que vai ser de ti?
<i>Antigone</i> – Ne craignez point pour mes jours, occupez-vous des vôtres.	<i>Antigone</i> – Laisse-moi tranquille. Pense à toi-même.	<i>Antígona</i> – Não penses em mim.

Então? Quem foi plagiado? Digam agora jovens do *M. N.* se não há frases integralmente copiadas. O Sr. A. Sérgio não só decalca constantemente Cocteau bem como lhe segue a marcha, afastando-se para dar largas à sua paixão de político. Mas digam mais: porventura a frase de Nietzsche permite que, em nome dele, se *vivifi-*

que uma obra antiga à custa de autores modernos, sem se declarar tal? Nunca. Mas passemos adiante. É provável que o Sr. A. Sérgio tivesse a mesma lembrança de Cocteau!!! E vejamos mais.

(Pág. 14)

Le Garde – Je ne suis, car la terre en cet endroit ne paraissait fouillée ni creusée par quelque instrument propre à cet emploi. Elle était intacte et solide, et ne semblait pas même avoir été sillonnée par les roues d'un char: rien enfin ne pouvait servir d'indice contre l'auteur du crime. Lorsque celui de nous qui faisait la garde aux premiers rayons de l'aurore nous l'eut annoncé, cet événement fut pour nous un prodige inconcevable. Le corps avait disparu; il n'était point enseveli; il n'était couvert que d'un peu de poussière, comun pour éviter le crime d'impiété. Aucun vestige de chien avide ou d'animal féroce, venu pour le déchirer, ne paraissait à l'entour. Aussitôt les propos injurieux volent parmi nous: un garde en accuse un autre; ou était prêt d'envenir aux mains: personne n'était là pour l'empêcher; chacun était coupable,

(Pág. 103)

Le Garde – Ni vu, ni connu. On ne découvre pas de coups de bêche, pas de coups de pioche, pas de empreintes de pieds, pas de traces de char. Rien ne dénonce le criminel. Au petit matin le corps avait disparu sous une couche de poussière. Juste de quoi éviter le sacrilège. Naturellement chacun s'accuse, s'excite et nous allions nous battre. Tout le poste était suspect et il n'y avait de preuve contre personne. Nous jurions de marcher sans crainte sur les braises et de prendre un fer rouge à pleine main, ce qui montre les coupables et les complices. *A la fin, on décida de tout te dire. On a tiré au sort. Et c'est moi qui trinque.*

(Pág. 40)

Sentinela – Ai de mim, meu senhor, não sei! Ninguém viu! Falo a verdade, juro que falo! Não se viam sinais. Nem de enxada, nem de picareta, nem pegada de gente, nem carril de carro. Nada, nada... Bem procurámos, mas não vimos nada. De manhã, ao sol nado, havia assim uma camada de terra, leve, a cobrir o morto. Posta a eito... assim... assim... Vê, meu senhor? Assim... Acusámo-nos uns aos outros, os que éramos da guarda, e quase brigámos por causa do crime. «Foi no teu tempo, foi no teu tempo!» dizia um. «Não, no meu não foi, foi no teu!» respondia outro. Cada um de nós dava a culpa aos outros... Por fim, decidiu-se que um de nós vos viria dizer, e que se tirasse à sorte. Caiu-me a mim. A sorte caiu-me a mim.

et nul ne paraissait l'être, on ne pouvait être convaincu. Nous étions tous disposés à prendre le fer rouge entre nos mains, à marcher sur le feu, et à jurer par les dieux que nous n'étions point coupables du crime, et que n'avions même aucune connaissance du projet ni de l'exécution. Enfin, quand il ne nous resta plus d'espérance de rien découvrir, l'un de nous proposa un avis qui, nous glaçant de crainte, nous fit à tous baisser les yeux; car nous ne pouvions rien y opposer, et nous ne savions comment l'exécuter sans péril. Cet avis était de ne vous rien cacher, et de vous découvrir tout ce qui était arrivé. Cependant cette proposition l'emporta; et moi, malheureux! Le sort me choisit pour me charger de cette belle commission. Ainsi je me trouve ici contre mon gré, et sans doute contre le vôtre; car ce n'est pas un moyen de plaire que d'apporter de fâcheuses nouvelles.

Outra coincidência. É fantástico! Mais uma vez o Sr. A. Sérgio se serve de Cocteau, ou melhor *vivifica* Sófocles, como querem os jovens do *M. N.*, mas com as palavras de Cocteau.

(Pág. 18)

Créon – Mais ce que tu dis, le conçois-tu bien? Ne te trompes tu pas?

Le Garde – Je l'ai vue occupée à inhumer ce prince à qui vous avez interdit la sépulture. Y a-t-il encore quelque chose d'obscur et d'équivoque dans ce que je dis?

.....

(Pág. 23)

Créon – *Il peut trouver ailleurs d'autres noeuds à former.*

Créon – *L'enfer sait mettre fin à de tels amours.*

(Pág. 107)

Créon – *Tu le jures? Le Garde* – *Oui, je le jure, elle enterrait l'homme.*

Créon – *Donne-moi des détails.*

.....

(Pág. 120)

Créon – *Il trouvera d'autres ventres.*

(Pág. 121)

Créon – *C'est la mort qui rompra le mariage.*

(Pág. 50)

Creonte – Viste-a tu mesmo? *Podes jurá-lo?*

Sentinela – Posso jurá-lo. A enterrar o homem.

Creonte – Bem. *Mas vamos por partes.* Como é que isso foi?

.....

(Pág. 58 e 59)

Creonte – Escolherá outra. *O que não falta no mundo são mulheres... Quando mais não fosse, a morte romperia o casamento.*

Curioso! Afinal não é o Sr. A. Sérgio o vivificador da obra de Sófocles, mas sim Cocteau. O Sr. A. Sérgio traduziu-o mais ou menos livremente, tendo-lhe acrescentado pouco mais do que os ataques políticos que entendeu por bem fazer.

(Pág. 18)

Créon – *Quoi donc? Vous qui tenez vos yeux attachés vers la terre, ne viez-vous point ce dont on vous accuse?*

(Pág. 109)

Créon – *Et toi. Toi, avec tes yeux modestes, tu nies? Tu avoues?*

(Pág. 52)

Creonte – *E tu, a dos olhos modestos? Que tens a alegar? É verdade, então, o que conta aqui este labrego?*

Como vemos, o pobre Cocteau serve para vivificar as obras dos outros, sendo as honras a outrem conferidas. Mas dirão os Velascos & C.^a que a frase de Nietzsche tudo desculpa.

(Pág. 9)	(Pág. 96)	(Pág. 61 e 62)
<i>Tirésias – Les dieux ne reçoivent plus ni nos prières, ni notre encens, ni la fumée de nos sacrifices. Les oiseaux, abreuvés de sang humain, ne font plus entendre que des cris funestes. Songez-y donc, mon fils, l’erreur est commun à tous les mortels... Cessez donc de poursuivre un mort, ne frappez pas ce que n’existe plus.</i>	<i>Tirésias – Depuis, les dieux repoussent nos sacrifices et les bêtes gorgées de charogne hurlent partout. Crois-moi, mon fils. Qu’un homme se trompe, passe encore; mais qu’il insiste, c’est preuve de sottise. Ne frappe plus un mort. C’est mon amour qui te parle.</i>	<i>Tirésias – Já os deuses não acolhem as nossas preces nem a chama pura dos sacrificios. As aves não soltam propícios gritos, desde que devoraram o cadáver de um justo... Vê, meu filho: vê o que fazes! Não persigas os mortos, Creonte, e não teimes, também, em tyrannizar os vivos!</i>

Como se vê, agora deixou de transcrever, ou melhor, de *pillar* Cocteau para traduzir ou – como dizem os do *M. N.* – *vivificar* a obra de Sófocles.

Caro leitor, isto são só amostras. Como estas podíamos aqui expor muitas. Como se pode ver, a imitação de Cocteau permanece sem defesa. E haverá alguém que tenha a coragem de afirmar que o Sr. A. Sérgio quis só, como fez Cocteau, inspirar-se numa obra grega? Há, mas... foram os jovens do *M. N.* que nem sequer souberam ler a *Fraude literária*. E lá se desfizeram os sólidos argumentos do *M. N.* O Sr. A. Sérgio inspirou-se e copiou Jean Cocteau, o que não o impediu de *vivificar* passagens de Sófocles, amputando-as, enxertando-as e misturando-as.

Afinal, o impossível deu-se. Nós dissemos no último número da *Acção* que alguém tinha usurpado o nome do Sr. A. Sérgio, mas os meninos do *M. N.* declararam-no autor do *infeliz folheto*.

Como se vê, todas as afirmações do número anterior permanecem intactas, iluminadas agora pela confirmação do *M. N.* e pela maior evidência dos novos textos que apresentamos ao leitor consciencioso.

Que concluir, pois? Que a *Acção* assumiu aquela atitude correcta, séria e honesta que deve assumir todo o homem de bem, dando guardidas nas suas colunas a quem com elevação veio defender a honrabilidade mental da nova geração, acusando publicamente aquele

que a quis iludir. E o que fez o *M. N.*? Assumiu uma atitude descomposta, inferiorizante, tentando, num turbilhão de insultos, amparar o ídolo que vai tombando.

Esta resposta foi provocada pela atitude do *M. N.* em face da nossa redação. Apresentando este esclarecimento, damos por terminado o assunto, devolvendo-o a quem de direito (o nosso amigo Joaquim Mendonça), não voltando a ele sem que nos proveem que as flagrantes cópias que aqui ficaram demonstradas não existem.

M. R.

4.2.4. A “Antígona” de António Sérgio e os mocinhos da “Acção” de Coimbra (Sérgio, 1931, pp. 45-46)

Sabemos que António Sérgio ficou satisfeitiíssimo ao ler a separata da «Acção» em que é atacado, e só lamentou não ter ele próprio inventado e posto em prática um tão bom reclamo da sua «Antígona».

É naturalíssimo que os redatores da «Acção» se enfurecessem com a *peça* de António Sérgio. Onde erraram deploravelmente foi ao denunciar as analogias entre a primeira cena da «Antígona» de António Sérgio e a primeira cena da «Antígona» de Cocteau, atribuindo-as ao suposto facto de António Sérgio se ter inspirado no trabalho de Cocteau. Oh, ignorantes! Dizendo isso, os redatores da «Acção» apenas provaram que nunca leram a obra de Sófocles, a qual toda a gente tem a obrigação de conhecer. Ninguém pode ignorar que TODOS os passos da primeira cena de António Sérgio que se assemelham a passos da primeira cena de Cocteau se acham na obra do trágico grego, onde ambos os autores os foram buscar. Cocteau, porém, imita Sófocles até o fim; António Sérgio imita-o na primeira cena e afasta-se dele logo a seguir, para chegar a uma cousa *absolutamente diversa* de todas as «Antígonas» existentes, como não podia deixar de ser, visto que a «Antígona» de António Sérgio não é uma obra de literatura dramática, como todas as outras «Antígonas», mas sim um estudo social em forma dialogada, tal como os «Dramas filosóficos» de Renan, que são estudos filosóficos em forma de diálogo. Um crítico francês, que conhece de cor o trágico grego, não foi à deste nem à de Cocteau que comparou a *peça* de António Sérgio, mas aos «Diálogos filosóficos» de Renan; e comparou-os a estes não só no género mas também na qualidade, o que é grande honra para António Sérgio, porque os «Diálogos» se contam, como se sabe, entre as obras primas do grande Renan. O plágio, aliás, era aqui impossível *a priori*. A «Antígona» de António Sérgio só podia ser escrita por um português, e neste preciso momento em que nos achamos...

Em todas as línguas civilizadas se têm escrito várias «Antígonas».

A de Cocteau é quase uma pura tradução da de Sófocles; a de António Sérgio afasta-se infinitamente mais da de Sófocles do que todas as outras; afasta-se infinitamente mais dela do que as peças de Shakespeare, de Racine, de Molière, de Corneille, de Goethe, etc., se afastam das peças antigas e dos romances ou contos em que se inspiraram. Os redatores da «Acção», querendo provar que conheciam Cocteau (que todos podem ignorar) mostraram que desconheciam completamente Sófocles. Aliás, se António Sérgio se houvesse inspirado em Cocteau – quase que simples tradutor de Sófocles – não enfureceria os da «Acção»; enfurece-os, porque fez, precisamente, uma coisa muitíssimo diversa...

A analogia da «Antígona» de António Sérgio com a de Sófocles (e, portanto, com a de Cocteau, quase que simples tradução daquela) é só no princípio, na cena inicial; e reside aí, não só a grande originalidade de António Sérgio, mas também a sua ironia. Vemos que os ingénuos da «Acção» não perceberam onde está essa ironia... Pois nós lha explicaremos: é que o leitor enceta a primeira cena, e diz consigo: «Cá temos mais uma “Antígona”, como tantas outras!»; e não lhe sai, afinal, nada disso, como o prova exuberantemente a fúria dos redatores da «Acção», que se não enfureceriam, certamente, nem com Sófocles, nem com Alfieri, nem com Cocteau, nem com nenhum dos autores das demais «Antígonas»... Nunca António Sérgio, porém, imaginou que a sua ironia pudesse ter um êxito tão grande como o de provocar a acusação de plágio que acabam de lhe lançar os redatores da «Acção». A ingenuidade destes jovens não tem limites. É muitíssimo mais do que nós desejáramos. Muitíssimo obrigado; – e venha mais, venha mais!

Nessa própria primeira cena, porém, imitada de Sófocles, poderiam ver os jovens da «Acção» uma interessante originalidade: a descrição da *angústia* de Isménia, absolutamente de António Sérgio, e que já foi elogiada por um médico.

A comparação da prece de Antígona com o «corro a salvar-te» é absurdíssima. Antígona não tem que apressar-se, porque o irmão já morreu e o cadáver se mantém exposto muitos dias. É, pelo contrário, perfeitamente natural que um espírito religioso faça uma prece antes de emprender um ato importantíssimo e de natureza religiosa. Nun'Álvares rezava, não só antes, mas durante uma batalha e no momento mais urgente dela, como de maneira tão notável sucedeu na de Valverde. Espanta que sejam homens que se pretendem religiosos os que façam tão tola objeção.

Os passos tomados de Sófocles – e não de Cocteau – na primeira cena, passos que todos os autores de «Antígonas», em todas as línguas, têm tomado, são absolutamente necessários; é forçoso tomá-los, para se fazer uma «Antígona»: porque são aqueles que fazem conhecer ao espetador o nó e ponto de partida de toda a ação.

Creonte manda expor o cadáver de Polinices, proíbe com penas severas quem lhe preste louvor, etc., etc. Só imbecis não veem que é indispensável dizer isto, porque sem se dizer isto não pode haver «Antígona». É também indispensável que Antígona pergunte a Isménia se a quer ajudar, pois foi precisamente para isso que ela veio.

A acusação de insultos à religião católica é também fantástica. Na «Antígona» de António Sérgio só se fala em Colégio de Sacerdotes, e os sacerdotes não são a religião. A religião não é este ou aquele homem, este ou aquele sacerdote, com todas as suas humanas fraquezas. Pensando isso, são os redatores da «Acção» que desvirtuam e desrespeitam a ideia religiosa. A p. 63, Tirésias distingue muito bem entre os deuses (religião) e os sacerdotes, e quando os sacerdotes procedem mal «os deuses não estão com eles»⁷⁶. Não se poderia tratar melhor a religião, portanto, do que a trata o autor da «Antígona» portuguesa. Isto mesmo tem sido reconhecido pelos religiosos cultos e inteligentes que têm lido esse estudo social em forma de diálogo.

⁷⁶ *Vide supra*, p. 86, Ato II, 353.

4.2.5. António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (Catroga & Veloso, 1983, pp. 990-991).

[12]

S. Maurice (Seine)
21-3-31

Querido Amigo

Remeto-lhe incluso o artigo que o Temps⁷⁷ de ontem publicou sobre Portugal, e que decerto lhe interessará. Rogo-lhe que o torne conhecido aí. O Câmara Reis⁷⁸ mandou-me uma folha que os jornais de Coimbra⁷⁹ tiveram a ótima ideia de lançar contra a minha Antígona – esplêndido reclame ao meu manifesto de propaganda em forma dramática. Parece que os patetas não perceberam que eu tomei como ponto de partida a primeira cena da obra de Sófocles, que segui quanto o meu tema mo permitia, e que supuseram (ou fingiram supor) que me inspirei no... Cocteau⁸⁰, que em tempos fez

⁷⁷ Deve tratar-se do diário francês *Le Temps*, jornal fundado em Paris em 1861 por A. Nefftzer. Foi considerado um órgão da III República. Depois de 1944, o jornal *Le Monde* restaurou as grandes linhas de *Le Temps*. [n. a.]

⁷⁸ Luís da Câmara Reis (1885-1961). Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi professor do ensino secundário e cronista da vida política portuguesa. Foi um dos fundadores da *Seara Nova*. [n. a.]

⁷⁹ Sérgio refere-se aos artigos assinados por J. M., *Fraude Literária, e O ídolo tomba... Amparai-o na queda*, publicados no jornal de estudantes nacionalistas de Coimbra (Miranda Rocha, Rolão Preto) *Acção*, n.º 8, I ano, 5-III-1931, p. 2, e n.º 9, 20-III-1931, pp. 3-4. Em síntese, acusava-se António Sérgio de se inspirar «diretamente da obra ‘Antígona’ de Jean Cocteau, que, sendo uma adaptação de mediano valor, foi ainda inferiorizada neste caso pelo fanatismo sectário» (n.º 8, p. 2). Sérgio respondeu-lhes na nota anónima «*A Antígona* de António Sérgio e os mocinhos da ‘Acção’ de Coimbra», *Seara Nova*, n.º 243, 19-III-1931, pp. 45-46. [n. a.]

⁸⁰ Jean Cocteau (1889-1961). Dramaturgo e desenhador francês. Da vasta

uma tradução ou paráfrase do Sófocles! Hão de em tudo mostrar que são ignorantes e imbecis. Tenho pena que não haja aí muitos exemplares do meu manifesto-drama para vender e distribuir, tirando proveito do reclame que acabam de lhe fazer.

Dizem-me que o meu afilhadito⁸¹ vai bem nos seus estudos, e que tem na escola caloroso ambiente de simpatia entre professores e camaradas.

E o meu amigo, como tem passado de saúde?

Um abraço do seu muito dedicado, grato, e admirador,

António Sérgio

bibliografia em que retoma os temas da tragédia antiga, destacamos *Orphée* (1927), *Oedipe Roi*, *Antigone* (1929) [n. a.]. A fim de harmonizarmos a cronologia das peças, preferimos mencionar as datas das primeiras representações: *Antigone* (1922), *Orphée* (1926), *Oedipe Roi* (1937). [n. ed.]

⁸¹ Trata-se provavelmente de Liberato de Carvalho, segundo primo de Joaquim de Carvalho. [n. a.]

[13]

LES STUDIOS PARAMOUNT
Société anonyme
Au capital de 10.000.000 de Frs

—
SIÈGE SOCIAL
7, Rue des Réservoirs St. Maurice
(Seine)
Adr. Télégr. Studpara – St.
Maurice – Seine

—
TÉLÉPHONE
Studios — Gravelle 09-48 – 09-49
Paris — Opéra 03-70

—
R. C. Seine 243.708.B

BUREAU DES STUDIOS
7, Rue des Réservoirs

St. Maurice (Seine)

31-3-31

Querido Amigo

Muito obrigado pelos documentos que me remeteu. Pena é que não haja exemplares da Antígona à venda, para se aproveitar o excelente reclame.

Minha mulher foi ao Hotel Chomel. Felizmente, não dão agora comida (o que é mais prático para quem está pouco tempo em Paris, e deseja os movimentos livres); o quarto para duas pessoas custa 30 ou 35 francos diários. A situação é muito simpática, e a casa, agradável. Previna-me, com antecedência, do dia em que chega, para eu lhe reter o quarto.

Suponho que o meu afilhadito continua bem, e esperançado de fazer boa figura no seu próximo match de foot-ball.

E as conferências?

*Seu
A. S.*

Bibliografia

- AA.VV. (1998). *D. António Ferreira Gomes: nos 40 anos da Carta do Bispo do Porto a Salazar*. Lisboa: Multinova.
- Bandeira, F. (1987). A oposição externa à ditadura: a revolta de Fevereiro de 1927 em Lisboa”. In AA. VV, *O Estado Novo das Origens ao fim da Autarcia (1926-1959)*. Vol. II (pp. 29-46). Lisboa: Ed. Fragmentos.
- Bañuls Oller, J. V. & Crespo Alcalá, P. (2008). *Antígona(s): mito y personaje. Un recorrido desde los orígenes*. Bari: Levante Editori.
- Baptista, J. (1992). *Disse chamar-se António Sérgio de Sousa*. Lisboa: Caminho.
- Barros, H. & Costa, F. F. (1983). *António Sérgio: uma nobre utopia*. Lisboa: Edições O Jornal.
- Belardinelli, A. M. & Greco, G. (Eds.) (2010). *Antigone e le Antigoni: storia, forme, fortuna di un mito*. Milano: Le Monnier.
- Bellaguet, M. (1892). *Sophocle. Antigone*. Paris: Hachette.
- Berlioz, L. H. (1870). *Mémoires de Hector Berlioz comprenant ses voyages en Italie, en Allemagne, en Russie et en Angleterre, 1803-1865*. Paris: Calmann-Lévy, Éditeurs.
- Bers, V. (1994). Tragedy and Rhetoric. In I. Worthington (Ed.), *Persuasion: Greek Rhetoric in Action* (pp. 176-195). London and New York: Routledge.
- Block, J. H. (2001). Virtual Voices. Toward a Choreography of Women’s Speech in Classical Athens. In A. Lardinois & L. McClure (Eds.), *Making Silence Speak. Women’s Voices in Greek Literature and Society* (pp. 95-116). Princeton: Princeton University Press.
- Brown, A. (1987). *Sophocles. Antigone*. Warminster: Aris and Phillips.

- Budelmann, F. (2000). *The Language of Sophocles. Communitary, Communication and Involvement*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Camacho Rojo, J. M. (2004). *La Tradición Clásica en las Literaturas Iberoamericanas del siglo XX: Bibliografía analítica*. Granada: Universidad de Granada.
- Campina, A. C. C. (2013). *António de Oliveira Salazar: Discurso político e “retórica” dos direitos humanos*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Carlier, J.-Y. (2004). Le cri d’ Antigone, de l’ exil à la résistance. In L. Couloubaritsis & J.-F. Ost (Eds.), *Antigone et la Résistance Civile* (pp. 231-244). Bruxelles: Éd. Ousia.
- Carvalho, A. (1991). *Tratado de versificação portuguesa* (6.^a ed.). Coimbra: Almedina.
- Catroga, F., & Veloso, A. (1983). António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (1927-1933). *Revista da História das Ideias*, 5, 951-1016.
- Cerejeira, M. G. (1930). *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Cervantes (2005). *Dom Quixote de la Mancha* (trad. Miguel Serras Pereira). Lisboa: Dom Quixote.
- Cocteau, J. (1948). *Théâtre I*. Paris: Gallimard.
- Correia H. (1991). *Perdição. Exercício sobre Antígona*. Florbela. Teatro, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Correia. H. (1991). *Perdição. Exercício sobre Antígona*. Florbela. Teatro. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Couloubaritsis, L. & Ost, J.-F. (Eds.) (2004). *Antigone et la Résistance Civile*. Bruxelles: Éd. Ousia.
- Cruz, G. B. (1973). Relação do Latim com o Direito. In AA. VV, *Colóquio sobre o Ensino do Latim. Actas* (pp. 232-235). Coimbra: FLUC.
- Cruz, M. B. (1986). *Monárquicos e Republicanos no Estado Novo*. Lisboa: D. Quixote.
- Cruz, M. B. (1988). *O Partido e o Estado no Salazarismo*. Lisboa: Presença.
- Cuccoro, C. (2014), *António Sérgio. Antigone* (traduzione e note a cura di...). Milano: EDUCatt.

- Dantas, J. (1946). *Antígona. Peça em 5 actos, inspirada na obra dos poetas trágicos gregos e, em especial, na Antígona de Sófocles*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Dawe R. D. (1996). *Sophocles. Antigone* (3rd edition). Leipzig: Teubner.
- Dionísio, E. (1992). *Antes que a Noite Venha*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Dionísio, Sant'Anna (1929). A proibidade dum germanista que fala, de cátedra, sobre Kant e Nietzsche. *Águia*, 244-256.
- Dionísio, Sant'Anna (1975a). Uma obra de teatro clandestina e pouco conhecida de António Sérgio. *Primeiro de Janeiro*, 30. 4. 1975, 10.
- Dionísio, Sant'Anna (1975b). Mais algumas cartas de António Sérgio. *Primeiro de Janeiro*, 2. 7. 1975, 10.
- Dué, C. (2006). *The Captive Woman's Lament in Greek Tragedy*, Austin: University of Texas Press.
- Easterling, P. E. (1987). Women in Tragic Space. *BICS*, 34, 15-26.
- Encinas Reguero, M. C. (2011). Discurso femenino versus discurso masculino en Sófocles. In F. de Martino, & C. Morenilla (Eds.), *La Mirada de las Mujeres* (pp. 199-228). Bari: Levante Editori.
- Esprui, S. (1965). Antígona (2.^a versión – 1963). *Primer Acto*, 60, 27-37.
- Esprui, S. (1993). *Antígona* (Edició crítica a cura de C. Jori i C. Miralles; Estudi introductor i notes de C. Miralles). Barcelona: Edicions 62.
- Fardilha, L. (1998). *O Revirvalho. Revoltas republicanas contra a ditadura e o Estado Novo (1926-1940)*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Ferro, A. (1933). *Salazar. O Homem e a sua Obra*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Ferro, A. (2007). *Entrevistas a Salazar* (pref. de Fernando Rosas). Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- Fialho, M. C. (1991). A *Antígona* de Jean Cocteau. *Biblos*, 67, 125-152.
- Foley, H. P. (1981). The Conception of Women Athenian Drama. In H. P. Foley (Ed.), *Reflections of Women in Antiquity* (pp. 127-168). New York: Gordon and Breach.
- Foley, H. P. (2001). *Female Acts in Greek Tragedy*, Princeton: Princeton University Press.
- Foley, H. P. (Ed.) (1981). *Reflections of Women in Antiquity*. New York: Gordon and Breach.

- Fraisse, S. (1974). *Le mythe d'Antigone*. Paris: Armand Colin.
- Franco, M. F. S. (1983). Da juventude de António Sérgio – Algumas cartas inéditas. *Revista de História das Ideias*, 5, 785-950.
- Frydman, B. (2004). La Rhétorique Judiciaire dans l'Antigone de Sophocle. In L. Couloubaritsis & J.-F. Ost (Eds.), *Antigone et la Résistance Civile* (pp. 161-183). Bruxelles: Éd. Ousia.
- Gérard, P. (2004). Les enjeux politiques d'Antigone. In L. Couloubaritsis & J.-F. Ost (Eds.), *Antigone et la Résistance Civile* (pp. 185-203). Bruxelles: Éd. Ousia.
- Gilleland, M. E. (1980). Female Speech in Greek and Latin. *AJP*, 101,180-183.
- Griffith, M. (1999). *Sophocles. Antigone*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Hameline, D. & e Nóvoa, S. (1990). Autobiografia Inédita de António Sérgio, escrita aos 32 anos no "Livre d'Or" do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, 141-177.
- Herculano, A. (1836). *A voz do profeta*. Ferrol: Imprensa de Ezpeleta.
- Holst-Warhaft, G. (1992). *Dangerous Voices. Women's Laments and Greek Literature*. London and New York: Routledge.
- Hornblower, S. & Spawforth, A. (edd.) (1996). *The Oxford Classical Dictionary* (3th ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Hualde Pascual, P. & Sanz Morales, M. (2008). *La literatura griega y su tradición*. Madrid: Ediciones Akal.
- Iriarte, A. (2004). Antigone autonomos. In L. Couloubaritsis & J.-F. Ost (Eds.), *Antigone et la Résistance Civile* (pp. 41-55). Bruxelles: Éd. Ousia.
- Jabouille, V. et al. (2000). *Estudos sobre Antígona*, Mem Martins: Inquérito.
- Jori, C. & Miralles, C. (Ed.) (1993). *Salvador Espriu. Antígona* (Edició crítica). Barcelona: Edicions 62.
- Just, R. (1989). *Women in Athenian Law and Life*. London-New York: Routledge.
- Kamerbeek, J. C. (1978). *The Plays of Sophocles. Commentaries. Part III: Antigone*, Leiden: Brill.
- Kirkwood G. M. (1996). *A Study of Sophoclean Drama*. Ithaca: Cornell University Press.
- Lambert, M. (2004). Antigone et le civisme aujourd'hui. In L. Couloubaritsis & J.-F. Ost (Eds.), *Antigone et la Résistance Civile* (pp. 245-270). Bruxelles: Éd. Ousia.

- Lardinois, A. & McClure, L. (Eds.) (2001). *Making Silence Speak: Women's Voices in Greek Literature and Society*. Princeton-Oxford: Princeton University Press.
- Lefkowitz, M. R. (2007). *Women in Greek Myth*. Baltimore: Johns Hopkins.
- Liddell-Scott (1996). *A Greek-English Lexicon* (9th edition). Oxford: Oxford University Press.
- Lima, S. (1930). *Notas Críticas ao livro do Senhor Cardeal Gonçalves Cerejeira «A Igreja e o Pensamento Contemporâneo»*. Coimbra: Livraria Cunha.
- Lloyd-Jones, H. & Wilson, N. G. (1990). *Sophoclis fabulae*. Oxford: Oxford University Press.
- López, A. & Pociña, A. (2010). La eterna pervivencia de Antígona. *Flor. Il.*, 21, 345-370.
- López, A., Pociña, A. & Silva, M. F. (Coords.) (2012). *De ayer a hoy. Influencias clásicas en la literatura*. Coimbra: CECHC.
- Luis, A. A. C. (1994). As Eleições Presidenciais de 1949: dois “Portugais” em confronto. *Revista de História das Ideias*, 16, 283-322.
- Magalhães-Vilhena, V. (1960). *António Sérgio e a Filosofia*. Lisboa: Cosmos.
- Magalhães-Vilhena, V. (1976). Em torno da génese do idealismo filosófico de António Sérgio. In A. Silveira et al., *Homenagem a António Sérgio* (pp. 128-129). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Martino F. & Sommerstein, A. H. (Eds.) (1995). *Lo spettacolo delli voci*. Bari: Levante Editori.
- Martino, F. & Morenilla, C. (2012). *El logos femenino en el teatro*. Bari: Levante editor.
- Martino, F. de & Morenilla, C. (Eds.) (2011). *La Mirada de las Mujeres*. Bari: Levante Editori.
- Matos, A. C. (1983). Bibliografia de António Sérgio. *Revista de História das Ideias*, 5, 1025-1107.
- Matos, A. C. (2019). *Diálogo com António Sérgio* (3.^a edição). Lisboa: Edições Colibri.
- Matos, S. C. (1983). Os diálogos de Doutrina Democrática. *Revista de História das Ideias*, 5, 533-594.
- Matos, S. C. (1988). Ensaiismo e Doutrina Social em António Sérgio. In J. Medina, S. C. Matos & A. Ventura (Coord.), *Estudos sobre António Sérgio* (pp. 31-49). Lisboa: INIC/CHUL.

- McClure, L. (1999). *Spoken like a Woman. Speech and Gender in Athenian Drama*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- Medina, J. (Dir.) (1990). *História Contemporânea de Portugal. Tomo I: Ditadura: "O Estado Novo". Do 28 de Maio ao Movimento dos Capitães*. Lisboa: Multilar.
- Mendes, I. A. (2011). *Do texto para o palco: Antígona no teatro português do século XX (1946-1993)*. St. Peter's College: Hilary Term (Tese de Doutoramento).
- Mendonça, J. (1931). Fraude literária. *Acção*, 8, 2.
- Miranda, R. (1931). Fraude literária: o ídolo tomba...amparai-o na queda. *Acção*, 9, 3-4.
- Monteiro, A. (1997). *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa (1892-1939)*. Porto: FLUP (Tese de Doutoramento)
- Montero, F. y Tusell, J. (Eds.) (1987). *Historia de España. Vol XI: La restauración*. Madrid: Espasa.
- Montiglio, S. (2000). *Silence in the Land of Logos*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Morais, C. (Coord.) (2001). *Máscaras Portuguesas de Antígona*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Morais, C. (2007). A dramatização do mínimo essencial do mito de Antígona em António Sérgio. *Forma Breve*, 5, 67-76.
- Morais, C. (2009). Ambiência clássica em invectivas às ditaduras militar e salazarista. In F. Oliveira, C. Teixeira, & P. B Dias (Coords.), *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas* (pp.459-465). Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- Morais, C. (2010a). *O trímetro sofocliano: variações sobre um esquema*. Lisboa: FCG/FCT.
- Morais, C. (2010b). A retórica de protesto nas Antígonas de António Sérgio. In B. F. Pereira, & M. Várzeas (Orgs.), *Retórica e teatro: a palavra em acção* (pp. 351-364). Porto: U. Porto Editorial.
- Morais, C. (2010c). Un exercice d'actualisation et d'exégèse du mythe d'Antigone (António Sérgio, Jornada Sexta do Pátio das Comédias, 1958). In. S. Urdician & R. Duroux (Eds.), *Antigones Contemporaines (de 1945 à nos jours)* (pp. 295-305). Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal.
- Morais, C. (2012a). El logos de Antígona y las recreaciones políticas del mito en Portugal. In F. Martino, & C. Morenilla, *El logos femenino en el teatro* (pp. 507-542). Bari: Levante editori.

- Morais, C. (2012b). Mito e política: variações sobre o tema de Antígona nas recriações de António Sérgio e Salvador Espriu. In A. López, A. Pociña, & M. F. Silva (Coords.), *De ayer a hoy. Influencias clásicas en la literatura* (pp. 319-330). Coimbra: CECHC.
- Morais, C. (2017a). António Sérgio's *Antígona*: "a social study in dialogue form". In C. Moraes, L. Hardwich, & M. F. Silva, *Portrayals of Antigone in Portugal: 20th and 21st Century Rewritings of Antigone Myth* (pp. 113-139). Leiden: Brill.
- Morais, C. (2017b). António Sérgio's *Antigone* Revisited: Two Invectives against the Salazar Dictatorship. In C. Moraes, L. Hardwich, & M. F. Silva, *Portrayals of Antigone in Portugal: 20th and 21st Century Rewritings of Antigone Myth* (pp. 140-159). Leiden: Brill.
- Morais, C., Hardwich, L., Silva, M. F. (2017). *Portrayals of Antigone in Portugal: 20th and 21st Century Rewritings of Antigone Myth*. Leiden: Brill.
- Mossman, J. (2005). Womens's Voices. In J. Gregory (Ed.), *A Companion to Greek Tragedy* (pp. 352-365). Oxford: Blackwell.
- Nietzsche, F. (1886). *Menschliches, Allzumenschliches*. Leipzig: Verlag von E. W. Fritsch.
- Oliveira Marques, A. H. (1998). *História de Portugal. Vol. III: Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias* (13.^a ed.). Lisboa: Presença.
- Oliveira Marques, A. H. (Dir.) (1976). *A Liga de Paris e a Ditadura Militar (1927-1928). A questão do empréstimo externo*. Lisboa: Europa-América.
- Oliveira, F., Teixeira, C. & Dias, P. B. (Coords.) (2009). *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- Ortigão, R. (1887). *As Farpas. III: Os indivíduos*. Lisboa: David Corazzi, Editor.
- Osório, J. C. (1954). *A Trilogia de Édipo*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural.
- Pattoni, M. P. (2010). Riusi sofoclei e allegorie politiche nell'*Antigone* di António Sérgio de Sousa. In A. M. Belardinelli & G. Greco (Eds.), *Antigone e le Antigoni: storia, forme, fortuna di un mito* (pp. 149-150). Milano: Le Monnier.
- Pedro, A. (1981). *Teatro Completo*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- Pedro, A. (1981). *Teatro Completo*. Lisboa: IN-CM.
- Pedro, A. [1956]. *Antígona. Glosa Nova da Antígona de Sófocles em 3 Actos e 1 Prólogo incluído no 1.º Acto*. Porto: TEP.

- Pereira, B. F. & Várzeas, M. (Orgs.) (2010). *Retórica e teatro: a palavra em acção*. Porto: U. Porto Editorial.
- Pimentel, I. F. (2016). *A História da PIDE* (8.^a edição). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Príncipe, J. (2004). *Razão e Ciência em António Sérgio*. Lisboa: INCM.
- Príncipe, J. (2012). *Quatro novos estudos sobre António Sérgio*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Queiroga, S. (2019). *À Procura de António Sérgio. Ensaio Cronológico através de documentação bibliográfica e arquivística*. Lisboa: Casa António Sérgio.
- Queirós, E. (1970). *Lendas de Santos*. Lisboa: Livros do Brasil.
- R. Duroux & S. Urdician (2010). *Les Antigones Contemporaines (de 1945 à nos jours)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal.
- Reis, A. (Dir.) (1989-1990). *Portugal Contemporâneo. Vol. IV-V*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Renan, E. (1888). *Drames Philosophiques*. Paris: Calmann-Lévy Editeurs.
- Renan, E. (1895). *Dialogues et Fragments Philosophiques* (4^{ème} ed.). Paris: Calmann-Lévy Editeurs.
- Rocha Pereira, M. H. (2008). *Sófocles, Antígona* (8.^a ed.). Lisboa: FCG.
- Rodrigues, N. S. (2000). *Traduções portuguesas de Teócrito*. Lisboa: Universitária Editora.
- Rosa, A. N. (2008). *Antígona Gelada*, Coimbra: APEC/CECH.
- Rosas, F. (1994). *História de Portugal* (dir. José Mattoso). VII: *O Estado Novo (1926-1974)*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Rosas, F. (Coord.) (1992). *Nova História de Portugal*. (dir. Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques). Vol. XII: *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa: Presença.
- Sacramento, M. (1959). *Teatro Anatómico*. Coimbra: Atlântida.
- Salazar, A. O. (1935). *Discursos 1928-1934 (Vol. I)*. Coimbra: Coimbra Editora.
- São José de Queirós, Fr. João (1868). *Memórias de Frei João de São José Queirós Bispo do Grão Pará*. Porto: Typ. da Liv. Nacional.
- Segal, C. P. (1966). Sophocles' praise of men and conflicts of the Antigone. In Th. Woodard (Ed.), *Sophocles, a collection of critical essays* (pp. 62-85). Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall.

- Sérgio, A. (1923). O caso de Espanha. *Seara Nova*, 27, 64-65.
- Sérgio, A. (1925). Sobre o julgamento do 18 de Abril. *Seara Nova*, 57, 168.
- Sérgio, A. (1926). Cartas leves sobre temas graves: aos jovens ‘Seareiros’ de Coimbra, sobre a maneira de lidar com os inimigos da luz e da razão. *Seara Nova*, 87, 292-294;
- Sérgio, A. (1927a). Uma lição de inteligência. *Seara Nova*, 98, 22.
- Sérgio, A. (1927b). Carta de agradecimento a D. Basílio. *Seara Nova*, 100, 78-79.
- Sérgio, A. (1929). Idealismo e realismo: “morale d’abord e politique d’abord”. *Seara Nova*, 163, 293-301.
- Sérgio, A. (1930). *Antígona. Drama em três actos*. Porto: Ed. República.
- [Sérgio, A.] (1931). A *Antígona* de António Sérgio e os mocinhos da *Acção* de Coimbra. *Seara Nova*, 243, 45-46.
- Sérgio, A. (1934a). Política democrática. *Diário Liberal*, 414, 1 e 4.
- Sérgio, A. (1934b). Democracia crítica. *Diário Liberal*, 423, 1 e 4.
- Sérgio, A. (c.1950). *Antígona. Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição, remodelada* (Biblioteca António Sérgio, AS.07-Cx11-P24_005_1-3; AS.07-Cx11-P25_001_2).
- Sérgio, A. (1953). *Cartas do Terceiro Homem*. Lisboa: Inquérito.
- Sérgio, A. (1957). *Antologia Sociológica. 10.º caderno*. Lisboa: Sá da Costa.
- Sérgio, A. (1958a). *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Primeira*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada.
- Sérgio, A. (1958b). *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Segunda*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada.
- Sérgio, A. (1958c). *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Terceira*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada.
- Sérgio, A. (1958d). *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Quarta*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada.
- Sérgio, A. (1958e). *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Quinta*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada.
- Sérgio, A. (1958f). *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Sexta*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada.
- Sérgio, A. (c.1960), *Diálogo de Creonte e Antígona* (Biblioteca António Sérgio, AS.07-Cx11-P25/001_1.ª parte_1-2).

- Sérgio, A. (1971a). *Ensaio I*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.
- Sérgio, A. (1971b). *Ensaio VI*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.
- Sérgio, A. (1972a). *Ensaio II*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.
- Sérgio, A. (1972b). *Ensaio III*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.
- Sérgio, A. (1973). *Ensaio V*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.
- Sérgio, A. (1974a). *Democracia: Diálogos de Doutrina Democrática, Alocução aos Socialistas, Cartas do Terceiro Homem*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa
- Sérgio, A. (1974b). *Ensaio VII*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.
- Sérgio, A. (1978). *Antologia Sociológica. Pátio das Comédias das Palestras e das Pregações*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.
- Silva, M. F. (1998) (Coord.). *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo, vol. I*. Lisboa: Edições Colibri/FLUC.
- Silva, M. F. (1999). A imortalidade de Antígona. *Alma Azul. Revista de Artes e Ideias*, 1, 3-5.
- Silva, M. F. (2001) (Coord.). *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo, vol. II*. Lisboa: Colibri/FLUC.
- Silva, M. F. (2004a) (Coord.). *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo, vol. III*. Coimbra: FLUC.
- Silva, M. F. (2004b). El don de la inmortalidad. Sófocles y algunas *Antígonas* del siglo XX. In A. P. Jiménez, C. A. Martín, & R. C. Sánchez, Sófocles el *Hombre, Sófocles el Poeta* (pp. 89-100). Málaga: Editorial Málaga.
- Silva, M. F. (2010). Le mythe d' Antigone sur la scène portugaise du XX.^e siècle. In R. Duroux & S. Urdicjan, *Les Antigones Contemporaines (de 1945 à nos jours)* (pp. 287-294). Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal.
- Silva, M. F. (2017). Antigone, Fruit of a Twisted Vine: Hélia Correia's *Perdição*. In C. Morais, L. Hardwich, & M. F. Silva, *Portrayals of Antigone in Portugal: 20th and 21st Century Rewritings of Antigone Myth* (pp. 265-284). Leiden: Brill.
- Silveira, A. et al. (1976). *Homenagem a António Sérgio*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Siqueira, A. M. A. (2013). A Hagiografia por Eça de Queirós: religiosidade e revolução. *Notandum*, 32, 183-197.
- Sousa, A. Pais (1931). Resposta a uma calúnia e burrice... integrais. *Mundo Novo*, 4, 2-3.

- Steiner, G. (1984). *Antigones*. Oxford: Oxford Clarendon Press.
- Sympson, D. (2014). *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*. Lisboa: Edições 70.
- Torre Gómez, H. (1985). *Do “Perigo Espanhol” à amizade peninsular. Portugal-Espanha (1919-1930)*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Torres, A. R. (2018). *Escura Primavera*. Porto: Edições Afrontamento.
- Urdician, S. et Duroux, R. (ed.), *Antigones Contemporaines (de 1945 à nos jours)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal.
- Vasconcelos, J. F. (1619). *Comédia Aulegrafia*. Lisboa: Pedro Craesbeeck.
- Winnington-Ingram, R. P. (1980). *Sophocles. An Interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sitiografia

Centro de Documentação e Informação António Sérgio
<https://cdiantoniosergio.cases.pt/>

Casa Comum – Fundação Mário Soares
<http://www.casacomum.org>

